

REDATORES:

José Martins de Barros
Artur de Almeida
Carlos Schelini
Oscar R. von Pfuhl

SECRETARIO:

Merrame Adura



DIRETOR:
JOÃO BELLINE BURZA



REDATOR-CHEFE:
Roberto Zwicker

Ano VIII
N.º 35

ÓRGÃO OFICIAL DO CENTRO ACADÊMICO "OSWALDO CRUZ"
FACULDADE DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

14
SETEMBRO
1940

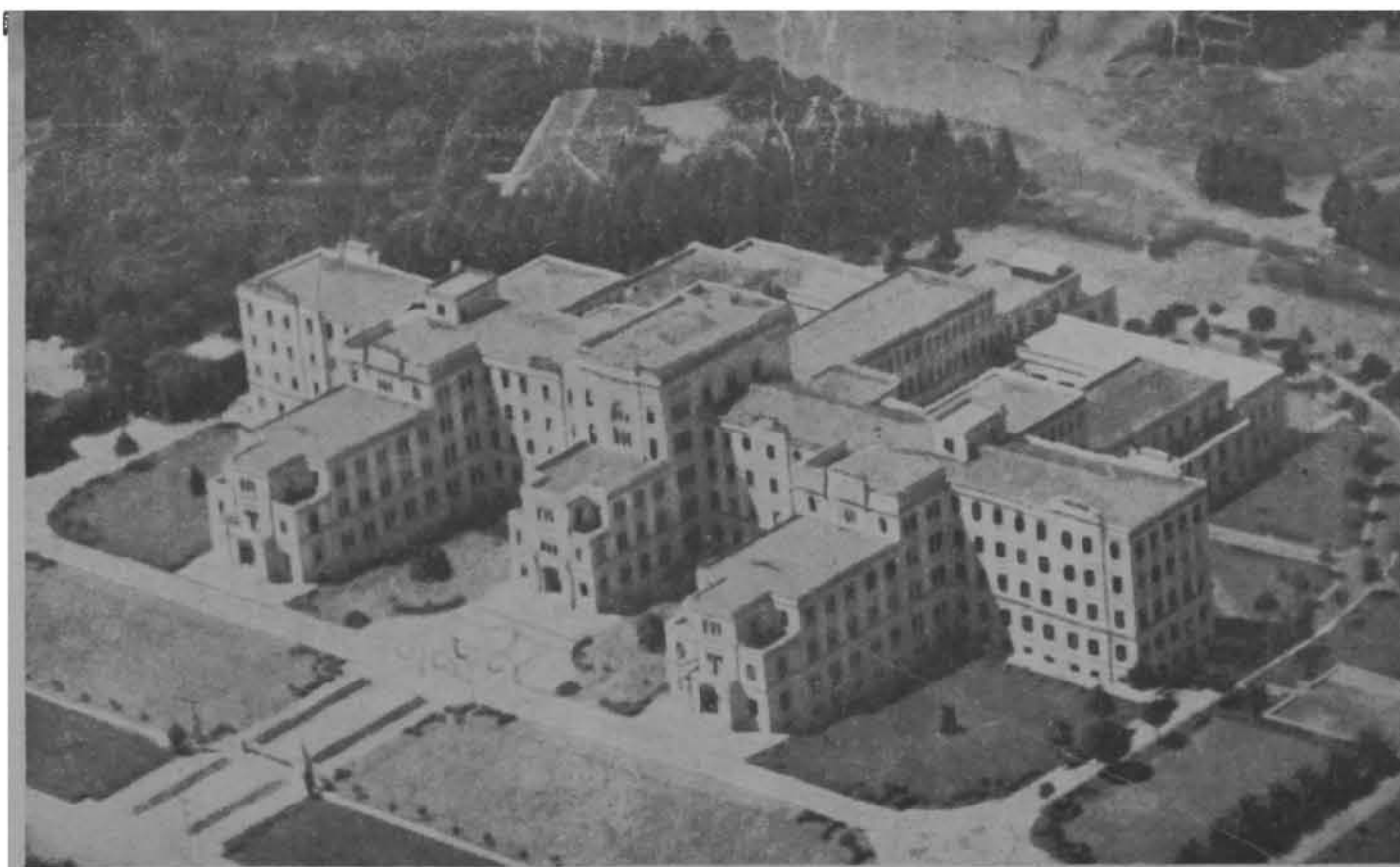
EDIÇÃO COMEMORATIVA DO 27.º ANIVERSÁRIO DO CENTRO ACADÊMICO "OSWALDO CRUZ"

1913

1940

AO CENTRO ACADÊMICO "OSWALDO CRUZ":

Com os seus vinte e sete anos de trabalho, de conquista, de glórias; com os seus Departamentos fecundos e realizações largas e úteis; com a alta significação de seus fins; com tudo o que alcançou em benefício de nós, congregando-nos num único tronco, igual, sadio, puro; onde os colegas ficam amigos, cada amigo um irmão, companheiros todos nas horas de aflição ou de entusiasmo; onde somos a mesma idéia, a mesma força, a mesma promessa, ideal da Ciência e do Bem e da Vida!



E Á FACULDADE DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE DE S. PAULO:

Com os seus vinte e sete anos de trabalho, de conquista, de glórias; nascida da visão providencial e grandiosa de Arnaldo Vieira de Carvalho; elevada pelo saber e dedicação de queridos Mestres; completada que será pelo HOSPITAL DAS CLINICAS — futura casa de assistência aos doentes pobres, concretização dos ideais dos estudantes de medicina; com o seu nome, Faculdade de Medicina de São Paulo, ecoando, cada vês mais, além terra, além mar; com o seu objetivo primeiro de formar médicos e cientistas, que animem na inteligência um sacerdócio de sentimento e humanismo, a serviço dos Lares e a serviço da Pátria, crentes que aprendemos a ser, durante a nossa mocidade, da mais sublime profissão de Fé, buscando a luz sagrada da Verdade, a chama sagrada da Ciência e a fonte sagrada do Bem!

Para a NOSSA ESCOLA e para o NOSSO CENTRO: UM HINO DE LOUVOR!

Prof. Sergio Meira

Repercutiu dolorosamente nesta Capital a triste notícia do falecimento, ocorrido em 9 deste, na Capital da Republica, do professor Sergio Meira.

O professor Sergio Meira foi um dos mais brilhantes mestres da Faculdade de Medicina de São Paulo, cuja cadeira dignificou e lhe deu prestígio invulgar. Na cadeira de Técnica Cirúrgica e Anatomia Topográfica, foi inigualável e fez escola, legando á nossa escola medica oficial, uma legião de discípulos de escol. Ensinou com honestidade e com carinho. Por isso mesmo, sempre foi exigente. Mas a exigência de Sergio Meira era encantadora e impressionava fundamente o aluno, que dele se tornava um grande admirador, um grande amigo, embora fosse reprovador. Foi tradicional na nossa Faculdade de Medicina a barreira do 4.º ano, constituída pelos professores Sergio Meira e Cunha Mota. Mas a verdade é que todos quantos nessa barreira estacaram, tornaram-se logo, no ano seguinte, verdadeiros amigos do estimado mestre. E' que esse eleito da Anatomia Topográfica era justo e preciso. Uma nota dada por Sergio Meira não padecia dúvidas. Era exata, notavelmente medida. Ensinava com brilho e aprovava com satisfação. Foi notável a longa permanência do professor Sergio Meira nessa cadeira. Depois ocupou o posto de diretor da Faculdade e foi, também, nesse lugar de grandes responsabilidades, um administrador perfeito. Confeitou as construções da Fa-

culdade, conseguiu inaugura-la em 1931 e dotou-a com o mais moderno aparelhamento.

A sua aposentadoria, em 1938, deixou grandes tristezas nos nossos academicos de Medicina que estimavam e admiravam essa autentica figura de mestre réto, cultissimo e sincero.

Com o desaparecimento do professor Sergio Meira não só a ciencia paulista perde um dos mais belos expoentes, mas também a nossa sociedade, da qual era uma das figuras mais insinuantes, sofre a dureza desse golpe.

O professor Sergio Meira, que faleceu aos 55 anos de idade, era filho do saudoso clinico dr. Sergio de Paiva Meira e de d. Adelaide Aranhã de Paiva Meira, já falecidos. Era neto do senador do Império, João Florentino Meira de Vasconcelos, e de d. Maria Augusta Carneiro Meira e do coronel Antonio Egydio de Souza Aranha e de d. Vilma Amaral de Souza Aranha. Deixa viuva d. Arabella Egydio de Paiva Meira e os seguintes irmãos: Olga de Paiva Meira, Adelaide Meira de Souza Aranha, casada com o dr. Carlos Egydio de Souza Aranha; Jorge de Paiva Meira, Martinho de Paiva Meira, casado com d. Alzira M. de Paiva Meira, e dr. Roberto S. de Paiva Meira.

A VIDA CIENTIFICA DO PROFESSOR SERGIO MEIRA

O professor Sergio Meira diplomou-se na Universidade de Ge-

nebra, onde defendeu tese sobre "Tratamento cirurgico da paralisia facial". Ali foi assistente de Anatomia do professor Laskouski e de cirurgia do Prof. Girard.

Colaborou com o prof. Arnaldo Vieira de Carvalho, na organização da Faculdade de Medicina de S. Paulo e foi o seu primeiro professor de Anatomia. Por decreto de 2 de fevereiro de 1914, foi nomeado lente substituto da 3.ª seção "Anatomia Descritiva" — e Anatomia Medico Cirurgica Operações e Aparelhos. Regeu a cadeira de Anatomia, 1.ª parte, de 5 de fevereiro de 1914 até 14 de fevereiro de 1916. Em 10 de fevereiro deste ultimo ano foi elevado á cadeira de Anatomia Medico-Cirurgica Operações e Aparelhos. Regeu também a cadeira de Patologia Cirurgica em julho de 1930. Em 17 de dezembro de 1930 foi transferido para a cadeira de Clinica Cirurgica, 6.º ano. Exerceu o cargo de diretor da Faculdade, de 20 de dezembro de 1930 a 14 de junho de 1932. O novo edificio da Faculdade foi inaugurado durante a sua gestão na diretoria. Por decreto de 6 de julho de 1938 foi aposentado no cargo de professor catedratico.

LUTO NA FACULDADE

A morte do Prof. Sergio Meira constituiu, quer para os Professores como para os alunos, um motivo de grande perda e de grande pesar. Era o ilustre Professor dono do maior respeito, de uma geral e verdadeira veneração.

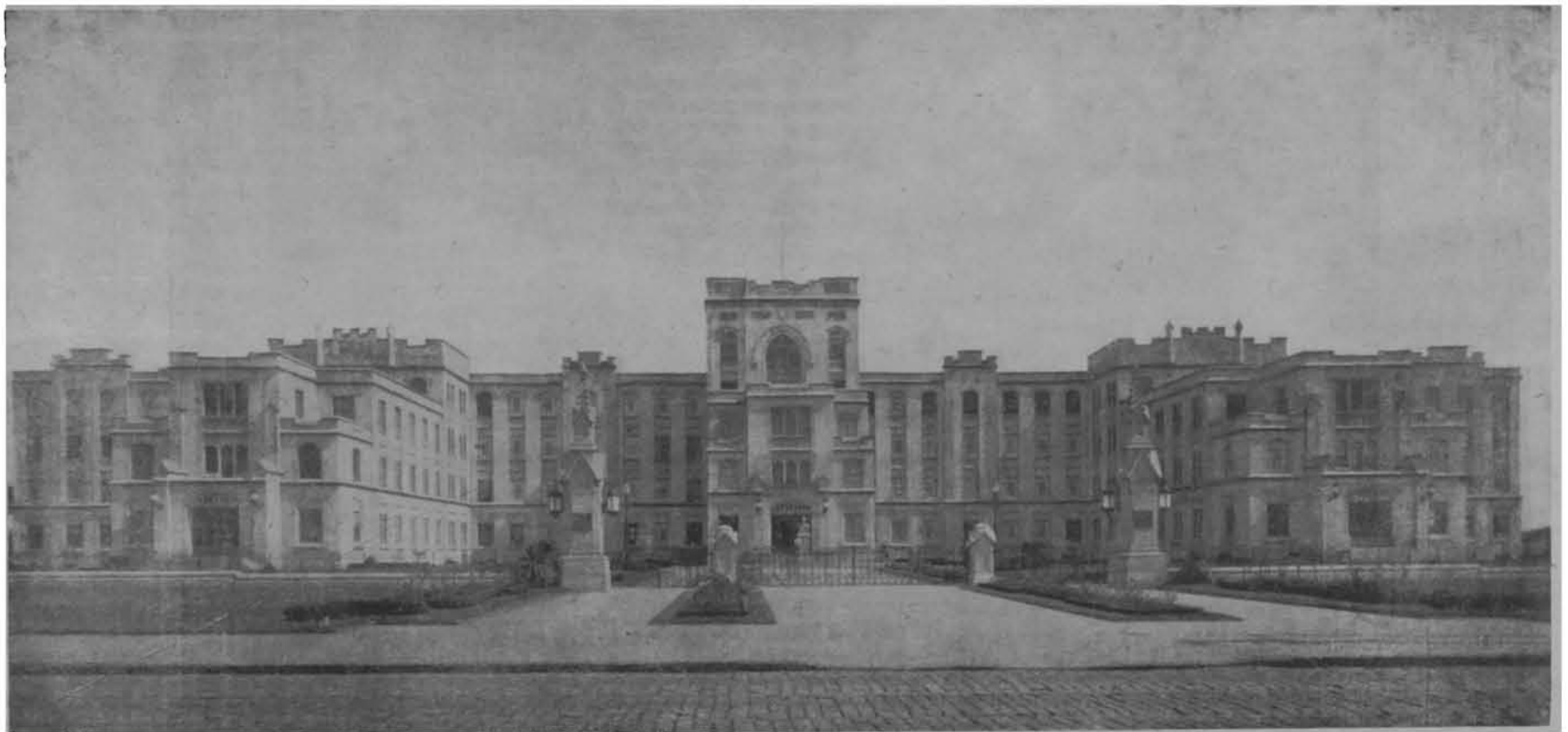
Cada colega de Congregação era-lhe admirador da cultura e do caráter, do seu espirito rico de inteligência e sabedoria; por isso, não houve professor que deixasse a funda máguia passar, sem ao menos repetir aos alunos, fatos da vida e que por si chegavam para definir a altissima personalidade do Prof. Sergio Meira. E assim, numa atmosfera sentida da sua ausência para sempre, permaneceu o nome amado do Prof. Sergio Meira, pelo imenso bem que o seu ensinamento se prendeu aos que o ouviram, pela imensa e imortecou obra que legou aos que o seguiram.

— O Prof. Cunha Motta, Diretor da Faculdade, logo que teve conhecimento do falecimento do Prof. Sergio Meira, telegrafou á familia, mandou hastear a bandeira em funeral e ordenou a suspensão das aulas, por dois dias.

Foi designado o Prof. Benedito Montenegro, que falou nos funerais, em nome da Faculdade, enaltecendo, com emoção e justiça, a vida e a obra do ilustre morto.

LUTO NO CENTRO

O Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz" em sinal de pesar, suspendeu os trabalhos e compareceu á Estação do Norte, ao vir o carro fúnebre do Rio, e acompanhou também os funerais ao Cemitério da Consolação, em torno dos quais se reuniram os estudantes de medicina.



Fachada principal da Faculdade de Medicina

As colunas do "Bisturí" serão franqueadas a todos os estudantes das Escolas superiores do País, que endereçarem suas colaborações ao nosso Diretor, JOÃO BELLINE BURZA, na Faculdade de Medicina, ou entregarem diretamente aos redatores deste periódico.

Só serão aceitos artigos devidamente assinados, ainda que pela vontade do autor, devam ser publicados sob pseudônimo. A publicação desses artigos assinados não significa comunhão de idéias entre a redação e o autor.

A direção reserva-se o direito de publicar ou não as colaborações recebidas.

14 - Setembro - 1940

27.º Aniversário do Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz."

8 hs. — Missa em ação de graças, na Capela de S. Luiz, celebrada por D. Gaspar d'Afonseca.

TARDE ESPORTIVA

14 hs. — Bola ao Cêsto: Medicina do Rio x "Oswaldo Cruz".
16 hs. — Futebol — "XI de Agosto" x "Oswaldo Cruz".

A' NOITE

—(o)—

20 hs. — Sessão solene, no Salão Nobre da Faculdade.

21,30 hs. — Churrasco, choppa e baile, oferecidos aos colegas, pela Diretoria do Centro, no nosso Estádio.



Os estudantes de medicina rejubilam-se, agora, porque veem concretizado o ideal de muitos anos. Iniciadas as suas obras em 10 de outubro de 1938, o Hospital das Clínicas cresce majestosamente, até que ficará pronto em março futuro.

Nós teremos completado, assim, o ensino médico da Faculdade, e São Paulo, melhorado de muito o seu serviço de Pronto Socorro, contará com um hospital que vai preencher as necessidades de assistência.

O Hospital das Clínicas era um grande ideal dos estudantes de medicina. Logo que se instalou, em 1931, a Faculdade no seu grandioso edifício, onde professores e alunos puderam encontrar o maior e melhor campo de estudo, trabalho e proveito, já satisfeitas todas as exigências para as cadeiras de laboratório e ciências básicas, a esperança comum volta-se para um Hospital oficial da Faculdade, em que seria aperfeiçoada a formação do médico, quer na clínica ou sua especialidade.

O compromisso dos poderes competentes para a construção do Hospital das Clínicas tornava-se antigo, sem nunca chegar á sua prova. E os estudantes de medicina promoviam campanha incançável, em prol dessa realização que tanto demorava.

Porém, hoje, todos nós, satisfeitos diante do Hospital das Clínicas que se mostra quasi acabado perto da Faculdade, temos de voltar as nossas vistas e o nosso reconhecimento aos seus construtores.

Se o Hospital das Clínicas é, então, uma afirmativa verdadeira de realização de nossos anseios, devemos-lo ao Governo do Estado, pela figura digníssima de seu Interventor Federal, Dr. Ademar de Barros, que deu iniciativa á sua construção, num andar incessante e sempre mais evolutivo, no cumprimento de seu programa que se caracteriza pelo profundo sentido de sociedade e humanismo.

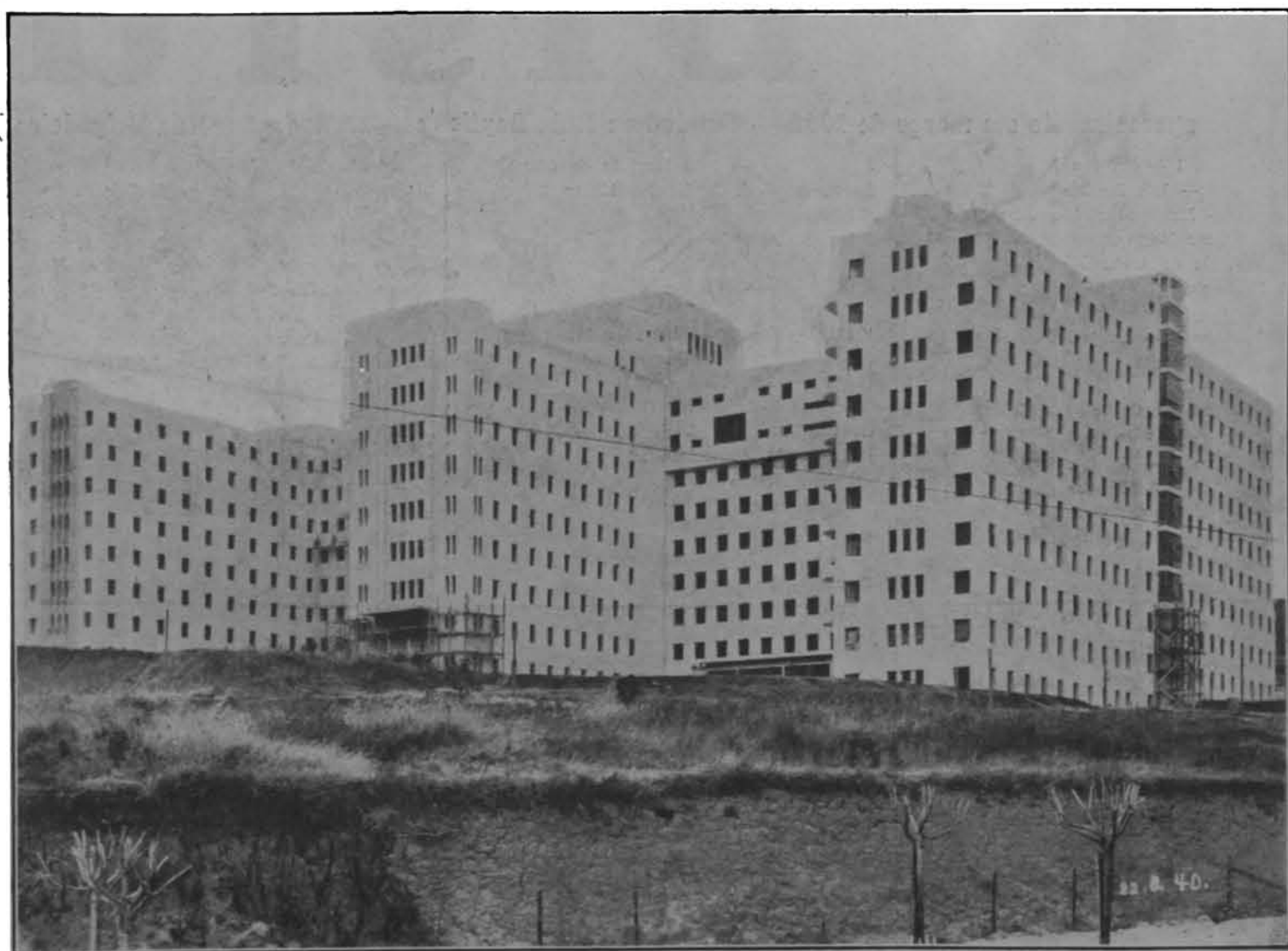
E vendo, pois, mais um motivo de orgulho, na construção grandiosa do Hospital das Clínicas, cujas obras foram confiadas á alta direção e competência do Dr. Abraão Leite e que logo se inaugurará, para maior glória da Faculdade de Medicina de São Paulo — nós rendemos a nossa homenagem singela, mas espontânea ao Sr. Interventor Federal.



ASPÉCTO ATUAL DAS OBRAS — VISTA ANTERIOR

Hospital das Clínicas

Cuja construção grandiosa ficará pronta, em Março vindouro, para a maior glória da Faculdade de Medicina de São Paulo



ASPÉCTO ATUAL DAS OBRAS — VISTA POSTERIOR



Recordação do primeiro ano de vida da Faculdade

por uma testemunha de vista

DR. D. G. FARIA
(D.D. Secretário da Faculdade de Medicina)

Foi com satisfação que recebi de dois distintos redatores do "BISTURI" a solicitação de umas linhas para figurarem na edição comemorativa do 27.º aniversário do Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz". Disse que foi com satisfação e isso é a pura verdade, porquanto, não obstante, por função de meu cargo, ter de contrariar, de quando em vez, alguma pretensão dos estudantes, tenho tido sobejas provas da estima que os mesmos me devotam. São inúmeros os amigos que adquiri entre eles, e cousa interessante: parece mesmo que aqueles com os quais mais rabujento me mostrei, mais identificados comigo ficaram.

É bem verdade que tenho tido necessidade de refrear alguns entusiasmos ocasionados, certamente, pelo ardor da juventude, mas tudo tem terminado sempre em perfeita cordialidade. Os estudantes são naturalmente dóceis, fáceis de lidar, desde que com bons modos, mas já um ex-professor da Faculdade dizia com muito espírito, que "estudante é como parafuso, só funciona quando bem apertado". E eu acho que a razão está com ele, pois a minha experiência de quasi vinte anos de secretaria confirma o asserto.

Aproveito-me do ensejo para consignar aqui os meus votos de longa existência e prosperidade ao Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz" órgão representativo da classe dos estudantes de medicina da Universidade de São Paulo, pela passagem de mais um aniversário da sua fundação.

Passo agora a rabiscar um desalinhado "histórico" do primeiro ano de vida da nossa Faculdade, como testemunha de vista que fui.

A instalação inicial da Secretaria da Faculdade foi na sede da Escola de Comércio "Alvares Penteado", no Largo de São Francisco, em fevereiro de 1913.

Seu primeiro titular foi o saudoso médico, exímio cirurgião e ginecologista, Dr. Egydio de Carvalho, nomeado secretário por decreto de 12 de fevereiro de 1913.

Compunha-se o pessoal da Secretaria dos seguintes funcionários: Benjamin Reis, amanuense; José Fernandes de Souza Cavalheiro, porteiro; Basílio de Moraes Cavalheiro, contínuo e José Tomaz, bedel.

Aos 14 de fevereiro de 1913 tiveram início as inscrições para os exames de admissão para os candidatos à matrícula que não possuíam certificado de curso secundário. Para esses exames requereram inscrição 160 candidatos dos quais somente 72 conseguiram aprovação.

Abertas as matrículas inscreveram-se 180 alunos. Destes, 9 com aprovação em todas as séries dos exames de admissão; 20, bacharéis em Direito; 16, bacharéis pelo Ginásio do Estado; 103, com curso secundário realizado em ginásios equiparados; 22, diplomados por Escolas Normais oficiais; 8, vindos da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e 2, diplomados pela Escola Politécnica desta Capital.

A criação de uma escola médica em São Paulo, despertou grande interesse entre a classe dos advogados e foi assim que dentre outros se matricularam: Passos Cunha, Djalma Forjaz, Ibrahim Nobre, José Roberto Penteado Filho, José Vicente Alvares Rubião, Luiz Silveira, Antonio Bento Vidal — profissionais sobejamente conhecidos e acatados.

A primeira aula realizou-se no anfiteatro de Física da Escola Politécnica, com toda a solenidade, no dia 2 de abril de 1913 às 9 1/2 da manhã. A chamada foi procedida pelo Sr. Rodrigues (Francisco de Paula) que com sua voz e sotaque característicos dizia acenando o e: "número 1; número 2" — etc. até o 180.

O horário era "apertado", tomava o dia todo, havendo intervalo muito grande entre uma aula e outra e isto por serem elas dadas em locais muito distantes uns dos outros. A este propósito deu-se um fato interessante. Como muitos estudantes tivessem outras ocupações — trabalho em escritórios de advocacia, de professores públicos, etc. — uma comissão procurou o Dr. João Egydio para conseguir modificação do horário. Foi então que o Secretário disse uma frase muito interessante: "é impossível chupar cana e assoviar ao mesmo tempo". E o horário ficou mantido.

Em julho realizaram-se as primeiras provas parciais escritas.

Após a publicação das notas da cadeira de Física Médica, houve um movimento de protesto dos alunos por terem sido as mesmas muito baixas — a maioria da turma só conseguiu nota 5 — quando a máxima era 20 e a "mínima" exigida para aprovação, 10.

O protesto avolumou-se, tendo o professor da cadeira sido vaiado na ocasião em que dava sua aula.

Foi então que o Dr. Arnaldo Vieira de Carvalho, Diretor da Faculdade, na aula imediata, verberou o procedimento dos alunos e disse que tinha ordem do Governo para, no caso de continuarem os alunos com a falta de disciplina que vinham demonstrando, fechar a Faculdade de Medicina.

Ao terminar o Dr. Arnaldo suas palavras, atrou na sala nova váia.

Com a grande energia que o caracterizava, o Dr. Arnaldo lavrou então a sentença: "pois está fechada a Faculdade de Medicina de São Paulo".

Esse gesto do nosso inolvidável Diretor reprimindo um ato de indisciplina tão grave, foi a salvação da nossa escola, pois serviu ele para garantir o prestígio da novel Faculdade e de lema para o seu futuro. Se não fosse assim, a nossa Faculdade não existiria hoje pujante e gloriosa, honrando a memória do seu fundador.

Após este último fato, tentou-se um entendimento com o professor de Física no sentido de ser atenuada a penalidade imposta aos alunos.

Em reunião a que compareceu grande número de interessados, dois estudantes se dirigiram ao Professor, tendo um deles, o Passos Cunha, feito um apelo, comparando o Professor com o Cristo — que sofreu mas perdoou. Terminou pedindo indulgência do mestre para com os seus discípulos, dizendo por fim: "Mestre, sorri para nós". Respondendo aos discursos, o Professor aproveitou-se da comparação feita (e os estudantes já estavam contando com o "perdão") porém concluiu dizendo: "mas eu não sou Cristo". Por esta frase compreenderam os estudantes que estavam perdidos. A Escola estava mesmo fechada. E isso durou um bom lapso de tempo.

Por essa ocasião houve uma turma de estudantes que resolveu fazer uma demonstração pública de desagrado pelo fechamento da Faculdade.

Essa demonstração culminou com o "enterro" simbólico do Professor de Física. Foi organizada uma passeata. Quatro estudantes carregavam o caixão. O Calado foi o "padre" e o Borges — "Micra" o "coroinha"; ambos vestidos a caráter.

O "enterro" como sóe acontecer em casos tais, foi dispersado pela polícia, mas assim mesmo o caixão foi atirado "viaduto" abaixo.

Como nem todos os alunos fossem culpados pelas ocorrências, mandou o Dr. Arnaldo proceder a um inquérito, sendo chamados a depôr inúmeros deles. O Dr. João Egydio teve o cuidado em anotar todas as respostas aos quesitos formulados, com uma paciência beneditina.

A vista do resultado do inquérito, foram readmitidos aqueles julgados isentos de culpa. 52 alunos foram suspensos definitivamente. 58 abandonaram o curso.

Mantiveram-se na escola até o fim do ano 70 alunos. Destes, foram promovidos nos exames finais 34 e 36 foram reprovados.

Assim terminou o primeiro ano letivo da vida da Faculdade.

Em fevereiro de 1914 as matrículas já foram feitas na nova sede da Faculdade, à rua Brigadeiro Tobias n. 42. No curso preliminar (1.º ano), matricularam-se 101 alunos e no 1.º Geral (2.º ano), 43. Destes, 34 foram promovidos anteriormente e 9 transferidos.

Dos 101 do Curso Preliminar, foram promovidos ao 1.º ano após exame final e do 1.º Geral para o 2.º, 32.

Em 1915 matricularam-se no

Curso Preliminar	64
1.º Geral	58
2.º Geral	32

Em 1916 matricularam-se no

Curso Preliminar	42
1.º Geral	52
2.º Geral	39
3.º Geral	32

Em 1917 matricularam-se no

Curso Preliminar	52
1.º Geral	34
2.º Geral	48
3.º Geral	38
4.º Geral	28

Em 1918 ficou organizada a Faculdade com a instalação de todos os seus cursos.

Matricularam-se no

Curso Preliminar	60
1.º Geral	41
2.º Geral	33
3.º Geral	49
4.º Geral	32
5.º Geral	28

Nesse ano receberam o grau de doutor em medicina, com toda a solenidade, 27 acadêmicos dos 28 matriculados, havendo a lamentar-se o falecimento, nas vésperas da formatura, do doutorando José Veríssimo de Oliveira.

De 1918 para cá, isto é, até 1939, diplomaram-se pela Faculdade de Medicina de São Paulo 978 estudantes saídos das 22 turmas — o que dá em média 45 médicos por ano.

A menor turma foi a de 1921 que só teve 21 médicos.

Dos alunos diplomados pela Faculdade de dez já fazem parte da sua Congregação como Professores e são eles: Flaminio Favero e Souza Campos da turma de 1918; Franklin A. de Moura Campos, da turma de 1919; Samuel Pessôa, da turma de 1921; F. E. de Fodoy Moreira, da turma de 1922; Jayme Cavalcanti, Alípio Corrêa Neto e Adherbal Tolosa, da turma de 1923; Renato Locchi, da turma de 1924 e Edmundo Vasconcelos, da turma de 1928.

"o bisturi"

Seu aparecimento em março de 1930 — Fundador: Luiz Baptista — 1.ª Redação: Rua Brigadeiro Tobias, 45 — Suas Diretorias

1930 — Ano I — Ns. 1 a 3.
Redator-Chefe — Luiz Baptista
Redatores: — Mario Altenfelder Silva
Mathias Roxo Nobre
Paulo Villela de Andrade
Gil Spilborghs

1933 — Ano I — Ns. 1 a 5
Diretor Gil Spilborghs
Redatores: — Cecílio J. Carneiro
João Marques de Castro

1934 — Ano II — Ns. 6 a 9
1.º Semestre
Diretor — Pedro Taufik Camasmie
Redator-Chefe — João Marques de Castro
Redatores: — Joaquim Clemente Almeida Moura
Joaquim Lacaz

2.º Semestre
Diretor — Pedro Taufik Camasmie
Redator-Chefe — João Marques de Castro
Redatores: — J. C. Almeida Moura
Joaquim Lacaz
Luiz Oriente

1935 — Ano III — Ns. 10 a 13
1.º Semestre
Diretor: — Pedro Taufik Camasmie
Redator-Chefe — João Marques de Castro
Redatores: — J. C. Almeida Moura
Luiz Oriente
Mauro C. de Souza Dias

2.º Semestre
Diretor — Pedro Taufik Camasmie

Redator-Chefe — João Marques de Castro
Redatores: — J. C. Almeida Moura
Luiz Oriente
Mauro C. de Souza Dias
Cecílio Carneiro
Orlando Campos

1936 — Ano IV — Ns. 14 a 19.
1.º Semestre
Diretor — Luiz Oriente
Secretário — Luiz Santos Fortes
Redator-Chefe — Orlando Campos
Redatores: — Manoel Duran
Nelson Albano
Mário Degni
Ruy S Ramos

2.º Semestre
Diretor — Luiz Oriente
Secretário — Luiz Santos Fortes
Redator-Chefe — Manoel Duran
Redatores: — Nelson Albano
Mário Degni
Ruy S. Ramos
Giglijo Pecoraro

1937 — Ano V — Ns. 20 a 24.
1.º Semestre
Diretor — Luiz Oriente
Secretário — Luiz Santos Fortes
Publicidade — Carlos V. de Oliveira
Redator-Chefe — J. C. Almeida Moura
Redatores: — Helio Lourenço de Oliveira
Giglijo Pecoraro
Atílio Flosi

N.º 23.
Diretores — Helio Lourenço de Oliveira
Luiz Oriente
Generoso Concilio

2.º Semestre
Diretor — Luiz Oriente
Secretário — Luiz Santos Fortes
Gerente — Carlos V. de Oliveira
Redator-Chefe — J. C. Almeida Moura
Redatores — Helio Lourenço de Oliveira
Giglijo Pecoraro
Atílio Flosi
D. A. Gaiarsa

1938 — Ano VI — Ns. 25 a 29
Diretor — Luiz Oriente
Secretário — Francisco La Scala
Redator-Chefe — J. Clemente de Almeida Moura
Redatores: — Domingos Andreucci
Giglijo Pecoraro
Artur de Almeida
Oscar R. von Pfuhl
Jamil H. Haddad

1939 — Ano VII — Ns. 30 a 33
1.º Semestre
Diretor — Orlando Campos
Secretário — Geraldo S. Hellmeister
Redator-Chefe — J. Clemente de Almeida Moura
Redatores: — Roberto Zwicker
Domingos Andreucci
Giglijo Pecoraro
Artur de Almeida

Oscar R. von Pfuhl
Mario Ramos de Oliveira
João Belline Burza

2.º Semestre
Diretor — Orlando Campos
Secretário — João Belline Burza
Redator-Chefe — J. Clemente de Almeida Moura
Redatores: — Roberto Zwicker
Domingos Andreucci
Artur de Almeida
Oscar R. von Pfuhl
Mario Ramos de Oliveira
Redator-esportivo — Carlos Schelini

1940 — Ano VIII — Ns. 34 e 35
1.º Semestre
Diretor — Orlando Campos
Secretário — João Belline Burza
Redator-Chefe — Roberto Zwicker
Redatores: — José Martins de Barros
Artur de Almeida
Oscar R. von Pfuhl
Mario Ramos de Oliveira
Redator esportivo: — Carlos Schelini.

Atual Diretoria do "Bisturi"
Diretor — João Belline Burza
Secretário — Merrame Adura
Redator-Chefe — Roberto Zwicker
Redatores: — José Martins de Barros
Artur de Almeida
Oscar R. von Pfuhl
Redator-esportivo — Carlos Schelini.

«Centro Acadêmico Oswaldo Cruz»

Realizações da sua Diretoria Departamentos e Instituições

DEPARTAMENTO CIENTÍFICO -- LIGA DE COMBATE Á SÍFILIS -- LIGA DE COMBATE AO CÂNCER -- DEPARTAMENTO SOCIAL -- DEPARTAMENTO BENEFICIENTE "ALNALDO VIEIRA DE CARVALHO" -- DEPARTAMENTO DE ESPORTES -- BIBLIOTECA -- CAIXA DO LIVRO -- "O BISTURÍ" --
DEMAIS ATIVIDADES



Vista Geral do Estádio do Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz"

A atual Diretoria do C. A. O. C. vem desenvolvendo uma atividade verdadeiramente assombrosa em todos os setores. Os bailes promovidos, as caravanas realizadas e as demais empresas em que a atual Diretoria se empenhou, tudo, enfim, redundou em mais completo êxito.

Prosseguindo a atividade desenvolvida no primeiro semestre do ano corrente, inauguram-se agora, em nossa Praça de Esportes, importantíssimos melhoramentos, frutos do gigantesco esforço, em prol do esporte da nossa Faculdade, desenvolvido pela novel Diretoria, a cuja Presidência se encontra a figura simpática e por demais dinâmica de Silvio Grieco.

Faremos uma síntese desses melhoramentos, porém, melhor do que com nossas palavras, o colega poderá apreciá-los, indo vê-los. Aliás, em todo e qualquer Departamento do Centro, o colega encontrará inovações e melhorias. Na verdade, a atual Diretoria teve, quase, a necessidade de reformar, de refazer o Centro, porque problemas importantes a exigir solução pronta se encontravam em quasi todos os setores do C. A. O. C.

Eis um pouco do muito feito pela atual Diretoria:

Foi construída e inaugurada a arquibancada da piscina, toda ela feita de cimento, sendo que um outro me-

lhoramento de real benefício é o aumento do espaço entre a cerca e a piscina. Estando a cerca, como estava, muito junto á borda da piscina, não havia a minima comodidade para os nadadores.

Nos dias de competição impressionava mal e era nociva a confusão que se estabelecia entre os nadadores, cronometristas, juizes, etc. Esse espaço, além de ampliado será todo cimentado. Além do que o espaço que havia entre a piscina e o barranco, sendo todo de terra, não permitia que a agua da piscina se mantivesse limpa. Assim, mais esse inconveniente foi removido. Aliás, e evidente a limpeza da agua da piscina, este ano, comparada com a dos anos anteriores. Este melhoramento, devemos-lo, em grande parte á boa vontade do Diretor e Engenheiro da R. A. E. que, tomando certas providencias, permitiu o aumento do volume de escoamento da agua da piscina.

É interessante tornar publico o modo pelo qual a arquibancada da piscina foi construída quasi sem onus para o Centro: Atendendo ao pedido do atual Presidente do Centro, concorreram: com 30 sacos de cimento o Dr. João Caetano Silva Jor.; com 50 sacos, o Dr. O. Barcelos do Sotema; com 50 sacos o Dr. Leão Pinto Serva, da firma Serva Ribeiro & Cia. O Dr. Fanganielo con-

correu com 5.000 tijolos e o Dr. Abraão Leite com parte da mão de obra.

Inauguraram-se, também, excelentes aparelho de Ginastica, argola, trapezio, corda com nós, corda sem nós, peas de sebo, escada horizontal, escada vertical, barra fixa, campo para luta livre, paralela, etc.

Um melhoramento com que a nossa Praça de Esportes já conta e que é obra também da atual Diretoria é o local para estacionamento de veiculos.

A terraplanagem necessaria para as novas instalações para o Bola ao Cesto, Volei e Jogo de Pelota (Frontão), e que constitue a parte mais cara desses novos melhoramentos, está por se concluir. Um detalhe interessante aos cestobolistas é que as tabelas serão de cimento armado, oferecendo assim a estabilidade necessaria.

Iniciou-se já a reforma da pista. Eis com uma frase só a noticia de que a nossa pista, que já deixava muito a desejar, dentro de poucos dias, estará em excelentes condições, satisfazendo a todos os requisitos necessarios.

Além de tudo isso, dentro de poucos dias, atendendo mais uma vez ao pedido formulado por Silvio Grieco, o Sr. Artur Etzel, Diretor da Seção de Parques, Matas e Jardins, iniciará a arborização e o ajardinamento de certos locais de nosso Estádio, tornando-o um recanto verdadeiramente agradável, sa-

tisfazendo assim, plenamente, ao desejo dos numerosos socios do C. A. O. C.

A esta mesma Seção, o C. A. O. C. deve a reforma do seu campo de futebol, a podagem do arvoredo do Estádio, a arborização do arvoredo da piscina.

Com tantos melhoramentos, a atual Diretoria pôde vangloriar-se de ter tornado completa a Praça de Esportes do C. A. O. C., que, diga-se de passagem, e um dos motivos de orgulho dos academicos de Medicina de São Paulo.

Setembro aí está e com ele a Mac-Med. Por ocasião desta, os nossos visitantes ficarão por certo admirados do aspecto inteiramente novo que a nossa Praça de Esportes lhes apresentará.

Os afeiçoados das diversas modalidades de esportes estão de parabens: sem descuidar de outros problemas, a atual Diretoria tudo tem feito pelo desenvolvimento do esporte em nossa Faculdade. Assim é que, além dos melhoramentos inaugurados, muita coisa já fez para os esportistas. Citaremos, apenas, para exemplificar, os agasalhos novos, de boa qualidade, confortaveis que a atual Diretoria distribuiu aos esportistas, ainda neste segundo semestre.

Tornando publicos todos estes fatos, a nós, resta-nos, interpretando a opinião dos colegas, cumprimentar a atual Diretoria pelo seu espirito dinamico e realizador.

O fundador e 1.º Presidente do Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz"

Uma entrevista do Dr. Valdomiro Guilherme de Campos ao Diretor do "Bisturi"

S. PAULO, 31 DE AGOSTO — Ao aproximar-se a época de aniversário do nosso Centro, tivemos a atenção voltada um pouco para a sua história. Lemos notícias velhas que, vagamente, a isso se referiam. Mesmo, os anais que o Centro possui não trazem uma tradução verdadeira dos acontecimentos de seu passado. Por isso, achamos oportuno, agora, procurar quem melhor pudesse nos informar a respeito da primitiva história do Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz".

Vimos a saber que fora seu fundador, o Dr. Valdomiro Guilherme de Campos. Por indagações sucessivas, enfim chegamos a obter um número de telefone, que nos colocou em comunicação direta com o Dr. Valdomiro Guilherme de Campos.

Dissemos-lhe, assim, que era nosso desejo falar ao Fundador do nosso Centro, afim de colher alguns dados da sua fundação. Numa expressão generosa, que desde logo demonstrava o mais carinhoso acolhimento, respondeu-nos que estava à nossa inteira disposição e que o fossemos encontrar no dia seguinte, à tardinha.

E assim foi. Na rua Livre n. 32, funciona a Associação Auxiliadora "União e Trabalho". Batemos lá e, ao saber de nossa visita, fez-nos entrar imediatamente na sua sala de consultas, o Dr. Valdomiro Guilherme de Campos.

Um homem muito simples — esse foi o ponto que mais nos prendeu a atenção —, estatura mediana, corpulento, aparentando pouco mais de 50 anos, palavras boas e joviais de recepção, atendeu-nos carinhosamente.

— "Sentimo-nos honrados em cumprimentar, no Dr. Valdomiro Guilherme de Campos, uma pessoa ilustre e grata aos estudantes de medicina" — fomos dizendo.

E o Dr. Valdomiro afirmou-nos, também, estar imensamente feliz em ter sido lembrado e procurado por nós.

Conta-nos, a princípio, sentados diante de sua mesa, que é o médico mais antigo da Associação Auxiliadora "União e Trabalho", da qual é o diretor-clínico. Passa a tarde inteira ali, atendendo aos inúmeros clientes, depois a casa é meio baixa, sem escadas, o que não lhe incomoda a leve hipertensão. Sempre que quizessemos en-

contrá-lo, que o procurássemos à nossa vontade.

Dai, começamos a discorrer sobre o motivo da entrevista.

— Por que, Dr. Valdomiro de Campos, o senhor teve essa idéia de fundar, no seu tempo de estudante de medicina, um Centro, o nosso Centro?

— Foi pelo seguinte. Naquê tempo, eu já vinha habituado, desde a vida ginasial, a frequentar essa espécie de grêmios literários e recreativos. Antes de minha entrada na Faculdade, nós todos, amigos e companheiros, gostávamos de ir, assiduamente, a três grêmios, que eram mais ou menos nossos; um, Centro Literário e Recreativo "Alvares de Azevedo", no Braz; outro, "Euclides da Cunha", na Praça da Sé; á rua Tabatinguera, ficava o terceiro: "Joaquim Nabuco". Eis por que, foi só ingressar na Faculdade, já levava incubada essa inclinação de organizar, oportunamente, também um Centro entre os colegas.

— Como, em que estado de espirito, os seus colegas e os professores receberam a sua idéia?

— Lançado esse meu propósito, foi ele acolhido entusiasticamente pela grande maioria, ou sinão por todos os acadêmicos. Então, começamos a pugnar por tal iniciativa, até que o Dr. Arnaldo, nosso diretor, permitiu que nos reuníssemos no porão da Escola Alvares Penteado, onde fomos expondo a elaboração dos estatutos.

— Por que se reuniam na Alvares Penteado?

— É que nessa Escola, no seu último andar, funcionava a Cadeira de Parasitologia, a cargo dos Profs. Celestino Bourroul e Brumpt na Politécnica, por exemplo, tínhamos Física e Química, pelo Prof. Edmundo Xavier e eram Preparadores, respectivamente, Rafael de Barros e Agular Pupo. De modo que nós realizávamos as nossas sessões no porão da Alvares Penteado, e sempre costumava assisti-las o Prof. João Egydio de Carvalho, secretario da Faculdade, que se divertia com a movimentação dos nossos planos. Não houve, porém, nenhum sinal de apoio por parte de qualquer professor. Assim passamos, até que se completaram os estatutos, e então se marcou a época para a eleição da 1.ª Diretoria.

— O doutor pôde nos precisar essa época?

— A data certa não me recordo. Mas, posso lhes garantir que foi durante a primeira quinzena de Julho. A 1.ª eleição realizou-se no Salão do Conservatório Dramático e Musical de São Paulo e apresentaram-se seis chapas para disputar o pleito, sendo que o meu nome figurava em todas elas como único candidato á presidência.

— Qual foi a 1.ª Diretoria do Centro e quais os seus colaboradores mais diretos?

— Fomos eleitos: eu, no cargo de Presidente; Artur Costa Filho, Vice-Presidente; Synesio Rocha, orador; Odete Santos Nora, Danton Vampré e outros nos demais cargos. Tenho que salientar o trabalho e cooperação para a fundação do Centro, de: Costa Filho, de largo conceito na Saúde Pública de São Paulo; Danton Vampré, hoje advogado prestigiosamente no Fôro; Benjamin Reis, que era "amanuense" da Secretaria; Albatêmio Calado de Godoy; Ferreira Santos; Domingos Faria, hoje secretário da Faculdade de Medicina; Brasil Ramos Calado, que foi Presidente do Estado de Goiás, no periodo presidencial do Dr. Washington Luiz, etc.

— O senhor lembra quem sugeriu o nome para o Centro?

— Não consigo me recordar de quem tenha partido a sugestão de denominar o Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz", mas sei que foi unanimemente aceita essa homenagem ao grande cientista patricio. Nesta altura, há uma passagem curiosa que não me foge á memória; é o fato do colega Hercula-nô Macuco ter proposto o nome do Dr. Rodrigues Alves, então Presidente do Estado.

— Dr. Valdomiro Campos, para que finalidades os senhores destinavam o programa inicial do Centro?

— Tínhamos o intuito de promover reuniões literárias, recreativas e, principalmente, contribuirmos as nossas reuniões para congregar os estudantes, no sentido da defeza e conquista dos interesses e ideais comuns.

O Dr. Valdomiro Guilherme de Campos sempre nos respondia com a máxima amabilidade e achou graça, quando lhe confessamos ter levado uma porção de perguntas e que nos acanha-

vamos de tanto incomodá-lo.

— Possui o doutor(algum documento histórico?

— Tenho lembrança de alguns estarem guardados comigo, pois as primeiras atas eram feitas em papel avulso. No momento, entanto, não os encontro e teria muito prazer de exhibi-lh'os.

— Durante quanto tempo, durou a gestão da 1.ª Diretoria?

— A nossa Diretoria encerrou o seu mandato, aliás, em virtude de um incidente.

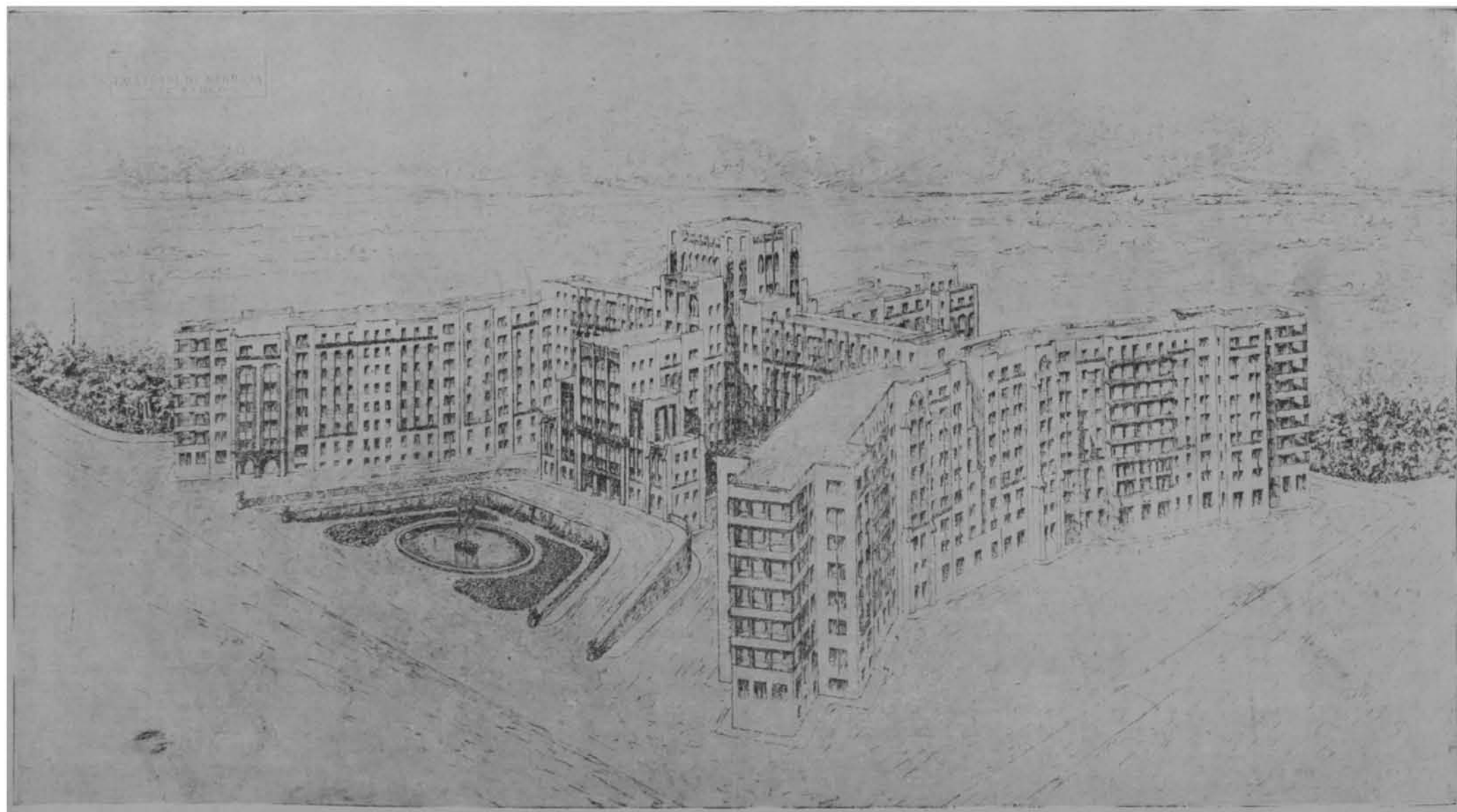
Estávamos em 2.º exame parcial e publicaram-se as notas do 1.º. Diversos alunos ficaram descontentes com os resultados de Química. Por esse motivo, surgiam desinteligências entre os insatisfeitos e o Prof. Edmundo Xavier e o Diretor da Faculdade, Dr. Arnaldo Vieira de Carvalho. Em consequência, muitos foram suspensos por prazo indeterminado, entre os quais eu e outros companheiros de Diretoria do Centro nos achavamos. O Centro "XI de Agosto" hipotecou-nos seu apóio. Afinal, conseguiu-se uma conciliação satisfatória, e os estudantes repreendidos voltaram, após 15 ou 20 dias. Mas, eu já havia resolvido transferir-me para a Escola de Medicina do Rio, onde prossegui os estudos.

— Dr. Valdomiro, quem lhe sucedeu na Presidência? (arriscamos a última pergunta).

— Creio que foi Jayme Candelária, por sua vés, substituído por Ernesto de Souza Campos, que teve uma longa gestão.

Mais alguns minutos de encantadora e agradável palestra com o Dr. Valdomiro Guilherme de Campos, em que ele declarou a sua admiração sincera pela fase atual do Centro, de vasto campo de atividades; e o deixamos, cativos pela sua simplicidade de trato, atenção excessiva e cavalheiresca, bem como pela imensa simpatia e camaradagem demonstradas para conosco.

E, diante da revelação inédita e palpitante proporcionada ás colunas do "BISTURI", fixando definitivamente a sua personalidade na história do Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz", não podemos deixar de, em ocasião oportuna, render ao Dr. Valdomiro Guilherme de Campos, em sessão solene do Centro, uma homenagem a que faz jus.



ASSIM SERA' O NOSSO HOSPITAL DAS CLINICAS

Departamento Científico do Centro Acadêmico «Oswaldo Cruz»

AS ATIVIDADES DA ATUAL DIRETORIA

O Departamento Científico do CAOC vem realizando um programa de atividade e de trabalho dos mais intensos e eficientes. Graças à atual diretoria, presidida pelo Ddo. Carlos da Silva Lacaz, varios cursos de extensão universitária foram realizados, todos eles coroados do mais completo êxito. Durante o mês de maio passado, o Prof. Edmundo Vasconcellos realizou na Soc. de Med. e Cir. um curso sobre a cirurgia das úlceras do estomago e duodeno do cancer do estomago, tendo proferido 10 aulas sobre temas de grande atualidade. Numerosos medicos e estudantes frequentaram assiduamente o curso, tendo igualmente assistido a demonstrações praticas realizadas pelo Prof. Vasconcellos e seus assistentes.

Em julho deste ano, o Departamento promoveu com brilhantismo inigualavel um curso sobre problemas de Patologia Circulatoria, ministrado pelo Dr. Luiz Décourt, livre docente de clinica medica da nossa Faculdade. Perto de 140 inscitos frequentaram este curso, dividido em duas partes: 1. — As insuficiências cardio circulatorias e 2. — A cardiologia na medicina em geral. Todas as conferencias despertaram o mais vivo interesse entre medicos e estudantes e isto se deve ao valor e ao merito do conferencista que vem se impondo no meio medico paulista como um dos mais profundos conhecedores da cardiologia.

Por ocasião do encerramento do curso, o Ddo. Abduhader Adura saudou o Dr. Décourt. Eis as suas palavras:

"Sr. Presidente do Departamento Científico do Centro Acadêmico Oswaldo Cruz. Meus colegas.

Tornou-nos, na noite de hoje, o nosso Presidente, o interprete de nossos agradecimentos ao Dr. Luiz Décourt.

Aqui estamos pela nomeação gratuita e bondosa de Lacaz, convertido e arvorado em orador, numa festividade que construímos todos, singela, no término de um curso de estudos sobre Patologia Circulatoria. Não tem esta festa o aparato solene das comemorações insinceras, e, nem tão pouco se encontra a revestida o colorido vivo das palavras belas, que a despeito de eloquentes e altisonoras, não subsistem porque impuras, não florem porque asfixiadas pelas garras ponteagudas do eterno circulo dos elogios gratuitos.

Está em nós sinceridade, e, é assim que Décourt deve compreender essa homenagem que a ele tributamos, homenagem nossa simples, mas de alto valor para si, festa de moços para moço.

Décourt! na noite de hoje, todos nós, os seus amigos da Faculdade de Medicina e os nossos colegas de nossa irmã mais jovem, companheira de ideais, a Escola Paulista de Medicina, rendemos-lhe os nossos agradecimentos pelas suas proveitosas aulas, pelo seu intenso esforço, e pela sua bondade, virtude que sabemos ser-lhe tão propria.

Vamos ficar por aqui, no fim de seu curso tão util para nós, a desejarmos progressos constantes em sua já brilhante carreira de medico e de professor".

O Departamento Científico no intuito de realizar o maior numero possível de cursos de extensão universitária, patrocinará durante SETEMBRO um curso sobre Temas de Patologia Renal, a cargo do docente livre de clinica medica da Faculdade de Medicina, Dr. José Ramos Junior, nome já bastante conhecido em nosso meio medico estudantino. Desta maneira, De-

partamento cumpre fielmente as finalidades para as quais foi creado.

Durante as ferias de junho-julho, dois cursos de ferias foram realizados com sucesso: um, de Semiologia do Sistema Nervoso a cargo do Dr. Osvaldo Freitas Juliano e outro de Hematologia Clinica, ministrado pelo Ddo. Luiz Ayres, no Serviço do Prof. Carmo Lordy.

A Revista de Medicina, repositório dos trabalhos efetuados por estudantes assistentes e professores da nossa Faculdade tem merecido por parte da atual diretoria do Departamento Científico toda a atenção. Deste modo, ela tem saído mensalmente, contendo ótimo material editorial.

As sessões do Departamento têm sido realizadas mensalmente com a apresentação de varios trabalhos interessantes. Varias sessões extraordinarias foram realizadas; em uma delas falou sobre o tema "A Medicina, e a Religião", o Padre Antonio Moraes Junior e em outra procedeu-se solenemente à entrega dos premios Alves Lima (Clinica Medica), Franco da Rocha (Med. Legal), Etheocles Gomes (Fisiologia) e Alves Lima (Molestias Tropicais e Infecciosas) aos seguintes alunos: Paulo Dias da Silveira, Silvio Marone, Geraldo Salles Colonnese, Carlos da Silva Lacaz e Paulo Giovanni Bressan.

Em todas estas atividades, a diretoria do Departamento Científico tem visto os seus esforços coroados do mais completo êxito.

Em outubro deste ano, o Departamento Científico promoverá pela primeira vez em São Paulo, o Congresso dos Estudantes de Medicina, com um carater altamente nacionalista e científico. Esta iniciativa teve grande repercussão nos meios academicos e numerosos são os trabalhos inscitos, ates-

tando antecipadamente, o êxito deste Congresso. O Prof. Rubião Meira, Dignissimo Reitor da Universidade de São Paulo já deu o seu inteiro apoio a esta feliz e util iniciativa do Departamento Científico. A duração do Congresso será de 1.º a 5 de outubro, obedecendo ao seguinte programa:

Dia 1.º de outubro: Abertura solene do Congresso. Discurso do Reitor da Universidade de São Paulo e do Presidente do Departamento Científico. Secção de Morfologia Normal, Anatomia Patologica, Fisiologia Patologica e Patologia Geral, Quimica Fisiologica, Fisiologia, Farmacologia, Higiene, Medicina Tropical, Parasitologia e Microbiologia.

Dia 2 de outubro: Secção de Clinica Medica, Pediatria, Ginecologia e Obstetricia.

Dia 3 de outubro: Secção de Neurologia, Psiquiatria, Medicina Legal e Terapêutica Clinica.

Dia 4 de outubro: Secção de Clinica Cirurgica, Tecnica Cirurgica e Clinica Ortopédica.

Dia 5 de outubro: Secção de Oftalmologia, Otorinolaringologia, Radiologia, Dermatologia e Urologia. Encerramento solene do Congresso. Entrega dos Certificados.

Cada estudante terá o tempo maximo e improrrogavel de 15 minutos para a exposição do seu trabalho. Aos participantes do Congresso serão fornecidos certificados.

O Departamento Científico do CAOC vem cumprindo fielmente a sua missão e os estudantes de medicina esperam que a atual diretoria continue a emprestar a este departamento de cultura científica toda a dedicação e trabalho. O "Bisturi" felicitiza a atual diretoria do Departamento Científico pela maneira com que vem dirigindo eficientemente, este importante centro de atividade medico cientifica.

1.º Congresso dos Estudantes de Medicina de S. Paulo

No meio universitario está sendo aguardado com enorme interesse a realização em outubro proximo, do 1.º Congresso dos Estudantes de Medicina de S. Paulo. O Dep. Científico do CAOC, que patrocina a realização do Congresso, tomou todas as providencias necessarias para que este certame seja coroado do mais completo êxito.

Os trabalhos inscitos até a data presente são os seguintes: Armando de Oliveira — Terminação à direita do ductus thoracicus; Ary do Carmo Russo — Sobre o arco vascular de Treitz e anastomose juxtaduodenal entre as duas arterias mesentericas; Manuel Mendes — Pesquisas de anatomia etnica sobre as papillae circumvallatae; Milton Siqueira — Um caso de veia cava-superior esquerda unica; Trieste Smanio — Observações sobre a arcada palmar superficial em negros brasileiros; Luiz Junqueira e Fausto F. de Mello — Contribuição ao estudo da avitaminose B1 experimental; David Serson e José Martins de Barros — Excitação do vago em sapos; Atilio Z. Flossi — Ensaio bio-social sobre a infancia e Exoftalmo no hipertirodismo; Dacio de Almeida Cristovão — Do valor do método do "swab" NIH no diagn. da enterobiose e da incidencia desta em crianças de São Paulo; Carlos da Silva Lacaz, com os trabalhos — O quadro hematologico na molestia de Nicolas Favre, Alguns aspetos micologicos relacionados ao problema das pneumomioses, Micoses com lesões osseas, Orquiepididimite linfogranulomatosa, Valor etnoantropologico dos grupos sanguineos, Importancia da micologia no dominio da cirurgia, O sinal de Kitagawa na 4.ª molestia venerea, Otomicoses aspergillares, Algumas considerações diagn. sobre o sapinho vaginal, Histoplasmosse humana; Carlos da Silva Lacaz e Paulo Giovanni Bressan — Molestia de Nicolas Favre em suas diferentes modalidades clinicas; Jarbas C. Alves e Fuad Chammass — Cons. sobre um caso de paludismo pernicioso; Fernando Lovanio e Saturnino C. Franco — Sobre um caso de actinomicose; Ephraim de Campos — Generalidades sobre as afeções mucosas pela Neisseria sicca; Hassib Ashcar — Desenvolvimento da imunidade estafilococica em individuos normais e Vacinação pela anatoxina estafilococica. Curva de imunidade; Paulo Dias da Silveira com os trabalhos — Orientação pratica no exame funcional do figado, Estudo clinico das relações entre o figado e o metabolismo da agua e Diagn. de uma

poliserosite; Fuad Chammass e Manuel R. Tavares — Cons. sobre um caso de síndrome de Banti; Fuad Chammass e Manuel R. Tavares — Cons. sobre um caso de adenopatia tuberculosa; Luiz G. Duarte e José B. Decousseau — Cons. sobre um caso de anemia pernicioso; Plinio Reys e Antonio C. Franco — Sobre um caso de saturnismo; Alvaro de Almeida Lisboa — Phlegmasia alba dolens; Ruy Escorel F. Santos — Conduta na prenhez tubaria rota; Amaury Veloso e Abrão Massad — Sobre um caso eclampsia; Helio Lourenço de Oliveira. Firmino Campos e Raphael Gianella — Frequencia dos sintomas gastro intestinais (Análise de 500 observações); Helio L. de Oliveira, Merrame Adura e Matheus Romeiro

Neto — Reatibilidade da pressão arterial à excitação pelo frio (cold pressor test.); Domingos Lerario e José Plato — Blastomicose e sua terapeutica; Oscar R. Von Pfuhl e Fuad Allassal — Cons. sobre um caso de meningite aguda luetica; Fuad Chammass — Sobre 4 casos de pituitismo sob o ponto de vista terapeutico; Edmundo Covelli e Enio Barbato — Cons. sobre um caso de hemiparesia dolorosa; Antonio Lefèvre — Sobre um caso de hemihipertrofia da lingua; Maria Elisa Khoury — Nevrites puerperais traumaticas; Oscar R. Von Pfuhl e Abrão Massad — Sobre um caso de cisticercose cerebral; Paulo G. Bressan com os trabalhos — Associação da sulfanilamida aos anestesicos e Sulfanilamida por via arte-

rial; Marino Lazzareschi — Artrite hemofilica do joelho supurada; Marino Lazzareschi e Walter Bomfim Pontes — Cons. sobre um caso cujo diagn. oscilla entre scorbuto, raquitismo e sífilis; Lauro A. Sant'Anna e David Fermann — Tromboangeite post operatoria; Paulo Hoelz — Tratamento atual do antraz; José A. de Arruda Botelho — Técnica da transfusão de sangue conservado; Italo Martirani e José Ferreira de Pontes — Cons. em torno do tratamento das feridas pelo método de Friederich; José Gonzaga de Carvalho, Hene Mansur e Paulo G. Arruda — Cons. sobre 200 casos de úlceras gastro duodenais; José Gonzaga de Carvalho, Hene Mansur e Paulo G. Arruda — Varicocele. Seu tratamento; Lauro Americano Sant'Anna — Prociencia do reto; Roberto Taliberti — Osteomielite do sacro; João Raphael Libonatti — Tumores do delgado; Luiz Losso — Estudo estatístico sobre úlceras gastro duodenais; Domingos Quirino F. Neto — Diverticulo do duodeno com ulcera; Roldão Consoni — Cancer duodenal; Renato Aloe — Follow up da arterioesclerose; Aristides Giorgi — Tumores renais; Renato A. Pierri — Contribuição para o estudo da flora das dacriocistites; Abduhader Adura — O problema etiologico das hidronefroses; Italo Martirani — Considerações em torno do refluxo uretero-piéllico.

Luiz Ayres — Hemohistoblasto; Otavio Arminio Germek — O pH pelo eletrodo de vidro; Waldemar Sacramento — Considerações sobre alguns metodos de enriquecimento de ovos de helmintos e cistos de protozoarios nas fezes com especial referencia ao metodo de Faust; Luiz Ayres — Esplenogramas; Luiz Ayres — O mletograma nas úlceras gastro duodenais; Armando Sampaio Rezende — Observações sobre um caso de hipopituitarismo; João Alfredo Caetano da Silva Junior — Síndrome hipertensivo intracreato (Dificuldades para o diagnostico etiologico); José Alípio Plason e Orlando Murari — Um caso de seminoma em testiculo ectopico; Michel Abu Jamra, José Fernandes Pontes e Alberto Carvalho da Silva — Sobre o conceito de cardiaco negro; Michel Abu Jamra, José Fernandes Pontes e Alberto Carvalho da Silva — Sobre o mecanismo de ação da hepatoterapia na anemia pernicioso; W. F. Almeida e C. Pereira — Significação das formas ameboides no genero "Trichomonas" Donné, 1837; R. Cuocolo e C. Pereira — Sobre a "Temnocephala brevicornis". Monticelli, 1889.

LIGA DE COMBATE AO CANCER

Foi fundada em fins do primeiro semestre, entre nós, por um grupo de colegas, a Liga de Combate ao Cancer, anexa ao Departamento Científico do nosso Centro Acadêmico.

Desnecessario se torna dizer da significação dessa medida que visa intensificar os estudos sobre um problema de magna importancia e sobre o qual muito pouco ha de positivo.

A Liga, na medida do possível, providenciará sobre a realização de paiestras e cursos acerca dos assuntos de Cancerologia.

Foram instituidos dois premios, por intermedio do Laboratorio Torres desta Capital, destinados aos melhores estudos sobre o Cancer, apresentados respetivamente por medicos e estudantes: os primeiros concorrerão ao pre-

mio "Oswaldo Cruz", no valor de 5:000\$ e os segundos, ao premio "Arnaldo Vieira de Carvalho", no valor de 2:000\$000. Os trabalhos experimentais ou clinicos deverão ser originals e apresentados até 31 de Julho de 1941, sob pseudonimo unico, mesmo no caso de colaboração.

A primeira diretoria da Liga foi solenemente empossada na sede da Associação Paulista de Medicina, tendo por essa ocasião o prof. Jaime Regalo Pereira, pronunciado uma conferencia sob o tema: "Soro-diagnostico precoce do cancer", e está assim constituída:

Pres. Rui Ferreira Santos; Vice-pres.: Carlos Augusto Gonçalves; Secr. geral: Domingos Quirino Ferreira Neto; Secr.: Hugo Mazilli; Tes.: Féres Secaf.

PATOLOGIA RENAL

Sob o patrocínio do Departamento Científico do Centro Acadêmico Oswaldo Cruz, o dr. José Ramos Junior, docente livre de clinica medica da Faculdade de Medicina, realizará na Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo (prédio da Policlinica), um curso sobre Temas de Patologia Renal, obedecendo ao seguinte programa:

Dia 3 de setembro — Conceito sobre as nefropatias medicas; dia 4 — Ensino clinico sobre glomérulo-nefrite difusa aguda; dia 5 — Estudo clinico sobre a glomérulo-nefrite difusa sub-aguda e cronica; dia 6 — Tratamento das glomérulo-nefrites difusas aguda e cronica; dia 9 — Estudo

das neurites focais; dia 10 — Estudo clinico das neiroses; dia 11 — Estudo clinico das angio-escleroses e angioneftroscleroses; dia 12 — Fisiopatologia da insuficiencia renal; dia 13 — Estudo clinico da uremia.

Cada um dos temas compreenderá uma aula de 45 minutos a 1 hora, acompanhada com projeções de dispositivos, quadros elucidativos e observações clinicas. O Departamento científico fornecerá um certificado aos que frequentarem assiduamente o curso. As aulas serão proferidas às 20 e 1/2 horas, nos dias previamente estabelecidos. Inscricões com os membros do Departamento.

Diferenças étnicas e culturais da expressão cômica

JOSE' ORIA

O "cômico" como espontânea expressão humana, é fonte do sentido estético, quando não moral dos povos, pois a sua estrutura cheia de contrastes harmônicos e de condensações intencionais, é superponível em seu mecanismo à trama dos sonhos, trazendo ambas, as tarefas do inconsciente (Freud).

Mesmo uma singela análise de processos elementares das causas geradoras do riso, constitui por si só uma árdua imposição. Muito mais pensoso seria o bosquejar uma pretensa etnografia comparativa do cômico, edificada à custa das mais variadas formas que procedem de complexas atividades da *psyche* que a *psyche* não ter, formas representadas pelos chiste, pantomima, paródia, caricatura, *gag*, sátira, etc. (1)

Difícil trabalho é de substanciar aquilo que os homens quotidianamente extraem da matéria do inconsciente que é neles um índice e o próprio fermento da vida; aquilo que significa até certo ponto (conforme os agrupamentos étnicos) reflexo da realidade, realidade que mais sentida se torna quanto mais vulnerável for, quanto maior for sua deformação.

Não é para menos que existe uma extensa e variada literatura em torno de tão rico tema (a essência do "humour", do riso, do cômico), constituindo até mesmo um corpo de doutrina inabordable para quem nada mais deseja senão trazer sugestões para ensaios ulteriores mais precisos e documentados. (2) O meu caso é o do músico que quer compôr um "improvisio con alcune variazioni licenze intorno alla tematica"...

ORIGENS: Iniciar qualquer análise histórica pelos Gregos, é a costumeira praxe. Quasi sempre, sintoma de ignorância das culturas que lhes antecederam. Dir-se-ia o começar pelo sujeito em uma análise gramatical, muito embora aqui no caso, sujeito esteja oculto. Nem procuraremos descobri-lo. Inútil indagar qual antiga cultura que primeiro teve consciência de uma realidade disforme soubesse exprimi-la.

Si os povos primitivos cultivaram qualquer tendência cômica ou coisa que lhes equivallesse, si criaram símbolos do bom humor, imagens irreverentes, mesmo relativas aos seres às coisas que estimavam veneravam, não compete no momento esmiuçar.

Quem nisso quizesse se aprofundar teria de penetrar pela intrincada floresta do folclore em todas as suas manifestações: linguísticas, rituais, éticas, sociais, artísticas, etc., etc., teria que varejar as máximas, as sentenças de todas as primárias sabedorias populares. Como exemplo da dificuldade da empreza, basta lembrar multiforme conteúdo de irreverente sarcástica filosofia dos antigos apólogos chineses, indus, africanos, etc., com seu profundo sentido moral dentro de aparente humorismo.

Entretanto, muitas criações legadas por nossos antepassados, poderão provocar em nós, modernos deslocados, temerário juízo de um cômico que absolutamente não existe na criação em si. Um juízo relacional, função de espaço e tempo, absolutamente falso. Esse cômico re-criado pelo espírito moderno assim chamado ocidental, será nesse caso, fruto de contraste entre as obras "imperfeitas" (julgadas imperfeitas) do passado as "perfeitas" do presente. E a deformação da realidade antes de compreendê-la na sua forma original.

Porisso a atitude (que exige enorme esforço para se mantê-la), dever ser do juiz serenamente disposto a julgar as representações como elas são em seu lugar de origem e, não como forem imaginadas uma vez postas em cotejo com a pretendida "civilização" em que vivemos.

Para compreendermos como seja frequente esse juízo errôneo, basta justamente experimentar com um grego: Demócrito. É inevitável associação de idéias com um Demócrito alegre em contraposição a um Eráclito triste. Mas tanto o alegre como triste, são aqui representações ocidentais imaginárias. É pseudomorfose da alma helênica, inventada pelo ocidente de que nos fala Spengler. A filosofia de Demócrito que apenas não se lastima, porque não se preocupa de mirar o mundo imperfeito, a filosofia da "harmonia entre os átomos da alma átomos do mundo", nunca representou em seu tempo a ulterior versão de zombaria ou do riso, como entretanto existiu na Grécia nas atitudes de Diógenes, o cínico, ou então no teatro satírico de Aristófanes e seus continuadores.

Exagerando o ideal de Antístenes, imitador e deformador de Sócrates, Diógenes, o cínico, que como Demócrito chamava a si próprio "cidadão do universo" (ironicamente), é o grego que mais se aproxima do nosso atual sentido cômico do cômico, realizado por deformação, por idéia ou imagens paradoxais e pela irreverência no contrastar dois fatores homólogos, nos quais um é

sério outro é ridículo. É notória tradição de acontecimentos que contam seu respeito, sem que sejam necessários exemplos de sua maneira de se comportar frente à solenidade sócrática do seu tempo.

(Neste momento quem me lê, prevenido com que há pouco afirmei, poderá ainda acusar-me de parcialismo. Como se pode saber que Diógenes tinha intento cômico ao ridicularizar seus semelhantes? Isso poderá ser mais uma vez pseudomorfose lendária... Quem poderá afirmar não fossem os ditos de Diógenes para os platônicos de então, apenas superficiais simples motetes jocosos? É verdade! Vejam que dificuldade para se evitar antropocentrismo tão característico do juiz preso ao seu instante presente sem perceber!)

É muito possível que clássico desprezo que tinha Diógenes por tudo, fosse julgado por um grego, apenas uma ação séria sistemática, mais de ordem moral estoica do que produtora do riso. Quando muito, um homem irreverente para seus contemporâneos, mas sem "humorismo" propriamente dito, que é uma concepção eminentemente ocidental moderna. O conceito de humorismo é nitidamente intelectual: conceito que depende mais de uma personalidade receptora do que da própria creadora.

Assim, devemos diferenciar a jocosidade clássica (característica de "farça") do "humour" moderno. A farça provoca o riso por si, diretamente, sem atravessar "hospedeiro" inteligência. O humorismo provoca riso de modo analítico indireto; exige sempre um intermediário mental que reconstitua a intenção de fazer rir.

Como adiante veremos, propósito do "humour" eslavo, a finalidade humorística é quasi sempre obijda por uma deformação, até irreal, do objeto ou da pessoa real, como se houvesse a necessidade lógica de no irreal se achar único meio definidor e resolvente do objeto ou da pessoa. Isto é, chegar-se ao sentido exato, à intenção construtiva através do absurdo e do contrasenso.

Na farça há deformidade e há caricatura, mas muito visíveis para espectador, muito transparentes sem intenções ocultas e aparentemente ilógicas. É cômico primário e elementar. Por exemplo: a farça no teatro helênico. Vejam modelo magnífico que é nesta natureza cômica o grande Aristófanes. Para nós ocidentais, ele será muito mais humorista do que fosse para os gregos. Para estes, seria simplesmente um comediante, um farçante culto moralizador, porém possuindo apenas caráter regional.

Os gregos eram incapazes de aplicar os intuitos de cotejo histórico que só nós possuímos, após evolução das culturas. O teatro de Aristófanes lido ou representado na atualidade deve ter um efeito mais humorístico, dada a quantidade de fatos que se sucederam depois da era de Aristófanes. Aplicados esses fatos modernos ao teatro antigo, reforça-se extraordinariamente intenção cômica dos processos clássicos.

Diga-se de passagem que entre os chamados clássicos, as comédias eram utilizadas como um recurso de correção de costumes. "Ridendo castigat mores..." A deformação da realidade, para causar o senso do ridículo, era muito simples, de alcance popular sem intenções outras que não pudessem ser percebidas pelas massas; tinham efeito educacional. Não é para menos que os atores gregos usavam máscaras afim de acentuar o sentimento que por si em separado, não poderia sequer sugerir a hilaridade. Este processo teatral, originário do Oriente, empregado também na tragédia para efeitos opostos, tem sua fonte nos ritos das religiões primitivas. Pode ser observado ainda hoje em muitos povos asiáticos; é um modelo disso, teatro chinês japonês contemporâneo.

Em suma: a comédia primitiva não expõe problema algum, como moderna; (3) não visa o humor enigmático nem cuida de resolver incognoscível, deformando-o, exagerando-o (G. B. Shaw). Um Aristófanes quando "resolve", faz à luz dos costumes de seu tempo, que para ele é "todo tempo" Não esquecer que a "Hélade vive constantemente no presente" (Spengler), sem noção do longínquo, da perspectiva do vir-a-ser. O grego ignorava a ação de Chronos imortal.

Aristófanes atinge à sua realidade, mira-a expõe-na sob a máscara do ridículo. Ele apenas é satírico nas suas intenções; observa condensa as antinomias, pondo em cousas gigantescas atitudes anãs vice-versa. Nas cenas que criou, não há finalidade outra que a da desproporção concretizada para obter efei-

tos cômicos elementares, tudo partindo do conceito helênico de "motivos harmônicos oriundos de contrastes" (Platão).

ANTITESOS: Muito diverso é o "humour" cômico modernos de irlandeses como Swift ou Shaw, de slavos como Gogol Tchecov. Muito diferente é a irreverência culta voltaireana dos franceses em geral. Muito mais ampla é a sátira universal do "D. Quixote", de "Almas Mortas" de Gogol, o Cervantes russo.

Os irlandeses que melhor apreciaremos numa segunda parte destas anotações, criaram na Grã Bretanha talvez em todo o Ocidente europeu a mais pronunciada expressão literária satírica. Etnicamente ligados aos ibéricos por várias razões, têm destes o senso da rebeldia latente, quasi sempre passiva. Esta passividade se sublima na literatura a mais mordaz que existe. Leiam os "Libelos" ou as últimas "Viagens de Gulliver" de Swift ou reflitam sobre as comédias de Shaw verão demônio da destruição liberto, pronto a arrazar as grandes conquistas da chamada civilização ocidental; especialmente representada na sua caracterização que lhes está mais próxima: Inglaterra.

A sátira de um Swift ou de um Shaw fere a Inglaterra no seu puritanismo glacial, no seu snobismo enfático, fere-a no seu industrialismo econômico, no seu dogma de liberdade aristocrática, etc., etc. Fere-a até mesmo no seu característico senso de "humour" esse "humour" britânico (excluído verdadeiro "humour" dos irlandeses e escoceses) tido como expressão máxima do espírito, mas que na verdade é infantil primário.

Não esqueçam a "pantomima mecânica, trocadilho pueril, o "clown" samsaborão, as anedotas sem sal, nitidamente nórdicos, e que nada têm de ver com alegria irônica do irlandês ou com o espírito sadio do escocês.

A sátira irlandesa fustigando diretamente os colonizadores, alcança por sua vez, imediatamente toda a pretenciosa cultura técnica que vimos amontoando sem outra finalidade do que "a de adorarmo-nos a nós mesmo, idolatrando a Máquina" (Waldo Franck). Com isso os irlandeses visam libertar-se simbolicamente da cultura de que são de fato emancipados por motivos étnicos, religiosos, morais, etc. O resultado é o mesmo obtido por Aristófanes satirizando os costumes áticos, com a diferença de se ter acumulado desde Grécia até hoje, um enorme material admiravelmente passível de sátira.

Já não é assim a expressão cômica cheia de amargura metafísica deste outro exemplo contrastante, o eslavo. Os eslavos, o povo menos grego que existe, têm do cômico sentido menos helênico possível.

A literatura humorística russa por exemplo, é tão repleta de intenções ocultas, que muitos não lhe percebem o significado cômico, senão quando nela predomina intenção satírica imediata. A sátira russa, quando existe, não é local como dos Gregos, mas dirigida contra a espécie humana; é universal, é cômica. Nota-se esse caráter já no folclore literário: as fábulas russas encerram uma moral muitas vezes trágica, ao demonstrar a inanidade das humanas realizações. Como modelo precioso poderia citar o apólogo do homem que entendendo a linguagem dos animais resolve todos os seus problemas, graças aos ensinamentos que oufere ouvindo que aqueles dizem a seu respeito. A técnica é a mesma dos irlandeses. (Swift, e a "Viagens de Gulliver", quando dá dom de raciocínio aos seus cavalos pensantes do país dos Houyhnhnms). É também do "D. Quixote".

O efeito cômico da epopéia russa "Almas Mortas" é obtido ao se retratar as imperfeições da humanidade em geral, como o fizeram Swift ou os novelistas picarescos espanhóis do Siglo de Oro. Tchitchicov (de "Almas Mortas") el Quixote são símbolos a-regionais a-temporais. Aplicam-se a todos os seres em geral. As aventuras de ambas as personagens tão irmãs, são semelhantes porque são as aventuras dentro do mundo interior.

A ironia dos humoristas russos espanhóis traduz quasi sempre um auto-castigo, um esforço de humildade que é ao mesmo tempo feroz ataque ao delírio de grandeza dos deuses, mais povos da Europa. Por isso representam um Quixote ou um Tchitchicov as maiores sátiras à megalomania do Ocidente.

O que é surpreendente é que encerram o trágico o cômico de tal forma que um é outro podem ser separados, conforme o critério do observador ou conforme estado de espírito de quem se ponha contemplar tão ambivalente forma.

Entre ibéricos e eslavos há destas afinidades

além de outras como na música, (4) na mística, na moral e, que seriam devidas à psicologia de povos hiper-conscientes, cétricos e melancólicos, que revolução alguma parece poder modificar.

Dá se origina um "humour" trágico que nenhum outro povo possui como o eslavo. Além desse aspecto fundamental à técnica velada de exprimir cômico se explica porque nunca foram bem compreendidas inteiramente as obras de Gogol, como: "O Capote", "O Nariz", "O Revisor" a grande epopéia de "Almas Mortas" ou então os contos humorísticos de Dostoiwski de Tchecov, os mais belos que existem na literatura do gênero.

Em Tchecov, por exemplo, a técnica do conto humorístico alcança a tamanha perfeição que creio, poucos escritores conseguem atingir. O seu processo de ser breve, de trabalhar com mínimo material, de fazer que leitor intervenha com reflexões próprias para completar pensamento do autor, de tornar lógico aquilo que indivíduo de senso comum julga absurdo, tudo isso desencadeia uma criação incomparável pela sua simplicidade de construção ao par da complexidade de efeitos obtidos. Absolutamente característica da literatura russa, essa técnica já encontrada no conto "Bobok" de Dostoiwski, procede de Nicolai Gogol, com seu "O Capote", que os críticos consideram um dos mais belos contos de todos os tempos.

"O Capote" é de uma singeleza tão grande na sua textura flou apagada, que custa a crer possa produzir efeito mixto tragi-cômico a que se propõe o autor. Aos que não o leram ainda, basta dizer que o argumento da narrativa alcança grau máximo de economia de material. Trata-se da história de um humilde funcionário que morre ao lhe roubarem capote, que tanto aspirava possuir. Pois bem, alma desse homem aparece diariamente no local do roubo assaltando os transeuntes com fito de arrancar-lhes agasalho que ele julga ser seu. Apenas isso. Mas a atmosfera criada em torno do acontecimento, é de tal ordem fantástica na sua graça patética, que se fica compreendendo a significação fama que adquiriu essa obra prima no domínio da ficção literária.

Assim se comporta a literatura russa. Refiro-me porém à que existiu durante o século XIX, antes do período de mecanização atual imposto pela revolução de 17. A expressão tragi-cômica que foi da Rússia czarista, está hoje censurada e é dirigida em sentido outro que foge à análise.

Destarte temos a considerar os eslavos humoristas (mais os irlandeses satíricos os espanhóis picarescos do passado), como construtores da mais bela elaboração do cômico na sua diretriz humana e universal.

Isto é, do cômico cômico.

(1) Só publicarei aqui uma parte deste ensaio, a que se refere ao cômico na sua forma rudimentar e espacial, como era entre os gregos, e ao contraste que existe na expressão cômica de povos como o eslavo, tomado como exemplo mais expressivo. Reservar-me-é a outra eventualidade para analisar as formas ocidentais do cômico e do "humour", incluindo então polimorfia expressão brasileira do mesmo.

(2) A renascença da filosofia do semi-sério, a doutrina do "gai-savoir", parece se iniciar no decantado século de ouro (1500), com os flamengos. Sempre os flamengos! Mais uma vez, como na música até certo ponto como na pintura, cabem aos mesmos mais uma primazia. Substanciem com "O elogio da loucura" de Erasmo.

Depois temos entre os germanicos (talvez os que menos "humour" possuem entre os mais) as melhores obras analíticas sobre o "humour". É sempre assim a ambivalência dos pesquisadores; entendem melhor o que lhes falta... Afinal, recordaria os semitas, estes trágicos semitas sem paz e sem alegria. Pois bem, eles nos deram um Heine talvez o mais destrutor de todos os deformadores da realidade e escreveram curiosos livros sobre o sentido do cômico. Para citar germanicos e judeus (extranha convergência de grupos tão antagonicos!), lembraria algumas obras fundamentais tais como: "Filosofia gaia ou Demócrito" de K. J. Weber; "A estética do cômico" de Lipps; "O riso" de Bergson, e, por fim uma das menos conhecidas e das mais interessantes obras de Freud: "O Chiste e sua relação com o inconsciente".

Isto, para apontar apenas os extremos de uma enorme lista.

(3) Aristófanes viveu no 4.º séc. A. de C. Entretanto existiram comediantes gregos posteriores, como Alexis e Antifanes que criaram o ideal "moderno" de comédia (Riemann). Isto é, introduziram no texto a expressão cômica desinteressada; o chiste pelo chiste, com a finalidade de causar o riso sem segundas intenções. Esse humor rudimentar entretanto não pode ser analisado aqui, porque desses autores gregos não se conservam hoje em dia senão textos fragmentários.

(4) Já tiveram ocasião de se referir à afinidade da canção russa com a brasileira, justamente no tocante ao vestígio luso de nossas canções populares.

Liga de Combate á Sífilis

do Centro Acadêmico «Oswaldo Cruz»

Fundada a 29 de agosto de 1920, a Liga de Combate á Sífilis vem desenvolvendo ininterruptamente suas atividades em benefício da população de São Paulo, e até dos subúrbios, contribuindo assim para o saneamento do mal que tantas devastações produz no seio do nosso povo.

O tratamento aí é inteiramente gratuito e está todo entregue ao esforço e á boa vontade dos jovens estudantes, que desde os primeiros anos iniciam, por intermédio de seus postos as atividades práticas da carreira que abraçaram, quer exercitando-se na aplicação de injeções quer entrando em contato direto, com os doentes.

A orientação e chefia da Liga estão entregues ao professor J. Aguiar Pupo, da cadeira de Clínica Dermatológica e Sifiligráfica, e o seu atual interno chefe é o doutorando Otavio A. Germeck, auxiliado por inumeros colégas de todos os anos.

ATIVIDADES DA LIGA

Até hoje temos registrados em nossos fichários para mais de 22.000 doentes, sendo que todos os anos mais de 1.000 doentes novos são inscritos.

UM ACONTECIMENTO DE TRISTES CONSEQUÊNCIAS

Atualmente, com o fechamento do Posto noturno que funcionava em sala cedida pelo Dispensário Clemente Ferreira a Liga só pôde atender os seus doentes no Pavilhão Conde Lara da Santa Casa, de manhã e aos domingos, ficando um grande número deles impossibilitado da continuação de suas injeções á noite.

Embora contando com a simpatia oficial e com todo o auxilio ao alcance do Centro, a Liga de Combate á Sífilis luta com dificuldades para atender os seus doentes cujo número dia a dia aumenta, pela propaganda que fazem os mesmos do tratamento ministrado.

OS MOTIVOS DA CAMPANHA

E' excusado dizer que os estudantes de Medicina da Faculdade de São Paulo não podem cruzar os braços diante desse acontecimento, e embora com todo o sacrificio saberão zelar pelo nome tradicional da Instituição que lhes foi legada.

Dai o movimento que encetamos, organizando a nossa campanha Pró-Patrimônio, e ao mesmo tempo uma campanha de combate ao terrível flagelo, de caráter popular, por todos os meios

Uma das maiores organizações benemeritas entre os estudantes de medicina



Posto no "Pavilhão Conde Lara" (Santa Casa)



Antigo Posto no "Instituto Clemente Ferreira"



ASPÉCTOS DO POSTO DA SANTA CASA

ao nosso alcance, Imprensa, Rádio e conferencias educativas.

A COOPERAÇÃO DE TODOS

E' preciso que essa campanha tenha a mais larga repercussão e que todos os estudantes concorram com a sua boa vontade para que alcancemos o mais prontamente possível o nosso objetivo, que é uma séde propria ou pelo menos meios suficientes para o desenvolvimento da Liga.

Ha listas de contribuição na séde da Liga que podem ser procuradas pelos interessados, os quais poderão angariar donativos entre os amigos e conhecidos. Será esta uma das maneiras mais eficientes de auxiliar a nossa Campanha.

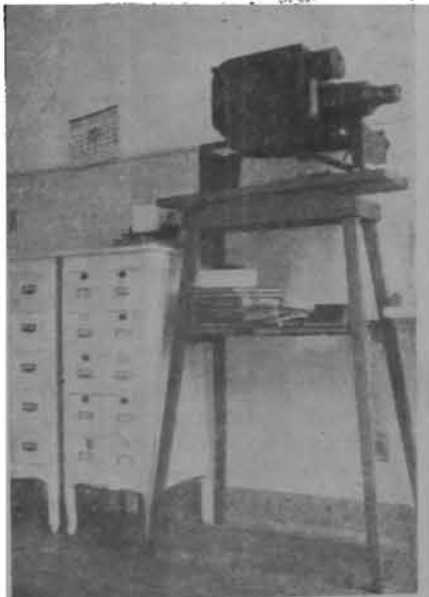
A PRIORIDADE DO COMBATE A' SIFILIS NO BRASIL NOS PERTENCE

E' preciso que todos saibam dos beneficios prestados pela Liga de Combate á Sífilis ao povo e que saibam mais que a *prioridade desse serviço no Brasil cabe, oficialmente, aos estudantes da Faculdade de Medicina de São Paulo.*

UM POUCO DE ESTATÍSTICA

Dados a seguir, como demonstração do trabalho da Liga, os últimos dados de nossa Estatística e que dizem respeito ao ano de 1939.

Doentes matriculados	1.159
Homens	478
Mulheres	588
Creanças	93
Casados	603
Solteiros	494
Viuvos	62
Brasileiros	973
Estrangeiros	186
Brancos	894
Pretos	191
Amarelos	8
Mestiços	63
Portadores de :	
lesões primarias	74
lesões secundarias	167
lesões terciarias	86
lesões latentes	828
Parasifilis	14
Lesões contagiantes	241
Reações de Wassermann	977
Injeções:	
Arsenobenzóes	3.944
Iodêto de Sódio	7.185
Cianêto de Mercurio	2.198
Salicilato basico de Mercurio	304
Salicilato de bismuto	20.491
Blodêto de Mercurio	595
Numero total de injeções	34.717



Este ano, o Centro conseguiu mais de 70 contos de réis, em construções.

O nosso Centro já conta com mais de 600 sócios.

Temos que nos orgulhar da Nossa Escola e, também, do Nosso Centro.

Capitulo de "O Último Crepúsculo" livro de Maurício de Moraes

Inédito para o "BISTURI"

Maurício de Moraes é uma expressão forte da nova geração poética do Brasil. "Quando as estrelas descenderem", seu livro de estréia, alcançou as melhores referências por parte dos mais ilustres críticos. Com prazer, o "BISTURI" publica a colaboração inédita que, gentilmente, êle nos deu.

Os poemas de Maurício de Moraes alcançam o verdadeiro paroxismo, no quadro profundamente belo, místico e humano que deixam brotar, como de uma fonte pura de sensibilidade e meditação.

(o)

— I —

Rafael voltou os seus olhos claros para cima e ficou parado como quem pergunta alguma coisa estranha ao misterio daquela noite limpida. Cada vez que vinha uma lufada de vento, de fóra, ele sentia estremecer-lhe todo o corpo. Estava magro. Sentia o fundo do rosto e os seus olhos pareciam afundados em duas cavernas tristes. Só podia pensar na suave revelação da manhã que iria surgir, breve. Não podia suportar aquelas noites infundáveis de sofrimento. Do quarto de Geraldo só vinha, para quebrar o silencio da casa, o som esquisito e rouco da sua tosse. Aquela tosse miserável que o ia definhando aos poucos. Na cozinha, altas horas, de vez em quando apenas algumas vozes perdidas e quase imperceptíveis:

— Como estará ele?
Ninguém podia dizer que ia bem. O seu sofrimento era como um pesadelo doloroso. Só quem o via, naquela estranha languidez, os olhos tão grandes e tão belos, parecia ter uma idéia mais clara da sua angustia. Só faltava a imposição cruel do destino para se consumir toda aquela tragedia. Todos só pensavam em vê-lo livre de todo aquele sofrimento. Todos. Rafael não podia supôr o fim da tragedia. Quanta coisa na vida era difícil de compreender. Sempre fóra bom. Estudára muito e fizera um curso brilhante. Não era justo que sofresse tanto assim. Lembrava a infancia, tão distante, perdida por entre aqueles dias quentes de sol da fazenda velha. As pescarias boas e as caçadas através das matas cheirosas. E agora tudo se transformára de repente. Não sabia de nada que pudesse ser mais triste e mais angustioso.

A noite parecia não ter fim. Maricota chegou bem perto dos seus ouví-

dos. Falava com os olhos arregalados:

— Acho que ele não vai não. Nem amanhece.

Enxugava o rosto com um lenço molhado já:

— Será melhor pra ele morrer. Será muito melhor.

Não se podia dormir. Só aquelas perguntas, a mesma coisa de todas as noites. Rafael cobriu os olhos com as mãos. O destino chicoteava os seus olhos cansados. Não podia chorar mais, nunca mais como daquela maneira. Viu quando Maricota saiu, meio tonta de sono e apagou a ultima luz acesa. Sentiu quando o cansaço chegou no seu extremo.

E adormeceu.

— II —

Maricota acendeu o fogo e colocou as pernas magras sobre o fogão. Podiam ser cinco horas da manhã. Nem bem nascera o dia. Cinco de Março. Domingo. Dentro da casa aquele mesmo reboliço de sempre. Todos sobresaltados. Rafael ergueu-se da cama. Parecia mais conformado. Gabriela chamou-o, a voz mole:

— Quer um pouco de café?

Porque não haveria de querer. Seria bom para quem passára uma noite miserável, ouvindo a voz sumida do seu grande amigo, lá no fundo do quarto. Pouco a pouco foi percebendo a luz do sol. E o azul da manhã que ia chegando. Na rua vozes matutinas de gente para a missa, de gente para o mercado. A's sete horas Rafael ganhou a rua. Sentia necessidade de uma volta por entre as arvores do jardim. Mas tudo era horrível. Os seus passos eram lentos, meditados. O grito agudo das crianças que passavam faziam lembrar a sua infancia e a do amigo quase morto. Sentou-se num dos bancos do jardim e ficou olhando para o alto. Como a vida seria boa se fosse como aquela manhã tão silenciosa e tão clara. Lêra muito, estudára também. Nada significava o sacrificio. Tudo era doloroso e sem explicação. Sentia-se revoltado. Que fazer, entretanto? Nem bem sentira o espirito mais vazio daquilo tudo, ouviu uma voz de criança que o chamou, assustada:

— Rafael, ele morreu.

Não podia pensar. Sentiu as pernas se lhe bambearem. Era impossível. Sim, fóra o melhor. Coitado, fóra o melhor. Mas impossível. Ele não morreria. Ele não podia morrer. Então tudo era mentira. Tudo, tudo, até Deus. Cobriu os olhos que ardiavam e começou a chorar desesperadamente. Geraldo morrerá. Naquela manhã tão bela! Ergueu-se a custo e voltou. Naquela casa a tristeza chegára ao fim. Gente cruzava de uma parte para outra. E viu quando entraram flores. Todas significavam sofrimento e tudo tinha uma explicação amarga. A vida seria aquilo?

Maricota apareceu. A face palida, os olhos vermelhos:

— Seja o que Deus quizer.

Lembrava aquelas palavras ditas assim espontaneamente. Só gente ignorante podia falar daquela maneira. Não era justo. Nunca. Rafael não podia compreender aquele drama de crueldade. Todas as fisionomias eram contristadas. Parecia chegar gente de todas as partes. Foi á cozinha e bebeu café. Depois voltou e sentou-se junto da mesa. Cruzou os braços sobre ela e começou a soluçar baixinho.

O silencio era quebrado apenas pelo vozerio baixo da gente que começára a encher a casa. Geraldo fóra transportado para a sala. Nunca o vira tão palido e nem tão expressivo. Qualquer coisa dê misterio adormecera nos seus labios e os seus olhos cerrados pareciam desprezar o espetáculo comum e desinteressante da vida. Estava tranquilo.

Rafael ficou um tempo, olhando-o. Depois voltou. Cerrou os dentes e fechou os olhos como quem não sabe por onde fugir de um sofrimento sem fim. E saiu pela rua, caminhando, sem saber para onde, nem para que. A sua frente abria-se a paisagem clara e iluminada da vida. Tudo agitado, como num grande dia de festa. Dentro de sua alma parecia ter sido aberta uma grande ferida. Não podia compreender. Ergueu os olhos chelos de sofrimento e caminhou.



Dr. Abraão Leite

Todo estudante de medicina conhece o Dr. Abraão Leite, através da alta direção e competência com que dirige os trabalhos de construção do Hospital das Clinicas. Além do mais, temos oferecido, por muitas vezes, os seus valiosos préstimos, para tudo

quanto o Centro o foi procurar. Por isso, é o Dr. Abraão Leite considerado um grande amigo dos estudantes da nossa Faculdade.

Em sinal de homenagem justa e justo reconhecimento, a Diretoria do Centro sinceramente lhe concederá o título de Sócio Benemérito.

Idort

(Instituto de Organização Racional do Trabalho)

A Diretoria desse Instituto, em prosseguimento á campanha educacional empreendida com a "Jornada contra o Desperdício" que teve lugar nesta Capital em Dezembro de 1938: com a "Jornada contra o Desperdício nos Transportes", levada a efeito no ano findo, resolveu promover um novo certamen, que será a "Jornada sobre a Alimentação", a realizar-se no corrente mês, de 21 a 29.

Dada a projeção cultural que o nosso Centro vem cada vez mais impondo, foi êste convidado, pela Diretoria da IDORT, para patrocinar essa Jornada, que tem como escopo esclarecer o povo de São Paulo e do Brasil, sobre os desperdícios oriundos de má escolha dos alimentos; e visando não só a parte econômica do problema, mas também a formação de uma geração sadia, com a melhoria da máquina humana, tão necessária para se alcançar o progresso e a eficiência.

A campanha, então, patrocinada pelo Centro consistirá numa série de conferências e palestras, apresentadas pelos colegas e abordando as questões de mais interesse e utilidade sobre o assunto, em todos os estabelecimentos de ensino da Capital.

DR. ARTUR ETZEL

Apresentamos os nossos agradecimentos ao Dr. Artur Etzel, Diretor da Seção de Matas, Parques e Jardins da Prefeitura, pelos serviços valiosos prestados, gentilmente, ao nosso Centro.

Entre as suas inúmeras benfeitorias, temos de destacar a reforma geral do campo de futebol, o ajardinamento ao redor da piscina e arborização ao redor das arquibancadas. Além disso, o Dr. Artur Etzel providenciará, em breve, a arborização no estacionamento de automóveis, como ajardinamento entre os aparelhos de ginástica e os terrenos de frontão, volei e bola ao cesto.

Por tudo isso, os sinceros agradecimentos do Centro ao Dr. Artur Etzel.

COMPÓSTO E IMPRESSO NA
— "TIPOGRAFIA PAULISTA" —
JANDAIA, 50 — SÃO PAULO

Agradecimento

DR. PRESTES MAIA

O Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz" apresenta ao Dr. Prestes Maia, D.D. Prefeito Municipal, o nosso sincero agradecimento, pelas provas inúmeras de simpatia que tem demonstrado para com os estudantes de medicina.

Temos, de assinalar o restabelecimento da verba municipal para o Centro, medida essa que muito virá concorrer para a eficiência da Liga de Combate á Sífilis, a que particularmente se destina.

Além disso, o Sr. Prefeito cedeu, gentilmente, os salões do Estádio Paqueta, com isenção do imposto, afim de lá se realizar o Baile de Gala, no dia 21, que o Centro promoverá, contando com o patrocínio da sociedade paulistana.

Por esses auxílios, pois, prestados generosamente ao Centro, muito agradecemos ao Dr. Prestes Maia.

DR. GUILHERME WINTER

Ao Dr. Guilherme Winter, D.D. Secretário da Viação, será dado o diploma de Sócio Benemérito do Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz", em virtude dos grandes benefícios que tem prestado á nossa associação.

O Dr. Guilherme Winter estabeleceu verba para colocar as telas nas vidraças, aumento de vestiário e quarto para o Albino, etc..

E', então, com prazer que assinalamos esta noticia, ao contar o nosso Centro com um nome ilustre para seu quadro de Sócios Beneméritos.

DR. GUILHERME LYRA

Será entregue ao Dr. Guilherme Lyra, engenheiro do Hospital das Clinicas, o diploma de Sócio Remido do Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz". A Diretoria do Centro pretende com isso, sinceramente, tornar público o seu agradecimento a quem muito favor tem prestado ás nossas realizações.

A completa remodelação do Estádio, em todo o seu campo de construções, foi feita sob a orientação técnica do Dr. Guilherme Lyra, uma das razões por que a Diretoria do Centro lhe concede o diploma de Sócio Remido.

Subvenções Federal e Municipal para o Centro

Uma conquista das mais utilitárias, a Diretoria do Centro consegue obter, no cumprimento rigoroso de sempre pugnar por medidas que tragam a satisfação dos interesses e realizações comuns.

Apresentando, desde o principio do ano, um documentado relatório das atividades do Centro, quer pelos seus Departamentos ou Instituições, a atual Diretoria acaba de alcançar, do Departamento de Assistência Social do Rio de Janeiro, uma subvenção anual, ordinária de 10:000\$000 e extraordinária de 30:000\$000.

E' também conseguida, junto dos poderes respectivos, uma subvenção municipal de 4:000\$000, anualmente.

Esse auxílio oficial ao nosso Centro, sem dúvida, virá muito trazer benefícios em prol de seu progresso sempre maior, dando assim á sua Diretoria básicas possibilidades de trabalhar para o bem geral dos colegas.

Maxiliar inferior ectopico

Considerações em torno a um caso clinico

A Redação do "BISTURI" gentilmente me solicitou uma colaboração para este seu numero especial. Atendendo ao pedido e levando em conta a tradicional orientação desse jornal, vou relatar um caso acontecido comigo quando no inicio de minha clinica, logo depois de ter deixado os bancos academicos.

Clinicava eu em Porto Velho, cidadezinha situada na fronteira entre o Amazonas e Mato Grosso, isto é, ao lado do "rancho fundo", bem prá lá do fim do mundo... como esclarece a toada sertaneja.

Porto Velho, si naquele tempo já não era mais uma cidade semelhante ás do *far-west* americano, constantemente subvertida pelas arruaças dos valentões, poeirenta e cheirando a fumaça de pistolas que atiram sem precisar carregá-las, era, todavia, um dos raros cantos da Amazonia, onde o dinheiro existia em quantidade capaz de atrair os espertalhões e os homens de maus bofes. E' bom que se diga, porém, que não foi esta circunstancia que me levou a clinicar em Porto Velho...

Vamos ao caso e façam de conta que vocês que me leem estão em meu lugar. Eramos dois medicos em Porto Velho. O outro era o prefeito local contra quem se organisava no momento um inicio de opposição. Esta opposição queria fazer de mim seu candidato ao lugar ocupado por meu colega. Por isso mesmo nossas relações não estavam lá muito boas. Si não eram como as que atualmente ligam os Estados Unidos á Inglaterra, não eram, contudo, como as que separam a Inglaterra da Alemanha. Cumprimentos aparentemente cordiais, um dedo minguinho de prosa de vez em quando, um sorriso meio amarelo. Apesar disto chegavam-me aos ouvidos ameaças veladas a principio, mais positivas depois e finalmente o ultimato para deixar a cidade por bem si não quizesse deixá-la embarcado em uma canoa furada. Mi-

Prof. JAIME REGALO PEREIRA
Catedrático de Farmacologia

nha sina é viver na opposição. Está acabado.

Pois bem. Na ocasião em que as coisas estavam neste pé, recebo eu, uma noite, altas horas da noite, um chamado para atender a uma mulher cujo maxilar inferior se tinha deslocado. Fora um espanhol que batera á minha porta. Por isso mesmo não gostara muito do chamado. Lembrei-me do Prefeito e a idéia do Prefeito me fez lembrar a canoa furada, mas como *noblesse oblige*, vesti-me e saí com o espanhol.

— Onde está a doente? perguntei eu.

— E' lá em baixo, na beira do rio. Hum! A coisa não me cheirava bem. Mas continuei andando.

Porto Velho não tem iluminação. Tem contrato com a lua. Atravessamos varias ruas, deixamos a cidade. O espanhol na frente, com uma vela acesa na mão para iluminar o caminho. Eu, atrás, com a maleta na mão, e o revolver no bolso, disposto a defender a péle o mais caro possível.

— E' a primeira vez que acontece isto? indaguei eu.

— Não senhor. Já teve outras vezes.

Nunca vira um queixo caído na minha vida e o pior é que não tinha a minima idéia de como o poderia colocar no lugar. A canoa furada não me deixava pensar no lugar certo do maxilar. Já me via de "bubua" seguindo a correnteza do rio, afundando, afundando...

Com que ossos se articula, mesmo, o maxilar inferior? E si não houvesse mulher nenhuma naquela historia, nem maxilar, nem nada?

— E' ali, naquela casa, seu doutor, disse o espanhol, cortando meu pensamento e apontando para uma tapera na beira do rio.

Descemos mais uma duas dezenas de metros na direção do rio e penetramos em uma casinhola de madeira, mal iluminada, pauperrima. Logo á entrada, deparei com uma mulher sentada na borda do leito, a boca escancarada, gemendo. Era mesmo um queixo caído. E a canoa furada seguiu sosinha a correnteza das aguas. Eu continuaria ainda em terra firme, apenas preocupado com as relações anatomicas do maxilar inferior.

— Sim senhora, comecei eu, fingindo tranquilidade de espirito. Vamos dar um geito nisso.

Dar um geito, como? Com que roupa? Pensava eu por dentro. E admitindo a hipótese de que não conseguisse resolver o problema, fui preparando o terreno:

— Pois é... Quêda de queixo é ás vezes um caso muito simples, outras vezes pode ser muito complicado.

A mulher continuava gemendo e bando. Invoquei o espirito vivo do Prof. Batista, do Frões, do Monteiro e até para o Amaro eu dirigi minhas suplicas. O anatomia complicada, essa do maxilar inferior!

E comecei a fazer força agarrado á mandíbula da pobre mulher. Empurrei, empurrei para cima. A mulher gemia. Eu suava. E o marido, de pé ao lado, espiava. Já não me lembrava mais da canoa, mas a nacionalidade do marido não me saía agora do pensamento. Tô-re-a-dor.

— Vamos descançar um pouquinho,

propuz eu, diante da resistencia mandibular da paciente. Eu não disse, que a coisa é ás vezes difícil? Já tenho tido alguns casos com este...

A paciente com um pano no colo, enxugava a saliva que se escorria pelos dois cantos da boca. Voltei a refletir sobre as relações anatomicas do maxilar inferior. De repente... Tac! Senti um estalo na cabeça e me lembrei do Padre Vieira. Lá estava a gravura do Testut nitida, diante de meus olhos. Fora certamente o Amaro que viera em meu auxilio. Mas que bobagem que eu estava fazendo!

— Vamos tentar mais uma vez. Tenha paciencia, eu sei que dói um pouquinho, mas é preciso.

Meti os dedos na boca da mulherzinha, apoiando-os sobre os molares; ligeiro movimento para baixo e depois para traz. Tróque!

E o queixo estava no lugar. A mulher sorriu. O marido sorriu. Eu tambem sorri, não pela mesma razão que levou o casal a sorrir, mas, vendo o toreador na canoa furada seguindo rio abaixo, levado pela corrente impetuosa do Madeira...

Disse mais umas coisas. Nem me lembro o que foi, mas devia ter dito mesmo. Despedi-me e saí acompanhado do marido. O "treador" não passava de um pacato proprietario de um armazem de secos e molhados. Fez questão de abrir sua bodega, para tomarmos juntos um calice de Vinho do Porto. Pagou-me cincoenta mil réis pela visita e lá fui eu novamente para o berço descançar nos braços de Morfeu.

Sirva este caso de exemplo para meus futuros colegas, redatores e leitores do "BISTURI". Não se esqueçam de que o maxilar inferior se articula com o osso temporal. E em caso de atrapalhão, invoquem o espirito do... Locchi? Não. O Locchi seria capaz de achar graça e pensar que se tratava de uma pilheria. O melhor será apelar para o espirito vivo do... Berthelot.

Falemos de higiene mental

Estudar o corpo humano, analisar-lhe os transtornos, inventar terapeutica para corrigi-los é, sob o rotulo da higiene, pregar principios para evitaros — não é fazer tudo em medicina. Já Cristo dizia: "Nem só de pão vive o homem". Além do corpo, existe o espirito. Uma ciência inteira se devota a estudá-lo em estado normal — a Psicologia. Mas o espirito pode sofrer distúrbios, desencadeando-se a loucura. Por isso, fez-se um ramo da medicina para tratar das doenças do espirito — a Psiquiatria. Mas, na vida mental, tambem se verifica aquela verdade já anunciada pelo conselheiro Acacio: Mais vale prevenir do que curar. Então, inventaram-se receitas para conservar a saúde psiquica e evitar as doenças do cérebro. Daí nasceu a Higiene Mental. Moralistas, religiosos, filsofos, medicos, educadores, homens esclarecidos de todas épocas pregaram regras de bem-viver capazes de garantir a saúde do espirito. Mas só no século atual, depois de Clifford Beers, recém-saído do sanatorio, haver publicado a auto-biografia relatando os horrores da loucura de que se libertara, o mundo tomou a sério a missão de prevenir males psiquicos e estabeleceu decididamente a Higiene Mental. A Psiquiatria de então podia concorrer valiosamente ao sucesso da empresa, pois já estava na pista para desvendar as verdadeiras causas responsaveis pelos distúrbios da mente.

Sugeriram-se medidas necessarias ao estabelecimento da boa vida mental. *Combate á herança morbida*, pois a maioria dos psicopatas provem de familias onde já se registaram casos de loucura, assim demonstrando ser a hereditariedade o maior fator predisponente ás doenças mentais. Por isso, preconizou-se o *exame pré-nupcial* e, em alguns países, adoptou-se a *esterilização obrigatoria dos tarados*. *Assistencia á maternidade e ao recém-nascido*, pois acidentes ocorridos á progenitora, na gravidez e no parto, e á criança, nos primeiros dias da vida, são fatores aos quais muitos devem a loucura. Para tal objetivo, ambulatórios de assistência pré-natal, onde especialistas controlam a evolução da prenhez, providenciem cuidados necessarios, façam profilaxias da lues e da tuberculose; maternidades populares, onde o trabalho de parto se realize em ambiente de conforto e higiene, com assistência medica e enfermagem especializada; institutos pré-natais, onde se ensinem ás mães a higiene da

Dr. J. Carvalho Ribas

Assistente de Clínica Psiquiátrica da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo

gestação e da primeira infancia, em curso de puericultura. *Educação e instrução da infancia*, visando desenvolver e disciplinar as faculdades afetivas, intelectuais e morais, mediante principios de saúde, cultura e dignidade, segundo técnica pedagogica moldada nas leis da psicologia infantil, em ambiente isento de exemplos nocivos, pois a educação viciosa, a instrução mal conduzida e o meio desfavoravel são cousas capazes de acarretar transtornos á mente.

Educação física, que empresta bem-estar e saúde á personalidade. Na escola, *seleção dos alunos*, encaminhando as crianças anormais aos centros de educação e tratamento especializados. Crianças desamparadas devem receber educação e tratamento identicos aos das demais crianças, afim de evitar que se julguem inferiores ás outras. Crianças delinquentes devem ser conduzidas a reformatorios e institutos especializados capazes de ministrarlhes correção dos defeitos, conforto moral, regeneração. *Educação sexual*, pois o mau comportamento do instinto genésico é muitas vezes responsável pelo desencadeamento do desequilibrio da mente, a ponto de se haver admitido que todo distúrbio psiquico encerras-se substrato sexual, conforme o exagerado criterio pan-sexualista da escola de Freud. *Combate ás doenças venereas*, sobretudo á *sifilis*, causa de numerosissimos casos de loucura, aconselhando-se ao povo abstenção de congresso sexual com pessoa suspeita de doença, castidade extra-matrimonial, uso de meios preventivos no ato sexual, casamento precoce, etc. No caso de contrair a infeção, procurar assistencia medica competente, fugindo de curandeiros e charlatões. *Combate ás toxicomanias*, graças á applicação da "lei dos toxicos", estabelecendo fiscalização do manejo da morfina, cocaína, barbitunicos, etc. *Combate ao alcoolismo*, agente da decadencia mental do individuo e da progenie. Na luta contra o alcool, os Estados Unidos adoptaram a "lei seca" durante alguns anos; a Russia fez do alcool monopolio do Estado, restringindo ao governo a permissão da sua venda; os Países Scandinavos proibiram a venda do alcool aos domingos e dias de festa, ocasiões do povo entregar-se mais frequente-

mente ás libações; o Brasil propoz dificultar o consumo de bebidas espirituosas elevando as taxas correspondentes ao alcool e desviando-o para o preparo do "alcool-motor". No entanto, o melhor meio de combate é a "educação anti-alcoolica", esclarecendo ao mundo os moléficos do vicio. *Combate ao tabagismo*, tambem capaz de concorrer á instalação de transtornos psiquicos. Devido á profissão exercida de modo desfavoravel agir perniciosamente sobre o psiquismo do individuo e acarretar consequencias desastrosas á sociedade, *orientação profissional*, por meio de inquerito medico-psicologico, encaminhando o individuo á escolha da profissão de acordo com as aptidões anatomicas, fisiologicas e intelectuais. Depois, *adaptação profissional*, situando o individuo dentro de condições em que o trabalho seja executado com maximo de rendimento e minimo de fadiga, o mais possível protegido contra doenças profissionais, acidentes, invalidez, morte. Organizações de salário compativel com as necessidades normais do individuo, garantindo-o contra a miseria, que poderia arrasta-lo ao desespero, aos vicios, á perda da dignidade, á mendicancia, ao crime. Em virtude de qualquer doença poder repercutir sobre o sistema nervoso e acarretar distúrbios psiquicos, *assistencia medico-social*, em ambulatórios e hospitais mantidos á custa dos poderes publicos ou de iniciativa particular, onde se realizem medidas de tratamento e conservação da saúde coletiva, tais como combate á desnutrição, verminose, doenças infeto-contagiosas, tuberculose, sifilis, etc. *Higiene social*, propaganda da profilaxia contra molestias comuns, o que o povo só aproveita depois de atingir certo nivel de cultura: daí a saúde publica depender da alfabetização. *Assistencia a psicopatas*, providenciando o comparecimento dos suspeitos de desequilibrio psiquico aos ambulatórios de *higiene mental*, afim de serem examinados por especialistas. Predispostos e psicopatas funestos ficarão comparecendo periodicamente ao ambulatório, afim de receberem orientação profilática e tratamento necessario. Doentes mentais em condições incompatíveis com o meio familiar e social serão conduzidos a hospitais psicopaticos, onde se submeterão aos

grandes tratamentos da atual Psiquiatria. *Seleção da gente migrante*, vedando a entrada no país aos doentes, tarados, aventureiros, criminosos, impedindo-se assim que elemento deficiente venha integrar-se á terra e aumentar as probabilidades de novos casos de loucura. *Combate ao ruido excessivo*, que exerce ação perniciososa sobre o sistema nervoso. A *imprensa* que publica noticias impressionantes e escandalosas, traumatizando mentalmente os leitores. Ao *cinema* quando exhibe "films" demasiado empolgantes e corruptos, de ação funesta sobre a mentalidade das multidões e, principalmente, sobre o espirito das crianças. A *literatura* e ás *artes* quando despertam tendencia morbidas no publico. A pratica desarrozoada e fanatica das *religiões*, que chega a arrastar massas populares á loucura, conforme testemunho da historia; em particular, ao *baixo espiritismo*, responsavel pelo desencadeamento de numerosos casos de psicopatia.

Eis as grandes armas da higiene mental. O mundo precisa urgentemente acostumar-se a maneja-las, pois as doenças mentais se tornam cada vez mais frequentes devido á ação debilitante da civilização sobre o sistema nervoso, podendo-se mesmo avallar queo civilizado é um país pelo numero de psicopatas nele existente. A vida atual, demasiado trepidante e exaustiva, acarreta a melioprografia nervosa, tornando o cérebro mais susceptivel a distúrbios. Daí o aumento alarmante dos casos de alienação mental. Um humorista chegou a inventar que brevemente será um luxo de todo desnecessario construir hospitais psicopaticos, pois o mundo inteiro já se terá tornado um hospicio... No afan de felicidade e perfeição, a sociedade moderna vive voltada para a higiene do corpo, cogitando de boa alimentação, vida ao ar livre, cultura física. Acima de tudo, facia higiene mental, pois o espetáculo da vida se constrói preliminarmente á custa do cérebro. Pais, professores, psicologos, medicos, psiquiatras, religiosos, sociologos, literatos, intelectuais de toda sorte, estão compreendendo felizmente a urgencia de prevenir os tropeços do psiquismo e divulgando o emprego da profilaxia do espirito, através de palestras, congressos, revistas e livros.

Quando possível, falemos sempre de higiene mental e divulguemos as medidas para salvaguardar o supremo privilegio do homem — o pensamento.

Tesouraria do Centro

BALANCETE TRIMESTRAL

ABRIL

Saldo do mês de Março	5:711\$400
Anuidades	3:220\$000
Caixa do Vestiario	450\$000
Caixas no porão	1:060\$000
Calouros e transferidos	13:360\$000
Snooker (Março e Abril)	300\$000
Lucas (aluguel de Março)	100\$000
Saldo	24:201\$400

Bruno Bertolazzi	100\$000
Salerno Cia. nota n. 13.686	30\$000
Maximiliano Bau nota n. 2.366	24\$100
Tapeçaria A Sul America nota n. 8.806	7\$200
Departamento Cientifico	220\$000
Elvino Pocal	500\$000
Xavier Chediaq nota n. 5.022	625\$000
Tapeçaria A Sul America nota n. 8.792	465\$000
Sato	150\$000
Jazz irmãos Cópia	500\$000
Albino (despesas)	5\$800
Atilio Mariuti	3\$600
Cardozo Pinto nota n. 2.714	19\$600
Cardozo Pinto nota n. 2.743	2\$600
Casa Bevilacqua	180\$000
Atilio Mariuti nota n. 3.045	130\$000
Irmãos Lemme (Dep. 2173-B)	300\$000
Talão de piscina	30\$000
Albino (ordenado do mês de Março)	300\$000
Lourenço Rienzo (ordenado Março)	100\$000
Carlos Schiline dinheiro devolvido e comissão	90\$000
Lavagem de cortinas	25\$000
Gratificação aos empregados do Club Esperia	20\$000
Molhador de dedos	7\$000
Fiorello Accori	50\$000
Gabriel comissão trote	443\$000
Pirillo filho Dup. 2249 12	300\$000
Pirillo & Filho Dup. 2249 13	300\$000
Despesa de trote	112\$000
Despesa para alvará baile calouros	385\$000
Light Abril	22\$300
Lourenço Rienzo	60\$000
Club Comercial Salão	600\$000
Selo verba sobre do baile de calouros	574\$800
Joaquim Renato Calçado	16\$000
Gabriel comissão trote	122\$000
Gratificação	20\$000
Quadra de tenis (conservação)	80\$000
Confeitaria Metro	444\$000
Lux Jornal	43\$300
Mundim	10\$000
Murillo	30\$000
Saldo	24:201\$400

RELATORIO DO MÊS DE MAIO

Saldo do mês de abril	16:741\$500
Bar	5:000\$000
Campanha de medicos	1:047\$000
22 cadernetas á 6\$000	132\$000
Snoker	229\$000
Lucas	100\$000
Baile dos calouros	4:426\$000
Balel de Gala	27:685\$000
Saldo	55:360\$500

Sbat (talão 15177)	20\$000
Imposto de selo talão 028	35\$000
Imposto de selo talão 027	200\$000
Elvino Pocal	1:962\$000
Rádio Cruzeiro do Sul	1:600\$000
Orquestra Vlenense	1:100\$000
Confeitaria Metro (Buffet)	1:250\$000
Selos e reconhecimento de firma (Eurico)	9\$900
Joaquim F. dos Santos duplicata 219	39\$500
Domingos Fanganiello	1:623\$000
Revistas Arquitetura e Urbanismo 10 numeros	49\$000
Lelio Moraes Alves nota n. 18	1:983\$500
Zenesi Fonseca (pintura)	750\$000
Despesas com o segundo recurso	1:286\$000
Telefonemas para o recurso	38\$100
Mondil	25\$000
Telegrama	5\$200
Vale do Ponto Sta. Terezinha (Vasco)	20\$000
Victorio Dini	20\$000
Vale Duprat	20\$000
Oscar Flues nota n. 44563	111\$500
Almoço para remadores	39\$000
Sato	300\$000
Casas Pernambucanas	75\$000
Fotografias	175\$500
Palmiro	150\$000
Almeida e Alleotti nota n. 142.780	3\$000
Despesas (Schelinl)	180\$000
Telegrama	15\$200
Dinheiro devolvido rec. de Med.	100\$000
Duprat	140\$000
Lazaro dos reis Augusto	50\$900
Molduras	18\$000
Salerno nota n. 18.516	50\$000
Roberto Patrocesni	120\$000
Araujo	3\$000
Ordenado Albino	300\$000
Gazolina (balle de gala)	15\$000
Dukprat	20\$000
Regatas Martines	100\$000
J. Pirillo Dup. 2249 14	300\$000
Mondim	25\$000
Balle de Gala: Gazolina	15\$000
Bale de Gala: Gazolina	6\$000
Inscrição na Fupe	30\$000
Duprat	40\$000
Mondim	10\$000
Salerno nota n. 19.069	20\$000
Despesas com a vistoria	88\$000
Desenhos para o Balle	80\$000
Caravana á Piracicaba (Futebol)	30\$000
Despesas natação	40\$000

Telegrama	5\$400
Papelaria Cestari e Novelli nota 2807	16\$000
Serviços do Americo baile de Gala	50\$000
Palmiro Caracciolo	30\$000
Serviços do Americo baile dos calouros	50\$000
João dos Santos Araujo	17\$000
Comissão paga ao Gabriel	17\$000
Fupe	9\$000
Mundim	6\$000
Cartas expressas	7\$400
Lastri e Heikaus nota 1085	65\$800
Lastri e Heikaus nota 1102	12\$000
Joaquim Martins	5\$000
Joaquim Biozoni	20\$000
J. Panelli & Irmãos nota 4229	50\$000
A Iluminadora nota 12089	110\$400
Lourenço ,concerto de tacos)	12\$000
Mercedes do Brasil Ltda. nota 1382	15\$000
Riutaro Abe	4\$000
Light	34\$100
1 Vassoura	3\$200
Atilio Mariutti nota 9454	1\$200
Despesas futebol	4\$000
Lourenço Rienzo	40\$000
Raphael despesas	33\$000
Lourenço Rienzo	43\$200
Saldo	55:360\$500
Saldo	15:363\$700

RELATORIO DO MÊS DE JUNHO

Saldo do mês de Maio	39:996\$800
Lucas	100\$000
Snooker	100\$000
Recibos semestre	90\$000
Caixas vestiario	55\$000
Saldo	40:341\$800

Ao Esporte Nacional	780\$000
Antonio Vicente Moreira	60\$000
Domingos Grecco	61\$000
Vicente Mungiolli	41\$000
Cartas expressas	3\$200
Telefonemas (Domingos Machado) 1938	588\$700
Cartorio Adalberto Netto	16\$300
Antonio Nodulo (material para o Estadio)	1:837\$000
Almeida & Alleotti recibo 36	126\$000
Telefonemas recurso (Grieco)	74\$300
Carta registrada (recurso)	3\$800
Hotel Terminus	3:100\$000
Telefonema recurso (Grieco)	22\$100
Despesas recursos no Rio (Eurico)	356\$000
Gazolina serviço baile de Gala (Murillo)	70\$000
Gazolina serviço baile de Gala (Morbach e Dirceu)	30\$000
Serviço fotografico para a Liga de Combate á sífilis	50\$000
Papelaria Universo 6403	10\$000
Papelaria Universo 5511	15\$000
"Bistori"	500\$000
Ponto Baia	24\$000
Lastri e Haikais nota 1095	130\$000
Telegrama	9\$800
Albino (lavagem de roupa)	108\$500
Casa Fuchs nota 55888	150\$000
J. Pirillo e Filho 913	27\$000
Albino ordenado	300\$000
Sato	300\$000
Lourenço Rienzo	80\$000
Raphael Mammoci	56\$700
Mundim	5\$000
Despesas de bonde (Raphael e Lourenço)	13\$800
Gratificação (Raphael e Lourenço)	21\$000
Lux Jornal	40\$000
J. Pirillo e Filho nota 2249 15	100\$000
Joaquim Francisco dos Santos dup. 192	1:590\$000
Saldo	40:341\$800
Saldo	10:700\$200
Saldo	29:641\$600

Alberto Raul Martinez — 1.º Tesoureiro.
Hermínio Lunardelli — 2.º Tesoureiro.

2.ª SÉRIE DO COLEGIO UNIVERSITÁRIO

Já pensou no seu exame de Inglês, do Vestibular? — Pois pense agora. Tradução integral do Medical English, termos científicos, perguntas e frases.

CONVERSE COM O ISAC, DO 2.º ANO

"O problema sexual"

J. Lacretelle, T. Ataíde e outros

Livros existem por aí abusando por demais de um tema tão delicado como esse. Mas um bom livro é raro. E quando ele é ótimo não há como recomendá-lo a todos, pois a todos agrada certamente. Si você gosta de literatura, historia ou romance, um pouco de tudo isso você nele encontrará. E poesia também. Quer vêr?

"Bem conheço o ritmo dos teus passos, A sua cadencia ressoa em meu coração".

"O meu coração, essa ave do deserto encontrou o seu céu nos teus olhos. Deixa-me expandir-me nesse céu, na sua solitária imensidade.

e abrir as minhas asas a esse sol".
Deixa-me rasgar-lhe as nuvens
(TAGORE)

E assim por diante. Valorisa o livro a popularidade de seus autores.

O psicanalista Théo Chentrier falamos da doutrina freudiana. Tristão de Ataíde discorre sobre o Eugénismo. Peter Wusto, o grande filósofo alemão mostra brilhantemente a "Missão metafísica da mulher". M. Zundel estuda "O amor sacramentado", etc. etc.

E' um livro bem traduzido e o que é melhor, não é caro.

JOSE' SALLES

A classificação decimal em Bacteriologia

...por um inexplicavel olvido nos programas de ensino, em nenhuma parte se indica aos alunos o metodo do trabalho cerebral, a tecnica de toda produçao intelectual".

CHAVIGNY

O aluno que estuda por apontamentos, por notas e referencias de autores, de aulas, de livros, muitas vezes se vê seriamente embaraçado na ordenaçao dos seus conhecimentos. As suas anotaçoes servirão futuramente ás consultas de duvidas. Naturalmente o classico caderno de escola se torna mais uma lembrança do tempo de seus primitivos estudos que uma fonte de ensinamentos.

O jovem medico estudando um determinado assunto, por exemplo, para a defeza de tese, vê-se de um momento para outro diante de um numero muito grande de trabalhos, de referencias e de indicaçoes. As bibliotecas não podem dar uma ordem (tais trabalhos, ordem de assunto. E que resulta é o embarçao do estudioso em classificar, para maior facilidade de manuseio, a bibliografia a estudar.

Já entrou no uso corrente em todo ramo de atividade, quer comercial, industrial ou científica, o apontamento em fichas, de cores variadas, tamanho e formas. Cada arquivista tem seu criterio. O cobrador de uma casa comercial acha melhor grupar os recibos de acordo com a locaçao dos devedores: é mais pratico por não obrigar idas e vindas, com aproveitamento de economias e tempo. Se ele adotasse grupar as suas fichas de acordo com nome de seus clientes era um nunca mais acabar de ir e vir pelas ruas afóra.

Nasce desse modo a noçao de um sistema de classificaçao para cada atividade humana. E em medicina? Como classificar os trabalhos que se acumulam em revistas, livros, conferencias, além das nossas proprias observaçoes?

Tomemos como exemplo uma ciencia qualquer: Bacteriologia, complexo de disciplinas subsidiarias. A ela vem dar a sua contribuicao a fisica, quimica, matematica, historia, estatistica, sistematica, fisiologia, etc. Tal entrelaçao de noçoes torna mais dificil a escolha de um criterio de classificaçao.

Os ficharios mais comumente se costumam arrumar por ordenaçao alfabetica. Tomemos de um fichario algumas anotaçoes da letra B:

- Bacillus, morfologia dos,
- Bacterioides, Os,
- Botulinismo, Os sintomas do
- Bacteriofago, A natureza do
- Bioquimica, Relaçoes da bacteriologia da Bios, O factor
- Balanço energetico, Os carboidratos
- Brucelloses, A causa das
- Bismuto, O meio de
- etc., etc.

As nove fichas encontradas bem arrumadas na divisao B do fichario encerram as mais diversas formas de assunto: descriçao de formas, achados de pesquisa, semiologia, imunidade, quimica fisiologica, bacteriologia, etc., etc., em resumo: uma grande desordem na apparencia de uma organizaçao perfeita.

Em ciencia o que interessa ao estudioso é o conhecimento actual da materia, suas formas de evoluçao, as theorias que a explicam. Isto é, "um assunto" em suas diversas formas e fases, mas sempre mesmo assunto, mesmo problema.

Logico portanto um metodo de classificaçao por "assuntos" juxtapostos lado a lado por uma razao de causa e efeito, de mais simples para mais complexo, do geral ao particular. Um processo de deduçao, imprimindo ás fichas uma arrumaçao dentro de limites elasticos, porém sempre lançando mão de noçoes gerais estabelecidas como padrao.

Um bom sistema de classificaçao é o indice de um bom livro. Uma bacteriologia e seu indice:

- Historico
- Morfologia
- Fisiologia
- Fisico-quimica
- Tecnica
- Imunidade
- Sistematica
- Bact. especial.

Essas grandes chaves seriam base de outras subdivisoes, que por sua vez passíveis de novo desdobramento, até alcançar um limite maximo de aproximacao do assunto. Tal criterio bastante pratico facil consegue grupar as fichas de acordo com o assunto; alguns autores preferem, por ser mais facil, tomar um livro bom do assunto e ir anotando nas margens as contribuicoes que for conhecendo. Tal metodo é aconselhavel a quem lê pouco, porque as margens disponiveis não estão em proporçao com o volume das publicaçoes medicas.

A applicao do criterio de classificar por assuntos exige muitas vezes o desdobramento de fichas. Assim por exemplo, fichar o trabalho "RELAÇoes DA MORFOLOGIA BACTERIANA COM A ESTRUTURA ANTIGENICA" seria fazer duas fichas com os indices:

- Morfologia
- e
- Imunidade.

A dificuldade que tal sistema oferece na pratica é exigir do bibliotecario um conhecimento maior de cada materia, o que é impossivel; para o especialista no entanto é o unico aconselhavel.

Nas bibliotecas costumam se grupar os trabalhos de acordo com a ciencia: medicina, en-

DR. J. O. ALMEIDA

(Assistente de Microbiologia)

genharia etc.. As revistas geralmente têm um arquivo á parte.

Quando o numero de fichas é muito grande torna-se maior a dificuldade de seu arranjo a então criou-se um metodo de classifica-las de acordo com a seriaçao de numeros, de acordo com uma chave padrao. O numero de uma ficha não indica a sua medida, mas sim a sua posicao sistematica dentro do padrao adotado.

A classificaçao decimal é conhecida desde 1873 e em 1891 aparece a primeira edição de Melvil Dewey (Decimal classification and relative index for arranging, cataloguing and indexing public and private library). Em 1895 e em 1897 foi aceito tal metodo pelos Congressos Internacionais de Bruxellas por iniciativa do Instituto International de Bibliografia que então propoz uma classificaçao decimal padrao, "tendo por objeto realizar uma classificaçao de todas as especies de documentos ou parte de documentos, com a ajuda de numeros classificadores".

"O SISTEMA DECIMAL DO INSTITUTO DE BRUXELLAS"

1.º — Todas as materias, ciencias e atividades são dispostas em ordem sistematica, precedendo geral ao particular, todo á parte, genero á especie.

Exemplo:

Ciencias puras	5
Biologia geral	57
Citologia	576
Bacteriologia	576.8
Morfologia de bacterias	576.84
Cilios e flagelos	576.849

Vantagens: grupamento de materias conexas, vista do conjunto.

2.º — Todo assunto possui um numero classificador:

Bacteriologia	576.8
Astronomia	52
Agricultura	63
Zoologia	59

Vantagens: concisaçao da anotaçao; internacionalidade; concentraçao de sinonimias, separaçao de homonimos (morfologia de ossos, morfologia de minerios, etc.).

3.º — Os numeros classificadores não são numeros inteiros, mas decimais, significando que cada algarismo permanece invariavel qualquer que seja o numero que se alinhá á direita. Cada um dos algarismos consecutivos representa uma divisao da rubrica expressa pelo algarismo ou numero precedente.

Ciencias naturais	5
Astronomia	52
Astronomia descritiva	523
Lua	523.3
Bacteriologia	576.8
Documentaçao bacteriologia	576.81
Coleçao de laminas	576.815

Vantagens: possibilidade indefinida de extensao. Identidade fundamental da classificaçao sumaria ou detalhada.

4.º — A classificaçao decimal permite uma dupla entrada: metódica e alfabetica. Exemplos:

Tabela metódica ou dedutiva:

0	=	generalidades
1	=	filosofia
2	=	religião
3	=	ciencias sociais
4	=	filologia
5	=	ciencias naturais
51	=	matematica
		etc., etc..

Vantagens: procurar um numero classificador dedutivamente na tabela, passando do geral ao particular (metodo sintetico).

Tabela alfabetica ou dictionario:

Administraçao	35
Astronomia	52
Direito	34
etc.	

Vantagens: procurar diretamente a palavra indicadora do assunto com seu numero indicador (metodo analitico).

A coexistencia das duas tabelas permite combinar em um só sistema todas as vantagens da classificaçao sistematica as do metodo alfabetico.

5.º — Por definiçao, as grandes classes que englobam todo o conhecimento humano devem se suceder por uma maneira logica. A classificaçao decimal permite acompanhar esse desenvolvimento:

CLASSE 0 — As noçoes primeiras sobre relaçoes entre causa e efeito. Reunião de provas, de documentos, de experiencias. Formaçao de conjunto de publicaçoes, de livros, organizaçao de bibliotecas. Generalidades.

CLASSE 1 — O pensamento, a sua natureza e seus sistemas. Filosofia.

CLASSE 2 — As iniciaçoes organizadas do temor ao desconhecido. A idea de um Deus. Dados complementares. Religioes.

CLASSE 3 — A organizaçao da familia e da sociedade. As leis que regem sua formaçao. Ciencias sociais.

CLASSE 4 — O meio de comunicaçao das ideas entre os membros da sociedade organizada e sociedades entre si. O modo correto de se exprimir. Filologia e linguistica.

CLASSE 5 — As noçoes adquiridas grupadas de maneira permitir uma idea de conjunto do meio fisico, servindo de base ás ciencias applicadas. Compreendem as Ciencias puras ou naturais.

CLASSE 6 — A applicao de todos os conhecimentos humanos em sua açao sobre o meio: engenharia, medicina, etc. Ciencias applicadas.

CLASSE 7 — A arte em sua expressao de elevado nivel intelectual toma por inteiro a setima classe. Belas artes.

CLASSE 8 — As obras que traduzem o ideal humano, sem a noçao imediata de interesse ou exclusivismo, interpretando natureza ou a refletindo através do espelho de seu temperamento. Literatura.

CLASSE 9 — O conhecimento retrospectivo dos fatos, estudo da vida dos homens, a observao cuidadosa do lugar, ocupam-se de noçoes segundo o tempo, pessoa e local. Historia, Biografias e Geografia.

As classes formam a tabela principal da classificaçao:

- 0 = Obras gerais
- 1 = Filosofia
- 2 = Religioes
- 3 = Ciencias sociais.
- 4 = Filologia e Linguistica.
- 5 = Ciencias puras
- 6 = Ciencias applicadas.
- 7 = Belas artes. Artes applicadas.
- 8 = Literatura
- 9 = Historia e Geografia.

6.º — Além da chave de divisoes da tabela principal existem outras, as complementares que compreendem:

- a) Divisao de lugar.
 - (1) = Lugares ou periodos geologicos
 - (2) = Lugares e meios fisicos
 - (3) = Lugares do mundo antigo
 - (4) = Lugares da Europa
 - (5) = Lugares da Asia
 - (6) = Lugares da Africa
 - (7) = Lugares da America do Norte
 - (8) = Lugares da America do Sul
 - (9) = Lugares da Oceania.

A TABELA COMPLEMENTAR DE LUGAR é formada por numeros entre parentesis ().

b) Divisao do tempo.

O tempo é indicado na classificaçao decimal pelo numero correspondente em algarismos arabes, entre aspas:

- "04/15" Idade média (do seculo 4 ao 15.º)
- "15/17" Tempos modernos (do seculo 15.º ou 17.º).
- "18/19" Tempos contemporaneos (do seculo 18.º ao 19.º).

Ex. "1897" = em 1897.

"18" = no seculo XIX.

Quando tempo precede á era cristã o numero indicador leva sinal —.

Exemplos:

"— 7" = seculo VIII antes de Cristo.

—09" = ano nove antes de Cristo.

Os periodos prehistoricos são indicados pelo simbolo "—".

As datas da dia, mês e ano se anotam simplesmente:

"1940.09.14" = dia 14 de Setembro de 1940.

c) Divisao de forma.

- (01) = Teoria geral de ...
- (02) = tratado de
- (03) = enciclopedia de
- (04) = ensaio de
- (05) = publicaçao periodica de...
- (06) = sociedade de...
- (07) = estudo de...
- (08) = coleçao de trabalhos sobre...
- (09) = historia geral de...

Vantagens: por uma indicaçao simples classifica-se uma obra seu tipo. Assim:

Bacteriologia	576.8
Tratado de	(02)
Tratado de Bacteriologia	576.8(02)

d) Divisao de lingua.

E' até certo ponto uma tabela originada da outra tabela complementar de lugar. Tanto quanto possivel experimenta se relacionar o lugar, o estudo da lingua ai falada com os numeros indicativos da tabela complementar de lingua. Assim:

- (4) significa Europa
- (42) significa Inglaterra
- 42 significa Estudo da lingua inglesa
- 2 significa: em inglês.

A divisao de lingua compreende simbolos precedidos do sinal =:

- = 2 em inglês
- = 3 em alemão
- = 4 em francês
- = 5 em italiano
- = 6 em espanhol
- = 7 em latim
- = 8 em grego
- = 9 outras linguas.

Por questao de origem de linguas o português se enquadra na classe = 6.

- = 61 em galego
- = 62 em vasco

....

= 69 em português.

O livro "Tratado de Bacteriologia escrito em português" teria o numero indicador: 576.8(02)=69 Bacteriologia (tratado de) em português.

e) COMBINAÇao DE NUMEROS CLASSIFICADORES.

A infinita complexidade dos assuntos e seus titulos obriga á uma combinaçao de numeros, de modo a permitir tanto quanto possivel um simbolo que possa ser "lido" sem dificuldades. Tais numeros se denominam numeros compostos, e a sua formaçao se baseia no seguinte: um titulo por mais complexo que seja tem sempre uma idea mais simples em si, exprimindo os titulos subsidiarios, as suas relaçoes ou ponto de vista com outros setores de atividade.

Os numeros compostos são formados por tres maneiras:

1.º — A combinaçao se faz pelo sinal de divisao: quando duas ideas se relacionam. Exemplo:

17 significa moral
7 significa arte
O numero composto 17:7 significa A moral nas relaçoes com arte.

2.º — Podem se combinar numeros indicados das diversas tabelas, os sinais evitando toda confusao possivel. Exemplo:

7 significa Arte
"16" significa Seculo XVII.
O numero composto 7"16" significa A arte no seculo XVII.

7(44) significa A arte na França.
7(44)"16" significa A arte na França no seculo XVII.

7(44)"16"(02)=2 A arte na França no seculo XVII, tratado escrito em inglês.

3.º — As divisoes de uma mesma ciencia podem se combinar entre si por dois modos:

a) Por 0 (zero) quando em um ramo da classificaçao se estudam fenomenos comuns aos objetos tratados na parte especial. Exemplo:
576.8 Bacteriologia
576.86 Açao patogénica das bacterias
576.864 Açao patogénica das rickettsias
576.75 Anticorpos

Numero composto 576.864.075 "Os anticorpos nas infecçoes por rickettsias..."

b) Por um traço — quando as subdivisoes são emprestadas a um dos numeros consagrados á uma ciencia ou materia dada, eliminando-se os numeros indicadores substituindo-os por um traço. Exemplo:

576.874 Antigenos
576.876 Reaçoes antígeno-anticorpo
Numero composto 576.874—6 "Os antigenos nas reaçoes antígeno-anticorpo."

Vantagens da formaçao de numeros compostos: possibilidade de classificar até á uma extrema minucia; economia de numeros; simplificaçao da classificaçao; grupamento logico. Estrutura do numero composto semelhante á formaçao de frases á custa de palavras, que se combinam em um sentido.

Os numeros conservam a sua estrutura e seu aspecto em todas as combinaçoes das quais são parte. As relaçoes correspondentes tem sinais caracteristicos em uma mnemotecnica facil. A classificaçao permite exprimir por numeros toda a rubrica possivel. Assim aparece um inconveniente ser evitado: classificaçao de um trabalho por muitos numeros. Isso se evita mediante certas regras a serem rigorosamente seguidas:

I — As divisoes diretas devem prevalecer sobre as divisoes analiticas ou tabelas complementares. Exemplo:

Preferir 01 a 09 sobre —1 a —9

—1 a —9 sobre .001 a 009 (tabela complementar de ponto de vista)

preferir 001 a 009 sobre as divisoes por (0)

Se muitos numeros se apresentam para um mesmo assunto, o numero que está em primeiro lugar é a escolhido.

II — As combinaçoes se fazem por traduçao direta do texto. Assim:

Moluscos do Brasil
594 (81) numero composto 594(81)

Astronomia em França no seculo XVIII
52 (44) "17" 52(44)"17"

Astronomia, tratado em inglês
52 (02) =2 52(02)=2

Bacteriologia, revista em português
576.8 (05) =69 576.8(05)=69

OS SINAIS DA CLASSIFICAÇao DECIMAL

1.º) Dez algarismos de 0 a 9, indicando classes e subdivisoes.

2.º) Letras de A a Z na indicaçao bibliografica dos nomes proprios.

3.º) Os sete sinais: + (soma)—(diminuiçao): (dois pontos ou sinal de divisao)= (igualdade) além dos simbolos de inclusao de numeros: (), " " , e (0).

Os algarismos, letras e sinais formam um todo de 43 unidades, sendo a sua ordem de sucessao sempre a mesma em todos os casos, salvas as exceçoes indicadas nas tabelas. Cada elemento de um numero composto deve ser cuidado em separado afim de se evitar confusoes. Vejamos alguns reparos:

a) O . (ponto) não tem significaçao, nem valor. Divide os numeros em grupos de tres algarismos a contar da esquerda (contrario ao sistema comum). Exemplo:
Separar 57687, Imunidade, assim: 576.87 e não 57.687.

b) O traço de fração / significa os limites de um ponto a outro. Exemplo:
"1940.09.14"/"0.12.31" Do dia 14 de Setembro ao dia 31 de Dezembro de 1940.

c) As chaves () são empregadas para distinguir os numeros da classificaçao decimal de outros numeros. Assim:
(576.8) 576.834
class. decimal outro numero qualquer.

Muitas vezes empregamos as chaves dentro de um numero classificador composto quando a indicaçao numerica seguinte não afeta os numeros que precedem.

COMO CLASSIFICAR?

Tomemos como um exemplo: classificar seguinte trabalho:

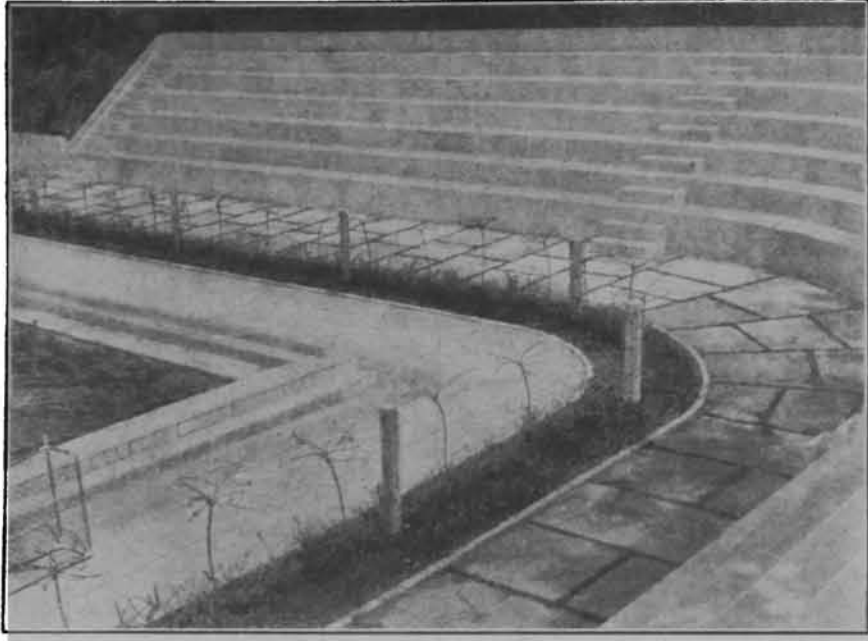
"Estudo da Bacteriologia sistematica e suas relaçoes com a medicina, durante os ultimos 10 anos na França. Trabalho escrito em italiano." Autor Y.

A ficha é classificada por um numero composto que responde ás seguintes perguntas:

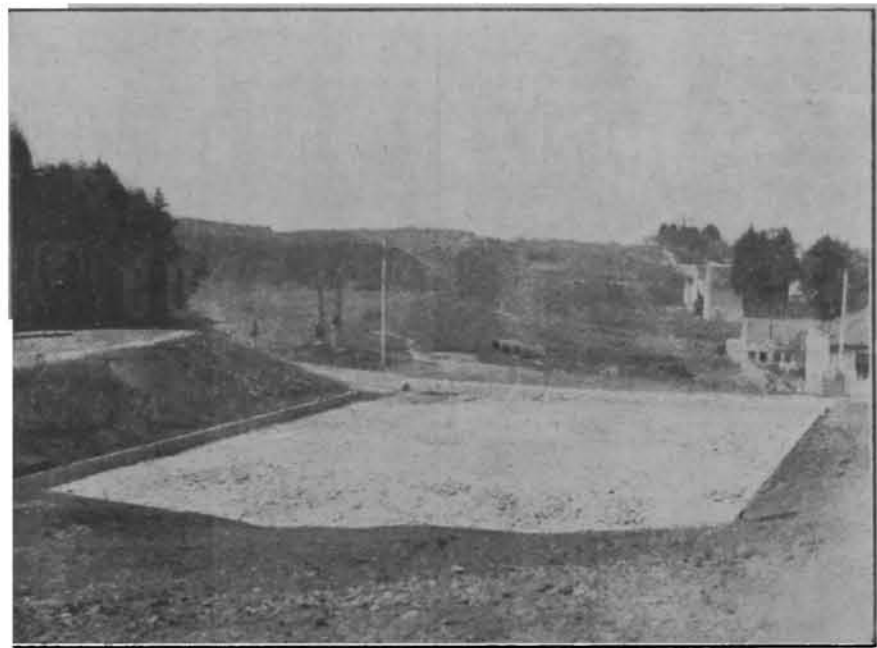
(Continúa na pagina 14)

A VOLTA DO DR. X

(2.º Episódio — Pelos Departamentos)



AS ARQUIBANCADAS DA PISCINA DO C.A.O.C.



CONSTRUÇÃO DA QUADRA DE VÓLEI E BOLA-AO-CESTO DO CENTRO

O dr. X voltou. Sim, o dr. X. Aquele personagem crítico, malquerido e muitas vezes até detestado. O dr. X ficou pensando qual teria sido a causa dessa má recepção que lhe fizeram os rapazes do 2.º ano. Pensou muito e muito e chegou à conclusão de que a causa é consciência. Sim, a consciência, esse segundo Eu imaterial, invisível que tanto tortura os homens (mais as mulheres!...) nos seus momentos de solidão.

Tendo a consciência uma parte preponderante na conduta dos homens e estando ela quase sempre maculada pela maldade, pela inveja e pelo ódio, justifica-se essa ojerisa por um espírito crítico de um tal dr. X. Nada mais justo. Portanto, quando aparece um dr. X, resolvido a virar as folhas pesadas do livro empoeirado da consciência e mostrar o que nelas está escrito com tinta negra, forma-se, bem certamente, uma onda de rebeldes e de revoltados. Isto é natural, aplicando-se a lei da ação e da reação!

Foi por querer girar as folhas do livro da consciência que o dr. X foi mal recebido no 2.º ano. Só mal recebido, não! Procurado para ser espancado!!! Ora, caro leitor, imagine um homem que fala a verdade, que explica o que está ambaralhado, que diz o que todos sentem, procurado para apanhar. Mas a vida é assim mesmo! Bem razão tem o velho rifão que diz: "Se quizeres ter amigo não lhe mostre a verdade".

Pondo de lado estas considerações filosóficas o dr. X vai seguir o seu rumo pelos departamentos. Assim é que existe em nossa faculdade um departamento que sempre está florido. A sala da sra. secretária tem sempre um vasinho pequeno, cônico, de porcelana branca, cheio de flores (e flores roubadas dos canteiros da Faculdade...). E' nesse departamento que existe uma secretária que passa os seus dias conversando com secretárias de outros departamentos ou lendo (no momento da passagem do dr. X lia Rebeca). Nesse mesmo departamento certos funcionários passam quasi que todo o dia filando a hora do "bicho". Outros, ainda, passam o dia contando anedotas ou então dormindo em divans destinados a estudos. E assim o departamento corre às mil maravilhas...

Noutro departamento, rico de moças bonitas, das quais umas são altas, louras, de cabelos sedosos, e outras são baixinhas, morenas, de cabelos escuros, é onde o aluno mais se sente bem. O aluno tem prazer em passar pelos seus corredores, porque percebe que é bem tratado por parte das funcionárias, o que no entanto não sente por parte dos professores. Os professores deste departamento são austéros e "cheios de si". Fecham-se numa atmosfera de ciência e têm a impressão de que são deuses na terra! Para esses professores os alunos são tubos de cultura perigosíssimos, que a gente só olha, mas conserva bem longe!!! Não faz mal meus senhores, dia virá em que nós nos vingaremos dos seus filhos!...

O dr. X tem o dever de mencionar e chamar a atenção dos poderes competentes da nossa Faculdade, que tomem medidas enérgicas no sentido de fazer parar as "mordidas" dos funcionários, mormente de certos departamentos, onde a gente não arranja uma peça para estudo, um cilindro esfumaçado ou um sapo, sem morrer na gorgeta. Ora, isto é demais; é preciso que o aluno tenha uma verba especial para agradar a todos os "mordentes"!!!

Ao contrário existem outros departamentos onde a gente é mordido uma só vez. No início do ano, com a desculpa de material que a gente vai gastar, vem a "mordida". Mas também pára e a gente passa o resto do ano bem atendido, tanto pelos professores e assistentes, como também pelos funcionários.

Como o caro leitor vê o dr. X é uma figura que critica, mas não cita nomes. Ele costuma deixar a carga de cada consciência o quinhão que lhe cabe. Terminamos aqui pedindo desculpas por alguns exageros. Na próxima vez o dr. X fará uma visita ao nosso bar, ao nosso salão de barbeiro, aos outros anos (portanto, cuidado com o dr. X porque ele fala mesmo!) E a cousa vai ser brava... Tratem de andar direito e agradar à turma porque sinão na minha volta "vai té".

Até breve.

DR. X.

A classificação decimal em Bacteriologia

(Continuação da pagina 18)

Qual a classe?	Ciencias puras.	numero indicador:
Qual autor?	Y	Y
Qual edição?	Biologia	57
Qual a análise?	Bacteriologia sistematica	576.88
Qual a relação?	Medicina.	.616
Qual lugar?	França.	(44)
Qual tempo?	de 1930 1940	"1930/—40"
Qual forma?	Estudo.	(07)
Qual lingua?	Italiana.	=5

Numero composto e classificador 576.88:616 (44)"1930/40"(07)=5,Y.

Tal numero classificador se origina de uma análise e dedução apurada de um titulo complicado. Na pratica os titulos não são tão prolixos e a aproximação do numero da significação escrita é desnecessaria. Fazemos então classificações parciais, segundo sempre o mesmo criterio. Pergunta-se então ao titulo? qual o assunto que está me interessando neste estudo? Exemplos:

- Para o repertorio geografico: Resposta: França — numero (44)
- Para a repertorio cronologico: Resposta: 1930—1940 — numero "1930/40"
- Para o bacteriologista: Resposta: Bact. sistematica — numero 576.88
- Para o medico: Resposta: Medicina — numero 616
- Para bibliotecario: Resposta: Estudo. — numero (07)
- Para o filologo: Resposta: em Italiano — numero =5
- Para o bibliografo: Resposta: Y — indice Y

RELAÇÕES ENTRE A CLASSIFICAÇÃO DECIMAL E OUTRAS

E' facil de fazer coincidir uma classificação qualquer com a decimal mediante um catalogo ou tabela de concordancia.

APLICAÇÃO DA CLASSIFICAÇÃO DECIMAL AO ESTUDO DA BACTERIOLOGIA

A classificação adotada pelo Instituto de Bruxellas é falha em muito pontos, tornando a sua applicação á Bacteriologia impossivel pelos motivos:

- a) Extrema dificuldade na consulta do catalogo, insufficiente na maioria dos casos.
- b) Por considerar a Bacteriologia como parte de Microbiologia estudando então em conjunto com a Parasitologia, adotando as mesmas subdivisões, sem considerar a diversidade do metodo de estudo.

c) As divisões adotadas não comprehendem a extensão da materia.

d) Numeros muito grandes. Neste trabalho propomos uma classificação decimal, com uma tabela mais esquematica mais completa, de uso mais facil, de numeros com poucos algarismos, de facil conversibilidade ao sistema padrão. Assim por exemplo em vez de repetirmos em toda as fichas 576.8 para significar bacteriologia, podemos usar apenas uma letra, B por exemplo. Assim B=69 significaria, bacteriologia em português.

Pela tabela proposta simplifica-se muito anotação. Assim por exemplo, o trabalho "Studies on the nature of Bacteriophage II" seria fichado em uma e outra classificação:

Pela classificação de Bruxellas:	
Ciencias puras	5
Biologia geral	57
Citologia . .	576
Bacteriologia	576.8
Imunidade	576.809
Bacteriofago	576.809.6
Natureza do bacteriofago	576.809.62
Numero classificador	576.809.62 (8 algarismos)
Pela classificação simplificada:	
Bacteriologia	B
Imunidade	7
Bacteriofagia	77
Numero classificador	B77

Vantagens: menor numero de algarismos nos numeros compostos, facilitando grandemente anotação e a leitura dos numeros.

A CLASSIFICAÇÃO DECIMAL SIMPLIFICADA EM BACTERIOLOGIA TABELA PRINCIPAL

- BACTERIOLOGIA e IMUNOLOGIA:
- 0 GENERALIDADES
- 1 DOCUMENTAÇÃO
- 2 HISTORICO
- 3 TECNICA
- 4 MORFOLOGIA
- 5 FISILOGIA
- 6 PATOGENIA
- 7 IMUNOLOGIA

- 8 SISTEMATICA
- 9 RELAÇÕES COM OUTRAS CIENCIAS

TABELAS DIVISIONARIAS

CLASSE 1 DOCUMENTAÇÃO.

- 10 GENERALIDADES SOBRE DOCUMENTAÇÃO
- 11 REFERENCIAS SEGUNDO NOME DE AUTOR (chave alfabetica).
- 12 CARTAS, DOCUMENTOS E COMUNICADOS.
- 13 LAMINAS
- 14 MUSEU DE PEÇAS
- 15 CULTURAS
- 16 DISPOSITIVOS, DESENHOS E FOTOGRAFIAS
- 17
- 18
- 19

CLASSE 2: HISTORIA:

- 20 GENERALIDADES SOBRE A HISTORIA DA BACTERIOLOGIA
- 21 BIOGRAFIAS DE BACTERIOLOGISTAS
- 22 H. DA INFECCÃO E DO GERME —
- 23 HISTORIA DA IMUNIDADE
- 23/29 OUTRAS REFERENCIAS

CLASSE 3 TECNICA:

- 30 PRINCIPIOS GERAIS DE TECNICA
- 31 MONTAGEM DE LABORATORIO
- 32 PREPARO DE MATERIAL
- 33 CORANTES E REATIVOS
- 34 CULTURAS, MEIOS E PROCESSOS
- 35 INOCULAÇÃO
- 36 IDENTIFICAÇÃO
- 37 PREPARO DE ANTIGENOS, ANTICORPOS, etc.

38/39 TECNICAS ASSOCIADAS

CLASSE 4 MORFOLOGIA:

- 40 GENERALIDADES SOBRE A FORMA DO SER VIVO
- 41 METODOS DE ESTUDO
- 42 FORMA E BACTERIAS, RICKETTSIAS, etc.
- 43 FORMA E TIPOS DE COLONIAS
- 44 CITOLOGIA NORMAL
- 45 CITOLOGIA E FORMAÇÕES INTRA E EXTRA CELULARES
- 45/49

CLASSE 5 FISILOGIA:

- 50 GENERALIDADES E METODOS DE ES-

TUDO

- 51 A FISICA E A FISILOGIA
- 52 QUIMICA E FISICO-QUIMICA APLICADA
- 53 NUTRIÇÃO E DESENVOLVIMENTO. METABOLISMO
- 54 REPRODUÇÃO
- 55 AÇÃO DO MEIO
- 56 AÇÃO SOBRE O MEIO
- 57 TROPISMOS, MOVIMENTOS
- 58/59
- CLASSE 6 PATOLOGIA:
- 60 GENERALIDADES E METODOS EM ESTUDO
- 61 A INFECCÃO. SUAS CAUSAS
- 62 INF. POR BACTERIAS
- 63 INF. POR RICKETTSIAS
- 64 INF. POR VIRUS
- 65 INF. POR ASSOCIAÇÕES
- 66 INF. DE CAUSA INCERTA
- 67/69 ESTUDO DA INFECCÃO SEGUNDO O GERME OU O NOME
- CLASSE 7 IMUNOLOGIA:
- 70 GENERALIDADES E METODOS DE ESTUDO
- 71 BARREIRAS A' INFECCÃO
- 72 OS TIPOS DE IMUNIDADE
- 73 TEORIAS DA IMUNIDADE
- 74 OS ANTIGENOS
- 75 OS ANTICORPOS
- 76 REAÇÕES ANTIGENO-ANTICORPO E SUAS CONDIÇÕES
- 77 FAGOCITOSE. BACTERIOFAGIA
- 78 DIAGNOSE IMUNOLOGICA
- 79 A HIPERSENSIBILIDADE
- CLASSE 8 BACTERIOLOGIA SSTEMATCA:
- 80 GENERALIDADES SOBRE CLASSIFICAÇÃO BACTERIOLOGIA
- 81 AS PRIMITIVAS CLASSIFICAÇÕES
- 82 CLASS. BERGEY
- 83 CLASS. ALFABETICA PELO NOME DE ESPECIE
- 84/89
- CLASSE 9 BACTERIOLOGIA E SUAS RELAÇÕES:
- 90 METODOS COMPARATIVOS DE ESTUDO
- 91 BACTERIOLOGIA E MEDICINA
- 92 BACTERIOLOGIA E HIGIENE
- 93 BACTERIOLOGIA E AGRICULTURA
- 94/99.

Dr. Cecílio J. Carneiro

A OUTRA ESPECIE HUMANA

Inédito para o "BISTURI"

Cecílio J. Carneiro é um escritor novo. Apesar disso, o seu primeiro livro "Memórias de Cinco" foi um sucesso.

E' o primeiro escritor a colocar a Faculdade de Medicina de São Paulo como ambiente de uma obra literária, daí voltar-se para ela todo nosso interesse.

Querendo tomar parte nas homenagens ao Centro Acadêmico Oswaldo Cruz pela passagem de seu aniversário, e ao "BISTURI", do qual foi um dos primeiros redatores, Cecílio J. Carneiro, nos honrou com esta colaboração, um conto inédito de sua autoria.

(o)

O sabio Antisthenes, que conhecia a fundo a humanidade e publicava livros à granel, foi conduzido, como um cão pela coleira, à presença do diretor do Hospício.

— Para onde deve ir? perguntou o enfermeiro que o segurava pela gola.

— Ponha-o entre os calmos, respondeu o diretor, olhando com admiração para a bela cabeça encanecida e para a densa barba cor-de-palha do recém-chegado.

Antisthenes não fez caso daquela maneira de ser tratado, pois tanto o enfermeiro como o diretor, como também os outros homens, para ele não passavam de comediantes representando uma farça a que ele assistia e criticava, impassível como um simples espectador. Aliás, não tinha motivo algum para magoar-se porque, se estava ali, era por espontânea vontade: queria escrever um estudo profundo sobre loucos, diferente dos que encontrava nos livros tratados. Quería estudar "in vivo", como dizia, e por isso resolvera introduzir-se na companhia deles. Isto não lhe foi difícil de conseguir porque, pelas suas idéias extremamente avançadas, sua fama entre o povo já era a de um louco acabado. Foi pois devido a esta credencial que sem resistencia lhe abriram as portas da mansão dos alienados.

Conduziu-o o enfermeiro por um interminável corredor reluzente de marmores, onde iam ter as portas das celas e as vozes estranhas dos que lá dentro viviam. Cantos sem ritmos, risotas estridulas, brados de suplica infundada, exclamações de alegria feroz e de terror lugubre estouravam, de todos os lados, aos ouvidos de Antisthenes. Com grande espanto, notou o filosofo que as suas solidas forças de estoicismo, tantas vezes postas à prova ante a desgraça humana, afrouxavam-se naquele ambiente de pesadelo. A' medida que avançava no corredor, sentia-se cada vez mais oprimido, como se o estivessem mergulhando numa atmosfera sufocante e mortal. Invadiu-o imensa tristeza e, não fosse a sua obstinação em fazer o estudo sobre loucos, teria cometido qualquer tolice capaz de agravar-lhe a situação de "calmo".

O enfermeiro abriu a ultima porta e por ela introduziu num quarto o proficuo Antisthenes, a quem segurava sempre pela gola:

— Aqui, disse-lhe. — e fechou-o á chave.

Encontrou-se o bom do sabio num quarto amplo, juntamente com seis outros individuos silenciosos e de aspéto estranho.

— Oh, pensou — aqui me sentirei melhor, não ha duvida.

E ficou observando os companheiros. Seus olhos sagazes se fixaram num sujeito comprido e delgado, que murmurava continuamente qualquer coisa, talvez uma quilométrica oração.

— Amigo! disse-lhe jovialmente, tentando captar-lhe a confiança.

A este apêlo, o sujeito ergueu o seu murmúrio e o sabio pôde ouvir esse trecho:

— Mundo, por que me condenas, se o dente é perfeito e precisa registro? Bem sei, bem sabes que...

Aqui, o murmúrio voltou de novo á tonalidade primitiva, como um peixe mergulha de novo na agua.

— Gente incompreensível, bem sei, disse consigo o sabio.

Os outros companheiros de quarto eram totalmente silenciosos. Não se comunicavam um com o outro e — quem sabe? — nem com eles próprios. Raramente se erguiam da cama. Viviam imóveis, sem olhar para nada: imediatamente Antisthenes se interessou por eles e qualificou-os como "vegetaes".

A' hora da recreação, quando todos os doentes se reuniam num amplo pateo, sob uma vigilância disfarçada, Antisthenes se julgava num outro mundo. Centenas de individuos exquisitos, cada um com um ponto de vistas mais disparatado e divergente possível, se aglomeravam conversando absurdamente, uns consigo mesmos, uns com outros, uns com pessoas ou coisas inexistentes. Creavam assim um atmos-

férea de um mundo novo para Antisthenes. Sentia-se ali muito constrangido e sempre que lhe nascia um desejo de interpelar aqueles seres para estudá-los, recuava com um pavor frio e fundo, desconhecido por ele até então. Como iniciar o estudo? Até agora, decorridos já dez dias de estadia entre os infelizes, só pudera concluir que aqueles individuos eram pobres criaturas transfiguradas e estranhas ao resto da humanidade. Apenas isso. Mas, idéias que pudessem definir claramente e classificar o espirito daqueles miseros, idéias imensas como as que ele havia engendrado no seu genial estudo sobre os "homens maus" e os "grandes amourosos" nem sequer ameaçavam a sua mente paralisada pela emoção e pela perplexidade.

Um dia, porém, supoz ter encontrado o fio da meada capaz de o conduzir á difícil finalidade que fervia em sua mente. Aconteceu isto numa das ocasiões em que aquela estapafúrdia humanidade se aglomerava no pateo de recreação, entregue ás suas misteriosas elocubrações e desconexas palestras. Os doidos, nesse dia, estavam no auge das suas manias e a sua tragedia era tão expansiva e intensa, que chegava a esbarrar no comico. Até o diretor, depois de ter recomendado severamente a um grupo de estudantes de medicina para que se mantivessem sérios deante dos doentes que lhes ia apresentar em aula, rira-se, ele proprio, estrondosamente, ao apresentar-lhes o primeiro louco! Não conseguira manter sua gravidade perante as incríveis facecias do infeliz...

Dizia-se que era efeito da lua cheia, expressão que fazia Antisthenes descer o labio com desprezo. O filosofo, havia já algum tempo tinha a atenção voltada para um jovem de olhar brilhante e cabelo espesso, espantosamente eloquente. Divagava no pateo com os braços erguidos, a falar ininterruptamente, com uma impressionante solenidade na voz. Pedia cigarros, recitava versos sonoros, exaltava o amor patrio, tudo numa desordem e confusão impenetráveis. Parecia porém gostar mais de dizer versos condoreiros porque era neles que a sua infatigável grandiloquencia se detinha mais tempo. Eram versos de Castro Alves, confusamente entremeados de versos de Guerra Junqueiro e de Camões e versos dele — sobretudo dele. O sentido era indecifrável; os versos se quebravam no meio para se misturarem com as mais variadas expressões e perder-se num rodameinho sombrio:

*Dansam as armas dos varões assinalados
Volteando em turbilhões encapelados
Por tudo o que no peito escrito tinhas
Eram lembranças e saudades minhas
As ondas invadiram o topo do tablado
Mordendo tudo num espumar arrepa-*
[nhado.]

Vivamente interessado, o sabio se aproximou e perguntou-lhe:

— Quem é você?

O moço recuou e riu-se:

— Eu? Não sabes? (Riu mais e fez mesura). Em sua presença está o poeta Flores, ex-estudante da Universidade. Quer dar-me um cigarro, meu senhor?

— Daria com muito gosto. Mas não tenho.

Todavia, completamente esquecido de cigarros, o jovem poeta já estava falando em edificios e em montanhas. De repente, interrompeu-se para se aproximar confidencialmente do sabio e dizer-lhe ao ouvido:

— Olha, vou lhe fazer uma confissão.

O sabio susteve a respiração, emocionado. Pensou que ia emfim conhecer um mundo novo, um mundo até então sombrio e virgem. Sim, não havia duvida de que tudo se ia esclarecer, pois um louco ia abrir-se com ele e revelar-lhe as coisas extraordinarias que se passam no espirito envolvido pela noite eterna. Flores disse:

— Eu estou amando, sabe, meu senhor?

O semblante de Antisthenes acendeu-se numa beatifica alegria. Com prazer, ia percebendo que o eloquente moço estava agora liberto do domínio da confusão; desse subito milagre adviriam surpreendentes revelações sobre o sentimento amoroso dos loucos.

— Quem é ela? inquiriu o filosofo atenciosamente.

— E' Leticia, que também mora nesta casa, quarto 26, pavilhão de mulheres.

— Desde quando se amam?

— Ha um ano, exatamente. Ela me atrai bilhetes escritos em versos, quando desfilamos rente ao muro que nos separa das mulheres.

— Que lhe escreve ela? Deixa ver.

Tremeram os dedos de Antisthenes ao segurarem a papelada velha que

Flores lhe estendeu, sorridente. O sabio ficou suspenso, perguntando a si mesmo se ali não estariam escritas sensacionais revelações para o mundo científico... Leu um dos papéis, que dizia:

*Vem, ó Poeta
A porta é secreta
Passa por ela
E verá tua bela.*

a) Leticia Serafim dos Céos

A' medida que ia lendo os outros bilhetes crescia a sua perplexidade, seus olhos tremiam e viam tremer centenas de versos obscuros e estrepitosos, ora como gargalhadas, ora como gritos de dor; as rimas disparatadas saltitavam, numerosas, fecundas, chocalhantes, sem nexos, sem motivo e sem fim... Este era um verso que começava convidando para um idílio amoroso e terminava bruscamente numa indecifrável confusão de expressões; aquele outro era um poema que descrevia dois amourosos envolvidos por um rodameinho de poeira cujos grãos minusculos "não passavam de soldados de uma guerra monstruosa". Um outro contava a odisséia de uma infeliz internada (a propria Leticia, talvez) que se dizia cruelmente maltratada pelas freiras, "a ponto de já não ter mais vicerias, tantos eram os injustos castigos que sofrera".

— Quem sabe se tudo isso não terá um sentido comum? Póde ser um conjunto de idéias que para nós, são, parecem estar na ordem inversa quando para eles, loucos, estão em diretissima ordem.

Eis aí como pensou Antisthenes. Satisfeito com essa conclusão, julgou-se em boa pista. Mas a sua meditação grave foi interrompida subitamente por Flores que lhe disse, fazendo uma reverencia:

— Quer dar-me um cigarro, meu senhor?

— Já lhe disse ainda ha pouco que não tenho.

— Ah, sim, proibem-nos o amor, disse o moço, já esquecido de cigarros.

E, olhos acesos outra vez, ergueu os braços e poz-se a declamar furiosamente em italiano...

— Humanidade exotica, pensou Antisthenes. Como poderia eu compreendê-la?

— Fazendo parte dela — disse-lhe uma voz intima, que ele não quiz ouvir e abafou com artificios de pensamento.

A' noite, viu-se uma lua deveras cheia, tal qual o havia afirmado a superstição geral. As montanhas dos arredores, amenas e poeticas, contrastavam com a inquietação reinante naquella casa tragica de transfigurados. No corredor fatidico ressoavam centenas de gritos, risos e lamentações. Ah, esse corredor... Era uma cloaca onde iam ter os mais horrorosos excrementos do espirito humano.

— Olá, passante! Tenho comigo uma carta para o sr. Presidente. Quer levá-la á Metropole?

— Baroneza! Baroneza! Um momentinho só. Por favor. Venha, que eu preciso da sua augusta influencia. E' capital.

— O raio, meu Deus! O raio! O raio!!!...

— Onde está o meu violino? Tragam'o, patrão azarento.

— E o meu cesto? Com a breca! Diabos.

— Aqui, tudo é Central. E o Centro das coisas sou eu.

— Bandidos! Roubaram o meu violino!

— Pum, pum! Um tiro. Quem foi? Ora, eu mesmo!

Tudo iso era dito, ou melhor, gritado, a um tempo só. Resultava um pandemonio atrozador, onde se sobressaliam os gritos espantosos de um alcoolatra:

— O raio! O raio!!!... Esborracho-o!!!...

Deitado em sua cama, Antisthenes meditava, olhando para a restea de luar que cortava a treva da cela. O sujeito comprido e delgado murmurava o seu surdo e eterno palavrorio. Os cinco sujeitos silenciosos permaneciam tranquilos como mortos.

No perfil sublime do sabio lia-se a piedade e a tristeza, sentimentos que nele despertavam, toda a vez que se punha a refletir sobre a humanidade. "Oh, condição misera..." pensava. "Por que ha de ser sempre misteriosa a desgraça que nos envolve? De onde vem? Havemos de ser toda a vida esses titeres incapazes de vencer o destino?...". Nesse momento, uma vozita abafada lhe chegou aos ouvidos:

— Quer dar-me um cigarro, meu senhor?...

— Flores! exclamou o sabio, olhando em redor. Onde está você?

— Aqui no corredor, do outro lado da porta, respondeu a voz.

— Fugiu então do seu quarto, rapaz? Que deseja? Quanta vezes não lhe disse que não tenho cigarros?...

A voz de Flores se tornou meiga: — Eu quero ver Leticia. Marquei um encontro com ela. E' o primeiro!

— Que diz?

Antisthenes não o via, mas sabia que estava suspirando...

— Um encontro com Leticia, repetiu o poeta, com voz mais suave ainda. — Ela atirou-me hoje um bilhete, marcando um encontro, no muro do pateo. Bilhete em verso, hein? (Riu mais do que estas palavras exigiam...).

— E quando vai ser essa entrevista? indagou Antisthenes, com a sua curiosidade científica.

— Não falta muito. Alguns minutos.

— E que deseja de mim? Que tenho eu com isso?

— Quería dar-lhe a boa nova. Estou tão contente! Adeus, velho...

Pouco depois, voltou a dizer:

— Quer dar-me um cigarro, meu senhor?

Ao que parece, não esperou mais para ouvir o sabio manda-lo aos infernos. Os gritos continuavam inquietantes, chocando-se como ondas bravias no corredor. Durante a conversa do sabio com o poeta maniaco, os companheiros de Antisthenes haviam permanecido indiferentes; mas Antisthenes, depois daquela conversa, enrugara seriamente a testa e não pôde mais encontrar socego para a meditação.

— Como será essa entrevista? — maquinava, inquieto ao extremo. O que sucederá entre os dois amourosos? Como se tratarão mutuamente no idílio? Como ha de ser o amor nessa outra especie humana?

Nesse instante, impellido por um brusco lampejo de espirito, saltou da cama e:

— Não ha duvida! gritou, exaltado. — Vou lá! Quero ver como vai ser o idílio! Vou lá! Vou lá!

Transfigurado, arremessou varias vezes o proprio corpo de encontro á porta, até arromba-la com grande ruído. Irreconhecível, os olhos frementes e enrubecidos, cabelo e barba revoltos, atirou-se pelo corredor á fóra, em furiosa carreira. Atravessou o corredor, assediado pela tempestade dos gritos, ganhou o parapeto da janela e saltou, caindo de bruços no pateo branco de luar. Afobadissimo, ergueu-se e a gritar continuamente "vou lá! vou lá!" poz-se a correr em direção ao muro.

A lua, perfeitamente cheia, não tinha uma unica falha no seu contorno afiado e afugentava a treva com uma alvura impressionante. Antisthenes olhou em volta, atentamente, resfolegando. A principio, só conseguiu divisar as sombras do muro e da arvore, nitidamente impressas no solo, como em dias de vivo sol. Entretanto, a pouco e pouco, foi discernindo uma sombra humana deslocando-se rente ao muro. E aos seus ouvidos chegou a voz meiga de Flores, que chamava: "Leticia... Leticia..."

O sabio fez corpo com o tronco da arvore, para observar sem ser visto. Passado um curto silencio, uma voz feminina respondeu, do outro lado do muro, cantando:

*E' ele, é ele, oh, sim!
Meu poeta já veio, oh, sim!
Meu jardim te pertence, oh, sim!
Não chiores mais por mim, oh, sim!
Abre a porta secreta, oh, sim!*

— Que romance! — exclamou o sabio consigo. Quanta intensidade nos sentimentos!

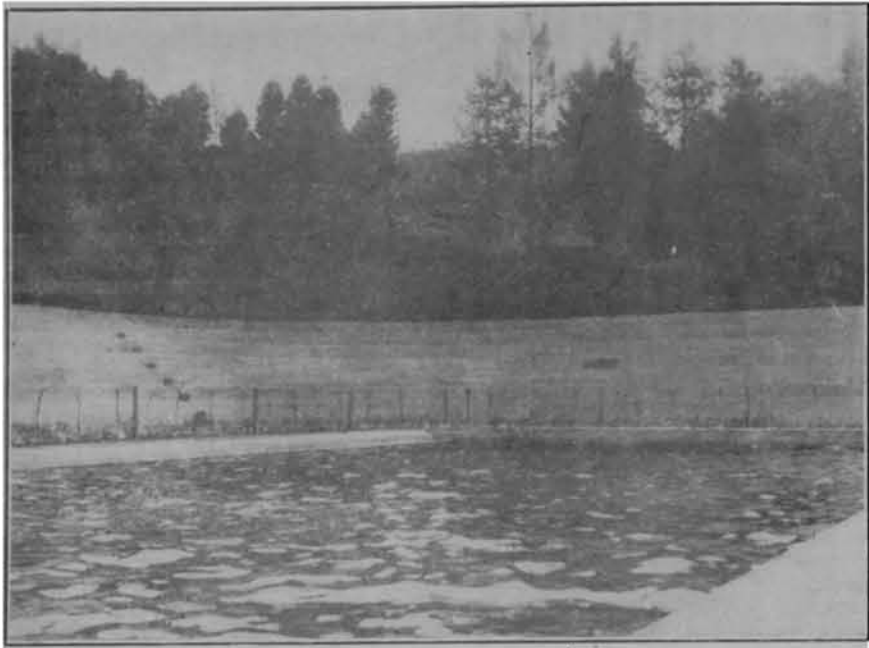
E continuou a espreitar o idílio.

Agora, Flores e Leticia guardavam silencio. Embeber-se-iam em mutua contemplação? Estariam seus sentidos envolvidos nalgum esplendido extase, jamais conhecido pelos entes normais? A lua atingia o mais alto da abobada; as estrelas, ante aquele apogeu, cintilaram com mais alegria. E o coração de Antisthenes batia com força, como se fosse ele o amoroso.

De repente, tudo se modificou de maneira inesperada e brusca. Flores começou a declamar sua infinita torrente de versos condoreiros, enquanto Leticia, do outro lado do muro, iniciava a sua cantilena de estrofes infelizes. Desapontado, Antisthenes saiu do seu posto de observação, com o fito de acalmar aquela excitação. Mas deteve-se, ante uma nova surpresa.

Chegou-lhe aos ouvidos um ruído de balburdia demoniaca, vinda do corredor. Pareceu-lhe que centenas de portas vinham abaixo, arrombadas por uma turba enfurecida... Não se enganou, porque momentos depois, como fumaça tumultuosa de boca de chaminé, uma fileira de loucos se despejava de uma porta e se derramava no pateo, que de branco de luar ficou todo negro de sombras humanas. Era de se ver o frenesi daquela multidão agitada. Atiçados talvez pela lua, puzeram-se todos a cabriolar, a fazer monices horribéis e grotescas. Redobram os gritos, que se transformaram em crises de gargalhada; as vozes, que se tornaram uivos selvagens e os lamentos, que se

(Continúa na pagina 16)



Piscina do C.A.O.C. com arquibancadas



As novas arquibancadas da piscina

A outra espécie humana

(Continuação da pagina 15)

tornaram vagidos animalescos. O sujeito que costumava chamar por uma Augusta baroneza, chamava agora por "um rei, mesmo que fosse um deus". O que se dizia possuidor de milhões, vociferava agora que "a terra, o ar e os mares eram dele, só dele". Aquele que afirmara ser o Centro das coisas, gritava aos quatro ventos ser então o Centro do Universo. E aquele terrível alcoolatra, não cessava de ensurdecer a todo o mundo com seus gritos titânicos de "raio! raio!!!" Flores, completamente esquecido do idílio, continuava entoando os seus versos oceanicos, enquanto a vozita de Leticia proferia numerosas sandices rimadas. Imagine-se que até os cinco individuos silenciosos já diziam coisas que se pudesse ouvir!

Atordoado, o sabio sentiu esvair-se-lhe todas as esperanças de estudar aquele povo. Tentou ainda falar com alguns, mas ninguem o olhou sequer. Dansavam furiosamente em redor dele, empurravam-no, cuspiam-lhe em cima. "Onde a logica?" perguntava a si mesmo, enquanto os loucos faziam do seu corpo um juguete. Quasi o asfixiaram. "Quem sabe se me repelem por presentirem que sou um normal?" pensou ele então.

Subito, quando a sarabanda de loucos atingia a um desesperado paroxismo a esbrânquçada luz da lua cessou de espalhar-se sobre aquelas cabeças endemoninhadas, e raios possantes de holofotes feriram como espadas a docura da noite, ao mesmo tempo que ressoaram apitos agudos vindos de todos os cantos do pateo. Botaram magicamente numerosos vultos de guardas e enfermeiros severos, que numa linguagem rispida, começaram a dar ordens coletivas á infeliz turba, como se tratassem gado rebelde. "Entrem! Vamos! Entrem!" vociferavam, imperativamente. E empurravam os grupos compactos, quasi amassados, para a porta: "Para dentro! Depressa!" E o alarido se engrossava.

Todavia, passado um quarto de hora, achavam-se todos recolhidos a não ser uma meia duzia de exaltados, a quem foi preciso amarrar e dar morfina. Ofegante, Antisthenes procurou a sua cama e poz-se a pensar com tristeza na inutilidade do esforço dos cerebros saos, em face dos cerebros doentes. Os cinco silenciosos calam de novo na inercia, enquanto o sujeito comprido e delgado ruminava o seu eterno murmúrio.

Em dado momento, quando tudo parecia retomar a calma habitual, Antisthenes ouviu um ruído na porta. Esta se abriu e entraram na cela dois homens que o sabio reconheceu. Um era o enfermeiro e outro o medico.

— Aquele — disse o enfermeiro apontando Antisthenes ao medico.

— O velho? — disse o medico admirado. De onde tanta força para provocar tamanho disturbio?

Esquecendo-se de que representava papel de louco, Antisthenes julgou-se com o direito de justificar sua conduta. Com esse intuito, adeantou-se para o doutor e começou a dizer-lhe, gravemente:

— Eu pretendia observar...

O doutor voltou-lhe as costas e disse ao enfermeiro:

— Faça-lhe duas morfina.

Tempo depois, uma comissão composta de amigos e admiradores da obra de Antisthenes, requereu ao diretor do Hospicio a liberdade do sabio, assumindo inteira responsabilidade pelo que succedesse depois.

— Mas ele peorou ultimamente, observou o diretor.

Nesse momento, entrou o sabio na sala. Sua expressão, apesar de abatidissima, conservava ainda os traços sublimes dos que vivem inteiramente pela intelligencia e pelo espirito. Como houvesse escutado as ultimas palavras do diretor, teve impetos de responder-lhe com uma satira, mas logo se conteve e retornou ao seu posto de mero observador do genero humano.

Ao ve-lo, os homens da comissão se curvaram respeitosamente (o que motivou grande espanto do diretor) e lhe ofereceram hospitalidade e dinheiro.

— Agradeço-lhes — disse laconicamente o sabio.

E retirou-se, ante o pasmo de todos. Desceu as escadas do edificio fatidico, atravessou o jardim e desapareceu na sombra das montanhas.

Algum tempo depois, surgiu nas livrarias uma nova obra de Antisthenes, a respeito das manifestações do espirito humano. A particularidade mais curiosa desse livro era o capitulo intitulado "A loucura humana", pagina repleta de reticencias, onde não estava escrita nenhuma palavra, tal qual um capitulo do *Braz Cubas* de Machado de Assis.

Fada das ilusões

Era crepusculo de uma tarde quente e macia, que acabava lentamente...

Eu passeava pela praia, olhando para os meus pés nus, lambidos pelos ultimos resquícios daquelas ondas bravias, que num esforço, procuravam acariciar-me com sua espuma branca, meliflua...

Tudo parecia sorrir-me... Tudo procurava agradar-me. O sol ia descambando devagar para me não perturbar, céu escurecia pouco a pouco, para que eu não sentisse de chofre chegada da Noite!

A Natureza me sorria. Eu era feliz no meu Eden de paz.

Não muito longe encantava-me a vista robustez de um massivo rochedo, desafiar o mar a rebater suas investidas com um ruído ironico, sarcastico! Que maravilha!

Que satisfação eu senti, ao sentar-me sobre aquela rocha valente destemida. A minha alma serena, placida e calma, estava a ouvir sentir as caricias da Natureza.

Porém um "que" de insolito começou bailar naquela atmosfera de harmonia: comecei sentir os olhos pesados, os ouvidos caçados e um torpor indefinivel invadiam o corpo que gozava a Alegria...

Uma brisa fresca resvalava meu rosto eu percebi que "alguem" queria me afagar, embriagar ainda mais. Como que, surgida do mar, vislumbrei uma imagem que tomava vulto, com movimentos leves e avizinhava, cada vez mais de perto, eu fixava os seus olhos languidos, seus olhares sedutores... Era a Mulher, a Fada que vinha aureolar minha Felicidade!

Que ternura, que bondade, que beleza se irradiavam daquela imagem encantadora! Era um anjo, a resplandecer de virtudes a incitar cintilante Gloria! Era Ideal...

E... essa Fada me chamava. sim, me chamava!? Os seus braços lindamente torneados, num amplexo enternecedor começavam me cingir, o seu rosto me afagar, sua boca a bafejar os meus labios. Era tudo... Porém, — Tudo "o que"? se minha alma me incitava adormecer com essa visão, morrer com Ela, não mais despertar, para não perde-la?

Mas instinto de homem foi mais forte, venceu-me e á minha alma! Quiz apertá-la, retribuir seus carinhos, faze-la minha! Quiz coroar o meu Ideal, com a força de um Sêr que ama! Quiz mostrar como era Supremo meu Amor!

Porém, ó desdita! Abri mais os olhos... os meus braços ficaram suspensos! A illusão terminara... Do sonho não sobrara nada, a não ser fantasia vaga e doce... nada de realidade. Eu só pudera gozar a illusão, realidade havia sido cruel... Só pudera reter do grande prazer, o resquicio do Mal, da insatisfação, que todo Bem encerra!

Sim, porque neste mundo de homens, tudo é desengano; Bem só existe em nossas mentes ou nas mentes que sonham, em nossos Ideais, e de tudo isso, só nós é permitido saborear Mal, que todos os pensamentos escondem, e que todos os Ideais possuem! O Bem só é a mascara, veu tenue do Mal! Sim, porque quando eu desejara estreitar em meus braços Felicidade, eu só pude ver sentir amargamente, um redemoinho do mar, agua borbulhar e... mais nada!

Do meu sonho de prazeres, só pudera sentir a realidade do desgosto, só pude voltar a mim, para sentir que perdia Tudo, porque no Fundo Tudo é engano, Tudo encerra uma desillusão!

Isto porque "Todo calice cheio dos licores dos Prazeres encerra sempre no fundo o fel das amarguras!"

Só a Desillusão é acessivel ao Homem...

— Eu vira agua borbulhar... mais nada

LIBERATO

O homem esquece os bens que o céu espalha fazendo dele um campo de batalha...

Levantai os olhos p'ro céu infinito, contemplai a beleza que ele encerra, vede como o sol fecundo e bendito esparge o bem pela terra!

Quando coberto está de nuvens turvas, levantai os olhos p'ro céu, creatura e vereis, assim, como brotam chuvas que irão regar a Natura!

Quando o manto da noite negra cai, vamos, os olhos p'ro céu alevantai vede a lua... as estrelas refulgentes jorrando beijos de luz, sorridentes.

O céu é infinitamente bom!

Sim, e vede que de bens nos concede, como é um grande, imenso coração que tudo nos dá e nada nos pede.

No entretanto apesar desses bens, o [homem]

— oh! na mais negra das ingratidões — esquece-os, apontado contra o Céu canos de fuzis, bocas de canhões...

JOÃO CURTI

Nota Social

Será levado a efeito, no próximo mês de Outubro, um baile patrocinado pelo "O Paulistano", jornal dirigido por um grupo de sócios do C. A. Paulistano, o qual acedeu gentilmente em cooperar pela Campanha da Liga de Combate á Sfilis do Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz".

Esse baile está destinado a ter a mais larga repercussão social, e contará com a colaboração de artistas de Rádio e conjuntos musicais de renome.

Um grupo de rapazes e senhorinhas da nossa melhor sociedade se prontificou a trabalhar nessa iniciativa, garantindo assim o êxito desse festival beneficente, cuja data de realização será divulgada com antecedencia.

NOITE FELIZ

(MOMENTOS DE UM BAILE)

Para E. D. M.

Decorria festa animada. Muita gente. Alegria. Música. Moças bonitas e perfumes tentadores. Olhares que se cruzam. Paira no ar felicidade potencial. Tudo é moço vivo. O jazz com seu ritmo doentio perturba os corações. A luz como sempre... indiscreta. Ia tudo alegre feliz quando cheguei. Percorri o salão vi centenas de carinhosas. Umhas ávidas de felicidade, outras felizes outras, ainda, indiferentes. Continuei percorrer o salão. Buscava, talvez, alguma cousa que estava destinada para mim. Como que sentindo uma chama ardendo não podia parar. Eu estava de olhos irriquiotos, de ouvidos afinados, tudo como se fosse encontrar a dona felicidade.

Entro numa roda de moças sinto um olhar diferente dos outros. Não sabia explicar o que era. Senti aquele olhar marcar-me por dentro. Sangrei internamente. Como que abandonando luta, fugi ferido. Afastei-me de onde estava aquele olhar, para mim, pungente. Continuei a percorrer o salão. Aproximo-me de outra roda. Nesta, como que misteriosamente, senti, novamente aquele olhar. Era muita coincidência! Ao invés de fugir como na primeira vez, resisti fiquei. Talvez fosse aquilo que eu esperava encontrar: um pouco de felicidade.

Dancei com dona daquele olhar. Dançamos muito e muito. Nossos olhos se chocaram por muitas e muitas vezes. Comecei a falar e só depois é que percebi que aqueles olhos eram aqueles que eu buscava. Quasi chorei de alegria! Senti, novamente, que aquele olhar tinha qualquer cousa de felicidade. Senti-me outro. Dentro de mim palpitava qualquer cousa completamente desconhecida. Senti-me diferente de toda a minha vida. Continuei falando sempre olhando para aquele olhar doce cristalino "como assucar candi". As horas correram eu percebi, pela primeira vez, que estava amando. Senti que tinha encontrado no mundo aquele sêr desconhecido que para mim devia ter nascido. A festa terminou ficou, além do mais, saudade de uma noite feliz.

N. N.

P. Maggi & Cia. Ltda.

Fabrica de Cordas e Barbantes

Anúncios Comerciais

Vende-se uma cabra. Euripedes.

Compro, por qualquer preço, algum preparado químico ou hormonal que faça escurecer a pele e os cabelos. Cartas a Yhan.

Interessando-me pela seca do nordeste brasileiro compro livros sobre o assunto. Cartas a Feres Secaf.

Vendo uma farda de 3.º sargento de cavalaria. Tratar com H. Mazzilli.

Procuo livro ou método para aprender a nadar. Julio Croce.

Troca-se um uniforme do exército da salvação por uma camisa de malandro. Luiz Rey.

Comunico que já se acham expostos os últimos modelos de colarinhos vindo da Europa. Olivério Graciotti.

Procuo com urgência máxima um professor de dança. Tede Eston.

Emprestam-se figurinos de alto grau. Procurem com o Ary.

Vende-se um possante "chicotão". Queijo no 6.º ano.

Vende-se queixo para tornear cano. Cartas ao Fortes.

Compra-se dentadura de segunda mão mas que esteja em bom estado. Cartas ao Lucas.



Vende-se um sino já usado. Cartas ao Pierro (Zé da Placa).

Procura-se "bôa" empregada. Cartas ao sr. Sergio Hornstein. Paga-se bem.

Vendo sapato usado, tamanho 37, bico quadrado e fantasia. Negócio urgente por motivo de necessidade!!! Cartas à Maria Aparecida.

Vende-se para qualquer fim apostilas velhas de Zoologia. Preço 80 réis o quilo. Cartas ao Paulo Correia.

Vende-se um par de ligas para senhora. Preço de ocasião. Cartas à Juracy.

N. N.

A FONTE LUMINOSA DE UBERLANDIA

OU

(OS MARGARIDOS FORAM A' FONTE)

Um dos fatos que serviram para marcar a estada de nossa caravana em Uberlandia, nos fará lembrados por muito tempo, foi o banho... á fantasia (pois ficamos coloridos) que tomamos na Fonte Luminosa, no bellissimo jardim do centro da cidade.

Foi ele a bola errada, mais acertada, a mais divertida da caravana. Serviu para lembrar que somos estudantes alegres cheios de vida. Demonstra que esta sizerde, esta reserva que tão bem caracteriza os estudantes de nossa faculdade, é apenas uma mascara. Atraz dela se esconde um temperamento bastante sensível jovial como de todos estudantes.

E' sob esta mascara carrancuda que recalamos toda nossa vontade de ser como os outros jovens, de viver, sorrindo para a vida, de quem mais tarde seremos os maiores defensores (na luta contra a morte...) Algumas vezes, porém, quebra-se encanto vem á tona um senso humorístico nunca jamais suspeitado. E' esta explicação do banho na fonte. Não fizemo-lo com intuito de espelhar, de diminuir a linda e culta Uberlandia, justamente cognominada Princesa do Triangulo Mineiro.

Tambem não achamos os uberlandenses com cara de selvagens, como disse cronista mineiro comentando fato, muito pelo contrario. Não tivemos intenção alguma, foi uma coisa espontânea, irrefletida, imprevista, aí está toda a poesia, todo encanto do espetáculo, que se passou mais ou menos assim:

— Jogando com um esquadrão mais coêso forte, nosso time sofreu uma dura derrota. O pobre Barreto nem viu de que cor tamanho eram as quatro bolas que enguliu. Com uma assistência camarada pra cachorro, chamando-nos de carrozeiros para cima, isto é, para baixo, numa cancha que mais parecia um deserto saariano, não podiamos esperar outra coisa. Quando os adversarios fechavam sobre o nosso gol, tamanho era o pó que se levantava que desapareciam os jogadores. Quando Barreto acordava já tinha engolido a pelota.

No fim do jogo ao dissabor da derrota se juntava um gosto horrível de pó na garganta boca e nariz, (até parece oto-rino), que entupidos produziam uma sensação asfixiante.

O desejo unânime da turma era um bom refrescante chuvisco. Chegamos ao hotel ó desesperal nem uma gota de agua havia. No majestoso jardim em frente ao jardineiro regava placidamente seus felizes canteiros com um bom esquisito. Recorremos a ele mas não ficamos satisfeitos. Foi então... que Trapé teve uma idéia genial vendo Fonte. E' esta legítimo orgulho, uma maravilha arquitetônica, um verdadeiro calo de estimulação do dedo minguinho do pé esquerdo. E assim, nas aguas

azues daquela fonte, virgem ainda do contato humano, nossos masculos corpos de Apolo se deliciaram. O Trapé foi o primeiro mergulhar. Em seguida, Barreto, valoroso keeper, num assomo de coragem, contrariando o seu costume tradição mergulhou tambem, mostrando ser um verdadeiro pato.. logico, é a primeira vez que tomou um banho na vida. Esta feçonha temeraria lhe valeu um valente resfriado. Quanta patologia meu São Joaquim. Até Tranquesi, imaginem só, tomou banho na praça (como deve ter ficado aquela pobre agulha?!), mas, com uma bruta paura de encontrar uma piranha!!! Vejam só! Naquele azul, sereno infeliz lago! Que calunia.

Passados os primeiros momentos de espanto, até os peixes invejaram nossas habilidades natatorias.

Nisto chega correndo, a alma a sair-lhe pela boca, guarda, illustre descendente ariano, gritando-nos: — "que é isso moços, que é isso?!" Imergindo levemente cabeça, o Trapé responde-lhe, interrompendo o seu delicioso banho:

— Não ha de ser nada amigo. Nós temos ordem do Delegado. Hoje é nosso o dia, dia da despedida.

(Interessante seria lembrar aqui que nós deviamos ter tambem o nosso dia, assim como os estudantes de direito têm famoso "Dia dos Penduras", 11 de Agosto. Um dia especial nosso, em que pudessemos ao menos... tomar banho numa fonte luminosa).

Nesta altura já se aglomerava muita gente uma turma de lindas frageis garotas, ao redor da piscina improvisada, semi divertidas espantadas comentava mo inédito do espetáculo. Um uberlandense dizia: — **Esses datô tão pensando que essas agua é minerár. Eles vão ficá colorido.**

Mais tarde, como era de se esperar, um bom sabonete... na delegacia ficou terminado completo banho. Terminou de uma maneira incrível no baile. Dêmos um hurrah um pique-pique ao Delegado, que nos confessou discretamente: — "Foi feio, mas foi gosado...?!" E nos pagou uma bela cervejada de confraternização! E assim, que parecia acabar em tiros facadas terminou com Nicodemos, pique-piques, esqueleto da Faculdade, chelunhas e risca-riscas ao Delegado, á Uberlandia, ás belas uberlandenses, etc. Cantando — **O! Que belos companheiros, como bebem tão ligeiros.** — lindos copazios de cêrveja iam descendo... na conta do seu Delegado!

Desta maneira se encerrou famoso caso. Encerrar-se propriamente não, pois ele vai ficar gravado nos anais de Uberlandia, nós, os banhistas, já temos alguma coisa para contar aos nossos netos e amigos.

F. CHAMMAS

Pelo Tacape

NÃO ME FALEM "EM" CARAVANAS..

Por um arranjo, tôdo especial, do popular Barreto, esteve em Franca nos dias 7 e 8 passados, uma caravana de nossa Escola. Os acadêmicos foram convidados para pelegarem com a A. A. Francana, daquela progressista cidade. Os "passes", foram cedidos pela diretoria da E. F. Mogiana e pelo cap. S. M. Padilha — diretor geral de esportes do E. S. Paulo.

A ida efetuou-se num ambiente de jogatina, de alegria e de riso.

Como o numero de acadêmicos superasse o estabelecido pelos passes, precisou usar-se de técnicas de prestidigitación estudantina, para ludibriar o chefe do trem.

Quando este deparou com o Faria debaixo do banco, perguntou-lhe: quem está aí? E' o saco de roupas, respondeu o calouro atemorizado.

Como o chefe não se persuadiu de que havia "tapeação", largaram o "beigão" Trapé prá cima dêle, este acabou fugindo, dizendo: "não me beije, pelo amor de Deus! Eu tenho mulher e filhos"...

Em Ribeirão, ajuntou-se a nós o professor Maciel, especialista em mulatofilia... O chefe do trem foi substituído por um outro que era caólho. Quando êle fez a contágem achou um excesso... e para restabelecer a ordem da ferrovia, puséram o Isaias na frente dêle. Os dois começaram a discentir porque um imitava o outro.

Acabaram se pegando e a contagem ficou esquecida. Nisto, o Isaias foi acordar o Tranca, dizendo-lhe!

— Levanta prá cuspir. Resultado, o Tranca cusparou-lhe na cara. Quasi saí tapa. Neste lufa-lufa, surge Franca. Gritos. Risos. Piquê-Piquês. Auto-

movel. Hotel. Banho. Comidas e visita á cidade.

A' tarde jogo de Bola ao Cesto — vencêmos — dêram-nos um baile triste.

No dia seguinte, visitas. Jogo de futebol á tarde — perdêmos, baile alegre.

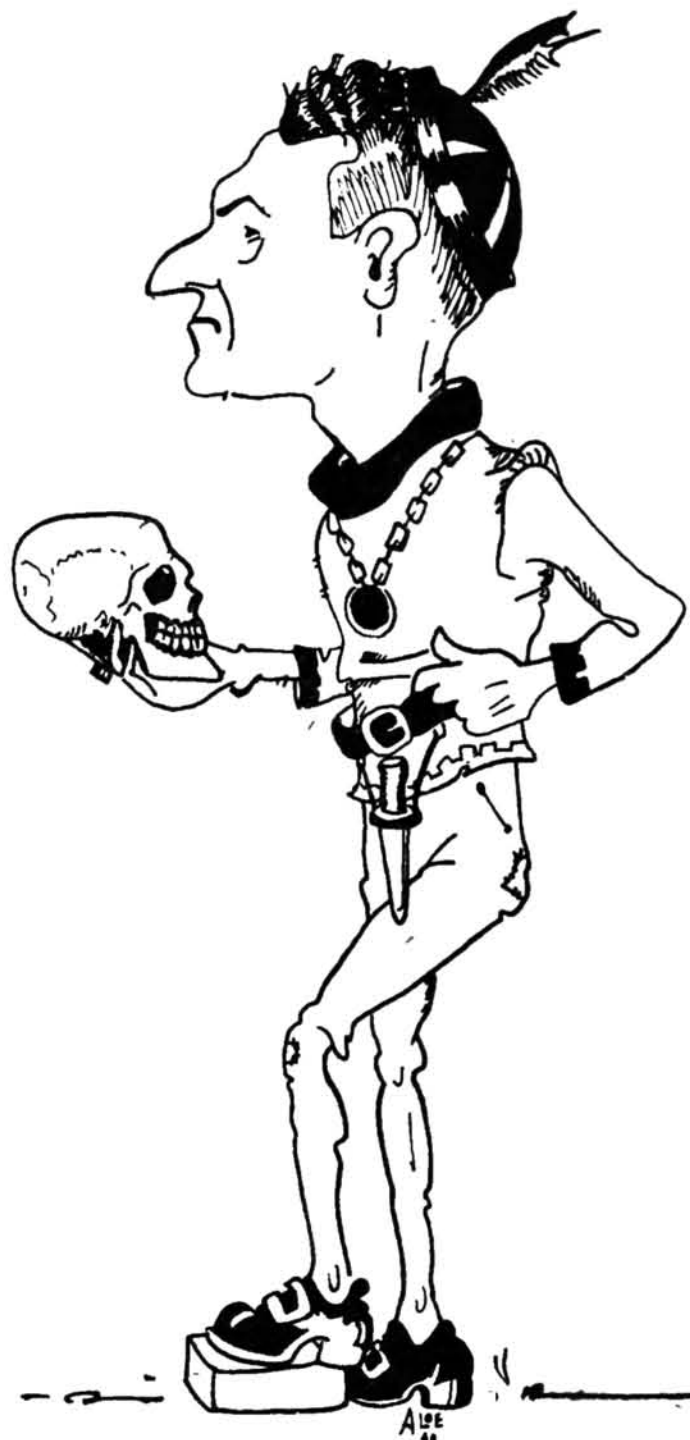
O "Filho da coruja" — o Thiago e o Trapé se excederam e acabaram sendo jogados na rua.

A's 4,30 horas da manhã, partida de retôrno. — Notou-se a falta do "garôasinha". Procura-se-o pela cidade e encontraram-no nês braços, de um "broto", dizendo lorôtas como estas:

"Não pôsso, meu bem! Eu sou vítima de um sádico Andreotti — como o Karmann o é do Mesa. Não o amo, mas não pôsso largá-lo. Sou dêle". Pegaram-no á força e levaram-no para a estação. O trem parte, o Trapé esfrega o mico e o Tavares lhe pergunta se êle digere ou não a comida... Voltam quebrados. Só o Barbosa está contente. Limpou o Martinez e o Isaias, que estão chateados. Volta triste, alegrada apenas, por u'a mulata que se engraçou com o Varella e lhe disse:

Eu gosto de S. Paulo. Quando lá vou, me hospêdo no Jardim America, e danço no Harmonia. E você, onde mora? No Brás, responde o velho. A mulata desandou para o Mesa mas o Karmann deu o estrilo e quem lucrou foi o negreiro Martinez e o professor de mulatofilia. Barreto descontente com as 3 bôlas que enguliu, meteu a lenha no seu immediato Trapé e no zelador Thiago. Por acinte deixou a turma no Juqueri. E assim foi esta alegre, esportiva caravana, da qual até o Zé Lopes gostou...

TO BE OR NOT TO BE



Alça intestinal ou glomérulo?

Faculdade de Medicina da

XIV — IX — MCMXL

Reitor da Universidade de S. Paulo: DOMINGOS RUBIÃO ALVES MEIRA
Diretor da Faculdade de Medicina: LUDGERO DA CUNHA MOTTA
Secretario: DOMINGOS GOULART DE FARIA
Professor em disponibilidade: PEDRO DIAS DA SILVA
Professores aposentados: ADOLFO C. LINDENBERG e A. C. CAMARGO

CORPO DOCENTE PROFESSORES CATEDRÁTICOS

(o)
ANATOMIA (Descritiva e Topográfica)
RENATO LOCCHI

Nascido e formado em S. Paulo, em Medicina e Farmacia, sempre trabalhou com o professor Bovero, ao qual sucedeu em 1937, na cadeira de Anatomia descritiva e topográfica.

Tem representado o Brasil em Congresso de Anatomia e Antropologia, sendo que no III Congresso Internacional de Anatomia de Amsterdam (1930) foi o unico representante de toda a America Latina.

Publicou até agora, entre outros, os seguintes trabalhos: Ossificações tenoriais, peritrigeminais e suprapetrosas no cranio humano, contribuição ao estudo da eminencia suprauditiva no cranio humano, M. sternoclavicularis superior e M. sternoclavicularis anterior, veia cava superior esquerda no adulto, situação do apêndice vermiforme em relação ao eco em diversas raças humanas. Sobre um caso de poliodontia no homem, Observations sur le "musculus diaphragma" che le "Bradypus tridactylus", Sur les plicae palatinae transversae "chez diverses races humaines", Pesquisas de anatomia étnica sobre o m. sternalis, "Torus longitudinalis" et "sulci longitudinalis" dans la langue humaine (em colab. com Bovero), Verificação experimental da inervação motora da porção cervical do "musculus platysma" no "Tamandua tetradactyla", Pesquisas de anatomia étnica sobre os nervos frenico e parafrenicos, Recherches anatomocomparatives sur l'appareil suspenseur de la plèvre, Ensaio de morfologia dos cornetos etmoidais em negros e mulatos e em fétos gêmeos, Questões gerais e observações pessoais relativas à anatomia das arterias do "corpus striatum" humano, etc.

(o) QUÍMICA FISIOLÓGICA

JAIME ARCOVERDE DE ALBUQUERQUE CAVALCANTI

Natural de São Paulo, formou-se pela Faculdade de Medicina de S. Paulo, regendo desde 1933 a cadeira de Química Fisiológica em substituição do prof. Guilherme Bastos Milward, a quem sucedeu.

Trabalhou com Folin nos Estados Unidos, e há mais de 2 anos encontra-se na direção do Instituto Butantan.

Possúe diversos trabalhos, entre os quais podemos citar estudos sobre dosagem de uréia no sangue pelo método de urease, sobre calculo do pH no sistema quinidrona-calomelanos, etc.

(o) PARASITOLOGIA

SAMUEL BARNSLEY PESSOA

Nasceu e formou-se em S. Paulo.

Ocupou a cadeira de Parasitologia em março de 1931 sucedendo a Lauro Travassos.

Em Paris trabalhou com Brumpt e em Hamburgo fez um curso de Medicina Tropical.

Dentre mais de uma centena de trabalhos seus destacam-se estudos sobre anquilostomose, leishmaniose e malária.

E' professor "honoris causa" pela Faculdade de Medicina de Pernambuco.

(o) HISTOLOGIA E EMBRIOLOGIA **CARMO LORDY**

Nascido em Potenza (Italia), formou-se pela Faculdade de Medicina da Bahia.

Na Faculdade de Medicina de S. Paulo foi substituto das cadeiras de Anatomia patológica, Microbiologia e Histologia. Foi catedrático de Microbiologia e em 1926 ocupou a cadeira de Histologia, substituindo o professor Bovero.

Trabalhou com Aschoff em Friburgo e com Habersfeld em S. Paulo.

Possúe trabalhos sobre blastomicose, actinomicose e linfogranuloma maligno (este em colaboração com Habersfeld). Em Histologia estudou ovos humanos em fases precoces, descrevendo 3 exemplares, de 15, 18 e 19 dias (Vi, Gua 2 e Gua 1). Possúe ainda estudos sobre embrioma do ovario, celulas intersticiais do ovario, pancreas aberrante e sobre glioma do peritoneo.

Publicou recentemente com a colaboração de J. Oriá e T. Aquino "Embriologia humana e comparada" que tem recebido os maiores elogios quer dentro ou fóra do país. Assim, Henckel, do Chile, a considera entre as melhores existentes.

(o) FISIOLOGIA

FRANKLIN A. DE MOURA CAMPOS

Nasceu em Tietê (S. Paulo) e formou-se pela Faculdade de Medicina de S. Paulo.

Ocupou a cadeira de Fisiologia em 1929, sucedendo a Cantídio de Moura Campos.

Trabalhou com Cannon e Anderson, nos Estados Unidos, e com Lapique, em Paris.

Publicou "Manual prático de Fisiologia (1929)", "Tratado de Fisiologia", vol. I, 1933, em colaboração com J. Dutra Oliveira e O. Paula Santos. Elaborou o capítulo sobre a Fisiologia humana do livro "Aspectos da Cultura Norte-americana". Recebeu medalha de ouro e diploma pelos seguintes trabalhos premiados: Contribuição ao estudo da ação farmacológica da "Fava Tonka" sobre o sistema muscular, Critério metabólico nas endocrinopatias, Experiencias em endocrinologia e Vitaminas.

Tem mais de uma centena de trabalhos publicados, dos quais cumpre destacar: Inervação da laringe, Ação do sal de Araxá sobre a glicemia (em colab. com Cantídio de Moura Campos), Some conditions affecting the capacity for prolonged muscular works (em colab. com Cannon, Lundin e Walker), Quelques aspects des fonctions motrice et sensitive (em colab. com Cantídio de Moura Campos), A presença do complexo vitamínico B na raiz tuberosa da mandioca, Limiar das fibras hipotensoras e presença de fibras hipertensoras nos nervos pneumogástricos (em colab. com T. A. Cavalcanti), Avitaminose B experimental (em colab. com Cantídio de Moura Campos), Sistema nervoso e avitaminose, Tireoide e metabolismo, Ação de algumas protides, vitamina B e preparados glandulares sobre o crescimento, metamorfose e metabolismo de larvas de anfíbios, Insulina e Tireoide, Ação do timo e tireoide sobre o crescimento, metamorfose e metabolismo de larvas de batráquios. Como exprimir o consumo de oxigenio, Valor nutritivo de alguns dos nossos alimentos, A mandioca cozida e a batata doce estudadas em relação ao complexo vitamínico B, Basal metabolism in tropical and sub-tropical countries, Metabolismo e clima tropical, Avitaminose A experimental ação do óleo de pecan, óleo de capivara e banana nanica (em colab. com O. Paula Santos e T. A. Cavalcanti), Contribuição ao estudo do valor nutritivo de alguns alimentos (com O. Paula Santos e T. A. Cavalcanti), Considerações sobre o valor nutritivo da proteína da ervilha, Papel do fígado na formação de depósito de proteína (com T. A. Cavalcanti), "L'immagazzinamento di proteina da parte del fegato, Novas considerações sobre o valor nutritivo da ervilha, Valor nutritivo de alguns dos nossos alimentos — proteínas, calcio e ferro — (com O. Paula Santos e T. A. Cavalcanti), Cistina e flavina, Vitasterina A e valor energético do óleo de buriti (com O. Paula San-

tos e Camargo Nogueira), Valor energético de alguns alimentos brasileiros (com O. Paula Santos, T. A. Cavalcanti, D. Orsini e Veiga Sales), A coordenação humoral nas respostas cromáticas dos anfíbios (com J. Alves Camargo), Valor nutritivo do cará (com D. Orsini e G. Colonnese), Vitasterina A e valor energético de alguns óleos brasileiros (com O. Paula Santos, C. Nogueira e G. Colonnese), Avitaminose B2 experimental, The effect of nicotinic acid on pelagra like dermatitis in rats (com J. C. Kieffer), Complexo vitamínico B2 em alguns alimentos brasileiros, Amendoim e crescimento (com O. Paula Santos), Vitamina A e purpura visual, Pelagra no rato e ácido nicotínico, etc., etc.

(o) MICROBIOLOGIA E IMUNOLOGIA **ERNESTO DE SOUZA CAMPOS**

Nascido no Distrito Federal, formou-se em Medicina em São Paulo.

Ocupa a cadeira de Microbiologia desde 1926. Trabalhou com Bovero, Habersfeld, em S. Paulo, com Carlos Chagas e Clementino Fraga no Instituto Oswaldo Cruz, com J. Fikert e Mc Callum nos Estados Unidos. Trabalhou com Rezende Puech na construção da Faculdade de Medicina de S. Paulo, fez parte da comissão do Plano da Universidade de S. Paulo e atualmente faz parte da comissão do Plano da Universidade do Brasil.

Tem publicado até agora um sem número de trabalhos, artigos, conferencias, etc., sobre os assuntos os mais variados. Na Faculdade de Medicina de S. Paulo fez estudos e publicou trabalhos sobre blastomicoses, blastomicoses hepato-esplenoganglionar, leucemia monocítica, valor do diagnostico das manchas de sangue especialmente nas leucopatias, doença de Rustizki-Kahler, diversos trabalhos sobre o Trypanozoma Cruzi, molestia de Chagas congenitas experimental, varios estudos sobre molestia de Chagas, contribuição ao estudo da fisiopatologia do timus, etc. No Instituto Oswaldo Cruz publicou trabalhos sobre balantidiose, disenteria balantidiana, e inúmeros e importantes trabalhos sobre o Trypanozoma Cruzi; no Johns Hopkins Medical School de Baltimore publicou trabalhos sobre saponina e anemia, saponina e plaquetas, plaquetas e megalocitos histiopatologia do rim na sífilis congenita, et. Possúe ainda uma lista imensa de trabalhos de ordem técnica, educativa, historica, viagens, etc.

(o) FARMACOLOGIA

JAIME REGALO PEREIRA

Nascido em Manaus (Amazonas) e formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. E' laureado pela mesma Escola, recebendo o premio Francisco de Castro de 1916.

Em 1917, ocupou a cadeira de Farmacologia da Faculdade de Medicina de S. Paulo sucedendo a Ascendino dos Reis.

Nos Estados Unidos trabalhou com Cannon, na Inglaterra com A. V. Hill e Langley, e em Paris com Gley.

Tem publicado até a presente data "Manual de Farmacologia", "Questões de Biologia e Medicina", "Renuncia" (romance), Amazonia (Impressões de viagem), um livro sobre política e cerca de 100 trabalhos científicos, sendo 2 memorias laureadas pela Academia de Medicina do Rio de Janeiro, premios A. Magalhães (1932) e Souza Lima (1936).

(o) ANATOMIA PATOLÓGICA

LUDGERO DA CUNHA MOTTA

Nasceu em Campinas (S. Paulo).

Em 1923 ocupou a cadeira de Microbiologia, em 1925 passou a catedrático de Anatomia Patológica.

Trabalhou com Bovero, Habersfeld, Lambert, Aschoff. Nos Estados Unidos, trabalhou com Mc Callum, Johnson e outros.

Fez cursos de Química Biológica e Patologia Experimental na Universidade de Toronto.

Foi o primeiro professor de Anatomia Patológica da Faculdade de Medicina de S. Paulo, em substituição de C. e Lambert, contratados.

Possúe mais de uma centena de trabalhos publicados, entre os quais: Acroregalia — estudo da hipófise faringea; Histopatologia da Leishmaniose cutanea, nefroses experimentais; Anemia experimental; Sarcoma nasalis, etc. Atualmente dedica-se a uma série de trabalhos sistematizados sobre Granulomatose paracoccidioidica.

E' diretor da Faculdade de Medicina de S. Paulo desde maio de 1938.

Como diretor, conseguiu as seguintes realizações:

a) Deu inicio ao Hospital das Clínicas, cuja majestosa construção, para 1.200 leitos, ficará terminada em março do ano vindouro, completando o ensino médico da Faculdade.

b) criação e instalação da Secção de Patologia Experimental, sob a direção do prof. Carlo Foá.

c) Reforma radical e construção, com acomodações adequadas, do Biotério da Faculdade.

d) Instalação de uma oficina de encadernação e douração, anexa á Biblioteca.

e) Instalação de uma tipografia propria, neste ano, para a Faculdade, com o respetivo pessoal e maquinario.

f) Do ponto de vista administrativo, fixou o quadro dos funcionarios da Faculdade, efetivando todos os contratados e elevando os vencimentos dos técnicos a uma remuneração justa.

(o) TÉCNICA CIRÚRGICA E CIRURGIA EXPERIMENTAL **EDMUNDO VASCONCELOS**

Nascido em São Paulo, formado em 1928 pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo; em 1935 fez concurso para a cadeira de Técnica Cirúrgica e Cirurgia Experimental, onde sucedeu o Prof. B. Montenegro, tendo sido transferido em 1940 para a 2.a cadeira de Clínica Cirúrgica. Trabalhou até 1934 com o Prof. Benedito Montenegro.

Trabalhos: Diverticulos do esofago (têse); premiada com o premio "Carlos Botelho" ao melhor trabalho sobre cirurgia; Cirurgia do megaesofago; premiada pela Academia Nacional de Medicina e pela Universidade de São Paulo; Cirurgia da tuberculose pulmonar; premiada pela Academia Nacional de Medicina; Metodização cirúrgica; Cirurgia das retites estenosantes; relatório do 2.º Congresso Brasileiro e Americano de Cirurgia.

Membro de: Academia Nacional de Medicina, Colegio Brasileiro de Cirurgiões, American College of Surgeons, Internacional College of Surgeons.

Diretor da revista "Arquivos de Cirurgia Clínica e Experimental".

(o) FÍSICA BIOLÓGICA E APLICADA **RAFAEL PENTEADO DE BARROS**

Nascido em S. Paulo, formou-se no Rio de Janeiro e pela Escola de Farmacia de São Paulo.

Exerce a cadeira de Física Biológica e Aplicada desde dezembro de 1925.

Trabalhou com Béclère, em Paris e com Case, nos Estados Unidos.

Possúe uma dezena de trabalhos sobre a sua especialidade.

(o) CLÍNICA MÉDICA

ANTONIO DE ALMEIDA PRADO

Nascido em Itú (São Paulo) é formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

Substituto desde 1916, assumiu a cadeira de Clínica Médica em março de 1925.

Foi interno de Miguel Pereira.

Publicou duas monografias sobre "Síndromes cerebrales mixtos", em duas edições, portuguesa e francesa e "Aneurismas aorticós", 3 volumes de Clínica Médica: "Patologia e Clínica" (1929), "Lições e Conferencias de Clínica Médica" (1934), "Lições de Clínica" (1940). Tem ainda publicados dois livros de discursos, conferencias, trabalhos em revistas, etc.

Universidade de São Paulo

CLÍNICA CIRURGICA BENEDITO MONTENEGRO

Nasceu em Jaú (São Paulo) e formou-se pela Universidade de Pensilvânia (Filadélfia).

De 1916 a 1931 foi substituto de Anatomia Descritiva. Em 1931 sucedeu a Sergio Meira Filho na cadeira de Técnica Cirúrgica, e em 1934, a João Alves de Lima em Clínica Cirúrgica, cadeira que ocupa até a presente data.

Nos Estados Unidos trabalhou com John B. Deaver.

Tem trabalhos sobre blastomicose, estudos sobre apendicite nas hernias inguinais direitas, ferimento do coração, cirurgia de guerra, esplenomegalias, tratamento cirúrgico das úlceras gástricas e duodenais, tumor de Krukenberg, úlceras duodenais terebrantes, drenagem, em cirurgia abdominal, megacólon, etc., etc.

(o) MEDICINA LEGAL FLAMINIO FAVERO

Nascido e formado em S. Paulo assumiu a cadeira de Medicina Legal em dezembro de 1923, ocupando o lugar do saudoso Oscar Freire, do qual se distinguia como assistente.

Publicou até agora os seguintes livros: "Acidentes do Trabalho" em colaboração com Afranio Peixoto, Leonidio Ribeiro e Barros Barreto, "Deontologia Médica", e "Medicina Legal, obra premiada pela Faculdade de Medicina de São Paulo e pela Sociedade de Medicina Legal.

Dentre 147 trabalhos seus publicações, destacam-se: "A radiografia na determinação da idade" e "Os raios ultra violetas no estudo das cicatrizes".

(o) CLÍNICA MÉDICA OVIDIO PIRES DE CÂMPOS

Nasceu em Tatuí (S. Paulo) e formou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

Da cadeira de Fisiologia que regia desde 1914, foi transferido em fevereiro de 1917 para a de Clínica Médica, que até hoje ocupa.

Trabalhou com Chauffard, Widal e Dejerine, em Paris, com His, em Berlim.

Foi vice-diretor e diretor da Faculdade de Medicina de S. Paulo, sucedendo a Arnaldo Vieira de Carvalho.

(o) CLÍNICA CIRURGICA ALIPIO CORREIA NETO

Nasceu em Cataguazes (Minas Gerais) e é formado pela Faculdade de Medicina de S. Paulo.

Em 1925 assumiu a cadeira de Clínica Cirúrgica, sucedendo a A. C. Carmargo.

Trabalhou com Alves de Lima e possui inúmeros trabalhos, entre os quais citamos aqueles sobre megaeosofago, megacólon, tireoide, colapso do réto, cirurgia gástrica, etc.

(o) TERAPÉUTICA CLÍNICA CANTIDIO DE MOURA CAMPOS

Nascido em Botucatu (S. Paulo) e formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

Regeu a cadeira de Fisiologia desde 1918 e em 1929 ocupou a de Terapêutica Clínica.

Foi interno de Miguel Pereira.

Entre conferências, trabalhos, etc., deste professor mencionamos estudos sobre a inervação da laringe, ação da secretina sobre a excreção biliar, ação de sal de Araxá sobre a glicemia, ação de veneno de sapo sobre a cronaxia, metabolismo basal e hipertiroideia, avitaminose B experimental, etc.

(o) CLÍNICA DE DOENÇAS TROPICAIS E INFECCIOSAS CELESTINO BOURROUL

Nasceu em S. Paulo e formou-se pela Faculdade de Medicina da Bahia.

Em 1914, ocupou a cadeira de Parasitologia, sucedendo a Brumpt, até assumir a cadeira de Clínica de doenças tropicais e infecciosas.

Trabalhou em S. Paulo com o prof. Lutz, em Berlim com Orth, e em Paris com Gracé, Brumpt e Chauffard. Fez cursos em Viena.

(o) CLÍNICA OPHTALMOLÓGICA JOÃO DE PAULA CRUZ BRITTO

Nasceu em Caxias (Maranhão) e formou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

Trabalhou com o professor Fuchs em Viena, e ocupa a cadeira de Clínica Oftalmológica desde 1916.

Seus trabalhos estão esparsos em revistas, jornais, etc.

(o) CLÍNICA DERMATOLÓGICA E SIFILIGRÁFICA JOÃO DE AGUIAR PUPO

Nascido em Itatiba (S. Paulo), formou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

Em 1914 foi substituto de Química, Farmacologia e Terapêutica; de 1917 a 1928 regeu a cadeira de Terapêutica e em 1929 assumiu a cadeira de Clínica Dermatológica e Sifiligráfica sucedendo ao prof. Lindenberg.

Foi diretor da Faculdade de Medicina de S. Paulo de 1935 a 1937.

Seus estudos versam particularmente sobre Dermatologia Tropical e as campanhas médico-sociais contra a Sífilis, Lepra e Leishmaniose.

E' diretor clínico da Liga de Combate à Sífilis, do Centro Acadêmico Oswaldo Cruz, desde 1920.

(o) CLÍNICA OTO-RINO-LARINGOLÓGICA ANTONIO DE PAULA SANTOS

Nascido em Silveiras (S. Paulo), formou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

Preparador de Fisiologia em 1916, foi substituto de Fisiologia e Patologia Geral em 1920, catedrático de Patologia Geral em 1925 e catedrático de Clínica Oto-Rino Laringológica em 1930, sucedendo ao professor Lindenberg.

E' chefe da especialidade no Instituto Arnaldo Vieira de Carvalho, ex-adjunto da Sta. Casa e Policlínica de S. Paulo, Socio titular e ex-presidente da Seção de Oto-Rino da Associação Paulista de Medicina e presidente do Comitê organizador do próximo Congresso Latino Americano de Oto-rino a realizar-se em S. Paulo em 1943.

Publicou alguns trabalhos, principalmente relativos à sua especialidade.

(o) CLÍNICA UROLÓGICA LUCIANO GUALBERTO

Da Sociedade de Medicina e Cirurgia de S. Paulo.

Nascido em Petropolis (E.do Rio). Formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, assumiu a cadeira de Clínica Urológica da Faculdade de Medicina de São Paulo em 1931.

Foi assistente das Clínicas do Hospital Broca, Necker, de Paris; assistente oficial do Hospital San Giovanni di Dio (Florença); fez cursos de cirurgia do sistema urogenital, hepático gastro-hepático, nos Laboratórios de Clamart.

Foi assistente de Bovero, Arnaldo Vieira de Carvalho e Alves de Lima.

E' membro honorário de varias Sociedades científicas nacionais e estrangeiras, e Conselheiro honorário de Buenos Aires e Valparaiso.

Entre muitos dos seus trabalhos publicados podemos citar: "Proteção ao operário nos acidentes de trabalho; cirurgia endoscópica da próstata; 1.º caso de carcinoma do apêndice, no Brasil; 1.º caso de septicemia puerperal primitiva carbunculosa (curado); Anomalias do sistema urinário; Processo de coloração de peças anatómicas (Fusari), em colaboração com o Prof. Bovero; Parada do desenvolvimento ileocecal com exopalocele, etc.

(o) HIGIENE GERALDO H. DE PAULA SOUZA

Nasceu em Itú (S. Paulo) e é formado pela Escola de Farmácia de S. Paulo e Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Fez o curso de Química na Escola Politécnica de S. Paulo, e cursos diversos em Berna (Suíça), Munich (Alemanha). Formou-se em Saúde Pública na Escola de Johns Hopkins (Baltimore). Preparador de Química (1914), foi substituto de Higiene em 1918, e catedrático dessa mesma cadeira em 1922, substituindo o prof. Darling. De 1922 a 1927 foi diretor do Serviço Sanitário e autor da reforma do mesmo em 1925, transformando seu caráter de policial em educativo. De 1917 a 1929 foi membro da seção de Higiene na Liga das Nações.

Trabalhou com Mc Callum, W. Welch e com Benedict, nos Estados Unidos. Publicou varias monografias e trabalhos sobre Higiene e é creador do Instituto de Higiene como entidade autônoma.

(o) CLÍNICA MÉDICA DOMINGOS RUBIÃO ALVES MEIRA

Natural de Pirai (Rio de Janeiro), formou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

Em 1907 instituiu o primeiro curso de Clínica Médica na Santa Casa de S. Paulo, e em 1916 foi nomeado professor dessa cadeira.

E' presidente da Associação Paulista de Medicina há 4 anos. Atualmente ocupa, muito merecidamente, o honroso cargo de Reitor da Universidade de S. Paulo.

Possúe mais de uma centena de trabalhos publicados e alguns livros, entre os quais: Clínica Médica, Lições de Clínica Propedeutica, Valor dos novos métodos e processos de Clínica Médica, Glandulas de Secreção Interna. (Foi o primeiro autor a escrever sobre tal assunto, no Brasil).

(o) CLÍNICA OBSTÉTRICA RAUL CARLOS BRIQUET

Nasceu em Limeira (S. Paulo) e formou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

Foi assistente com funções de substituto da cadeira de Clínica Obstétrica desde 1917. Em 1925 tomou posse da cadeira sucedendo a Silvio Maia.

Fez cursos de sua especialidade em Paris, Londres, Berlim e nos Estados Unidos.

Publicou: Obstetricia operatoria (1932), Psicologia Social (1935), Obstetricia normal (1939) e inúmeros outros trabalhos.

Atualmente é também catedrático de Educação Nacional, na Escola de Filosofia de S. Paulo.

(o) CLÍNICA PEDIÁTRICA DELFINO PINHEIRO DE ULHÔA CINTRA

Nasceu em Campinas (S. Paulo) e formou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

E' professor catedrático de Clínica Pediátrica desde janeiro de 1917.

(o) CLÍNICA GINECOLÓGICA NICOLAU DE MORAIS BARROS

Nasceu em Piracicaba (S. Paulo) e formou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

Desde 1921 é catedrático de Clínica Ginecológica.

Fez diversos cursos em Paris, Viena, Berlim e nos Estados Unidos, cursos esses referentes, principalmente, à sua especialidade.

(o) CLÍNICA PSIQUIÁTRICA A. C. PACHECO E SILVA

Natural de S. Paulo e formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, ocupa desde 1936 a cadeira de Clínica Psiquiátrica.

Trabalhou com Pierre Marie, em Paris, e na Clínica Charcot.

Publicou até agora os livros: Psiquiatria Clínica Forense (no prélo), Serviços Sociais, Cuidados aos Psicopatas, Direito à Saúde, Problemas de Higiene Mental, O manicomio judiciário do Estado de S. Paulo, Brasil-Argentina, A assistência a alienados nos Estados Unidos e na Europa.

Possúe mais de uma centena de trabalhos publicados, principalmente de divulgação científica. Citamos: Alcoolismo e Neuropsiquiatria, O fumo — veneno ignorado, Caquexia hipofisaria de Simmonds, Rudimentos de Higiene Mental, etc.

(o) CLÍNICA NEUROLÓGICA ADHERBAL TOLOSA

Nasceu em São Manoel do Paraizo e formou-se pela Faculdade de Medicina de São Paulo. Em 1938 assumiu a cadeira de Clínica Neurológica sucedendo a Enjolas Vampré.

Entre inúmeros outros trabalhos publicou: Síndromos neuro-psico-anêmicos (em colab. com E. Vampré), Da inexistência de um síndrome humoral característico da Paralisia Geral Progressiva, A dissociação do reflexo cremastérico em Semeiologia nervosa (em colab. com Bicudo Junior), As neurodocites lúeticas do II par craneano na oftalmoplégia sensitivo-sensorio-motora, Sinal do balanço do pé (Sicard) sem lesões piramidais (em colab. com E. Vampré).

Desdobramento do síndrome piramidal, Considerações sobre a indicação cirúrgica nos traumatismos medulares fechados, Conceito e posição da comoção medular em patologia nervosa. Considerações sobre o chamado traumatismo indireto da medula, Nota semiotica: Adução dos omoplatas como posição de defesa nas afeções dolorosas da coluna dorsal, Nota semiotica: Homologia entre o membro superior e o inferior em relação aos reflexos patológicos piramidais, especialmente os cutâneos, etc.

Descobridor da dissociação do reflexo cremastérico, foi dado, em sua homenagem, a esse sinal de semiologia nervosa, o nome de "Sinal de Tolosa".

(o) CLÍNICA OTO-PÉDICA E CIRURGIA INFANTIL GODOY MOREIRA

Nasceu em Itatiba (S. Paulo) e formado pela Faculdade de Medicina de S. Paulo.

Fez cursos de sua especialidade na Europa: clínica ortopédica do Hospital Charité de Berlim a cargo do prof. Paul Glaessner, Instituto de Investigação e aperfeiçoamento em Ortopedia do Governo Alemão em Berlim, Instituto Ortopédico Rizzoli (Bolonha) com o prof. V. Putti, etc.

Assistente em 1926, ocupou a cadeira de Clínica Ortopédica e Cirurgia Infantil em 1939.

Participou de inúmeros Congressos de Cirurgia e Ortopedia, no país e no estrangeiro.

Possúe uma grande lista de trabalhos publicados, sobre a especialidade, e aparelho pessoal localizador ao fio de Kirschner, aparelho para abrir tubos de cat-gut, aparelho pessoal para a osteosintese dos dois ossos do antebraço, aparelhagem própria para permitir a radiografia lateral do colo femoral na mesa operatoria, aparelho pessoal para medir a rotação interna do femur durante a osteosintese, etc.

Páginas Esportivas

Redator:
Carlos Schelini

Comentarios Esportivos

(o)

Aproxima-se a grande data em que iniciar-se-ão os jogos de 1940, correspondentes à 6.a competição Mac-Med. Este ano o sucesso social e esportivo deverão ultrapassar a todas as expectativas, si levarmos em conta dois importantes fatores: o prestigio sempre crescente de uma competição unica em São Paulo — e, quiçá, em toda a America do Sul — e a sua propaganda, por intermedio de jornais, cartazes, programas de rádio, escolas, etc.

Desse modo, o grande publico, que sempre foi conservado á margem das Mac-Med anteriores, será atraído, em numero sempre crescente, pela beleza do espetáculo que nós, de há muito, não nos cansamos de aplaudir, cada ano com maior entusiasmo.

Tivemos a grata satisfação de ler, em meados de Agosto a pagina de Esportes do nosso novel confrade, o "606".

Muito bem escrita, a referida seção expõe idéias e considerações muito oportunas, comenta com muito acerto as nossas atividades esportivas e contem artigos que nos agradaram em cheio, principalmente sobre as caravanas, sobre o remo, bola ao cesto, que apoiamos em toda a linha.

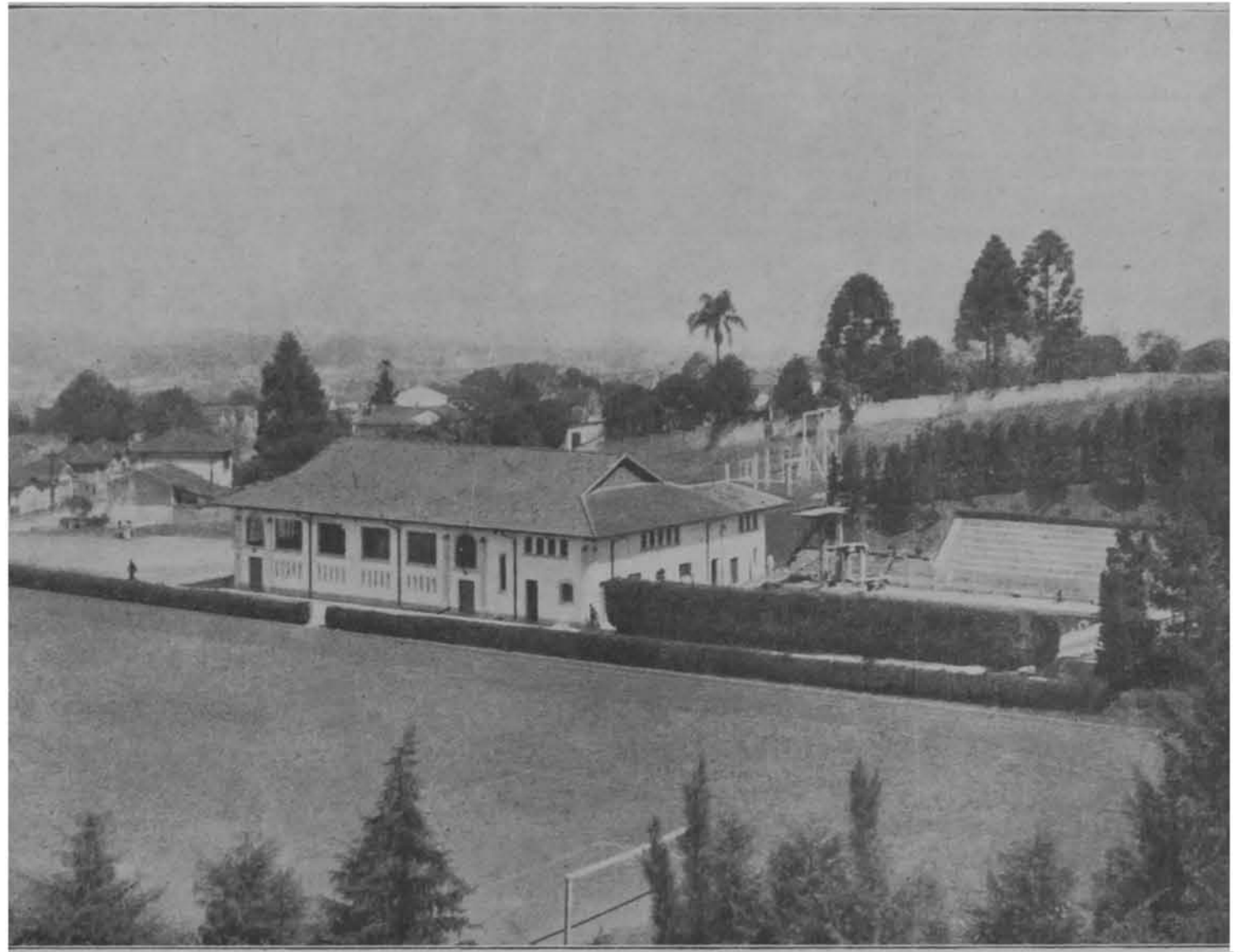
O artigo de abertura, entretanto, causou-nos um mixto de surpresa e de admiração pela falsidade dos conceitos expendidos.

Assim, começa por se referir a segundas-époas e reprovações causadas pelo amor ao esporte. Gostaríamos de saber quem sofreu esse cruel castigo nestes ultimos anos.

Mais longe, há uma afirmação de pasmar: os antigos esportistas são recebidos friamente, como simples socios! E pensar-se que neste ano realizaram-se pela primeira vez na historia do CAOC, competições poli-esportivas entre alunos e medicos, antigos campeões, como Silvio, Tune, Aidar, Otobrin, Labate, Cordeiro, Braga, Leser, Charles, Raimo, e muitos outros.

Já no fim, o artigo refere-se a um "fichario especial" que, segundo as explicações sobre a sua organização, irá por completamente de lado, na hora de "papar" as regalias esportivas (que, no final das contas não se sabe quais sejam) a turma dos esforçados e dos "pernas de pau" que merecem, muita vez, mais do que um simples medalhão.

Pena é que, conceitos dessa ordem tivessem estragado tão boa pagina do "606".



COLEGA! ESTE E' O TEU ESTADIO. FREQUENTA-O SEMPRE QUE PUDERES, AFIM DE QUE, COM O ESTIMULO DA TUA PRESENÇA, ELE POSSA MELHORAR DIA A DIA!

Programa da Mac-Med

Dia 28 — Sabado — NATAÇÃO — piscina do CAOC.

Dia 30 — Segunda — TENIS e XADREZ — Estadio do Club de Nadrez.

Dia 1 — Terça — POLO AQUATICO — Piscina do CAOC.

Dia 2 — Quarta — REMO e VOLLEY — Tieté e Estadio.

Dia 3 — Quinta — FUTEBOL — campo do S. Paulo F. C.

Dia 4 — Sexta — BOLA AO GESTO — Estadio.

Dia 5 — Sabado — ATLETISMO — C. A. Paulistano.

Baile de encerramento e distribuição dos premios.

COMO A ATUAL DIRETORIA CONSTRÓI AS SUAS REALIZAÇÕES

E' de salientar-se, por justiça, o critério atual da Diretoria do Centro na construção e custéio de suas realizações.

Citaremos exemplos: A piscina está hoje cercada de arquibancadas, que vieram dar grande melhoria e um novo e majestoso aspecto pará essa parte do nosso Estádio. Avalladas as suas obras em 30:000\$000, ficaram elas, porém, ao Centro pelo custo de 5 contos apenas.

Os trabalhos de escavação e movimento de terras, do campo de voleibol e bola ao cesto e do frontão, orçados em 18 contos, custarão ao Centro um conto de réis, sómente.

Esses dados serão expostos pela apresentação da Tesouraria.

Vemos, assim, que o Centro, cercandose de pessoas que muito auxiliam e de meios que proporcionam á sua Diretoria oportunidade de construir tudo nas melhores condições possíveis, gastando o minimo e alcançando o maximo, com um rendimento quasi total, consegue oferecer aos colégas um patrimônio material dos mais largos.

A Diretoria do Centro conseguiu, este ano, em obras, mais de 70 contos de réis.

E' um fato, pois, digno do conhecimento de todos e da mais franca admiração.

O nosso «onze» em Franca

(o)

No jogo realizado naquela simpatica e progressista cidade do interior paulista, nosso quadro foi derrotado por 3 a 1, em condições, aliás, perfeitamente razoaveis, si levarmos em conta o cansaço da longa viagem, o alto valor do time da Associação Francana e o ambiente extranho em que jogamos.

A partida teve um primeiro tempo muito fraco, de lances pouco desenvolvidos, mantendo-se "placard" virgem até o fim do tempo.

Na segunda fase o jogo melhorou muito, sobressaindo-se então o nosso trio final, especialmente Tranchesi. Nossa linha esteve um tanto desarticulada, pouco acertando.

A contagem foi aberta por Dorival, em belo lance. Sómente nos dez minutos finais, quando o "prégo" tomou conta da turma, foi que nosso adversario conseguiu seus trez pontos, um dos quais de desnecessario penal de Tranchesi.

Juiz esplendido e assistencia muito educada, sobressaindo-se numeroso grupo de gentis senhoritas.

Reves. 4x400 - Taça Silvio Magalhães Padilha

O C. A. Oswaldo Cruz organizou e a FPA fará realizar todos os anos em datas mais oportunas o revesamento 4x400 para estudantes de escolas superiores de qualquer escola do país, nos moldes técnicos da famosa taça Alvaro Ribeiro de Almeida, que anualmente se disputa em S. Paulo.

Este ano a taça instituida pelo colega Bindo Guida Filho será disputada a 29 de Setembro, tendo sido expedidos os necessarios convites aos provaveis participantes.

Tudo leva a crêr que a iniciativa seja vitoriosa, pelas características que a revestem. E' uma prova ao alcance de todos os Centros, costuma ser bastante disputada e conta, em S. Paulo, com ótimos elementos para a distancia.

Não dê mancada, assista á Mac-Med!

O que devemos fazer para ganhar a Mac-Med?

A ABALISADA OPINIÃO DE CAETANO, NOSSO DIRETOR DE ESPORTES, E' A QUE DEVEMOS:

Treinar!!! dirão todos. Sim, treinar, concordamos, haja vista o que sucedeu no ano passado, mas não é o suficiente. Infelizmente, a par do esforço dispendido pelos nossos esportistas para a conquista de maiores vitórias para o CAOC, não corre o entusiasmo dos nossos colegas pelas competições. Além da boa vontade, assiduidade e dedicação aos treinos, que devem existir desde os tempos de "calouro", é necessária a formação de um ambiente, de uma "torcida", o que não falta aos nossos rivais, mackenzistas. Desse modo, todos os colegas devem contribuir um pouco para as nossas vitórias, uns esforçando-se, outros incentivando os primeiros, não só na Mac-Med, como em todos os outros jogos.

(o)

GILBERTO, O DIRETOR DO "ESPORTE" SEMPRE VITORIOSO, E' DESCONFIADO...

"Parece que a resposta é simples e evidente: treino, boa vontade e dedicação dos nossos esportistas — e amparo da Diretoria às boas iniciativas.

Na Secção de Xadrez não pôde haver razão de queixa — os nossos jogadores são bastante assíduos e entusiasmados, mormente agora que — graças a atual Diretoria do CAOC — as novas instalações da Sala de Jogos proporcionam o conforto necessário aos enxadristas. E a nossa equipe bem merece apoio: é esforçada e eficiente — basta lembrar que estamos provavelmente em vias de levantar o Campeonato Universitário de Xadrez, pois já derrotamos os nossos mais fortes antagonistas que eram Politécnica e Escola Paulista. Mas — e nos outros esportes? Estarão todas as turmas em boa forma? Alguém já pensou em Polo Aquático? O CAOC tem uma boa quadra de Tenis — temos treinado bastante?

E' preciso lembrar ainda a organização do certame: — o Mackenzie tem muitos recursos!..."

(o)

FABIO MUSA ACHA QUE...

"Todo ano quando se aproxima a data da Mac-Med, grande pessimismo se apodera dos nossos colegas, no tocante ao provável resultado da natação. Este ano o pessimismo aumentou muito por contar o Mackenzie entre seus nadadores, com o campeão brasileiro de 4x200 e 4x100, Luiz Mariti Fernandes, que além disso é ótimo estilista de costa.

Entretanto não nos devemos esquecer que em 1938, também, ninguém esperava que vencessemos, tanto que depois da inesperada derrota em Volley-Ball, todos consideravam perdida a IV Mac-Med, e o que se viu foi uma brilhante atuação da nossa turma, que possuindo aquilo que em gíria esportiva se denomina "fibra", derrotou a poderosa turma do Mackenzie.

Este ano, também as nossas probabilidades aumentaram, pois todos os nadadores estão treinando com afinco sob as ordens do técnico Sato, tendo aparecido alguns valores novos como Marcos, Pedrinho, Romulo e outros, que ao lado dos veteranos como Melo, Takaoka, tudo farão pela vitória. Tenhamos animo e vontade que venceremos novamente o Mackenzie".

(o)

ASSIM FALOU VASCO ROSSI

RESPONSÁVEL PELO ESPORTE MAIS SACRIFICADO: O REMO

"Como é sabido daqueles que praticam o nobre esporte, é exigido bastante sacrifício para que alguém se torne um bom remador. Também é sabido de todos que qualquer sacrifício deve ter sua recompensa, quando não seja a da vitória que por si só já satisfaz plenamente para o verdadeiro esportista. Mas nem todos têm certeza de vitória. Para isso deve haver o estímulo, que para o remador principalmente deve ser o de comodidade, o de minorar ou evitar sacrifícios inúteis.

Assim acreditamos que para que uma turma possa ter bons resultados no remo deve haver:

1) — boa escolha dos elementos componentes da turma, gente de boa disciplina, que sejam amigos e que também e isto principalmente, não faltem aos treinos.

O "BISTURI" promove um inquerito entre os responsáveis pela nossa apresentação.

No intuito de contribuir, de certo modo, para que todos os diretores de esporte tenham oportunidade de dar suas opiniões, á vespera da já famosa Mac-Med e que têm o valor de verdadeiro toque de reunir de toda a família esportiva da Faculdade, o "BISTURI" promove a "enquete": O que devemos fazer para ganhar a Mac-Med?"

(o)

2) — Sejam instituídos premios de estímulo. Assim, que seja conferida uma medalha áquele que treinar assiduamente.

3) — Que se evite ao remador qualquer fator que possa prejudicar-lhe a saúde. Deste modo todo remador deverá ter seu agasalho.

4) — Se possível fôsse, também dever-se-ia cuidar do transporte do remador, pois como sabemos, os clubes de regata ficam longe, e perde-se muito tempo em ir-se até lá.

Com isto tudo acreditamos que não haja equipe que não vença nas competições, porque os clubes nos favorecem em qualquer emergência, principalmente quando é possível de uma equipe academica, formar-se uma equipe para o proprio clube".

(o)

ZE' LOPES FOI OTIMISTA... COMO SEMPRE E COM RAZÃO

"O cestobol na Mac-Med apresenta-se nos este ano com animadoras perspectivas, já que os cestobolistas do CAOC possuem as condições necessárias para integrar um quadro eficiente — técnica, disciplina e boa vontade. Além disso, a diretoria do CAOC tem prestado ao bola ao cesto o melhor dos apoios.

Temos, pois, todos os fatores que nos poderão conduzir á vitória. E' necessário não nos esquecermos do mais importante: a confiança no sucesso.

(o)

ALMEIDA TEM TODA RAZÃO!

"Não iremos pormenorizar cada esporte em si, mas falaremos de um modo geral sobre todas as modalidades esportivas que disputaremos com os nossos adversarios.

Pois bem, para vencermos a Mac-Med necessitamos, antes de tudo, do concurso e da boa vontade de todos os esportistas da Escola. Além disso, é preciso haver treinos bem orientados, especialmente nos esportes que exigem conjunto, homogeneidade e perfeita harmonia entre seus diversos setores. Além disso, no dia da competição, deve-se empregar a fundo, com alma e com sangue.

Mas, de fato, podemos resumir tudo isso no seguinte: para vencermos a Mac-Med, precisamos marcar mais "goals" no futebol e no pólo.

No volley marcar mais pontos, no bola ao cesto fazer mais cestas, no remo chegar antes, correr, saltar e arremessar melhor no atletismo, pensar melhor em xadrez e, finalmente, nadar mais que os nossos adversarios os quais, com certeza, não nos deixarão fazer tudo isso "no móle"..."

(o)

A OPINIÃO EXTENSA E PROFUNDA DE ZÉ HUNGRIA

"Creio que, na parte referente ao Volley-Ball, como em todás as outras modalidades de esporte, o que deve ser feito para ganhar uma competição é, em linhas gerais: treinar.

Devemos cuidar, com todo o empenho, da parte técnica, deixando, porém, ao fator "sorte" uma parcela importante do resultado final. Aliás, um fato de observação comum, em jogos de conjunto, são as derrotas ou vitórias paradoxais.

A parte técnica do treinamento do Volley tem suas características especiais, atendendo aos seus predicados de jogo em que a atenção, colocação dos jogadores e a capacidade de improvisação, aliadas ao perfeito entendimento entre os componentes do quadro, têm mais valor que a simples habilidade ou dextreza muscular.

Deve-se ter, muito cuidado para formar a "consciência" do quadro, isto é, a sua fibra, como se diz em linguagem esportiva. E' a preparação moral, a confiança mutua dos elementos, a fé na vitória, a visão do gremio superposta ao interesse pessoal.

Isso tudo, feito com material huma-

no em boas condições físicas e mentais e sob a orientação de um técnico competente, deve resultar um sucesso completo: tudo isso já foi realizado, em parte, pela nossa turma e continua a ser feito metódicamente.

Uma dedução um tanto apressada poderia nos levar a crêr na vitória na proxima Mac-Med; devemos levar em conta, porém, o valor do quadro que tem também seus proprios metodos de treinamento.

Entrarão em jogo, então, fatores extrínsecos, como sejam: nervosismo, quadra, iluminação, torcida (a tremenda torcida feminina do Mackenzie...), juiz e uma quantidade de pequeninos "nadas" que podem levar um quadro á derrota.

E, como si tudo isso não fosse suficiente para patentear a falta de lógica de muitas vitórias, há aquela parcela que citamos no começo desta apreciação: a sorte, tremendamente ironica e desconcertante, em certas ocasiões, mas que será relegada a um plano bem secundario pelo amor ás nossas côres e pela nossa firme vontade de vencer.

(o)

MEDITEM SOBRE O QUE DIZ VERONESI

JOGADORES DE PÓLO AQUÁTICO!

Considero, como sendo 3 os fatores primordiais de nossa vitória em polo aquático na proxima MAC-MED.

Esses 3 fatores são: 1.o assiduidade aos treinos; 2.o Incentivo por parte da torcida; 3.o Vontade ferrea dos jogadores.

Quanto á assiduidade aos treinos, considero como fator essencial, visto que, sem o necessario treinamento, jamais poderemos fazer boa figura. O exemplo do ano passado é suficiente para que possamos avallar, o quanto é imprescindível o treinamento. Não é

ATIVIDADES ENXADRISTICAS

O Campeonato Universitario em andamento. Proclamados os vencedores da 2.a e 3.a categoria do Torneio Interno. A diretoria do CAOC ajuda o progresso do nosso esporte.

Si bem ainda não haja terminado o campeonato universitario de Xadrez, com a vitória da nossa equipe sobre os dois mais fortes antagonistas — Politécnica e Paulista — tudo leva a crer que levantaremos este ano o titulo de Campeões Universitarios de Xadrez.

Isto demonstra que todo o amparo que a Diretoria dá a esportistas é sempre bem empregado. Com efeito, o entusiasmo que durante este ano tem reinado entre os nossos enxadristas podemos atribuir ás novas e confortáveis instalações da nossa sala de jogos.

O campeonato interno registou este ano o numero recorde de 32 disputantes distribuidos em 3 turmas, tendo-se já determinado os vencedores das 2.a e 3.a.

Na 2.a turma Publio conseguiu a bela performance de levantar o titulo sem ter perdido nenhuma partida; foi secundado com pequena diferença por Josedyl.

E' de se notar que a atual 2.a turma é constituída por um bloco homogêneo de bons jogadores — o que aumenta o brilho da vitória desses jogadores.

O campeonato da 3.a turma terminou com a vitória também brilhante de Isaias, secundado por Schreiber.

Na primeira turma vai grande animação, delineando-se uma disputa renhida para o titulo maximo da nossa Escola, entre Luiz Tavares e Orfeo D'Agostini — ambos fortes elementos e pertencentes ao quadro do Clube de Xadrez S. Paulo.

Para os lugares seguintes também haverá uma bela disputa entre Duarte Coimbra e Milton Andrade.

Terminado que seja o campeonato interno o vencedor da 1.a Turma irá conduzir uma sessão de partidas si-

possível adquirir manejo de bola, condução de bola, arremesso e certos "triques" (que são a base do polo), sem que os jogadores, mantenham contato constante com a pelota. Si todos os elementos, principalmente os novos, assim o fizerem, de muito ficará aumentado o nosso poderio.

Na parte referente ao incentivo da torcida, considero como fator importante, pois que, sendo o polo aquático um esporte em que o entusiasmo dos disputantes exerce papel saliente, a torcida deverá fornecer uma dose suficiente de estímulo, principalmente áqueles que não possuem o "sangue" que requer esse violento esporte.

Finalmente, na parte referente á vontade ferrea dos jogadores, é coisa que cada um deve cuidar de per si, não esmorecendo ante um ou mais "goals" dos contrarios, e sim, ter sempre em mira a nossa vitória na proxima e tradicional MAC-MED".

(o)

SCOREL FALA SOBRE TENIS:

Aqui estão algumas sugestões, para que os nossos tenistas, alcancem sucesso na proxima Mac-Med.

O que mais impressiona a uma assistencia, além do jogo do tenista, é seu trajar e o seu comportamento durante a partida.

Um tenista que se preza, deve ser antes de tudo, um cavalheiro em toda linha; nunca deverá desconsiderar as decisões do juiz, afim de não provocar olhares de desaprovção.

Vista assim por alto, esta parte, digamos, social, passemos agora á parte tecnica, que é a principal.

Para um tenista se aperfeiçoar e vencer os adversarios, é necessario treinar muito.

Treinar, consiste em preparar o fisico com exercicios adequados e procurar corrigir os proprios erros.

Fazendo-se treinos metódicos, certamente alcançaremos ótimos resultados na Mac-Med; é o que queremos e esperamos.

Nos treinos, cada um use o modo que preferir: ou ataque ou defesa ou os dois alternadamente; treinar é a bastante.

Enfim, repito que, se treinarem com afinco, poderemos contar com a vitória da turma da nossa Faculdade.

multaneas contra os elementos da 2.a Turma, havendo então uma pequena solenidade para a entrega das medalhas.

CARAVANA A FRANCA

NOSSA BRILHANTE VITORIA SOBRE O QUINTETO DAQUELA CIDADE

No jogo realizado em Franca, no dia 7 de Setembro, á tarde, trez horas após o desembarque de estafante viagem, a nossa turma portou-se briosamente, derrotando o adversario por 19 a 14.

A contagem diz bem da pouca movimentação que caracterizou a partida, muito pobre em lances emocionantes e em cestos.

O juiz — como o são quasi todos os juizes do interior — deixou de apitar muita coisa resultando daí certo prejuizo para os nossos, pouco habituados a cometer faltas.

Assistencia numerosa e cavalheiresca, sempre pronta a aplaudir, indistintamente, os belos lances dos dois lados. Grande torcida feminina para o CAOC.

Tabela do Campeonato Universitario de Bola ao Cesto

E' a seguinte a colocação dos concorrentes ao Campeonato de 1940, pela qual se evidencia a excelente situação desfrutada pelo nosso Centro, que caminha no topo da tabela.

Colocação por pontos perdidos:	
1.o C. A. Oswaldo Cruz	0
1.o C. A. Horacio Lane	0
1.o C. A. Luiz de Queiroz	0
1.o C. A. Educação Física	0
2.o Gremio Politécnico	1
2.o C. A. Onze de Agosto	1
3.o C. A. Filosofia	3
3.o C. A. 25 de Janeiro	3
3.o C. A. Ciências Economicas	3

Os nossos campeões

EDUARDO DI PIETRO e sua carreira meteórica



Nasceu em S. Paulo, em 10 de Junho de 1920 e tem, portanto, apenas 20 anos. Formou-se pelo Ginásio Sto. Alberto em 1937 e ingressou na Faculdade em 1939, tendo disputado esse ano a difícil "corrida" para os poucos lugares do curso medico...

Di Pietro começou a praticar o atletismo já na Faculdade, em Maio de 1939, e seus resultados primeiros nada indicavam de extraordinario: 9" 5/10 para os 75 metros e 40" 8/10 para os 300, no nosso Campeonato de Estreantes de 1939.

Já no Torneio Estimulo da FUPE, seus resultados foram bem melhores: 55" 8/10 nos 400 metros (3.º lugar) e no revezamento de 4x400, também 3.º colocado.

No Campeonato Interno, tirou o 3.º lugar nos 75 metros e secundou Gherardi nos 300.

Correu em seguida no II.º Revesamento Universitario de 7 de Setembro, onde venceu a nossa valorosa turma.

A figura de Di Pietro foi apagada na Mac-Med desse ano, pois conseguiu apenas dois modestos 5.ºs lugares nos 75 e nos 300 metros.

No Campeonato Academico, entretanto, teve a satisfação de bater o recorde universitario (por uma só escola), alcançando sua turma 3'32" 6/10 para o revezamento de 4x400.

Estreando em Maio de 1940 na F.P.A. pelo Club Esperia, Di Pietro tornou-se

a revelação da temporada atletica. Os recordes cairam, um a um, diante de seu poderoso "rush" final.

Sua rapida e brilhante carreira conta com as seguintes performances, todas elas de invejavel valôr:

Campeão estreante e recordista dos 300 metros, com 36" 3/10.

Segundo lugar nos 200, em Juniors, com 23" 3/10.

4.º lugar nos 200 metros, na competição "Qualquer Classe" e idêntica colocação na Taça Ademar de Barros. Vencedor, com Mine, Gherardi e Padilha, do Revesamento de 4x400, na mesma ocasião. Tempo, 3'25" 7/10.

Segundo lugar, em "Qualquer Classe", nos 400 metros: 51" 5/10.

Vencedor em "Juniors", dos 400 metros, com o magnifico tempo de 50" e 5/10.

Venceu também os 400 do Torneio Estimulo da FUPE, com 54" 3/10, numa corrida fácil.

No Campeonato Academico de 1940, foi 2.º nos 100 metros, com 1" 4/10 e vencedor dos 400 com seu melhor tempo, 50" 3/10!

Venceu no Rio a prova da sua especialidade, conseguindo alcançar 51" justos. Venceu também o 4x400, em disputadissima corrida.

Tal é, em rapidos traços, a carreira brilhantissima de Di Pietro que, si os fados permitirem, muitas glorias dará a Faculdade e ao Brasil!

Ingratidão para com os esportistas

Sob esse titulo, um novo jornalzinho da Faculdade, publica um artigo no qual faz uma apologia dos esportistas da nossa escola.

Não nos interessa saber se o articulista está com a razão ou não.

O fato é que não estamos de acordo com alguns pontos. Assim, logo no inicio afirma que muita segunda época e até reprovações são devidas, em grande parte, á dedicacão pelo esporte dos nossos colegas. Isso não é verdade. E se o autor de tal artigo, que talvez já tenha sido reprovado e não seja esportista, procurar saber quais os alunos da Faculdade que já foram jubilados, ou repetiram anos ou mesmo fizeram segunda época, verá que nenhum deles é esportista.

Se o autor considera como esporte a vagabundagem, estamos de acordo, caso contrario não.

Outro ponto de interesse é o que diz respeito ás regalias dos socios esportistas.

A atual diretoria do Centro, aliás a

melhor diretoria que já tivemos, no principio de sua gestão, indicou uma comissão, da qual fizeram parte Binda Guida Filho, Oswaldo Melone e Carlos Schelini, para estudarem a situação dos esportistas.

Depois de estudar minuciosamente a questão deu um parecer. Se foi certo ou errado é cousa que não discutimos.

O que deixa a gente a pensar é o fato de um dos elementos da aludida comissão que votou por essa medida, agora, em vespas de eleição, não sabemos porque, se transformou da noite para o dia em paladino, gratuito, dos esportistas.

Se esse illustre colega tivesse esse gesto quando no inicio dos debates da questão, nada mais justo, mas agora, francamente, é para desconfiar.

Essas mudancas de atitude em vespas de eleição, para nós, traz agua no bico, e os esportistas que se acautelam.

SPIX

NOTAS

Foi escolhida, há tempos, a comissão que tomará sobre si os encargos de organizar a 6.ª Mac-Med. Tal comissão, integrada por Bertacin, Kaól, Terrier e Procopio, pelo Mackenzie e Melone, Caetano, Lopes e Schelini, pela Medicina, já se reuniu varias vezes, resolvendo todas as duvidas existentes desde o ano passado.

O nosso time de futebol estreou, em Franca, o seu novo e bonito uniforme, todo branco e com pequenas listas na manga e na gola. Com esse, a seção de futebol passa a ter cinco uniformes completos.

Da mesma forma, estão sendo confeccionados novos uniformes para volley, igualmente brancos e com um M bordado ao peito.

Os esportistas da escola, têm, dessa forma, visto todas as suas necessidades satisfeitas pela diretoria do CAOC.

Está sendo organizada entre nós uma turma disposta a trabalhar em favor da organisação de uma poderosa torcida, capaz de enfrentar com sucesso a barulhenta assistencia mackenzista. Desde já, trabalham Zé Lopes, Isaias, João Leite, Eurico, devendo ser inscritos outros nomes na lista dos "esforçados"

O Revesamento Universitario que o Centro realizou por duas vezes a 7 de Setembro, não poudo em 1940 ser levado a efeito na data tradicional, em virtude do calendario esportivo da F.P.A. marcar competições para 7 e 8 de Setembro.

Sabemos que, todavia, o II.º Revesamento será efetuado ainda este ano, embora não esteja ainda marcada a data de sua realização.

Origem e generalidades do Voleibol

MOACYR DAIUTO
(Treinador de voleiból do CAOC)

O moderno jogo de Voleiból foi inventado em 1895 por William G. Morgan, diretor do Departamento de Educação Fisica da Associação Cristã de Moços de Holyoke, estado Massachusetts, nos Estados Unidos.

Conforme artigo do próprio Sr. Morgan, com crescente aumento de entusiasmo nas classes de ginastica para senhores, sob sua direção na A. C. M. em que ele era diretor, pareceu-lhe imprescindível organisação de um jogo que se adaptasse seus alunos, como o cestoból se adaptava aos rapazes.

O tenis foi um dos jogos lembrados, porém, pela necessidade de um material de preço consideravelmente elevado, não foi possível adotá-lo. Entretanto, perdurou a ideia de se adaptar a rede do tenis a um outro jogo, o que se fez colocando-a a uma altura de 1m95 do solo, isto é, acima da altura média dos jogadores; e assim, com o passar do tempo, foram sendo regulamentadas as diferentes partes. A bola a ser usada foi uma das questões mais dificeis de ser resolvida, pois, as que foram experimentadas não satisfizeram por varias razões, como sejam o peso, a circunferencia, etc.; somente com a encomenda feita á firma Spalding para a fabricacão de uma bola a moldes das que se usam hoje, foi satisfatoriamente resolvido problema.

Dai por diante voleiból foi se difundindo cada vez mais, principalmente após publicacão das primeiras regras, que se deu em 1896. Estas regras que no principio se compunham apenas de nove artigos, também foram sendo melhoradas ampliadas por comissões especialmente designadas para esse fim, até que se chegasse á forma atual.

Os indigenas do norte de nosso pais praticavam um jogo bastante semelhante ao atual voleiból, pois, estendiam alguns cipós a uma certa altura do solo os jogadores, colocados

de um outro lado, disputavam partidas com uma bola de borracha massica, que somente podia ser rebatida com cabeça. Apesar da grande semelhança deste com o jogo inventado nos Estados Unidos, não podemos afirmar ter havido qualquer interferencia deste na invenção do atual voleiból.

O voleiból, como todo esporte coletivo e um jogo por excelencia de conjunto.

O seu caracteristico principal — a falta de contato pessoal com o adversario — acarretando relativa imobilidade para o praticante, exige um esforço muito maior do sistema sensitivo motor, o que dificulta sobremodo o entendimento do conjunto.

O jogador de voleiból atua muito mais no jogo de conjunto de sua turma, com seu sistema nervoso do que com a realização de movimentos, daí a dificuldade de controle durante desenrolar do jogo. Este fato traz como consequencia necessidade de grande concentração e mutuo entendimento entre os componentes de um quadro, uma vez que não é possível haver boa exibição do quadro quando qualquer de seus componentes, desejando sobressair-se, desenvolve, jogo individual.

No voleiból entra em atividade grande maioria dos musculos do corpo, com as pequenas corridas, as inclinações, as flexões, as extensões, os saltos, as rotações do tronco, enium com os mais variados movimentos que são exigidos de um jogador no decorrer de uma partida.

A estas vantagens ao fisico, devemos acrescentar as oportunidades de relaxamento mental e do esquecimento, nas delicias da competição, das preocupações comuns a todos.

Por consequente, o voleiból aumentando a coordenação neuro-muscular, desenvolve a rapidez do pensamento e realça os ditames comuns da vida no tocante á justiça e lealdade nas mais diferentes ocasiões.

O Bridge

O Bridge é um jogo que merece um lugar á parte entre os jogos de cartas. Com efeito, pela sua qualidade essencial de jogo de raciocinio deve ele ser colocado quasi ao nivel do Xadrez.

Jogado em S. Paulo ha muito anos, sempre estranhamos não fosse o Bridge introduzido nos ambientes universitarios. Felizmente agora, encabezado pela Politecnica, forma-se um movimento em favor do Bridge. Provavelmente em breve teremos um nucleo universitario de Bridge, com a realização de torneios e reuniões semanais de elementos de todas as faculdades, em salão cedido por um dos clubes da cidade.

Afim de preparar os elementos da Medicina e afim de não deixar a nossa Escola em situação de inferioridade em relação ás outras nesse jogo que,

dando uma significação ampla ao termo, poderíamos chamar de esporte intelectual — como o Xadrez, a atual Diretoria do CAOC acaba de fundar uma Seção de Bridge, anexa á de Xadrez.

Dotada de um regulamento que próibe todo o jogo que não seja o Bridge, funciona atualmente na sede do CAOC uma pequena mas confortavel sala de Bridge.

Convidamos pois os bridgistas da nossa Escola a que atendam a este toque de reunir, afim de prepararmos a nossa equipe, pois já fomos mesmo desafiados pela turma da Politecnica.

Convidamos também os "outros", os interessados, pois sempre encontrarão colegas dispostos a inicia-los no belo e dificeil jogo do Bridge.

Os nossos campeões

FRANCISCO DE PAULA SANTOS

----- ABREU -----



Nascido em Ouro Fino, Minas, aos 5 de Dezembro de 1919, conta, portanto, o nosso jovem campeão brasileiro de bola ao cesto, apenas vinte anos.

Iniciou seus estudos nesta Capital, matriculando-se depois no Liceu Rio Branco, onde se diplomou em 1936. Conseguiu ingressar em nossa Escola em 1939, após brilhante concurso e frequenta atualmente 2ª Série do Colégio Universitário.

Começou sua atividade esportiva aos 11 anos, praticando o esporte que o iria consagrar mais tarde; durante dois anos, integrou o infantil da ACM.

Em 1938 jogou pelo Instituto Riachuelo, cujo quadro sagrou-se campeão do Campeonato Colegial desse ano.

Ao entrar para a Faculdade, em 1939, foi considerado apenas um discreto reserva. Seu progresso foi, porém, muito rápido e Abreu imediatamente efetivado na turma.

Levado por amigos, ingressou para o SPR, em cujo 2.º quadró disputou o retorno do Campeonato da Cidade, conseguindo

3.ª classificação.

Em Abril do corrente ano, integrou a seleção da FUPE que, como todos estão lembrados, foi brilhante vice-campeã da II Olimpíada Universitária.

No mês seguinte formou no quadro extra do SPR campeão do torneio Popular da "Gazeta".

Por ocasião dos festejos da inauguração do Estádio a seleção universitária de que fazia parte venceu sua congênere argentina, e Abreu teve destacada atuação.

Logo em seguida passou para o quadro principal do seu clube, disputando o Torneio de Preparação da FPBC, em que mesmo logrou brilhante segundo lugar.

Sua notável atuação abriu-lhe o caminho para o selecionado paulista para a consagração definitiva; Abreu sagrou-se campeão brasileiro de bola ao cesto de 1940, tendo tomado parte em todos os jogos de sua turma.

O CAOC muito espera de você, Abreu!

Como a Diretoria do Centro trata de seus esportistas

A Diretoria do Centro tem cuidado, com grande interesse, de tudo quanto diz respeito às necessidades e ao conforto dos esportistas.

O nosso Estádio, que dia a dia se vai ampliando e tomando cada vez mais as proporções grandiosas, a que já está atingindo, coloca-se hoje na vanguarda dos melhores no gênero do país.

A atual Diretoria sempre realiza reuniões com os respectivos Diretores de Esportes, em que se discutem todas as medidas e todos os melhoramentos a serem tomados. Assim é que foram adquiridos agasalhos para os esportistas no valor de 2:100\$000; compraram-se uniformes para futebol e bola ao cesto; construiu-se o gol próprio para polo aquático, novos trampolins; também, as bolas de futebol e cestobol, rede nova para as traves, etc., tudo isso enfim o Centro possui. Organizou-se um serviço de socorro, com caixa contendo todos os medicamentos.

Esse ligeiro apanhado dá mais uma idéia de como a Diretoria do Centro olha a organização de esportes, sempre visando o interesse e progresso dos colegas.

2.º Concurso de Palpites Mac-Med

Organizado pelo "O BISTURI" e pela Revista da Associação Atletica Mackenzie.

COUPON INDIVIDUAL

para o

CONCURSO MAC-MED

organizado pelo "O Bisturi"

MACKENZIE OU MEDICINA?

vencerá em:

ATLETISMO	TENIS
VOLEIBOL	BOLA AO GESTO ..
REMO ..	XADREZ
NATAÇÃO	POLO AQUATICO
	FUTEBOL
Assinatura: ..	Escola
	Ano

Assista a todos os jogos da V Mac-Med.

1.º premio: Artigos de esporte, a escolher, no valor de 100\$. oferecidos pelo Centro Academico "Oswaldo Cruz".

2.º premio: Artigos de esporte, no valor de 80\$, oferecidos pela Associação Atletica Mackenzie.

3.º premio: Um par de calçados, para rapaz ou moça, no valor de 60\$, gentilmente oferecido pelas "Casas Eduardo"

4.º premio: Premio no valor de 50\$, á escolha do vencedor, oferecido por Paulo Mascarenhas.

5.º premio: Um agasalho de esporte (do Mackenzie ou da Medicina), no valor de 40\$, oferecido por Bindo Guida Filho.

6.º premio: Artigo de esporte, no valor de 30\$, oferecido pelo Centro Academico "Hóracio Lane".

BASES DO CONCURSO

1 — Poderão concorrer unicamente os alunos da Faculdade de Medicina e dos diversos cursos do Mackenzie. O Concurso é gratuito.

2 — Os referidos alunos terão apenas UM voto, sendo excluidos do Concurso os que apresentarem dois ou mais coupons.

3 — O coupon é absolutamente individual e comprovado pela assinatura do votante.

4 — A classificação será feita segundo o numero de palpites certos. Em caso de empate, os premios serão distribuidos por sorteio.

5 — O Concurso encerrar-se-á, impreterivelmente, na vespera do inicio das competições.

6 — Os coupons ilegíveis ou duvidosos serão anulados.

Os premios serão, impreterivelmente, entregues no baile da Mac-Med.

ESPORTISTA!

a palavra de ordem é:

TREINAR

“O CARURÚ”

Uma série de experiências sobre alimentação levadas a termo nos Laboratórios de Fisiologia desta Faculdade, acaba de ser coroada do mais pleno êxito científico. E assim, além de dar a Ciência mais um grande pinote, temos ainda a auréola da Glória sobre a fronte de mais um mestre desta querida escola.

Trata-se de uma experiência de vulto, só comparável à de Pavlov (Paulóve, aqui para nós) seus cães. E' assim que, ministrando-se alimentos determinados a alunos que gentilmente (pois não precisavam de nota) se prestaram à experiência obtiveram se resultados espantosos.

Tres foram os escolhidos. Todos do mesmo sexo, peso, altura, idade e ideias. Ao primeiro foi ministrada dieta de pipoca e pé de moleque e obrigado ainda a assistir a todas as aulas teóricas. Ao segundo, além da necessidade de assistir às aulas foi imposta uma dieta de queijo e leite condensado. Ao terceiro, finalmente, que só se alimentava de carurú, foi dada a dispensa, de todas aulas teóricas.

Ao cabo de 1 mês não se notava grande diferença no desenvolvimento somático dos alunos cobaias, mas já ao fim de 5 meses



podia-se perceber ligeiramente uma alteração.

Publicamos aqui, em primeira mão, a fotografia dos alunos em experiência, fotografia esta digna dum tratado de Hoeber ou Sarrasani.

Percebe-se facilmente a oscilação do crescimento dos rapazes, submetidos às mencionadas dietas. O do meio, aquele que só se alimentava de carurú e não assistia às aulas teóricas, prova categoricamente a importância desse vegetal brasileiro na alimentação. Bate longe o famoso espinafre do Popeye.

Os outros, cuja dieta era queijo e pipoca, e assistiam obrigatoriamente às aulas, mostram a insuficiência desses alimentos, considerados, portanto, doravante, “alimentos em más condições”. Vemos que os rapazes não tiveram a vertigem das alturas, que só o carurú pôde fornecer, ao contrario, pararam imediatamente o crescimento, em plena puberdade, e se mostram como que estufados, enchidos.

O carurú, indiscutivelmente, ha de correr mundo e abafar. O nosso século ainda ha de se chamar o século do carurú.

E em virtude do sucesso dessa famosa descoberta, vamos fazer um abaixo assinado para que o premio Nobel desta vez venha para estas plagas, : abrir, desde já uma subscrição para um monumento ao carurú.

Salve carurú, que fortalece engorda!

VI TUDO

O baile do Mac-Med

José Dias, a superlativa personagem de Dom Casmurro, teve oportunidade de comparecer a este baile e só ele, mais do que qualquer outro, está credenciado para ser o pai desta cronica.

Gostossima foi a festa.

Gostossissimo é ver tantos futuros caçadores de microbios empenhados na caçada de “macrobias”.

Gostossissimo é ver. Gostossimo, tambem, seria ouvir o que eles diziam.

Gostossissimo seria, por exemplo, ouvir o Helio discorrer com T. R. sobre a importância da “cold pressor test”.

Gostossissimo seria ouvir o Teixeira procurando convence-la de que se não existisse a mulher o poker seria a 8.a maravilha do mundo.

Gostossissimo seria ouvir o Romeu se consolando intimamente, de que não é só com o estudo, mas, tambem, com as mulheres a maior dedicação é semente da maior desilusão.

Gostossissimo seria ouvir o Morback procurando se convencer de que mais vale um “buxo” nas mãos do que duas “boas” na imaginação.

Gostossissimo são os bailes da Escola, pena é que são tão raros.

J. D.

Coisas do Colégio Universitário

O insigne tradutor da “Botânica” de Van Tughem, que há tanto vem lecionando História Natural, acaba de publicar um novo e interessante livro — **Taedium Vitae**.

Esse livro, tão util como a citada fitologia-dicionário (como ela, é volumoso de bom feitio para juntar pó em estantes), certamente terá aceitação dos professores da nossa Faculdade.

Interrogado pelo nosso redator, explicou que resolveu publicar sua autobiografia, depois de ler “O livro de San Michele”, “A Cidadela”, “Doutor, aqui está o seu chapéu”, e muitos outros. (De maneira que aqui, a bibliografia consultada é mais extensa).

Em “**Taedium Vitae**”, conta-nos eminente professor, que há trinta anos levanta céus para vencer as vinte quatro diárias e, hoje está satisfeitiíssimo com a criação do Colégio Universitário; aumentou-lhe o número de alunos particulares para preparatório e, como horário da Escola do Araçá é feito de retalhos, não atrapalha.

Comenta ainda a falta de inteligência (talvez se refira à memória) dos alunos de hoje, que nem sequer perceberam que ele há trinta anos faz as mesmas “perguntas de algebeira” nas provas parciais.

Finalmente, sobre evoluir das ciências naturais, diz que tem sido pequeno depois de Aristóteles, Magnus Magister.

Nota: O volumoso Opus foi escrito em latim, á guisa do dos clássicos medievais, para se não confundir com esses vis livros para ginásio.

Consta-nos que, no eficiente curso de inglês, acaba de ser proibido oficialmente conversar sobre política.

O Senhor Doutor Professor de Lógica, conhecido por várias alcunhas, acaba de numa de suas magistrais aulas, afirmar que todas as células de nosso corpo são completamente renovadas durante um periodo de sete anos; a morte consistiria, segundo

eminente catedrático, na cessação dessa atividade.

Pedimos ao caríssimo mestre mais parcimoniosa, uma vez que está dando aulas futuros médicos, que poderão “concluir” erradamente quanto á sua lógica.

O professor Romeu convida todos os alunos desta magnífica Escola assistirem ás suas conferências, realizadas duas vezes por semana nos anfiteatros do 4.º andar sobre: “Considerações teóricas de física prática”.

O Cruz, mestre de grandes discípulos (Granville, Comberousse, eu, você e outros) pede desculpas de ter sido forçado a dar notas baixísimas nesta prova; explica-se, porém: com a guerra, subiram os preços ele precisa de alunos particulares — em última análise, a Alemanha seria responsável pela sua atitude extrema.

Pela janela, vi Costa entrar na sala de exames. Estava senhor absoluto d situação, como suprema autoridade; despejaria sobre inocentes “carecas” toda sua vingança. E ditou bem alto o terrível anátema: —

Primeira parte: Problema

Segunda parte: Problema.

Os funcionários da secretaria impediram-me de ouvir terceira parte, enxotando-me da janela.

O Doutor Ernani, entusiasmado no decorrer de uma de suas fanhosas preleções sobre “colídes”, afirmou que é mortal a injeção de água destilada ou soro hipertônico nos organismos vivos superiores.

Por pêso, estava presente um aluno do curso médico, que embriuhou, perante toda turma, com tratamento das dores de cabeça, após intervenções anestesiadas pelo ráquis.

Foi pena! Os alunos já conspiravam para introduzir, no abundante celular subcutâneo de alguém, algumas gotas de mortífero veneno. “AÇO”.



“NA EDUCAÇÃO FISICA DA MOCIDADE
ESTA’ O FUTURO DO BRASIL.”



Pratique esporte e compre
seus artigos desportivos na
- melhor casa do gênero -

«Ao Esporte Nacional»

R. S. BENTO, 256 - FONES: 2-1196 e 3-3235

“A casa que tem tudo para Esportes”

PERSONALIDADES...

Há tanta gente interessante e popular no 1.º ano médico, que eu tomei a meu cargo a “pachorra” de definir as miserias creaturas que se propuzeram estudar Medicina!

Tarefa muito cacete, como cacetes são todos esses indivíduos multipotenciais;... apesar disso como gosto de falar da vida alheia e como me agrada tanto “encher”... colunas do BISTURI”, penso levar esse trabalho ao termino.

Espero, aliás imponho, que a acolhida seja cordial, e se por acidente inesperado a recepção não for solenemente efusiva, juro pelas suas duras carecas que continuarei a “enchê-los” (os Bistoris), com comentarios e críticas até sobre a propria vida particular... Como estas, na sua totalidade, não são limpidas como agua cristalina... Cuidados!

Poderia por exemplo, começar pelos mais estudiosos, mas prefiro começar por aqueles que são além disso, os mais prendadinhos...

JUNQUEIRA: Um moinho a vento... de D. Quixote.

FAUSTO: Uma candida e pudica donzela... “calçada”!

CONCEIÇÃO: Uma boca a falar e... ninguém a ouvir.

NESTI: Um jovem esqueleto... com certo valor anatomico.

CLEMENTE: Um pedantismo com cara de cortezia... para vender livros.

LIBERATO: Um aço dós... temperado!

ANGELINO: Um anjinho... a pensar nos “arranca-tocos” da varzea.

IVO: Um dos 3 mosqueteiros; o pampamoscas...

LUCIO: Um descançado que para não se cançar... descança.

ANTUNES: Uma serigaita... a matraquear asneiras!

BARLACH: Um judeu, desordeiro, pão duro... com violino e cara de Paganini!

RENATO: O unico senão é... sonhar com a Faculdade de Medicina transferida para Taubaté.

DIRCE: Uma silhueta que percorre com passos ritmados... um arido deserto!

SILVIA: Uma pessoa que quer fazer da Escola... um lar!

SERGIO: Um eterno calouro... extemporaneo.

FICCARDI: Um placido e estratosferico colega; inofensivo.

GHERARDI: Duas pernas, 400 ms. e nada mais!

PINI: Um “Gherardi” encadernado de branco...

PRIMO: O homem, aliás o projeto de homem, que conhecerá altura... somente de avião.

MACHADO: Um touro... das narinas até as ventas...

ABEID: Si jogasse futebol como estuda, seria um Leonidas... sem bicicletas!

VERGINELLI: 2 taquaras enfeitadas, um par de oculos, uma cara de culca... a elogiar Campinas.

C. C. C.: Não é sociedade secreta: é apenas um camplheiro, com 3 cês...

BELLO: Uma “Floribela”, que se envenenou ao comer um “bonbomsinho” que caiu de uma caixa de “finos” charutos!

OFELIA: Uma expressão das Arabias!

JANDIRA: Microscopica figura, que estuda Medicina para viver com o... Paulo!

PAULO: Um tico-tico a dançar fox-trot, a soprar rumbas e a trabalhar com... “záppa”!

CELESTE: Um homem com “maneiras e modos” e nome de... mulher!

PLINIO: Um bendengó de carne que caiu na Faculdade e não quer mais sair!

DACIO: Satellite “rítmico” do precedente, a bailar... Balalaikas em Inglês.

COTRIM: As melhores almofadas “in vivo” do anfiteatro!

ADEMAR: Um porteiro gentil, que subiu (ou deceu) de servente a... estudante.

SEVERO: Um homem... em camara lenta!

A's nossas ordens.

FALADO RE STO

Ultimas confissões

Fisiologia, estudar tanto essa infame foi na vida que fiz de maior erro: dia que eu tiver zero no exame, quero dois sapos bons no meu enterro.

(Franklin Rosaverde)

De todas as matérias que conheço, aquela que me causa mais fobia, mais chata de todas que aborreço é, sem dúvida, Microbiologia.

(Florianólobo)

VOLTA AO PASTO ANTIGO

Como um burro que volta ao pasto antigo,
Depois de um longo e cansativo "trote",
Quis um calouro, candidato pixote,
Entrar na Faculdade, dócs abrigo!

Mas o Faria, armado de chicote,
Resolvido lhe dar um bom castigo,
Pô-lo logo pra fóra do postigo,
Com um simples tabefe no canote...

Não fez mal, entretanto... O burro insiste:
E em janeiro lá volta, humilde e triste,
Com sua sapiencia costumeira...

Vendo o Faria, rindo, esta toleima,
Resolve premiar tão grande teima,
E abre-lhe, enfim, as portas da cocheira!

HUMBERTO JUDITI

Xeque-mate!

Reina desusado movimento, em torno da
seção de Xadrês, do nosso Centro.

Parece que, de repente desabrocharam,
no cérebro, de nossos colegas, em lindas
rosas, os insignificantes botões de in-
teligencia, que lá dormiam meio atordoados
pelos exercicios fisicos...

E' uma efervescencia, é uma agitacão, é
uma febre, é, quasi deviamos, shrdlu pod
uma febre, é, quasi diriamos, uma verda-
deira epidemia, a XADRESITE cujas cau-
sas ficam por descobrir, e etiologia por es-
tudar...

Permito-me imaginar que o ano de 1940,
traz dentro de si, qualquer irradiacão radi-
ativa, o XADRONIO que sensibiliza as ce-
lulas cinzentas dos colegas, e... lá vai en-
xadrista... Resta que algum fisico, capte
esse xadronio, e distribua mais calma-
mente, sem causar perturbacões... Pertur-
baciones, como essas, que obrigam o nosso
presidente (que Allah cubra de bençoes,
seus bigodes) a mandar pôr novas cortinas
na sala do esporte dos reis, e mais duas
mesas, além das seis que já existem...

E para cúmulo, mais dois jogos tambem...
Compreendo porque duas mesas a mais,
(são para acomodar os SAPOS que enchem
a sala) mas os dois jogos? Devem ser
para jogar...

E então Roma cairá... (Declínio e Qué-
da do Imperio Romano) isto é, aquilo vai
virar sorvete... já agora, entrar lá pelas
17,10 é um inferno, de palpites, de grupos,
em cujo centro sobressaem os cerebros can-
sados dos jogadores (cansados, de ouvir
palpites).

Esperemos que essa XADRESITE, cujo
progresso acompanhamos com satisfacão,
prosiga fazendo vítimas entre todos os co-
legas: que não seja como foram o yô-yô,
o sorvete de pausinho, os rinks de pati-
nacão...

E que o Grieco se veja forçado a trans-
formar o C.A.O.C. em C.A.X.O.C. com mui-
tas salas de Xadrês, jogos.

Amen!

PE-WEE

NOTICIÁRIO ESPORTIVO

A República Otomana acaba de pro-
mulgar um decreto-lei muito trágico:
nenhum funcionario público pode ca-
sar-se com mulher-estrangeira, e os
que estiverem casados em tais condi-
ções deverão abandonar imediatamen-
te os seus postos.

Sem dúvida, uma boa desculpa aí
está: ninguém querará deixar o em-
prego...

D. ANTÔNIO DE NARIZ

LIÇÃO DE GRAMÁTICA HISTÉRICA

Malignus — Malignu — Maligno — Mali-
rho — Melinho.

(Fieramosquito)

S A B E D O R I A

(Um fato historico)

Numa tarde azarada, de calor, de ocio de
preguiça, na chacara do Mandaquí S. Excia.
vasculhava uma estante poeirenta procurando
uma leitura amena e deleitosa onde repousar
o espirito tropego fatigado das 5 laboriosas
aulas que durante o ano de graça de 1939 mi-
nistrara a uma turma ingenua indefesa de
rapazinhos rapagões.

Foi, quando, por desfastio jovial ou de caso
mui pensado, os Fados houveram por bem ati-
rar-lhe ás mãos um volume esquecido e ve-
lhote do Antigo Testamento. E foi folheando em
busca do Cantico dos Canticos que lhe veio aos
olhos argutos experimentados a conhecida
passagem em que Salomão, Sabio entre os
sabios, numa centelha de genio ou num gesto
de mau humor profere a sentença imortal de
investigacão de maternidade mandando partir
ao meio a criança, objeto de disputa entre
duas mães! E a verdadeira mãe, num gesto de
renuncia e despreendimento de que só é capaz
um coração, materno, abre mão de seus direitos
para não ver morto o filho.

Na grandeza desse gesto o rei sabio reco-
rreco grandeza de seu amor:

— "Esta, esta é que é mãe!"

(Tóc, toc, toc).

S. Excia. se extasia! Como era sabio o gran-
de rei! Como numa sentença tão simples em
aparencia se encerra um tão grande conheci-
mento da natureza humana!

"Uma sentença assim conduziria á imortalida-
de o mais esquecido dos mortais", pensa S.
Excia., com um brilho esquisito no olhar.

Lá fóra, na tarde azarada — de calor, de
ocio de preguiça, — o sol esturricava as fo-
lhas das roseiras e punha cantos de cigarra
entre ramagem das arvores frondosas.

Era ainda em 1939. Enquanto Terra con-
tinuava girando clinicamente em torno do Sol,
as coisas mais esturdias se passavam neste
vale de lagrimas, de guerras relampago e de
Constantinos Mignone.

Nesse ano tinha havido, se não nos falha
memoria, mais uma dessas reformas que sem-
pre modificam, concertam, remendam mas nun-
ca endireitam o curso medico. E cadeira de
Microbiologia que sempre fóra uma senhora
honesta, caseira, quituteira socegada, não
sei por que carga da agua deu para fazer sara-
coteio pulou do 3.º para o 2.º ano.

E assim, naquele ano de fatidica lembrança
foi decidido que os alunos do então 2.º ano
(essa turma que meteu na cabeça que saber
as apostilas é muito bom) ia ter guias de Micro
em conjunto com 3.º.

— Pôchal que azarl disse a quem mal hu-
norado.

Mas lá ficaram e no fim sabiam direitinho
que "o genero Phialophora tem um cajado no-
casso".

E quejandas!

Mas acontece que lá pelas tantas os tais
rapazes se lembraram de que para esse nego-
cio de ter nota alta é muito bom agradecer aos
professores. E resolveram fazer-lhes uma mani-

festação de apreço — mas so aos do 2.º ano,
é claro — néca de homenagear professores de
cotas turmas. E lá começou a lista:

Dr. Lordy
Dr. Odorico
Dr. Franklin
Dr. ...

Aí carro enquiçou. E Dr. Floriano? Se-
ria considerado professor do 2.º ou do 3.º ano?
Que duvida cruel!

Foram consultar o Canastra que era um du-
vidia, nesse assunto em alguns mais, pes-
soa mais representativa do 3.º ano de então.

— E' do 3.º, é claro! diz Carneirão num
sorriso de Melancia. E ha quantos anos! Você
aqui são meros hospedes.

— E reforma? indaga erudito represen-
tante da outra turma.

— Qual reforma, qual nada. O que vale é
tradição. A reforma é para 1940.

E' do 3.º, é do 2.º, é do 2.º é do 3.º —
ficou um entupigaitamento.

— Pois então vamos consultar o Diretor, lem-
brou alguém de mais bom senso.

Organizaram duas comissões e foram.

As embaixadas chegaram cada leader
apresentou o seu arrazoado:

S. Excia. fumava na piteira — fumava na-
quele silencio impassivel que já tem feito mu-
ta gente sofrer no exame oral.

Os representantes faziam acrobacias de logi-
ca e de retorica — "porque a tradição... por-
que a reforma... sempre foi de 3.º... sempre
será do 2.º.

Os argumentos empatavam. Era uma enta-
ladeira! O mestre nada dizia. Os oradores di-
ziam tudo.

Nesta altura lampejou lembrança do rei
Salomão naquele cerebro glorioso tão dado
ao que é patologico.

A Sobedoria! A Justiça! A Imortalidade!

"E' agora" pensou ele — lascou:

— Pois que se rache ao meio Professor
Floriano!

Silencio. Silencio absoluto.

Os embaixadores estavam perplexos. Estaria
louco o Diretor? Ninguém dizia nada.

S. Excia. então olhou para os alunos do 3.º
ano. Olhar profundo, olhar que conhece os
homens.

Os rapazes nada disseram. O chefe deles le-
vantou os ombros mostrou as palmas das
mãos como quem diz: "Que vá!"

S. Excia. olhou então para os outros, os do
2.º ano.

O chefe estava palido, exoftalmico, treme-
bundo:

— Mas professor! rachar Dr. Floriano?!
Uma gloria da ciencia cogumelica?!

Foi então que S. Excia. voltou-se para o 3.º
ano num sorriso de triunfo:

— Vocês! vocês é que são os verdadeiros
alunos do eminente Floriano!

E fez com a piteira um gesto circular que
queria dizer: ide — ide e contai ao mundo!

PANGLOSS

NOVIDADES LITERARIAS

Os srs. Renato Brown de Souza Pe-
reira e Pinho Machado, após exausti-
vos e longos trabalhos sobre o futebol
brasileiro, darão á luz, em breve, ao
"Trattato degli futbolisti", que, graças
ao renome de seus autores, irá por cer-
to causar sensacão no mundo esporti-
vo nacional.

De inicio, tratam os autores da pré-
historia e da historia futbolística. Nar-
ram os renhidos prélios travados entre
formidaveis dinosaurios e colossais
brontiosaurios, nos tempos remotos do
nosso barbudo pae Adão; passam de-
pois pelo futebol platônico; citam as
correntes aristotélicas, e terminam nas
modernissimas teorias de Einstein.

Após, expõem eles sua nova teoria.
Haverá 2 goleiros, 4 zagueiros, 5 médios

e 7 avantes. Faz-se abstracão do ad-
versario, porém se algum deles tiver a
audacia infame de tentar agarrar a
bola, salta-se-lhe ao pescoço e aplica-
se um arm-lock, pondo-o fóra do gra-
mado. Dessa maneira, a vitória será
certa.

E assim vão os festejados técnicos do
Reação, com a leveza de sua brilhante
pena e com o fardo de seus conheci-
mentos técnicos em explanações ele-
gantes, concluindo por fim que a úni-
ca coisa que realmente atrapalha os
nossos cracks é a bola.

4 volumes — Encadernado 380\$000
4 volumes — Brochado ... 320\$000

Editrice Torinese Nacionali

OTTORB

RIMPIANTO

Eu deixarei a Micro nesta Escola,
como um burro que esquece que aprendeu
como um homem, de honrado respeitado,
que foi lá no "bas-fond" e se perdeu.

O Floriano, o Melinho e Zé Manguinhos,
pra estrepar-nos, fizeram sociedade;
se as aulas continuarem desse jeito,
adeus, nossa querida mocidade!

A turma é muito chata no conjunto,
mas cada um de per si é bom sujeito;
cara é que nos faz logo lembrar:
tomou purgante, mas não fez efeito...

D. ANTÔNIO DE NARIZ.

"Uma aula como muitas"

E-tou lá em cima no anfiteatro. Ouço
gargalhadas estridentes. Nomes pouco co-
muns pelo ar. Batidas de pé. Confusão de
vozes. Alunos em posição: as mais bizar-
ras, as mais desageitadas e as mais indo-
lentes. Barulho em tudo. Enfim um infer-
no! Tenho a impressão de estar em um
meio de loucos. Uma verdadeira ballburdia.
Nisto, de um momento para outro, como
que por encanto, tudo muda. Cái um ver-
dadeiro lençol de chumbo sobre a classe.
Silêncio. Começa-se a ouvir o respirar de
pessoas sófregas e apressadas. Chegam os
atrazados. Ouve-se o riscar de um lapis.
Ouve-se, ainda, o tic-tac de um relógio or-
dinário. O silêncio aumenta. Não se ouve
mais nada. Ausência absoluta de vida. Tu-
do está morto. Começo, daqui de cima, a
ver cabeças sairem da posição vertical.
Percebo já alguém ir se ajoitando. Outros
guardam canetas e fecham cadernos. Come-
ça o primeiro período do entorpecimento.
Acabei de perceber um coitado lutando com
o sono. Cáem-lhe as palpebras. Ele faz uma
força louca, mas elas são pesadas e insis-
tem. Ela acaba cedendo. Ficam fechadas
alguns minutos. Repentinamente ele acordá,
como que tocado pela consciencia e come-
ça a tomar nota. Mas o sono é forte e a
hora é propícia. São exatamente duas horas
da tarde de uma segunda feira. Depois de
escrever algumas palavras ele não suporta
e entrega, de fato, os pontos! Dorme pro-
fundamente. A este seguem-se outros e
mais outros. E o professor continua a ex-
plicar, explicar e eles nada ouvem, nada
vêm e nada sentem. Percebe-se que ha
opio pelo ar. Tudo agora dorme, inclusive
o assistente, que talvez tenha passado uma
noite ás voltas com algum pirralho!

E éle, o professor, continua falando,
falando, como que adormecendo alguém. E as-
sim a classe mergulha num sono profundo.
Tenho a impressão de estar guardando de-
funto! Existem dois sobreviventes a tudo
isto: eu, que escrevo e o professor que fa-
la. O resto morreu. Depois de longa espe-
ra vem a campanha salvadora, e tudo ago-
ra se mexe. Os corpos se aprumam, cabeças
que voltam á posição inicial, palpebras que
se elevam e olhos que se abrem. Olhares
cruzam-se demonstrando uma alegria infini-
ta. Alguém poderia perguntar: o que
aconteceu? Nada mais que um fato quoti-
diano. Terminou a aula!!! Cada aluno pega
o seu caderno e sai. Lá fóra dá uma es-
preguicadinha e um ligeiro gritinho e diz:
que aula pau, não? E o professor sai da
classe pensando ter contribuido para for-
mar um bom médico. Que illusão doutor!!!
N. N.

ALBUMINAS

(Aula do Dr. MILTON)

As albuminas foram estudadas no
tempo da Inquisição. São substâncias
derivadas do latim: *albus, albuminis*.
Daí, a sua grande importância bioló-
gica. Comumente, as albuminas são co-
nhecidas como clara de ovo — C250
H409 N67 O81 S2 — e servem para fa-
zer suspiros...

COMPOSTO E IMPRESSO NA
— "TIPOGRAFIA PAULISTA" —
JANDAIA, 50 — SÃO PAULO

ATENÇÃO -- UNIVERSITARIO

V. quer resolver os 4 problemas de FISICA e os 4 de
QUIMICA dos EXAMES DE HABILITAÇÃO?!!

SÃO ELLES O TERROR DE MUITOS AÇOS!!!

Evite uma surpresa desagradavel, e de funestas consequencias — Seja aprovado
em Fisica e Quimica, comprando os famosos
370 PROBLEMAS DE FISICA

E
100 PROBLEMAS DE QUIMICA
Todos resolvidos

Procure os seus fasciculos, já, com CHAMMAS aqui na
FACULDADE — 2.ª Série C

LIVRARIA A. MACEDO GRAÇA

Oficina de Encadernação — Pastas — Carteiras, etc.

Mudou-se para Parque Jabaquara (Chácara), Atende, diariamente, da 1 às 2,30
horas da tarde, aqui na Faculdade, junto ao Centro

A. MACEDO DA GRAÇA -- o seu livreiro,
o livreiro -- amigo dos estudantes de medicina

"A LENDA DO AMOR MATERNO

OU "LOLITA A POBRE DESINFELIZ"

Ele descobriu por acaso, no emaranhado colorido de uma preparação. Era uma bactéria perdida naquele meio estranho. Uma bacteriazinha delicada e raquítica que não prometia vingar, mas o Melinho interessou-se vivamente por ela. Cuidou daquele pequenino ser com desvelo paternal dos grandes microbiologistas. Satisfazia-lhe os menores caprichos. E "bichinha" desenvolveu-se toda cheia de dengues e vontades. Queria agar-agar colorido, bom homem teve que arranjar-lhe esse meio. Não quis mais gelose nacional, lá se foi metade da verba do Laboratório para trazer gelose de Paris. E assim por diante. O sábio professor no entanto sentia-se feliz. A bacteriazinha, que ele chamava carinhosamente de Lolita era o seu encantamento. Não se separava do tubo de cultura e não ser com profunda saudade a dilacerar-lhe coração.

Mas não há bem que sempre dure. Um dia, examinando Lolita com grande aumento, notou que a coitadinha não passava bem. Parece que Companhia duns cocus atrevidos e duns espiroquetas abelhudos haviam importunado. Não era ela uma bacteriazinha de tanta confiança como antes supusera... Que fazer agora com pobrezinha? O microwasser-man resultara dum positivismo escandaloso. Infeliz pai! Infeliz filha!

Era necessário agir, era preciso salvar a pobrezinha. Gritou. Clamou aos céus para que ajudassem, para que lhe metessem, encefalo dentro, uma idéia luminosa salvadora. Parece que suas preces foram ouvidas porque, no auge do desespero, resolveu empregar Bismuto no tratamento de Lolita e... ó maravilha! mal foi cedendo lentamente com essa terapêutica. E foi assim que a ciência microbiológica se enriqueceu com mais um importante meio de cultura.

A felicidade dos primeiros tempos parece que ia voltar. Mas não. Os fados perseguiram o professor Melinho e sua bactéria.

O Floriano o Manguinhos que sempre olharam desdenhosamente para aquilo que chamavam com desprezo, o "beguim do Melo", passaram a frequentar mais assiduamente o Laboratório. Lolita tinha "oomp!" e parece que os seduzia também.

E foi então que estalou a bomba.

O Floriano declarou germanicamente que bactéria lhe pertencia porque ele era o chefe. Haveria de fazer estudos sobre Lolita haveria de publicar um trabalho que lhe traria nova glória. Sobrepujar-se-lia si próprio que para si mesmo parecia impossível.

O Manguinhos, porém, interveio, modestamente.

— Não estou de acôrdo. A bactéria me pertence. Para eu fazer de Pasteur café-pequeno só me falta um trabalhinho, e eis que ele acaba de se me apresentar agora. Não é justo que me tirem oportunidade. Ademais, só eu saberei compreender coisa. Requisito-a pois em nome da Ciência e da Humanidade...

O Melinho que tudo ouvia boquiaberto não pôde se conter. Sentiu algo apertar-lhe a garganta. Afrouxou colarinho e, com desespero berrou:

— Não e não! Vocês não bancam os esper-tos por cima de mim!

E lembrando-se da Ceia dos Cardeais que assistira no rádio na noite anterior, bateu no peito como o cardeal português, exclamando, a plenos pulmões:

— Ela é minha! Ela é minha!

A voz do professor Melo, de ordinário tão calma, ribombou pelos quatro andares da Faculdade, mais quinto andar, que é completamente inútil, foi até Mirante, onde se costuma levar as pequenas para ver panorama, se espalhou mesmo pelo porão, único lugar onde se pode estar seguro nesta Escola.

Os vidros dos laboratórios chocalharam por alguns segundos nas prateleiras. Os fetos do professor Lordy, buscaram ansiosos o orifício de saída dos frascos onde estavam metidos. As duzentas oitenta funcionárias da operosa Faculdade desmaiaram e ouviu até um assistente que enguliu um tubo de ensaio, num dos compartimentos científicos.

O Floriano Manguinhos piraram, aterrorizados. O primeiro refugiou-se nas páginas da sua Micologia, e o segundo meteu-se numa gaveta de seu fichário decimal.

A sós, com suor a salpicar-lhe as temporas, e a garganta em brasa, o Melinho voltou-se carinhosamente para a sua bacteriazinha:

— Tadinha. Queriam tirar bilú-bilú de papai...

Mas, ó céus! O' fatalidade! Lolita estava reduzida microfrangalhos. Morrerá sob ação das potentíssimas ondas sonoras que seu protetor emitira, no auge do desespero.

E foi assim, tragicamente, que caiu pano sobre um romance que prometia ir longe.

Desde esse dia nosso querido camaradíssimo professor fez um voto que vem cumprindo religiosamente, graças á sua grande força de vontade. Prometeu para consigo mesmo:

— Quero ser mico de cavalinho si algum dia mais eu hei de altear a voz...

"COGUMELINHO"

NA FRENTE OCIDENTAL DA 2.ª SÉRIE

(por P.Y.2, enviado especial)

FRENTE NORTE: — As bombas de alto poder explosivo usadas pelos beligerantes, são puro produto nacional, e descoberta do nosso "querido" professor de química prática; que se revelou "verdadeiro" prático em estourar balões...

FRENTE DO PORÃO: — Pelas modernas "leis de guerra" é proibido o uso de gás asfixiante, porém não há nenhum paragrafo proibindo o uso de "gás sonolento". Os grandes inventores desse poderoso gás são Mr. Bull e Malacostraceo.

FRENTE CALMA: — Para o divertimento dos soldados da "segunda série", foi aberto nesta frente um teatro, onde só se realizam espetáculos cómicos. E' diretor desse importante estabelecimento, o conhecidíssimo Don Benevides.

N. da R. — Os espetáculos estão

AGRADECIMENTO DO "BISTURI"

A Direção do "BISTURI" agradece, imensamente, aos Srs. Silvio Sbampato e Antônio Marcondes de Camargo, a grande atenção e os valiosos préstimos, que sempre têm prestado á confecção deste jornal.

perdendo a graça devido a "baixa da nota"...

FRENTE QUENTE: — O "aviador" que mais se distinguiu nos "raides solitários" e "lançamento de bombas" foi o bravo piloto Costa, que de uma só vez pôz por terra a "esperança da 2.ª coluna"...

FRENTE FRIA: — Enquanto os bravos soldados da patria "se matam"... nos livros, o distintíssimo marechal de terra, mar e ar Don Ernani, passa as tardes "cálidas" a "to play tenis"...

FRENTE ILUMINADA: — Para uma maior distinção dos inimigos, os nossos "combatentes", por um processo novo do general Romeu, levarão nos aventais a riscã D do sodio...

FRENTE DESDEN...TADA: — Pela maravilhosa descoberta do nosso professor de desenho, é possível por um método simples, colocar-se o inimigo no "plano de perfil" e mata-lo na "reta de tópo"...

FRENTE DE FUGA: — Os soldados sob o comando do capitão Galvão, "piram" a toda hora em que o mesmo pretende expôr os planos de ataque.

N. da R. — São tantas as "erradas" desse capitão que os combatentes resolveram pirar de uma vez por todas.

NOTA — Todos os personagens são fictícios; qualquer correspondência com pessoas vivas ou mortas, é "pura obra do méro acaso".

NÉ.

O mestre e a mosca

Sôbre carambolico hiperbolico cranio, de erudito mestre, cavalheiro ilustre, magico das linguas adêto de Apolonio, pousou certa vez uma imprudente mosca:

Quizera aqui sugar meu sustento, mas qual! Deste cranio nada sai nem a picareta, nem mesmo a torpêdo!

Si daquíl fôr esperar meu alimento, Cêdo morrerei em caquexia. Credol! Este sâblo, que tanto fala em proteínas,

assucares, gorduras, vitaminas, que queima o bom fosforo branco,

fixado por celulas á dose de proteicos este mestre não sabe o quanto custa,

sustentar tais corpos esqueleticos! Mestre da nutrição!

que tanto falas das chamadas glandulas, da interna secreção,

tu, que falas de tireoide hipofise de coisas varias.

Eu cá tenho minhas dúvidas. Não serás tu, um anão hipofisário?

Nesse momento erudito mestre, Cavalheiro ilustre, magico da lingua,

levantou dextra e enxotou, de seu curambolico hiperbolico cranio

aquela que tão imprudente se mostrou!

Réco-Réco

Aos alunos que já passaram pelo 2.º ano, é terminantemente proibido recordar ou estudar lâminas de Histologia, porque:

a) — no periodo de manhã, há aula; b) — no da tarde, não se pode perturbar o sono dos bedéis.

Natural é que os vários Departamentos da nossa Escola, neste caso o da Histologia, tenham o seu regulamento particular, afim de realizar os seus múltiplos fins. Porém, nada melhor aos alunos do que a possibilidade de estudar ou recordar, nesta ou naquêle Departamento, esta ou aquela matéria, se a isso fossem levados pela necessidade ou pela inclinação. Por isso é que se torna injusto que nós não aproveitemos, em todas as horas de nossa boa-vontade, tudo o que a Faculdade possui para o nosso proveito, o mais fecundo e útil.

ROTO

FESTA «BIFADA»

Colheu mais uma "colateral", nos jardins de sua existencia, o gracioso menino Angelino Manzione, digno representante do sistema venoso do Braz. Seus amigos, que não são poucos, resolveram homenageá-lo condignamente, promovendo um banquete no Antro de Igmoro, junto ao angulo de Pirogoffi. A fina flor da escoria fez-se representar nessa homenagem. Em sinal de apreço pelo distinto aniversariante, o Abeid fez a barba, o Patricio tomou banho e o Burza vestiu um terno branco. Entre os indesejáveis que surgiram na ocasião, destacou-se o sordido e famigerado japonês Massahiro Ioshimoto, figura inconfundível da baixa rôda de Pinheiros. O execrável oriental apareceu de kimono, acompanhado por Mitsuko, a filha do Samurai.

O Angelino, em sinal de gratidão, ofereceu a todos os presentes um copo da agua milagrosa extraída das suas cisternas de Pequet.

Saudou o aniversariante, o abominável e mesquinho Ioshimoto, fazendo um inqualificável discurso em japonês, ilustrado com alguns golpes de jiu-jitsu. Terminado o discurso, o minúsculo Fú-Manchú recebeu estrondosa "vação" o que o deixou visivelmente emocionado, a ponto de oferecer a todos os presentes saborosos pastéis de carne de sua propria fabricação. Magnanimamente, Massahiro não exigiu o pagamento dos seus pastéis, pedindo apenas aos amigos que lhe devolvessem os caroços das azeitonas, pois ele extrai desse material diversos derivados do petroleo. No fim da festa, foi Massahiro buscar seus caroços, constatando, angustiado, que os mesmos haviam desaparecido. Mas o desprezível japonês, emulo de Mister Motto, localizou com relativa facilidade o autor do furto. Havia sido Barlach, o Vermelho, comunista internacional da Repartição de Aguas e Exgotos e conhecido, na rôda da malandragem, como Paganini, a Zebra.

Indignado, Massahiro tentou fazer um Hara Kari no Barlach, no que foi impedido pelo Brotinho. Interpelado porque interveira, impedindo que o oriental debelasse esse carcinoma social representado pelo Barlach, Brotinho se defendeu, alegando que assim agira porque o conhecido anarquista lhe devia \$200.

A policia abriu inquerito a respeito.





Offerecemos

**CAMISAS
GRAVATAS
LENÇOS
E MEIAS**

**Ao alcance de
todas as bolsas**

**Schaedlich,
Obert & Cia.**

RUA DIREITA, 162-190

“A ÚLTIMA” DO PINHEIRINHO

O Pinheirinho é um rapazinho do 2.º ano, célebre creador do não menos célebre meio mnemônico para se guardar o “locus caeruleus” do bulbo: “cerulas do Locchi”.

O talzinho deu ultimamente para engraçadinho, mas nem sempre dão certo suas piadas. As suas “bolas”, no entanto, às vezes, são boas.

Quando foi da filmagem da turnia por uma companhia americana, todos procuraram desviar o olho para o canhão do microscópio, numa imitação fingida de atenção e trabalho. O Pinheirinho, porém, levantou a cabeça e ficou sorrindo ituanamente para a máquina, um sorriso que deverá ser cortado na primeira ocasião. Até o Primo Ruy ficou envergonhado de tanto calpirismo...

Pois o gurisinho foi no outro dia estudar na casa do Montenegro e lá ficou num bate-papo danado, desde às 2 horas da tarde, pleno sol quente, até... até que vieram chamar o Montenegro para jantar. Quando o Pinheirinho começa contar as histórias do Flaminio e o pé de café, perde a noção do tempo.

O Pinheirinho ficou encabulado. Como é que foi esquecer de pirar antes da boia! Timido por natureza, ele perde rapidamente as estribeiras diante de estranhos e então como instassem com ele para jantar, viu mentalmente a mesa dos Montenegros, tudo gente estranha, nenhum conhecido de Itú, e tremeu de vergonha. Tremeu e souo frio.

Fazia-se cada vez mais pequeninho na cadeira, a cada insistência ao amavel convite.

No fim, tendo que sair de qualquer jeito daquela enrascada e como instassem a todo custo, tomou fogo, reuniu energia, e sussurrou, olhos no tapete, face escaldante, e enrolando a ponta do lenço.

— Não senhora... Muito obrigado... Eu já... já jantei!...

Algumas histórias

Carlos X agonizava. Ao seu redor, os médicos provavam todos os meios para prolongar sua vida, que o rei, fastidiado, gritou: “Finissez dona. Charles attendi!”

Napoleão achava-se, um dia, com a cirurgia Desgnettes; e lhe falou: “A arte médica é a ciência do assassínio organizada”.

“E que pensais” — rebateu Desgnettes — “da arte dos conquistadores?”

Quando se anunciou Grassot que “Gazetes des malades” morria, depois de 50 números, Grassot observou: “Eis um jornal que bem segue seus abonados”.

Casimiro Félix Lyon (1831) fez enorme fortuna, com operações de “littiasis”. Na entrada de sua casa, em Meudon, lia-se: “Esta casa foi construída com três pedras”.

O Prof. Almeida Prado estava com seus assistentes, á cabeceira de um doente grave. Em dado momento, o doente abre os olhos e exclama: “Quem são todos esses cretinos?”

“O doente melhora”, observou Prof. — “pois já nos reconhece”.

Cabanes cita uma dedicatória um médico, em Boulogne sur Mer, que deve ser a única no mundo: “Ao dr. X — seus amigos e doentes”.

O doente agonizava. O Prof. Celestino, como sempre o confortador espiritual, aconselha-o: — “Perdoai quem vos fez mal”.

“Eu vos perdôo” — respondeu moribundo, num fio de voz.

— “Mas, doutor, como fazem os seus doentes, quando o sr. está em férias?”

— “Não sei; são capazes de sarar”.

Entre amigas:

— “Ouviste? Rosita trocou de médico!”

— “Coitado! Ele era tão tímido!”

— “Sabes? Lourdes casa-se com um célebre neurólogo!”

— “Que diabo terá ele descoberto nela?”

A noiva, ao jovem médico: “Querido, tu não me transcurdará depois, pelas tuas clientes?”

— “Que bobagem, querida. Antes de tudo, minha esposa... depois, as clientes”.

GUSFRY.

Um aniversário

Ao cair da tarde do dia 31 de junho, colheu cuidadosamente mais uma cúpula no cálice de sua existência, robusto e simpático moreninho Tibiriçá, na intimidade. Tibi. Esse varão, ha tempos, vem-se salientando pelas rólidas qualidades de caráter fulgência invulgar de espírito. Assim é que detesta combate desasombroadamente “bluff” — jamais chamou Cunha Mota de velho, apesar da sincera afeição que sente pelo Norberto.

Quando criança, nosso aniversariante costumava roubar golabas no quintal do vizinho, com atual micomaniaco Floriano de Almeida D. M. (autor de um livrão) e, não obstante essa antiga cumplicidade, nunca teve a péssima tendência de introduzir no cérebro quanto coquelo vagabundo existe por aí, nem tão pouco de usar relógio oleo cru, espécie de patarão monumental que acumula as duvidosas funções de marcador de tempo, arma agressiva gaiola de cuco...

O Tibi, todas as terças-feiras, assiste às belíssimas aulas do Foca; entretanto (pasmem, senhores!), apesar disso apesar do mimetismo ser um fato científico, as aulas do nosso herói ainda não perderam aquelas características de clareza, precisão e método...

Um mau, porém inocente costume do Tibi, é volta e meia cair na farrá: seu companheiro, nestas ingênuas expansões, é o Faria, mas, apesar da companhia, Tibi sempre se soube controlar, conduta que nem sempre adota aquele conhecido caudilho. Mas é como diz Névio, com a fluência que caracteriza: ninguém não é perfeito na superfície da terra, cuja taxa de uréia é 5 toneladas por metro cúbico de parênquima renal...

Voltando ao Tibi, para desfiar rosário de suas excelentes qualidades, seria necessário um volume inteirinho, tipo “vento levou”. Todavia, não podemos deixar de frizar o fato de que, mau grado o feliz aniversariante hilar, quando pode, elegante “Cadillac” verde-garrafa do Vasconcellos (après moi le déluge), nunca, jamais, em tempo algum, sentiu çana de fazer farol...

Cavalheiro de escol, afável, atencioso (estou quasi dizendo o meu número), não obstante um certo parentesco que, segundo os seus pouquíssimos inimigos, tem com certa pessoa (que não é o Pessoa) assaz estridente da Parasitologia...

De uma honestidade toda prova, que lhe valeu ser eleito, por unanimidade, tesoureiro de certo jornal — éco de vida fácil; desgraçadamente, referido pasquim deixou de funcionar e, ao que conseguimos apurar, por ter-se verificado um desfalque na caixa, da miserável quantia de duzentão, que mais uma vés prova a retidão, probidade e prontidão do Tibi...

Espírito lúcido, privilegiado, têm-lhe sido atri-

buidas várias invenções de utilidade pública, uma das quais é a célebre arapúca de Tatús, de grande repercussão na Patagônia. Levando em conta, estas qualidades, aliadas a uma elevada clarividência, faculdade de análise notável intuição, sugerimos lhe seja entregue para solucionar, o tenebroso mistério das 37 peças de Anatomia. Estamos certos que Tibi punha = caso em equação, em dois tempos.

Ao contrário do que se propala, apesar de falar alemão, Tibi não faz parte da 5.ª Coluna. Detesta aquêle mau costume do Norberto, de chamar de Tibi (oh Tibi) na frente dos alunos. Tal liberdade, diz ôle, implica numa quebra de dignidade. Às vèzes, é mau-nho como quando não quer ajudar Norberto, prestidigitador, a manobrar aquêle encrenca do aparelho de projeção. Felizmente parece que referido aparelho já se adaptou á falta de geito do Norberto...

Quando souberam da feliz ocorrência, as “bôas” do “Harem” foram acometidas de “spring fever” e correram pressurosas depositar seus óculos virginais nos beicinhos do Tibi. Naturalmente nosso homem se esquivou tão “exagerada manifestação de mocidade”, pelo bom nome do Departamento...

O aniversariante foi muito cumprimentado. O Norberto, num gesto espontâneo, mandou-lhe uma rica caixa de bombons, que Tibi, por causa das dúvidas, mandou examinar antes de comer... O Cunha Mota presentiu-o com um livro de anedotas. O Tuney dedicou-lhe uns versinhos. Do Albino, recebeu um ramalhete de artigos com os seus cumprimentos. O Lucas mandou-lhe conta do ano passado...

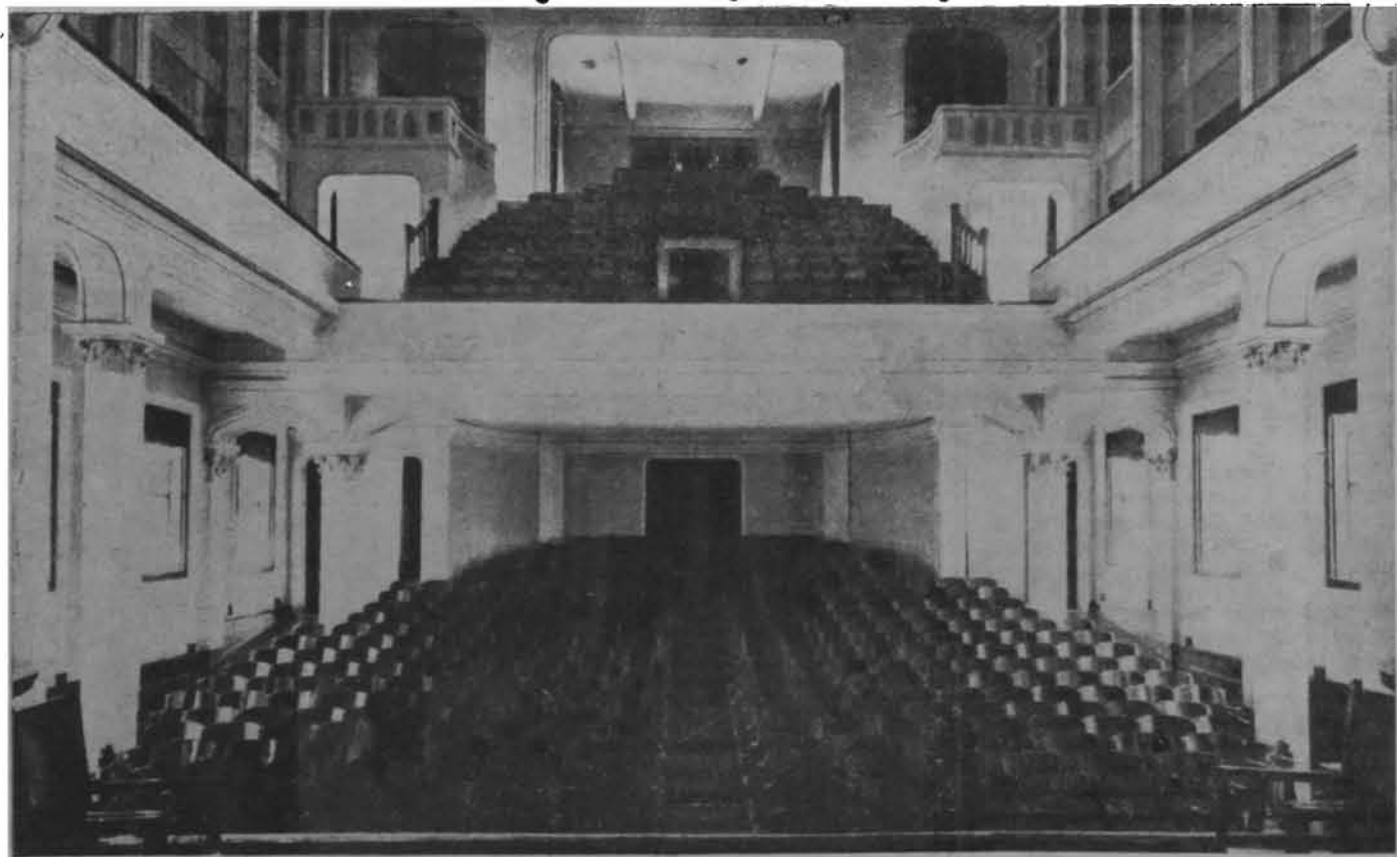
“Happy birthday”...

GIL BLAS.

“NOUS”

Temos em mãos o 2.º número de “Nous”, órgão recentemente surgido entre os colégas da Faculdade de Direito.

Agradecendo as referências elogiosas ao “BISTURI”, nêle contidas, cumprimentamos os Diretores de “Nous”, por já terem caracterizado esse jornal pelo último feltio material e pela ótima qualidade.



SALÃO NOBRE DA FACULDADE

A CONVERSA DOS ESQUELETOS

(o)

O exame de Anatomia estava próximo! (que inicio tragico...) Era época da grande "torrada"... A tarde já ia longe, e sozinho, eu estava ainda a estudar no Laboratorio... esquecido por todos. Resolvi descansar uns minutinhos e deci á geladeira, para cumprir os mortos!

Deci as escadas absorto, quando um ruido despertou minha atencao... Uma voz meliflua, fina, entrecortada por pequenos rasgos de tosse fazia-se ouvir... Um calafrio atravessou minha espinha de ponta a ponta, pois eu poderia admitir tudo, menos que os cadaveres fizessem assembléias, em plena "geladeira"! Em todo o caso, conio todo o mundo se reune para ouvir discursos e baboseiras, lá estavam amontoados uns "pedacos" mais ou menos inteiros de gente, em circunstancias especiais e nada impedia-os de tomar a liberdade de conversar..

Devagarzinho, tambem já reduzido a "melo" cadaver pelo medo, sentel-me nas escadas e ouvi:

— Hoje aconteceu uma "boa" no Laboratorio! Aquele "esqueletinho atoa", o Nesti, o tal que se engraçou com aquela mulata, perto do necroterio, estava procurando minha glandula mamaria no joelho, só porque o professor disse que houvera um caso na Italia!?

Será que a besta do Nesti pensa que isso acontece no Brasil? Isso é só p'ra mulher granfina.

Ou p'ra terra do Mussolini. Onde as mulheres têm tantos filhos, que precisam arranjar inamadeiras supranumerarias, não é Bentão? E, em qualquer lugar, não é?

— Ouviu-se antes um gargalho roufenho e depois uma voz cavernosa: Quar o quê, menina! Océ devia vê o Pedrinho, o Curtinho e aqueles ôtros coió, falando em atrétismo; de Anatomia mêmô não saía nada... Magine, inté, eu, senti vontade de esperneá e saí corréno... os 400 méetros!

Depois, uma pud'ca mulatinha, com uns trejeitos da boca disse: Olhe, vocês deviam ouvir as conversas entre o Liberato e a Silvia! Nem sei o que aquele rapaz achou nela... Não é p'ra falar mal da vida alheia, mas comigo ele teria tido mais sorte, isso eu garanto!

Um busto, melo desengonçado quiz tambem tomar parte na conversa e exclamou: Hoje quem me dissecou foi aquele "bruto do Brotto" e aquela zebra do Sergio! Como eles não podiam vê o "meu sexo", deram a procurar os seios (nomenclatura errada) e cada corte me arripiava, que metia dó! O "tôpo" o farol testaceo do Sergio alumiaava e me cegava os olhos além das palpebras, e ele pensava que minha "barriga" era o deserto arido de pêlos que é aquela bola de bilhar, que substitue o seu craneo!

Ouvi depois um pobre cadaver, que parecia estar muito cansado e abatido: — Espero nunca mais cair nas mãos e na boca de S. E. o porteiro Ademar! Ai, que estúpido! Não largou um momento de me dilacerar com seu bisturi e de me torturar os tímpanos com os seus ideais científicos! Diz-se até um emulo de Einstein, de Marconi, de Edison e Newton juntos, de Osvaldo Cruz e Cia.! E quando se refere á sua Musa Méria então, é melhor permanecer vivo, porque cadaver já não vale mais a pena ser...

Não posso contar como percebi que havia um cadaver de mulher casada, que disse: — Não vou com aquela brincadeira séria do Zé da... Figueiredo com a caloura de Victor Hugo (!), que é um anjo de ternura medica ao pôr um balsamo lenitivo no coração affigueirado, que estava doente de amor! Outra coisa engraçada era o idílio do Bastião com as veteranas... O tal misturava amor e musculos, sonhos e articulações, e na hora do exame a coisa era diferente: A Anatomia ao em vez de se fixar no cerebro, havia-se fixado no coração! E lá se vai um idílio inacabado...

Logo depois, o corpo retalhado de um italiano reclamou com os grunhidos que soltou: — Porco Giuda! Perché mi deixáre cadere nas mó daqui granfini! E' una vergogna! Un italiano como io não pode ser "escorticato" por quelli mariquinha di una figa!

E, coitado, balbuciava e blasfemava numeroz pequenos, nomes felos e bonitos, estes ultimos representando arvores frutiferas finas, gran-demente finas.

Finalmente, o Ditão, aquele mulato troncuco, começou a falar de mim... Ele disse cada coisa e cada palavra alinhado... que, nunca mais! Como ele me elogiou muito pelo meu brilhante Curso de Anatomia, e como sou muito modesto, nada direi. Em conclusão estiveram todos de acordo em achar que todos os calouros são umas toupeiras com galões e tudo e assim acabou-se a tetrica assembléa... Eu me retirei; já era tarde e não estudara... No dia seguinte fiz exame e... abafei a banca!

E. S. Q. LETO



O salão para jogos de "snooker" e ping-pong

«MAS ISTO E' VIDA?»

A criança nasce.

Conhé! Conhé! Tem dor de barriga — ninguém sabe e que é. Tem fome — ninguém entende. Doe-lhe isto, incomoda-lhe aquilo — ninguém lhe pode minorar os padecimentos suavizar as suas dores.

A criança cresce.

Não pode fazer isto porque é feio. Não pode fazer aquilo porque mamãe não deixa. Não pode mexer ali porque papai bate.

A criança vai para a escola.

Precisa deixar cama cedinho. Precisa ficar muito calada e quietinha durante longas horas. Precisa fazer milagres de atencao para que professora "caceté" não mande para a Diretoria.

Precisa decorar coisas maçantes. Precisa preparar lições esteris.

E em meio de tudo isso tantas estopadas no dedão do pé, tantas cabeçadas na quina da mesa, tantos desejos contrariados, tantos doces : brinquedos impossiveis, tantas lições dificeis...

E a criança, intrigada, vai perguntando aos que a rodeiam:

- Pra que estudar?
- Para aprender, responde mamãe
- Pra que aprender?
- Para saber, diz D. Eulália, profes-sora.
- Pra que saber?
- Para trabalhar, responde o pai.
- Pra que trabalhar?
- Para viver, diz todo o mundo.
- Pra que viver?

— Para, diz "seu" Vigario, se for muito bonzinho : obediente, ir para o céu, sinão... ele, com um gesto ameaçador, indica as caldeiras fumegantes do inferno.

E a criança, sem nada entender, senta-se um canto e, com dedinho espetado na cachóla semi-bruta, raciocina:

— Depois de tudo isto ainda ir pro inferno? Mas isto é vida?!...

T. B.

Historia patetica

Era um individuo baixinho, semi-caquetico, do genero "funcionario publico á mercê de agiota".

Vinha pela rua abstrato a mão no bolso, o olhar nas nuvens — o pensamento na conta do vendeiro. De repente: catrapuz! — lá ficou efe em baixo do rolo compressor, (o rolo compressor é essa maquina grandalhona, barulhenta, com leves pretensões locomotiva — a Prefeitura faz com ela a propaganda social-igualitaria entre os pedregulhos da rua.)

— "Que falta de gosto!" comentou uma senhora 1940, que havia assistido ao tropelamento, "ainda si tivesse ficado em baixo de um Packard azul!

Mas o fato é que o individuo baixinho, semi-caquetico, morreu mesmo!

Na loja onde ele trabalhava foi uma cons-

ternação! — isso porque aquele individuo genero "funcionario publico á mercê do agiota" era muito estimado. Tambem não admira, ele era o que se chama um rapaz "muito bonzinho". (Um rapaz muito bonzinho é sempre um cidadão que nunca se distinguiu por qualidade alguma).

Concluidas as formalidades policiaes, os amigos resolveram entregar á familia o cadaver do rapaz. E foram.

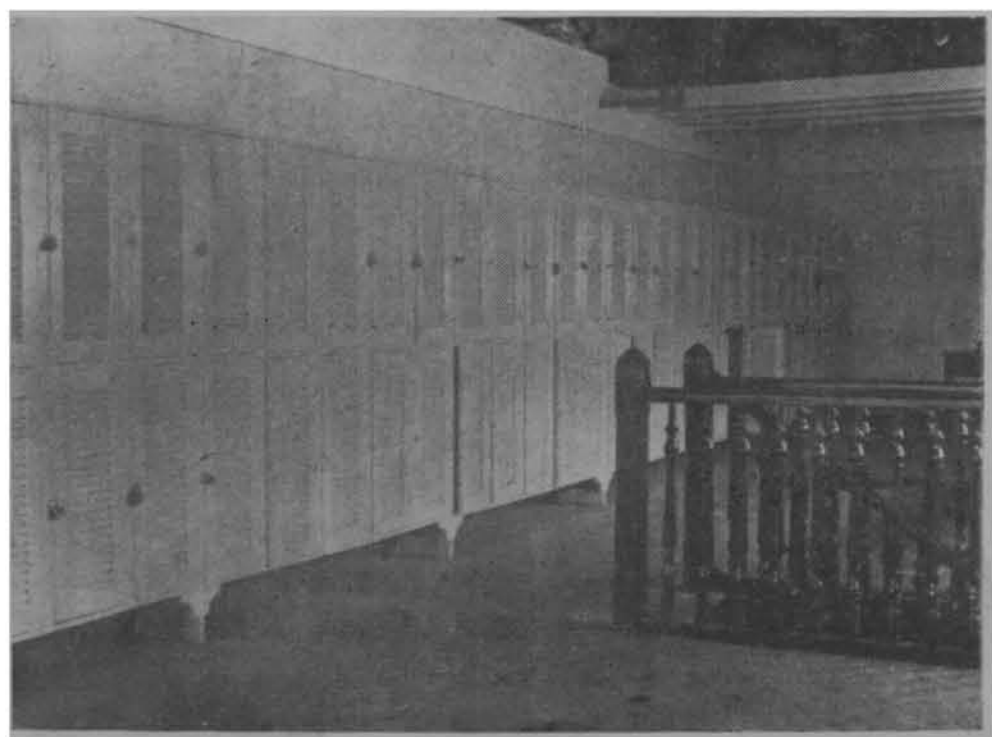
Bateram á porta. Ninguém respondeu. Bateram outra vez. Tornaram a bater.

Já era hora do jantar não havia ninguém naquela casa!

Nisto um deles teve uma idéia oportuna: passaram o cadaver por baixo da porta e foram embora.

Estava entregue!

PANGLOSS



As novas Caixas colocadas no vestiario dos Esportes

FOI SORTE

Em certos momentos da vida, precisamos arranjar um meio para fugirmos das situações criticas em que nos achamos.

Assim apareceu a sorte, que é sobre quem recae todas as responsabilidades do que vai pelo mundo.

Em todas as ocasiões, ouvimos esta palavra, se algumas vezes nos salva de um fracasso moral, por outras nos leva um desprezo pelo sucesso alheio.

E quando fazemos um enorme esforço para levantar o nosso orgulho por termos produzido algo de util, ouvimos esta frase que como sempre vem deste proximo que tanto somos "obrigados amar que nada nos perdôa.

Por quanta coisa não é ela responsavel. Nos grandes momentos como nos mais simples ela está sempre em cena.

Quantos crimes ela não cometeu, enquanto que homens o pagam ás vezes com a propria vida.

Quantas pessoas não morreram na miséria, porque talvez ela não ia muito com cara deles. enquanto outras tantas não viram de um momento para outro surgirem suas fortunas, porque a sorte caprichosamente premiou o seu bilhete comprado por acaso, enquanto outros marretam o mês inteiro com o mesmo fim... nada.

Quantas jovens não viram os seus sonhos desfolhados, foram obrigadas ouvir pena maxima para elas, que é nome de titia.

E nos exames... quantas notas boas e más não surgem unicamente por causa da sorte.

Será ela uma destas azas negras que andam por aí fazendo a caveira de certos individuos, ou então um destes lindos anjos que protegem e guardam os demais.

Mas porque será que ela só simpatiza com umas caras?

Se guia de telefone desse o seu endereço, aposto que ha muito ela não atormentava tanto humanidade.

Parece-me ser ela bastante covarde porque como disse Napoleão está ela sempre ao lado dos mais fortes, mas tambem porque ela não se esquece destas que o "vulgus ignarum" costumam chamar de Bôa.

E' sabida esta diaba...

J. NOGUEIRA

Segundo fomos informado tem tido grande sucesso a hora do romance, que é irradiada diariamente pela PRXY Radío Patrulha de São Paulo.

Este programa conta com a colaboração de varios jovens e senhoritas da nossa cultura sociedade, consta-nos que varios nossos colegas têm concorrido para o seu brilhantismo.

CHARADA



Por estranho que pareça
Esta "boa" sem cabeça.
E' daqui; mas quem será?
Não desanime colega.
Veamos se você pega:
L, mais três letras. A.

G. B.

CARTA ABERTA AO

EXMO. SNR. DR. OTAVIO DE PAULA SANTOS

"A Termite city is a magnificent affair" — YEATMAN.
 "Kurzeit Giebel glauben ist" — GEGENBAUR.

O método científico, essencialmente dedutivo, obriga estudioso ao dispêndio de esforços às vezes sobrehumanos, não tenha cultor da ciência uma capacidade sintético-analítica de grande alcance e projeção introspectiva potentíssimas (Bergson). Deste modo, vimo-nos obrigados a traçar novos caminhos que ciência deve percorrer, se quiser sair do marasmo em que a precipitou a lamentável e maldadada pregação do positivismo de Comte. Quais serão esses caminhos?

Nossa doutrina se fundamenta nos dogmas seguintes:

1. — Negar evidência, para qual nos criam nossos sentidos sempre falhos.

2. — Jamais se ater raciocínios estreitos de ordem dedutiva.

3. — Partir de generalizações vastíssimas, para de um geral comum chegar-se à leição imensíssima de todos os particulares.

4. — Trocar método químico de pesquisa pelo filosófico.

5. — Negar peremptoriamente a partenogênese.

6. — Nunca errar.

7. — Acertar sempre.

Como se vê, é um programa vastíssimo; mas sua excelência já tem sido demonstrada em nossos laboratórios, árvore secundária cujos frutos já amadureceram, que, colhidos por nós, temos o prazer de oferecer ao paladar de cientista refinado de V. Excia.

Assim, as teorias que procuram localizar as sensações da fome da sede encontram em nós oposição fortíssima.

Segundo nossas pesquisas, as sensações de fome de sede são tanto locais como gerais.

Explicamos: A sensação de fome é produzida por um hormônio — a **fomina** — que temos glória de haver descoberto em nossos laboratórios; já isolamos e sintetizamos.

Esta substância é produzida no 3.º tubérculo de Fabricius d'Acquapendente, situado como um apêndice, na glândula parotídea, ao nível do triângulo de Lalouette.

O mecanismo de produção é um simples bombardeio iônico por raios MB.

A fomina, como demonstra fórmula, é um glicurono-creatinato de adrenalina, de uma das valências é satisfeita por um metal monovalente, frequentemente Césio (fomina alfa).

Existem quatro tipos de fomina, sendo que cada um desses hormônios tem ação particular. Assim, a fomina de metal monovalente, alcalino (fomina alfa) tem quatro isômeros óticos: fominas levógiro, dextrógiro, racêmica inativa, respectivamente:

fomina alfa 1 — levógiro
 fomina alfa 2 — dextrógiro

Fomina

fomina alfa 3 — racêmica
 fomina alfa 4 — inativa

Qual mecanismo de formação desses diferentes hormônios?

Pesquisas já antigas de Rey Pailhade evidenciaram que os indivíduos em estudo de desnutrição (jejum prolongado) apresentam nitidamente fenômeno da fome. Tais observações foram confirmadas por exaustivos trabalhos em nossos laboratórios. Ora, os característicos da desnutrição, são, na maior parte, devidos à falta de amino-ácidos, falta essa que conduz a uma fraqueza extrema condutora ("síndrome infalibilis" de Shimura).

Evidenciamos que tecido reticulo-histiocitário dos indivíduos desnutridos é imensamente rico em kreatina (André). Trabalhos já antigos de Cannon evidenciaram larga produção de adrenalina quando da instalação de fenômenos psico-emotivos profundos, tais como os causados pela fúria do indivíduo que se vê privado de alimento (Brillat-Savarin, Goethe, Lord Halifax outros). Falta-nos apenas, explicar presença do ácido glicurônico: tal assunto ainda não foi por nós esclarecido de modo seguro, mas tudo indica que solução do problema está próxima.

Os corpos citados estão prontos para elaborar a fomina; vejamos como tal se dá.

E' indubitável, foi por nós provado, que existe sempre no organismo (em particular no 3.º tubérculo de Fabricius d'Acquapendente) uma certa quantidade de fomina sob a forma de **fominogenio**. Sob a ação da creatinino-glicurono-adrenalinkinase, as tres substancias sfrem um bombardeio intenso a reciproco de raios OZ (trabalhos do nosso colaborador Taast-Halday) vindo a formar **fominogenio**. Este, sob ação da fominokinase, secretada por formações adenoides particulares, passa a fomina. A pequena quantidade de fomina pré-existente é causadora do apetite (Fuerbachensstahl); toda fomina causa a fome.

Eis atividade das diferentes modalidades de fomina:

Fomina
 fomina alfa (com Ca)
 fomina beta (com Polonio)
 fomina gama
 fomina delta (com cobre)
 fomina alfa 1 — fome de beterrabas
 fomina alfa 2 — fome de peru
 fomina alfa 3 — fome de cozadas
 fomina alfa 4 — fome de galinha
 fomina beta 1 — fome de repolhos
 teufomina beta 2 — fome de choucroute
 lusofomina beta 3 — fome de bacalhau
 italoformina beta 4 — fome de macarrão — dos canibais — fome de crianças coradas
 fomina delta 1 — fome de saber
 fomina delta 2 — fome de todos os diabos
 fomina delta 3 — fome de bife — (explosiva)
 fomina delta 4 — fome de feijão

Foram todas isoladas.



A nova sala para jogos de dama e xadrez

Evolução

E. Beolchi

As leis da evolução de Spencer encerram uma verdade indiscutível. De fato, tudo neste mundo que é susceptível de padecer a ação do homem, da inteligência, tende a modificar-se adquirindo formas novas, melhores e mais perfeitas.

A evolução é um fato. Que diferença não há, por exemplo, entre o conhecimento aristotélico do corpo humano e as modernas concepções metapsíquicas de Richet! Quem diria que o desengonçado fordéco de bigode, 25 anos depois de aparecer sobre a terra viesse a assumir as proporções aerodinâmicas do Mercury 940!

A evolução "blitzkriegueana" do material, do objetivo, parece que não foi seguida, como seria de se desejar, de uma evolução espiritual, subjetiva, correspondente.

Em pleno século da televisão, do cinema, do Stuka, do Queen Elisabeth, cefaspirina... muita gente acredita ainda que urina de cochorro bravo com mel de marimondo é "tiro e queda" para dor de cabeça e cachumba!

Se é verdade que, para alguns, a descoberta ou a invenção de alguma coisa veio abrir novos horizontes para a descoberta ou invenção de outras, para muitos, e estes constituem a maioria, veio ser apenas um meio de dar maior conforto e segurança à sua vida.

O que era impossível para essa porção da humanidade abandonada aos seus próprios recursos, os meios que os inventores e descobridores puzeram ao seu alcance permitiu-lhes enfrentar e vencer certas dificuldades. Ai está um grande mal da evolução heterogênea; fazer uma parte da humanidade confiar no cérebro da outra, desprezando os seus próprios recursos, se é que os tinha.

Há indivíduos que abusam dos meios ao seu alcance, tornando-se verdadeiros escravos desses meios, perdendo toda a concepção de seu próprio valor inventivo.

Hoje em dia o homem vale mais pelo ouro que possui na Caixa Econômica do que pela cultura e inteligência que traz na sua caixa craneana. O ouro proporciona-lhe, as vezes, os meios de vencer que a sua inteligência seria incapaz de fornecer-lhe.

As conquistas facéis, demasiadamente facéis de hoje, que o dinheiro proporciona não têm o sabor das outras conquistas, feitas arduamente numa série de aventuras e enrascadas, que polícronizam deliciosamente a nossa vida.

A evolução está destruindo a própria surpresa.

Atualmente tudo é calculado, medido e previsto cientificamente.

A surpresa de um nascimento de há muito foi abolida e para nós não será estranho se alguém conseguir, num futuro próximo, por exames, cálculos e deduções, prevêr o dia e a hora que cada um de nós ha de morrer.

Não há dúvidas, meus amigos, a evolução está tirando até o privativo do nosso sexo: o direito de ser homem!

Pelo menos já se faz notar, em seus primeiros graus, essa evolução ou involução (com o perdão do belo sexo), em alguns indivíduos... e vice-versa, como aconteceu com a mineira Maria que se tornou Mario.

A seguir ouviremos no nosso programa...

...Campeão (em bom português: Badalos): Sergio Sebastião Russo aos mestres Lochi Névic.

...Seu condutor — Cotrim oferece aos empregados da Light;

...Entre os teus mil amôres eu sou número um — Fausto dedica ao Faria;

...O teu cabelo não nega — Daniel oferece às virgens de ébano;

...Todo mundo menos eu — General oferece à seção de Anatomia;

...Meu coração aos teus pés — Burza oferece ao Lochi;

...Valsa dos namorados — Junqueira dedica ao Fausto;

...Bebida, mulher, orgia e logo a seguir

...Boêmio — Gelson Renato dedicam aos colegas fossilizados na Anatomia;

...Maguas de caboclo — Sebastião Russo à Oléia;

...Rasquei teu retrato — Dirceu dedica ao Gelson;

...Lenda árabe — Buazar ao Habib;

...Dá-me tuas mãos — Celeste à Dirce;

...Ferdinando, o touro — Farinas oferece ao seu coleguinha Paulo Prado;

...Amando à beira-mar logo a seguir

...Nostalgia — Cyrillo e Renato, respectivamente a uma santista uma taubateana;

...Saudades do Matão — Zé Carlos à sua terra natal;

...A vida de casado é boa (muito melhor que a deteiro) — Liberato à Sylvia;

...Farolito — Canton éle mesmo.

...Le due gemelle — O Niro ao Agostinho Mazza.

E agora, senhores ouvintes, finalizando nosso programa, ouçam com atenção: livros velhos, de mau aspecto, sujos, etc., procurem Clemente.

TEBATO NAKARA.

Vingança

(Ao Barlach)

Vingança!... Vingança!... Eis meu pensamento,

E vingança cruel, feroz, total.
 Has de chorar a tua sorte brutal,
 Hei de rir, gargalhar do teu tormento.

E não descansarás um só momento,
 Pois teu destino ser-te-á fatal,
 Peór que ser rasgado por punhal,
 Peór que ser cosido fogo lento,

Peór que escravatura, inquisição,
 Do que perder noiva e o coração,
 Do que sofrer traição atroz e cinica:

Terás em teu destino o grande "peso"
 De escutar, sem dormir, triste, indefeso,
 Por um ano, as fatais aulas de química...

NICOLA CANNIZZARO



"A Sala dos Esportes". Especialmente criada para acompanhar o desenvolvimento esportivo do C. A. O. C.

VÁRIAS

Esteve em nossa redação, afim de desfazer, de uma vez por todas, uma dúvida existente nos meios academicos desta Faculdade, o Dr. Floriano de Almeida.

Trata-se da maneira por que é interpretado aquele D. M. grafado na frente de seu nome, no livro "Micologia Médica", e que, nos dizeres do Autor ter provocado muitos dissabores de parte a parte. Disse-nos o preclaro Professor que o supra citado D. M. não significa de maneira alguma DOSE MORTAL, como querem alguns, mesmo porque, conforme nos adiantou ainda o ilustre Professor, a dose em que ele está representado nesse livro, ultrapassa ligeiramente o Limite Zero.

Entrevistando, depois, o Dr. Melinho, este nos deu mais alguns informes a respeito da delicada questão. E' assim que uma aula teorica do Dr. Floriano equivale a duas Doses Mortais Minimas (DMM) e uma demonstração pratica excede sensivelmente o Limite Morte

A uma pergunta por nós feita, com referencia a uma duvida já de há muito existente, respondeu-nos S. S. que aquele objeto que acompanha o Dr. Floriano em suas preleções teoricas, NÃO é, como poderia parecer á primeira vista, uma placa de Petri ou mesmo um fórnio de Pasteur, mas sim o relógio de uso particular do insigne Mestre, convenientemente flambado.

Aí ficam as explicações.

Fomos procurados tambem, pelo Sr. Celso Pascoalino Pierro, que gentilmente nos comunicou a proxima publicação de uma obra sua, já no prélo. Trata-se do livro: — "De como tornei-me um Strumpirivo" ou "Memorias de um Mixedematoso".

Neste livro o Autor (que usa o sugestivo pseudonimo de Zé da Placa) encara os mais urgentes problemas referentes á classe, tratando-se, portanto, de um precioso documento médico.

Há dias procurou-nos o Sr. Tede Eston de Eston, mais conhecido nas rodas policiaes, por Sherlock Tede, para nos adiantar que suas investigações referentes aos roubos do embrioma da Srta. Veronica e das 36 peças do Laboratorio de Anatomia, acham-se bastante adeantadas a ponto de nos garantir o ilustre policial, que os dois assaltos foram cometidos por u'a mesma quadrilha de perigosos ladrões que está agindo impunemente nos corredores sombrios desta Faculdade.

Disse-nos o ultra-sherlock que, aproveitando-se do estado de semi-inconsciência em que se achavam durante uma aula do Dr. Calazans, applicou sobre os suspeitos, varios tests psicologicos chegando a conclusões interessantissimas e assustadoras. Apesar de muito instado por nós, o insigne policia se recusou ventilar os nomes dos provaveis criminosos para evitar, naturalmente, um prejuizo certo no bom andamento de suas investigações; mas prometeu-nos ele, uma nova entrevista para daqui a 28 dias, pois, segundo nos explicou, S. S. desde que atingiu a puberdade dá vasão a suas idéias apenas de mês em mês lunar.

Esperemos pois, anciosos, a proxima menstruação psiquica do conhecidissimo Sherlock Tede para que, conforme nos garantiu ele, os lombrosianos criminosos não escapem á justiça.

ASPERGILLUS

« A Ç I T E »

Aula do Prof. ALMEIDA PRADO

Longe de mim a pretensão reprovavel de querer aumentar o sofrimento da humanidade com a criação de uma nova molestia, mas, ante o imperativo das minhas acuradas observações, sou levado a crer que descobri uma nova entidade morbida, perfeitamente definida e de facil diagnostico.

Trata-se de um mal eruptivo, endemico em nosso meio, de evolução cronica e prognostico sombrio, a que denominei "Açite" em razão de uma curiosa modificação anatomo-patologica que ela acarreta e em virtude da qual, as regiões afetadas tomam a consistencia de aço.

O sindrome já está perfeitamente estabelecido, graças á aparição annual de muitos casos em minha Enfermaria.

ETIOLOGIA: A "Açite" tem como responsavel um virus filtravel que embora não evidenciado, foi por mim cabalmente descrito e isolado de uma biopsia da supra-renal do Bidú. Em homenagem ao paciente eu o denominei de Virus Biduíno. Ele é velculado pelos miasmas ambientes de locais infestados como a Faculdade de Medicina.

Penetra no organismo não se sabe como, cai na corrente sanguinea e fica de cá p'rá lá, até localizar-se no corno de Hamon, onde aguarda os acontecimentos, com a calma e a delicadeza do meu amigo Mesquita Sampaio. Este é o periodo de latencia.

SINTOMATOLOGIA: Numa segunda fase o doente torna-se sorumbatico, assume os ares do Michel, é insone e desanda a comprar cadernos, fichas e principalmente apostilas. Depois sente um prurido por todo o corpo e só se acha bem quando instalado numa mesa cheia de livros. Devido a essa posição conservada pelo doente, sobreveem uma febre e consequente enrijamento da região, tomando mesmo a consistencia de aço, donde deriva o nome da molestia. Com o tempo formam-se bolsas mucosas adjacentes, facilmente diagnosticaveis á apalpação.

Com o evoluir, sobreveem a sintomatologia secundaria, que é patognomoni-

nica: o doente se apresenta abatido, insone, sempre com um livralhão de baixo do braço; abandona o cinema, bailes, etc., e se apresenta num lamentavel estado de psicose. A's vezes, tem deirio alucinatorio e se imagina um talento; então banca o importante por cima dos colegas. Em certas formas paroxisticas cai em transe a todo momento e deita sabedoria a torto e a direito. Essa sabedoria é, porém, nitidamente patologica, e aliás facilmente reconhecida como exogena, pois o doente não é capaz da menor idéia pessoal!

Ao fim desses periodos, que duram um semestre letivo sobreveem a crise. Então parece que se rompe um cisto intracraniano e aparece um abundante corrimento, de sabor nitidamente apostiloide, e que pelo espaço de duas horas alaga 12, 14 e até 16 paginas de papel almasso. A este corrimento denominei Apostilorréa. O Dr. Eduardo Monteiro, que é mais purista que eu propoz o nome de Hnemorréa (de mne-me-memoria) porém eu recuso essa nomenclatura por prestar-se á confusão com Mnemorréa, que é, aliás, coisa muito distinta.

TRATAMENTO: A sulfanilamida, por exceção, não dá resultado. Quando a doença é diagnosticada no inicio, pode-se tentar o tratamento psiquico, que consiste na readaptação do doente á vida normal, mostrando-lhe aspétos do Mundo que ele parece ignorar (estação de agua, ilha encantada, Chuá, Tabú, loiras oxigenês, etc.) Geralmente esse tratamento é precario, pois o doente não o aceita, donde, como dissémos, ser o prognostico reservado. O tratamento ideal, mas impraticavel, seria injetar-se na cisterna magna, para que todo o encefalo fosse banhado, uma solução de um antiseptico bem forte.

Não há tratamento local (a não ser o uso de cadeiras bem estofadas).

A fibrose que se forma, infelizmente, não se transforma em Queloide, pois isso seria uma medida altamente profilatica.

(Notas taquigraficas do Schaudim).

E' TUDO... FITA

(vagabundagem)

Não estudo mais...

Lá estão o gato e o canario, querendo e conseguindo convencer-me que esta é a noite das noites...

Passei algumas noites de vigilia, querendo ver se conseguia realizar esse sonho maravilhoso: aprender Embriologia, e esquecer Ninotchka.

Mas parece que, quando a mulher vira bicho, até nos dá vontade de ser Tarzan, filho das selvas...

Oh, minha bem amada impostora, se eu lhe agarrasse, antes da sua fuga ao paraíso, no Cisne Branco, com Rebert Koch, haveria de gritar-lhe alto e bom som, cheio de furia:

"Lembra-se daquela noite?"

E você esqueceria essa sua caravana de ouro, e seria de novo a sua propria rival sublime...

E em nossa vida surgiria a grande luz, a luz que não se apaga, e todos diriam de mim: Ele casou sua mulher! E eu não choraria essas lagrimas de palhaço, pensando naquele idillo nos Alpes e não pensaria, em encarcerar-te, na torre de Londres.

Mas deixa estar, "seu" passaro azul, que hei de lhe ensinar o codigo das ruas...

Possó muito bem apelar para o braço da lei, contra esses mercadores do crime... mas para que meter-me contigo com uma imperatriz louca?

Fica por lá com teu rei dos gangsters, com teu az dos reporters, fica por lá no circo com os irmãos Marx, que não darei meu reino por um amor...

Eu compreendo que as mulheres sabem demais, e embora sejamos escravos do desejo, espero sempre que você atire a primeira pedra...

Espero que lá na estalagem maldita, a quem te acolheste, os servidores da lei, dêem aos teus raptoreis, a justiça de Santa Fé...

Conheço teu amado: é o orgulho do turf... Talvez na ilha, onde te acolheste, ele banque teu Robinson suíço... Não fás mal...

Talvés eu fique doente, talvés seja preciso que chamem o Dr. Kildare, por tua causa, mulher ingrata...

Tudo isto, então ha de se tornar um inferno verde, e as vidas do dr. Eshlich e Pasteur, serão sôpa, comparadas com a que eu vou levar...

Não quero porém bancar detetive part icular e jogar o joguinho de "cem contra um", prefiro esquecer-te...

Tentarei repetir as aventuras de Gulliver e suas viagens...

Mas não te esqueças, alma danada, que nós, os homens apaixonados, somos para sempre homens marcados. Assim como atrás de Rebeca, a mulher inesquecivel, correrá atrás de ti, o fantasma da Esperança...

Far-te-el versos, e verás se tenho ou não, sangue de artista.

Por agora, fica por lá, na cidade sinistra, com teu Scarface, ó recife de coral, na minha vida, fica por lá, que eu preciso estudar Embriologia...

MIKE

"EXTRATOS..."

Um jornalista emerito, em discurso pronunciado a 18-6-40, referindo-se Santos, dizia:

"Santos é pulmão de São Paulo, justo seu pulmão direito, aquele que está mais proximo do coração".

De um "memorial" de um candidato a Catedratico de uma das onssas Escolas Superiores, extrairamos seguinte:

"... portanto, ha quasi nove anos durante os quais nos preocupamos com a Parasitologia no seu sentido mais amplo; no entanto desses nove anos, os dois quartos iniciais se passaram mais em contacto com a Parasitologia Humana, ao passo que os tres quartos restantes..."

De um romance muito lido, extrairamos o trecho seguinte. (Note-se que o livro foi editado ha quasi meio seculo e não nos consta haver alguma edição expurgada desse lapso).

"O desgosto de quem toca para os outros se divertirem cresce na razão inversa do quadrado da animação dos que estão dansando pulando".

O que transcrevemos a seguir foi publicado por um vespertino paulistano, no dia 14-6-40. Prevenimos os colegas que o jornal de onde extrairamos a noticia é um orgão serio, tido como um dos melhores informados da America Latina, sendo mesmo o de maior circulação em nosso Estado, quiçá no Brasil.

Eis a noticia:

CINCINNATI, (Estados Unidos) (Por Stephen J. Medonough, da Associated Press) — Um dos mais temiveis venenos conhecidos até hoje está sendo empregado com exito no tratamento das pessoas dementes. Esse veneno é o famoso "curare", tão conhecido em toda a America do Sul, especialmente no Brasil, e foi empregado por seculos por certas tribus indigenas para produzir morte dolorosa e quasi instantanea em suas victimas. Para sua composição, os indios untem as pontas de suas lanças e de suas flechas com "curare".

O dr. A. E. Bennett declarou recentemente que assim como a ciencia empregou com exito o veneno de certas classes de viboras para aliviar dores físicas, da mesma forma o "curare" está servindo como uma droga preliminar para o tratamento dos doentes de esquizofrenia e outras enfermidades mentais. O tratamento, se originou em uma viagem que realizava no Amazonas o explorador Richard C. Gill, que conseguiu grande quantidade de "curare" e o entregou ao dr. Bennet para suas interessantes investigações.

Grandes doses de curare produzem a anulação da reação muscular no corpo e a morte sobreveem pela incapacidade do diafragma continuar absorvendo oxigenio. Faz o veneno com que os termos terminais que ligam os musculos se debilitem fiquem quasi completamente inativos.

O dr. Bennet e seus ajudantes tinham procurado com afã uma droga que produzisse esses resultados, pois tinham observado que certos doentes tratados com metrazol davam tais reações violentas que por vezes quebravam os ossos. As experiencias com animais demonstraram que a applicação de "curare" produz um relaxamento muscular que permite que o metrazol seja applicado sem que o paciente sofra essas violentas e catastroficas comoções. Por isso, o dr. Bennet declarou que "agora um inumeravel total de pacientes poderão ficar em estado de serem submetidos ao metrazol" graças ao "curare". E acentuou um caso recente de um homem de negocios, de 61 anos, que sofria de cancer e que não podia ser operado porque bastava apenas a inervação de que o ia ser para lhe produzir tremenda agitação mental. Depois de tratamentos com o "curare", misturado com metrazol, a operação pôde ser feita e o paciente voltou ao seu trabalho normal dentro de seis semanas.

As experiencias atuais consistem em produzir uma droga sintetica, o "quinino metrocilordico", que parece produzir os mesmos efeitos que o "curare".

:: CASA DAS SERINGAS ::

Seringas para todos os fins, material cirurgico, artigos medicos, hospitalares e para laboratorios, cintas orthopedicas, fundas, meias elasticas suspensorios, etc.

T. AGUIAR & AZEVEDO

(SUCESSORES DE T. AGUIAR)

RUA DO CARMO, 145 — TELEPHONE: 3-2802
SÃO PAULO

Importação directa de material cirurgico

R. F. Sarfert

R. Senador Feijó, 75 - Tel. 2-5518 - S. Paulo

(Antigo 1-G) (Salas 22-27)

AS GRANDES DATAS DA MEDICINA (Calendário)

— Comemora-se este ano o millonésimo centenário da introdução do uso de instrumentos cortantes em cirurgia; eram de pedra nos áureos tempos do famoso lusitano Vaz Concelos, passando a ser de metal, milhares de anos depois, nas mãos do hábil cirurgião árabe Al-Ypipo.

— 20 de Setembro de 74 A. C. Alexandre Magno, depois de entrar em Roma, publica no Diário Oficial de Zurich o decreto-lei que pune com a mutilação de um germe os cidadãos etíopes que se utilizarem do título de professor de Microbiologia ou de assistente de Parasitologia, com más intenções.

— 15 de Março de 1931. Inaugura-se em São Paulo o logradouro denominado Parque Infantil do Araçá, privativo dos professores e assistentes da Faculdade de Medicina local.

— 7 de Setembro de 1935. O Mignone retirou-se da Faculdade 10 minutos antes das 9 horas da noite, considerando que era feriado.

— 8 de Junho de 1937. Verifica-se a parada de uma serra, que perturbava o bom andamento das aulas da Faculdade de Medicina; em seguida ruiu uma grande torre, por efeito de um benéfico furacão. Em sinal de protesto, "retirou-se" do prédio a famigerada Faculdade Internacional de Filosofia.

— 12 de Agosto de 1937. Pede licença, afim de retirar-se da vida pública e recolher-se à privada, por 6 meses, beneficiando toda a Faculdade, o Grande Secretário.

— 20 de Agosto de 1937. Adam Smith, grande polemista platino, inventa o alfinete. Esse minúsculo instrumento, que foi muito usado pelos alfalates e costureiras, tem hoje a sua mais larga aplicação nos anfiteatros das Faculdades do mundo inteiro.

— 10 de Outubro de 1937. Graças à instalação de poderosos alto-falantes, consegue-se ouvir abafadamente a voz do Melinho, o Afono, atrapalhado no meio de uma porção de canudos e pranchas, cuja interpretação o deixou rouco por mais de 10 meses.

— 1939. Um decreto real proíbe na Birmânia aos barbeiros a atribuição de extrair dentes. Esse foi o motivo da emigração do Lucas.

— 29 de Agosto de 1939. Um assistente de Parasitologia deixou de ser chato e pedante, pelo espaço de 10 minutos, o que nem sempre só acontecer. A efeméride foi comemorada no antigo bar Reto.

— 4 de Junho (?). O acadêmico Gil S. Byron, pai do grande poeta espanhol, consegue arrancar um 10 no prático de Patológica.

— 26 de Julho de 1940. Correm as primeiras notícias da extinção de diversas cadeiras do curso médico. O povo, reunido nas planícies de Zama, exigia em altos brados: Mais uma! Mais uma!

PI e RÓ

GRANDE DESCOBERTA CIENTÍFICA

Os autores J. Salles e A. Russi realizaram grande descoberta científica.

Realmente, o específico contra insônia isolado por estes cientistas, ultrapassa de muito os efeitos dos remédios para esse fim até hoje conhecidos.

Não se trata porém de uma descoberta casual, pois que se baseia em conhecimentos empíricos já observados por alunos dessa escola. Depois de 6 meses de trabalho exaustivo conseguiram isolar uma substância então desconhecida, cujo efeito farmacológico e fisiológico foi pesquisado "in vivo" em 206 cobais e 13 cães. "In vitro" em helmintos e protozoários das mais variadas categorias.

Hoje graças ao trabalho abnegado destes cientistas chegamos ao conhecimento da fórmula deste inigualável, insuperável e único suporífero: O XILOTASTALDATO DE PIMENTONA.

O famoso Jaboo prestou-se humanitariamente à 1.ª experiência, porém durante o seu decorrer houve uma acidente sendo ultrapassada a dose a ser injectada. O que explica, a eficácia do preparado pela sonolência constante em que vive o celebre ascensorista.

E' porém ainda desconhecida a densidade e peso molecular do composto porque os autores (os únicos que conseguiram se manter acordados durante a aplicação deste remédio nos alunos do 1.º ano) foram tomados de um ataque de profunda catalepsia e até hoje dormem.

A estes dois abnegados a humanidade agradece.

O BOMBONSINHO

«...E a Escola inspirou»

Soneto Circulatorio

Tu foste a rede admirável, teia
Que me prendeu, embora repelida,
Buraco de Botol da minha vida,
A envenenar minh'alma que te aneia.

Com mil anastomoses em cadeia,
Dos capilares da ilusão retida,
Faz meu amor a terminal dorida,
Indo ao teu coração, sagraada veia.

E busca em teu olhar, feliz, risonho,
O amor, vasa-vasorum do meu sonho.
Do meu sorrir, o vaso-constritor,
Mas ó! triste = cruel desilusão!!!
Barra teu suspirado coração,
Uma embolia, trombo de outro amor...

Foste, na minha humana economia,
Líquido de Ringer reanimador
do pobre coração e nutridor
dos sonhos nos salões de Anatomia.

Porém, aconteceu que eu temia:
Subiu, no meu viver de sofredor,
Acima do limiar, a minha dor,
Pois teu amor por mim tinha anemia.

E de recuo balístico ameaçado,
Sou (por assim dizer) curarizado.
Nem sapo do Xilór tal vida atura!...

Por isso me despeço, embora moço,
Enforco-me, fazendo em meu pescoço,
De Stannius uma nona ligadura...

Soneto fisiológico

No livro tão banal da minha vida,
E's a folha viçosa re florida,
A seiva nutritiva, descendente,
Dos pomos da ilusão remanescente.

Minh'alma vegetava emurchecida,
Clorótica, estiolada, carcomida,
Porém nela brotou, por ti, a semente
Do amor, que tinha então vida latente.

Tens - luz dos meus olhos orvalhados,
Pela água - saes dos prantos derramados,
No dor, que é parasita desumana...

Porém teu coração, ó minha flôr,
Não faz a fotosíntese do amor,
Pois não tem a função clorofiliana...

Soneto Botânico

Não lamento ventura fenecida,
Nem choro mais tua amarga falsidade.
Pois deixaste-me, após despedida,
Sonhos de amor e flôres da saudade.

Nem choro os beijos que, talvez, na vida,
Deres outro, pois é bem verdade,
Ser teu primeiro beijo uma bebida
Que me embriaga os lábios da vaidade

Mas choro os versos que eu, apaixonado,
Fiz nas postilas de Fisiologia,
Em cada folha, um verso suspirado.

Tu ficaste com todos, sem escolha,
E eu choro as apostilas todo dia,
Pois elas custam "duzentão" folha

Lamentos

Abeid Adura



Aspécto parcial do SALÃO DE BARBEIRO, da Faculdade

"PRESUNÇÕES DE MUITO ESTUDANTE QUE ANDA POR AÍ"

Só êle é talhado para a Medicina.

Os colegas, coitados, são umas toupeiras.

Os professores são umas bestas.

Os aços, uns decoradores badalos.

Os médicos formados, uns ineptos, fracassados.

Só êle ha de brilhar e ganhar dinheiro.

As melhores pequenas são suas.

Para os de casa é o talento mais brilhante da Universidade.

Os seus "equivocos" não se compararam com as burradas dos colégas...

Quando não está ao par dum assunto ou não entende o que dizem, em redôr, exclama, com desdem: Besteira!

No 3.º ou 4.º ano êle já chega a esquecer a existencia dum 1.º ano no Curso.

Pré-médico? Que é "pré-médico"?...

As diversas cadeiras do curso, das quais antes nunca ouvira falar, são chateações a que assiste com uma condescendencia e uma superioridade desdenhosa e esmagadora.

E os professores?

Estes, ao em vez de lhe darem oportunidade para a revelação de seus dotes, modestamente escondidos, empurram-no com uma injustiça revoltante, para o oral e até para a segunda época...

Ao segundo-anista "Dr. X"

Que diabo colega, você me decepcionou!

P'ra que fazer o elogio da propria turma?

Todas as turmas que passaram pelo segundo ano tinham em seu seio os tipos mais variados: compunham-se elas de "aços", bem poucos é verdade, como aliás acontece com o atual segundo ano, de decoradores, na sua grande maioria, como aliás, ocorre no atual segundo ano. Havia, os "badalos", meia duzia, ou mais, de individuos doentios, que passavam o tempo todo da aula a sorrir para os professores; havia tambem os tipos que se caracterizavam pelos seus exotismos: uns, especializados em aparecer sempre com ternos novos e exibir joias caras, tendo sempre nos lábios o sorriso feliz da mulher vaidosa que tem o seu sentimento de exibicionismo satisfeito. Tinham tambem as diversas turmas que passaram pelo segundo ano da Escola, exatamente como a atual, os pseudo-cientistas, os especializados precoces, que, desde os primeiros anos da Escola, se metem a clinicos, ou a cirurgiões e de tam ciencia (?), n'uma verborragia incoercível, comparem: somente a certos vomitos...

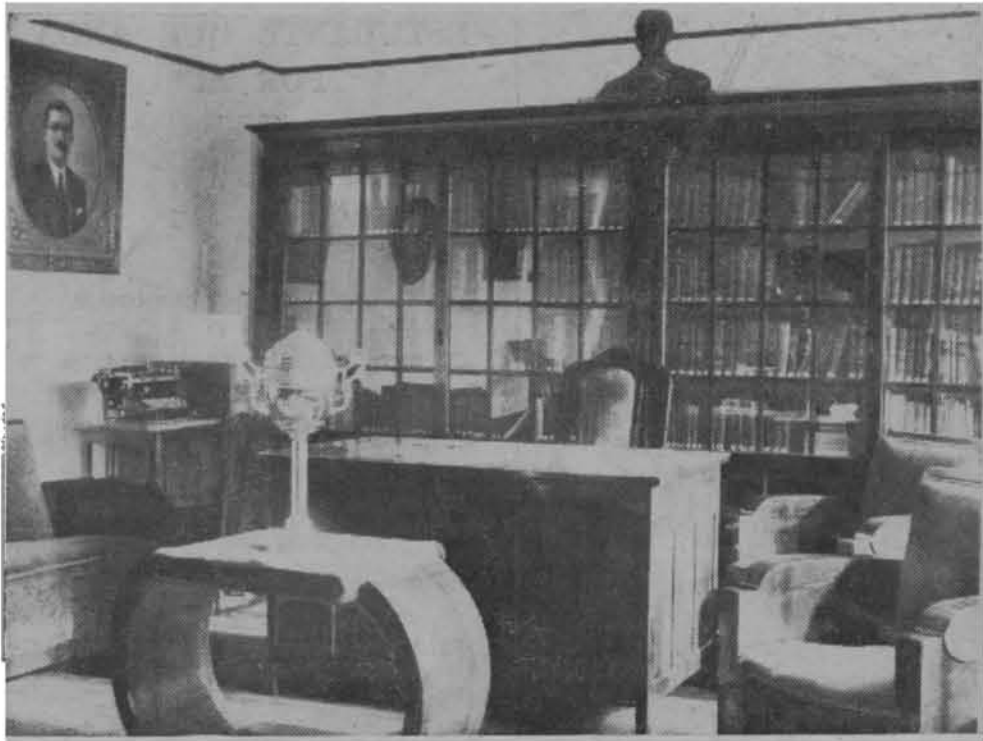
As diversas turmas que passaram pelo segundo ano, exatamente como a atual, tinham tambem seus tipos indefiníveis, quer moças, quer rapazes. Muitos rapazes e muitas das poucas moças que passaram pela Faculdade foram indefiníveis e indecisos e por isso não mereceram ser considerados como excepcionais, dado a indecisão, principalmente em questão de amor, ser coisa por demais vulgar em nosso século...

Em todo caso, meu colega, sua turma tem algo que pôde ser considerado como excepcional para um segundo ano: com ela deu-se um fato impar na historia de todos os segundos desta Escola! Refiro-me ao amor, ao demasiado, excessivo, ao nunca visto e jamais excedido amor que os atuais segundo-anistas dedicam ao estudo de uma certa materia!

Assim sendo, caro colega, não devia você fazer o elogio da sua propria turma, quiçá o seu mesmo, chamando-a de uma porção de cousas, como você fez e devia, outrossim, esperar que o Dr. Odorico se pronunciasse a respeito da mesma!

Que tal? Vamos perguntar ao Docente de Anatomia o que ele acha de excepcional no atual segundo-ano?

Y.



A nova sala do snr. Presidente do Centro

SONHO DE FELICIDADE

Yara Monteiro da Silva

Noite de Natal!... No céu, as estrelas alegres saltam piscando... A lua enorme, prateada, redonda, cheia de luz, brilha também! — No ar tépido, aspira-se o aroma agreste das flores orvalhadas; sente-se aquela sensação trança e indefinível da felicidade e da paz.

— Tudo é alegria ali, naquela rua enorme, toda arborizada, aonde os casarões senhoriais se erguem magestosamente! O luar de prata lambe as paredes brancas dos belos palacetes!

— Aqui e acolá, pessoas risonhas passam apressadas, abraçando pacotes; em casa, as criancinhas loiras esperam, ansiosas, em volta da árvore de natal, os bonitos presentes de Papai Noel.

No entanto, na via larga e asfaltada, um vulto estranho passa. Sob a luz das lâmpadas da rua sua sombra se recorta disforme, monstruosa...

— A calça róta, a camisa completada por remendos e os sapatos velhos, indicavam sua indigência. O chapéu desabado caí sobre o jovem rosto moreno. Os olhos, longe, parados, perdidos no espaço; a boca semi-aberta num rictus de amargo desdém. Quem o visse, assim, perambulando pelas ruas, pensaria: "Como contrasta com o luxo desse bairro, o aspeto triste deste homem!"

— Se conseguiram, porém, notar o seu estado físico, jamais avaliarão o moral!... A alma oprimida, sofredora, tem às vezes assômos de revolta!... E ali estava uma alma infeliz, torturada... uma alma que talvez fosse boa, talvez má; — um coração, porém, despedaçado, havia ali; um coração que às vezes se tornava feroz, hediondo, outras vezes, tímido e submisso.

— Mas ninguém poderia já mais julgar que sob aqueles trapos, houvesse uma alma!

— E, andando pela rua larga asfaltada, ele pensava!...

— Pensava, também, em lindas criancinhas loiras, que estavam lá longe, naquele porão sordido! — Pobres garotos infelizes e magrinhos; os olhos grandes, esgazeados, medrosos; as boquinhas secas, arroxeadas. — Em tudo pensava o homem...

— "E' hoje a noite de Natal?! Ah! Ah! E' uma noite igual às outras: nada lhes levarei ao voltar!"

— Já está no fim da rua... Um palacete enorme, calado de claro, ergue-se magestosamente dum imenso parque.

— As pesadas portas de carvalho, as janelas de parapeitos recurvados, o grande portão antigo, dão-lhe um aspeto severo.

— A' parede, colam-se verdes serpentes de "era".

— A luz mortífera dos grandes candelabros escoá-se docemente através das ortinas de veludo.

— O vagabundo estaca deslumbrado ante a aparência imponente do solar... Chega-se a uma janela aberta, e olha:

— Um aposento ricamente mobiliado... mas em completa desordem!

— Sobre a escrivaninha com entalhes de páu-marfim, brinquedos e jogos, doces, roupas e bonecas!!!

— No chão, espalhados sobre o magnífico tapete fêfo, carros, cavalos, etc.

— Mas... seria possível... tanta riqueza?

— Dobrada cuidadosamente sobre larga poltrona, estava uma roupa de "Papai Noel". As barbas brancas, o capuz vermelho...

— Uma porta interior se abre, e um jovem, elegantemente trajado, entra.

Olha com satisfação para aquilo tudo, e, depois, tomando o belo fato escarlata, começa a vesti-lo.

Mas dois olhos negros e brilhantes o espreitam ávidamente...

E, dum salto, impellido pelo cérebro cançado e doentio, o vagabundo entra, pela janela, no gabinete.

— O outro, admirado, perde por um instante a noção do acontecido, e o maltrapiho aproveita para atacá-lo. Mas o homem percebe, já, o perigo, e responde violentamente.

— Os dois lutam: um forte e bem alimentado; o outro fraco e doente; mas o ódio dá-lhe força, a ganância o revigora... e, por fim, vence!

— E ao contemplar o "gentleman" desmalhado, no chão, uma espécie de sorriso lhe entreabre os lábios secos. Em seguida, depressa, febril, apanha, e veste o lindo fato vermelho; coloca as barbas e os bigodes brancos; agarra o saco, enche-o dos brinquedos, dos jogos de roupas e doces — e sai... Sai pela janela aberta, e fôge, correndo pelas ruas grandes e asfaltadas! Mas ali vem a ronda, ouve-o correr apita!... O maltrapiho pára e olha:

— O capitão da guarda chega perto e... cumprimentando-o, sorri.

— Ah! E' o Papai Noel, deixem-no passar!

— O outro, sorri também, mas um sorriso mácabro, mixto de vingança e alegria.

"Sim... sou o Papai Noel"

E continúa correndo, de pressa, com medo de chegar tarde demais.

— E a sua imaginação, abaiada, se enche de fantazias loucas: — e vê, então, no quartinho escuro e humilde, o grupo lindo das criancinhas loiras, alegres, as mãozinhas magras mergulhadas no saco enorme cheio de brinquedos...

— E os olhos se enchem de lágrimas felizes, e pára atonito e olha: — Um automovel, negro, grande, passa veloz e o atropela...

— E naquela via escura e suja, longe do bulício das ruas largas e asfaltadas, o vagabundo caí... o saco, enorme, cheio de brinquedos escapa-lhe das mãos e róla na sargeta enlameada... E o desgraçado, ferido, quase louco, olha o céu e vê!... os petizes louros e queridos, com roupas cintilantes e azinhas brancas, brincando satisfeitos lá em cima!... e tudo brilha e refulge!

— E os garotos, sorridentes, acenam-lhe as mãozinhas magras e pequenas...

— O maltrapiho sorri, murmura umas frases soltas, e... morre.

— No céu — um céu de um azul escuro quasi negro — as estrelas, alegres, saltam piscando... E a lua, enorme, redonda, cheia de luz, envolta em farraços de nuvens, olhou impassível aquele visionário no seu derradeiro sonho de felicidade...

A CIENCIA E A NATUREZA

NORONHA JUNQUEIRA

Foi o mundo creado sómente para o homem? Sim! respondem estes sequiosos de ambição, mas na realidade isto não acontece.

Trata-se aqui do domínio do mais forte sobre o mais fraco, e embora o homem não seja fisicamente o mais forte dos seres vivos, consegue dominar os demais por ser o unico que possui o dom da intelligencia (salvo excepção).

Para isto tornou-se mistér o estudo das varias causas que podem influenciar em nosso desenvolvimento e progresso.

Assim appareceu a ciência, que é o meio de destruímos aquelas que nos prejudicam, e procurarmos as que nos são favoráveis.

E desde tempos remotissimos vem o homem lutando com este objetivo, e se por um lado tem obtido victorias, por outro encontra sérias barreiras.

A principal luta não está com os fenomenos físicos que se nos apresentam, porque destes, embora praticamente invencíveis, e de enorme complexidade, podemos livrar-nos, por não serem frequentes em todas as partes, e mesmo somos dotados da faculdade de adaptação.

Trata-se então dos proprios seres vivos, que á procura do direito de vida, empenham-se em verdadeiras guerras.

Se esta não é com aqueles, maiores do que nós, e que felizmente não andam pelo nosso meio, será com aqueles que de tamanho minimo nos atacam de surpresa a cada momento, e se não estivermos de atalaia, as consequencias serão desastrosas.

E isto continua, ora com as nossas victorias, ora, as derrotas, porém esperamos para o futuro termos um mundo completamente nosso.

Na necessidade de vencermos os obstaculos que a cada passo se nos deparam, e sendo dotado do espirito da investigação, levou o homem a pesquisas em terrenos escuros, a que de nada têm valido os nossos esforços.

O principal problema vem a ser a propria vida... e já disse Claude Bernard, que os nossos esforços neste sentido foram tão inuteis como as tentativas de definir espaço e tempo.

Outro ponto vem a ser o aparecimento do homem sobre a terra e qual a sua origem.

As explicações não foram além das classicas teorias e hipoteses que de nada serviram senão para encobrir a nossa covardia, em nos darmos por vencidos diante da natureza.

A pior coisa para um homem é dar-se por vencido, e por isto houve e sempre haverá guerras no mundo, porque sempre teremos vencidos e vencedores.

E, como sempre, vem o fim. E' fato inegavel que o homem tem um fim, perguntando-se a cada momento, o que acontecerá após a morte.

E as respostas, as mesmas... Por outro lado, temos o infinito que constantemente desafia a nossa argucia e intelligencia.

Enquanto isto, vamos nós brincando com o presente, que a cada momento nos foge das mãos.

Em pensar que um dia teremos a nossa cabeça ornada com a corôa prateada dos cabelos brancos, leva-nos a crêr que a vida é um sonho, e o despertar a realidade.

MEDICINA ASSÍRIO - BABILONENSE

(No ano 700 a. C.)

A medicina dos antigos povos fazia parte da religião. Constituindo aliás a classe mais culta, eram os sacerdotes os que praticavam e estudavam os problemas médicos.

Com os assírios e babilonios, entre os anos 700 a 600 a. C., a ciência médica tomou grande impulso, especialmente devido ao célebre médico Arad-Nanai (681 a 669 a. C.), do qual se conservam, ainda hoje escritos, prescrições e conselhos; por exemplo, o que aconselhava para um caso de epistaxis de um príncipe real e outro de oftalmia grave.

A medicina não tinha, entre esses povos, o cunho da mágica, nem era feita empiricamente. Dos dados que temos sobre o assunto, assim as cartas de Arad-Nanai existentes no "British Museum" de Londres, resulta que eram conhecidas várias qualidades de febre, apoplexia, a tísica, a peste (mutân) e perturbações psiquicas que poderiam derivar de feridas como de moléstias. Foram descritas diversas moléstias dos olhos, ouvidos, o reumatismo, os tumores e abscessos; moléstias cardíacas, da pele, enfim aquelas doenças que são mais objectivas.

A ictericia era atribuída á ação do demónio "axaxazu", enquanto que a tísica ao "asakku".

Descreve-se a sintomatologia da tuberculose com singular exactidão. Assim é que, nas taboetas de barro, conservadas no Museu de Londres, se pôde ler em caracteres cuneiformes que: "o doente de tísica tosse muito, seu cuspe é denso e algumas vezes contem sangue. A respiração dá o som como o de uma flauta, sua carne é fria mas seus pés são quentes; sua mente e o coração é muito inquieto. Quando a moléstia é bem grave, o intestino é aberto frequentemente..."

Entre os remédios mais receitados, estão as infusões de fôlhas, raizes de plantas, azeite, o alho, etc.; ainda, indicam órgãos de animais, como o fígado e certos minerais, como o alumínio, o cobre, o ferro.

Usavam-se várias preparações em pilulas, pós e cristères. A ginástica e a massagem eram bastante prescritas.

A cirurgia era, também, "larga manun" usada. Abriam-se obcessos, amputavam-se membros e mesmo trepanava-se o crânio, o que aliás já se fazia mais remotamente (no Museu Etnológico de Berlim, existe um crânio prehistórico trepanado).

Porém, severas eram as punições impostas aos cirurgiões, por seus erros. Assim, no Código de Hammurabi (1990 a. C.), lê-se: "Si un medico, durante o ato operatório, destruir sem necessidade, o olho do doente, ser-lhe-ão amputadas as mãos."

Se matar um escravo, durante o ato operatório, deverá compensar com outro escravo".

Quanto ás remunerações, estas eram feitas em prata, e o valor a ser pago estava em relação com a dificuldade da operação e a classe a que pertencia o operado; sempre, porém, deviam ser obedecidas as estipulações do Código de Hammurabi.

(Bibliografia: Honigmann — Geschichte Entwickeung dan Medizin; Paul Dieppen — Geschichte der Medizin; Castiglioni — Storia della Medicina; Castiglioni — Incantesimo e Maggia).

GUSFRY



Secretaria do C.A.O.C. com novo fichário e cabine Telefonica

Lenda da Pérola

F. Bellegarde Nunes

Naquele dia, ao cair da tarde, quem passasse pela casinha pobre da praia, teria a atenção despertada pelos vagidos de uma criança que o Céu mandara para quebrar a monotonia da vida daquele pobre pescador. A pequenita era uma linda menina loura como os raios do sol que inundam a praia ao amanhecer e seus olhos tinham a cor do mar. De resto era tão alva como alvas são as espumas formadas pelo bramir das ondas... A pequenita foi crescendo, crescendo, crescendo e enchendo de alegria e vida aquela casinha humilde, porém feliz. Já menina, a linda criaturinha, talvez não tendo com quem brincar, brincava com a areia, com as ondas, com a espuma, com o mar... Quem passasse, agora, raro deixaria de ouvir inocentes gargalhadas de entre-meio ao rugido das ondas encapeladas batendo de encontro ás rochas que formavam o contraforte pedregoso da colina.

Parece que o mar gostava dela e até abrandava a fúria quando ela se banhava nele. Parece também que Netuno, o deus austero e carrancudo das águas, pediu á pequenita para que o acompanhasse ao seu reino dolente e triste do fundo das águas onde havia de fazer-la muito feliz e ao que ela se negou dizendo ser já tão feliz... Mas Netuno não se convenceu de que a menina de olhos da cor do mar pudesse ter tanta felicidade quanto ele, o senhor do Oceano, lhe poderia dar. Pediu, rogou, mas a negativa foi formal! Irado, o deus das águas, numa linda manhã enfureceu o mar.

O anjo louro, como sempre, veio á praia. Como sempre, fez a escalada ás pedras. Ia já em meio quando enorme vagalhão, envolvendo-a fe-la vacilar e cair... Um grito de surpresa, seguido de um gemido languido de dor e foi tudo. Depois... o regongo furioso da resaca e a dor e o luto na casinha outra vez pobre da praia...

No reino de Netuno, é verdade, aquela criaturinha linda ficou ainda mais linda, os olhos ficaram ainda mais azuis e os cabelos dourados como os raios do sol da manhã encaracolaram-se ainda mais...

Mas a tristeza substituiu a alegria e o fogo vivo do olhar foi trocado pela água do pranto...

Muito tarde o deus das águas percebeu o erro.

A pequenita, como o passaro engalado, jamais poderia alegrar aquelas

Ouro Fino, formosa cidade mineira, como as demais do "hinterland" brasileiro realiza ainda, em nossos dias, de nevroitismo político-social, de ambições de matança em massa, o milagre de uma vida simples, isenta do artificialismo das sociedades modernas.

Nesse recanto romantico do Brasil vive, no labor quotidiano da semana, e na pascoa domingueira das almas predestinadas, um povo bom e acolhedor.

Foi numa noite de São João. A cidade engalanada festejava o santo mais querido dos povoados e das fazendas.

O pipoquear das bombas e dos rojões quebrava, nessa noite fria e transparente, o silencio e a calma dessas paragens serranas. Já em cima os rojões espalhavam chuva de estrelas, multicores, tremeluzentes, desenhando no espaço arabescos caprichosos. Os balões de todo o feitio, improvisavam-se em astros, subindo como almas insatisfeitas em busca do infinito.

Foi nessa noite bela, bem brasileira, que sube, acidentalmente, de uma delicada lenda, dessas que ingenuidade popular nos lega, para espantallo nos tempos de criança e admiração nos dias de juventude.

No fim da cidade, no alto da rua Velha, em meio do terreiro, diante da choupana do preto velho conhecido por "tio" Manoel, crepitava uma fogueira. Ao seu redor pandeiro, o tamborim e cuica ritmavam o samba, que ia animado. Velhos pretos, murattos faceiros, em requebrados dolentes evocavam, no seu lamento nostalgico, o ritual de tribus africanas.

Indiferente ao samba ao cheiro ativo do quentão da cachaça, tio Manoel, tido na redondeza como curandeiro consumado, na soleira da porta da choupana, fumegan-



GRUPO DE COLEGAS, AO SE INAUGURAREM AS NOVAS INSTALAÇÕES DA SÉDE DO CENTRO, NO PRINCÍPIO DO 1.º SEMESTRE

plagas que formavam o seu dominio. Cedo, abandonou-a á sua sorte.

Ela vagueia pelos mares, sem rumo certo. Quando algum barco singra as águas, ela percebe... Vem á tona e emerge a lindissima cabeça.

Não é mais menina e nem é mulher. Diz a naruja que é mais que isso: é sereia! Ela então aproxima-se do barco e tenta clamar por socorro. Quer voltar para a casinha pobre da praia, quer recuperar a felicidade perdida. Seu canto é tão lindo como o pôde ser a sinfonia da dor e da saudade. Os primeiros marinheiros chegaram-se a ela e desavisados, foram tragados pelas ondas. Porque? Porque a sereia é tão linda que facina!!! Sabedores disso, hoje não a atendem mais. Quando ela canta é que o barco passa mais de largo, fugindo sempre... A sereia aflita chora a grande dor. Dos seus olhos brotam lágrimas tão lindas e cristalinas como contas. Muitas delas são recolhidas por moluscos marinhos que as escondem no recondito da sua massa visceral.

Entre as valvas do molusco, a lagrima condensa-se e torna-se uma esferinha nacarada, a perola, da cor dos olhos da criaturinha linda da praia, a filhinha estremeçada do pobre pescador e que Netuno, por ambição ou por maldade, levou para o fundo do mar...

(AO BURZA)

Meu amigo.

Tua carta reflete toda a infinita tristeza que vai em tua alma, diante do espetáculo desolador das grandes misérias humanas. Achas que a vida é insuportavel e não merece ser vivida. Assinalas a existência tristonha dos mineiros chafurdando na lamina negra dos subterraneos, sem ver durante anos e anos a luz solar, para que joias brilhantes adornem o colo das damas elegantes. Lembras a vida miseravel dos operarios entremiços que desesperadamente desfiam o colar de seus dias, dentro de usinas enormes, onde quantias fabulosas são empregadas na construção de aperfeiçoadas máquinas de matar, enquanto fome a doença rondam seus Lares. Recordas os trabalhadores de estrada, que após haverem dominado o pulso o mar tormentoso das colinas, hoje estão atirados á indigência. Tens razão. Este mundo é selvagem cruel. Deram-lhe azas para encurtar distancias e ele aproveitava-as para transportar bombas que semeiam a desolação e a morte. Deram-lhe rádio para u'a maior fraternidade huma-

na ele usa-o para disseminar ódio e a inimizade entre as raças. Por isso, achas vida um fardo insuportavel, que te entregaram sem consultar-te e que restituirás com indiferença.

Mas, sentiste alguma vés a carícia doirada do sol sobre a epiderme nua? Já o bater ritmico de teu coração foi alterado violentamente no decorrer de uma renhida pejeja esportiva? Procuraste ao menos compreender toda a mística beleza que paira no ar, quando a tarde morre ou a alegria da alvorada? Abrieste alguma vés teus ouvidos para a melodia sublime da música? Fixaste já teu olhar triste no olhar franco risonho duma criança que desponta para a vida?

Se o fizeres, compreenderás que nem tudo é Dor. Verás que o Amor, a sinceridade e a beleza ainda habitam Terra. Deixarás de lado os pessimistas e teu ser se impregnará de um otimismo sadio. Lembrar-te-ás que és jovem e que muito poderás esperar da vida. Acha-la-ás bela e digna de ser vivida; adotarás, então, o lema: "Quem sabe sorrir, sabe dourar o seu porvir".

WILSON BROTTTO

A lenda do lago

Especial para o "Bisturi"

de José Silva Roso

do seu pito de barro, cismava...

— Então, tio Manoel (arrisquei uma pergunta) — não entra no samba?

— "Quá, sinhozinho, meu tempo passô".

— Móra aqui ha muitos anos?

— "Vi nascê esta vila. Era tão bão aquele tempo!.. A véia capela, o só vigaro, a sumana santa... Nem é bão lembrá, sinhozinho".

Os olhos do preto velho brilharam, derrepente. Estendendo mão para lado da baixada, prosseguiu seu devaneio: — "Tá vendo aquela casa, lá perto do morro?... Aí, naquele lugá, meu véio pai tinha seu rancho. Nois era cinco irmão, o Dito o mais véio. Era tudo mato fechado u'a rocinha que nois plantava pra comê e negocá na vila. Agora é chacara do só José. Ota home bão o só José! Tão bão que nem quiz casá — benza Deus. — O'ia, sinhozinho, as muié é bicho danado, tem o Lucifér no corpo.

Nem é bão lembrá, foi causo triste..

— Ora tio Manoel, conte alguma cousa. Não sou daqui gostária de ouvir velhas historias desta terra bóa.

E tio Manoel desfiou sua historia.

Viera de Campinas numa leva de escravos, muito criança. Ali fizera-se mocinho, sendo o Benedito o irmão mais velho, preto forte e desempenado, consumado violeiro e cantador. Tanto que a muitas leguas em redor do rancho era o Benedito a alegria das festas.

Um dia (é o eterno dia dos corações amantes) surgiu-lhe pela frente a Sebastiana.

na. Mulata faceira, cantadoura ao desafio. Daí ao amor foi questão de começar. Acontece que a Sebastiana gozava da fama de namoradeira e provocadora de brigas. Festa em que a mulata aparecia havia "surru" na certa. Contavam mesmo que mais de uma cruz assinalava nas estradas o feitiço maligno dessa mulata. Mas Benedito, preto sarado, lançou a isca mas soltou a vara. E nessa noite de São João, que tio Manoel invocou, samba ia forte. Os rojões espoucavam lá em cima enquanto aqui em baixo a fogueira iluminava no terreiro bacanal de negros. A caneca de quentão de cachaça corria de mão em mão. Perto da choupana da familia de tio Manoel, sentados em velhos bancos, o Benedito, Sebastiana e outros convidados, cantavam ao violão. Os versos em desafio animavam a roda provocavam, de quando em quando, uma explosão de gargalhadas. A's tantas ficaram o Benedito e a Sebastiana a se disputarem no campo do desafio. O silencio foi dominando a roda que acompanhava atenta o desenrolar da cena. E tio Manoel, num esforço de memoria, reproduziu assim:

— "O Dito cantava:

"Essas cruz, que tão na estrada
Da Serra D'Agua ao Oiteirão
Tem os nome dos cabra
Matado de coração".

— "A Bastiana arresponhia:

"Quando lua adormecê
Nesta noite de São João
Mais duas cruz hão de vê
Fiscando dois coração".

— "O Dito arrebatia:

"Nasci p'ra tê muito amô
U'a muié num m' chega
Si quize fazê favô
Suma daqui minha nêga".

— E a Bastiana, com os óio fuzilando, levantando do lugá onde táva sentada, arrespondeu:

"Sumo daqui, proquê não,
Vô cantá lá na paióça
Minha dô, minha paixão
Mais vancê num vai p'ra roça"...

Tio Manoel, ao terminar a rememoração dessa cena, deixou cair de seus olhos, duas lagrimas.

Depois de uma pequena pausa disse:

— Sinhozinho, foi assim que aconteceu. O diabo da mulata cumpriu promessa. Quando dia chegô, na bera do caminho, perto de nosso rancho, mais da banda da cidade, táva o Dito e a Bastiana. A péste da mulata, nu'a possa de sangue, ainda tinha o punhá na mão. Tivemo que erguê aí nesse lugá duas cruz. Nossa mãe, a pobre nhá Frimina morreu de tanto chorá".

E tio Manoel contou que ali, no lugar das cruces, brotou um lago. Pequeno principio mas que depois se transformou com tempo no formoso lago que ali hoje existe, habitado por patos e marrecos que percorrem sua superficie placida, indiferentes á tragedia de sua origem.

E, na sua crença ingenua afirma que esse lago nasceu das lagrimas derramadas pela pobre Firmina, e que, alta madrugada, nas noites de São João, na hora da tragedia, o lago se encrespa, tinto de sangue, murmurando, na linguagem dos ventos, soluços e preces. E de suas águas emergem duas cruces negras ao redor das quais vagueiam, sem rumo, duas sombras.

«Eva do Mato»

MARTINS DE BARROS

No pincaro da carnaúba maior uma arara escandalosamente mascarada de azul e vermelho vigiava, impertinente, enquanto as suas companheiras beliscavam, numa algazarra festiva, um cacho louro de coquinhos adocicados.

Ao redor a mata se estendia solene como uma catedral, a catedral da Natureza.

Em cima o céu, o sol, e o verde imenso das copas irregulares, manchado aqui e ali com borões lilazes e amarelos dos ipês floridos. Em baixo, a penumbra húmida e quasi triste dos troncos emaranhados de cipós, com festões de trepadeiras e laçarotes de orquídeas.

Pelos galhos retinham cigarras, estridulamente, como campainhas de vidro que moleques vadios apertassem insistentemente. Um picapau bicava inutilmente o tronco robusto de uma caneleira, e uma preguiça, lá em cima, espantou num gesto cór de cinza um bando de maitacas, que fugiu espavorido. Pelos ramos, as borboletas pareciam flores desfolhadas ao vento e as flores pareciam borboletas pousadas, ás centenas, pelas folhas.

Miriades de insétoz bazarros lantejoulavam pelas hastes das plantas e pelos cálices das flores, adaptando-se ao colorido diverso das folhas, num mimetismo mágico.

Mais adiante serpenteava o regato sob a ramada pendente das arvores gigantescas, dos arbustos tenros e das touceiras rendilhadas de samambaias. A agua azul ora tinha, nas curvas escuras, a imobilidade dos espelhos, ora borbulhava por entre as pedras e os galhos caídos, espumando flocos. Depois, sempre correndo, contornando os obstáculos, envolvendo-os, transpondo-os, desmanchava-se em espiraladas suaves, pontilhadas de selxos branquinhos, e onde bebiam os passarinhos e os animais.

Além ele saía da mata transportando na sua corrente toda a frescura das plantas que o sombrearam e arrastando na sua superfície folhas secas e petalas coloridas, que tentam a curiosidade dos peixinhos prateados. Depois, encontrando um terreno arenoso e plano, espalham-se, alargando-se e tornando-se apenas uma camada líquida á flór da areia. Pedras escuras formavam a miniatura de u marquipelago, e no barranco ao lado, uma grama muito verde e tenra, como nos presepios, que os veados pastavam.

Um bando de garças, levemente róseo, desceu para beber, e um jaburú paciente teima em engullir os peixinhos audaciosos que dele se acercam. Não deve tardar a hora do crepúsculo porque uma saracura saiu duma moita de taboá, numa gritaria alarmante, como si visse alma do outro mundo.

Entretanto, no barranco, Acy e Omú, tão embebidos nas palavras do missionário, nem atentam na beleza da tarde que chega. Omú, que enquanto falava o homem branco, divertia-se em fugitar a água com um galhinho verde, deixara que sua mão tombasse, esquecida, e que os seus dedos, fazendo um anteparo á correnteza, cavasse nela pequenos sulcos, como si a houvesse rasgado.

Não podia compreender perfeitamente o sentido das palavras do branco. Era tal o absurdo, que fugia á sua percepção embotada. Então abandonara-se na duvida e na desconfiança por aquele vulto escuro que gesticulava com calor. Acy, ao contrario, ouvia interessada, as palavras cheias de entusiasmo do homem estranho. Sua intelligência mais arguta de muher já começava a vislumbrar algo de luminoso que o cerebro obtuso de Omú não podia perceber.

— «Ora, continuava o homem, tendo comido a maçã, eles se viram nus e se envergonharam, e quando o Senhor appareceu eles se esconderam»

Omú não podia compreender como alguém pudesse se envergonhar da sua nudez. Não estavam, ele e Acy, totalmente despidos? Não era costume na tribo trazer o corpo ao sol, sem adornos de outra natureza que os riscos encarnados do urucum? E no entanto nin-

guem disso jamais se envergonhara, e nem se podia compreender de outra maneira. Porventura se envergonhavam a corça, a anta e os macacos todos, da sua natureza? Qual a razão pois, para que o branco insistisse com tanta veemencia para que eles se escondessem sob aquelas, vestes incomodas, escaudantes nos dias de verão, que tolhiam os movimentos e aninhavam parasitas? Omú não podia compreender...

— Vêde! O pecado está na carne, continuava o missionário, e causa repulsa aos olhos dos puros. Ela precisa ser velada para que não mostreis aos inocentes a causa do mal eterno, o principio da perdição!

Não sabeis o crime hediondo que cometeis, ainda que inconscientemente, em infringir as sabias leis divinas! Sim, porque, vêde as aves, vede os animais, eles todos têm as penas, têm os pelos sedosos e bastos para disfarçar os seus contornos, para encobrir os seus movimentos menos pudicos! Assim, vós sois os únicos que permaneceis desobedientes aos olhos de Deus. Ide, tomal estas vestimentas e sede os primeiros da tribo de Aun a dar o exemplo da Moral e da Castidade!"

Omú mirava com desconfiança as vestes grosseiras que o missionário lhe estendia, e hesitava. Para que? Não tinha delas nenhuma necessidade. Ao contrario, pesavam como um manto incomodo de cascalhos.

O ponto de vista moral interessava-o muito pouco, pois nunca na sua tribo, desde gerações, que vinham talvez dos primordios do homem, eles souberam que faziam mal em adatar-se ás exigencias do clima e desenvolverem-se como a Natureza os queria, renegando os suplicios que os brancos se infligiam.

Acy, entretanto, examinava as suas vestimentas com interesse. Eram mais leves e mais vistosas que as de Omú e por iso mesmo mais atraentes. O instinto feminino brotava-lhe o desejo de se tornar diferente aos olhos do companheiro e dos de sua tribo, para captar-lhes a atenção.

A sua admiração mais culminou com a vista dos aljófares que o missionário lhe estendia, tentadoramente. Aquelas pequeninas contas, que mais pareciam pingos luminosos gotejados do arco-iris, exerciam sobre a mulher maior influencia do que o decalogo e os pecados mortais. Fascinavam-n'a.

Com aquelas vestes estranhas, de desenhos exquisitos e de cores berrantes, ela saberia tirar partido para fazer-se ápetecida, velando-se o suficiente para encobrir as suas formas arredondadas e ao mesmo tempo mostrar os seus contornos tentadores. Cobrir-se-lá, faria esse sacrificio á Valdade, para que a imaginação dos outros trabalhadores em adivinhar os encantos encobertos.

A tentação está no occulto. O que nos é mostrado, passado o momento da surpresa, deixa desde logo de atrair a nossa curiosidade.

O homem imagina quando elle não póde ver, ouvir ou sentir.

Alliada á imaginação, o mundo ideal para onde o homem se transporta, fugindo á chateza das coisas reais, a curiosidade opera prodigios.

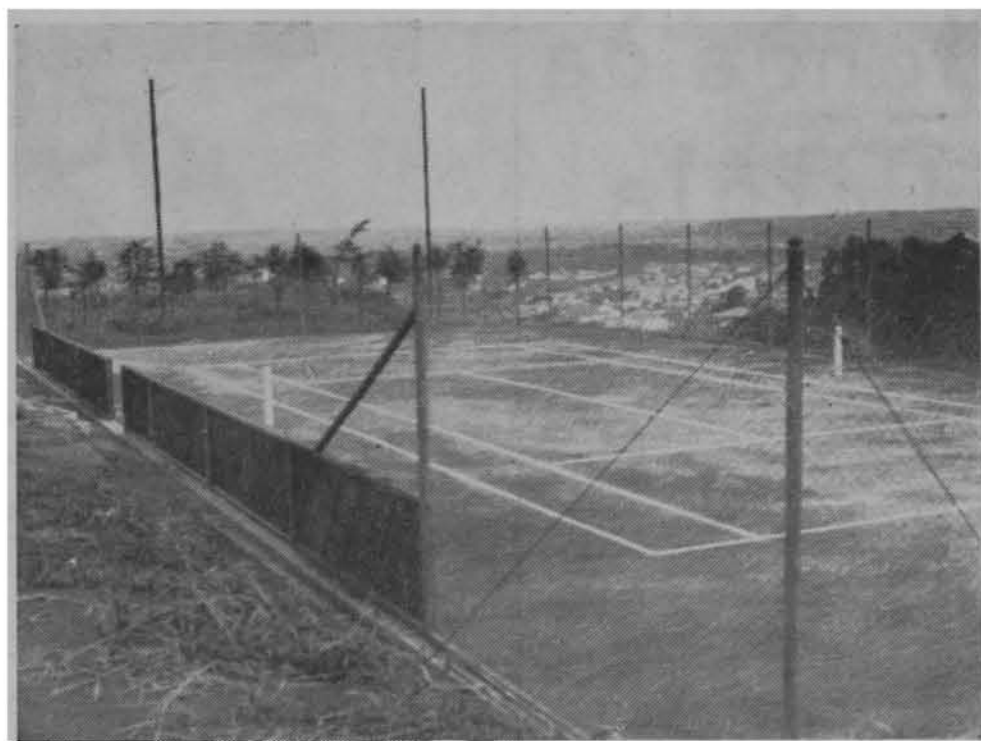
A imaginação é o campo propicio para o desenvolvimento dos sentimentos os mais diversos e absurdos. Ela cria os genios por exceção, e na regra geral os casos psicopatológicos. O misterioso, o proibido, podem chegar a obscurar um cerebro normal.

Acy vestiu as roupas estranhas e se adornou com as contas luminosas. A principio houve alvoroço na tribo, com a introdução daquela novidade. Em breve, porém, as mulheres notando o novo interesse que ela despertava nos homens, e percebendo tambem a vantagem de iludí-los, escondendo os seus defeitos e as suas imperfeições sob aqueles mantos protetores, não tardaram em imitá-la, aceitando as vestes das mãos do zeloso missionário.

Hoje, quando uma nativa é surpreendida a banhar-se no lago, dentre o velario dos ingazelros, ou quando é vista a amamentar o filho, com o bico do peito e a boquinha rozea a se confundirem num beijo de vida, elas coram, envergonhadas.

Uma donzela que deixe aparecer por descuido a perna roliça e o joelho moreno, faz levantar nos companheiros o sussurro do escândalo.

Nunca mais houve nudez na tribo de Aun, mas a Moral e a Castidade ai é apenas um mito, que os moralistas indigenas se esforçam em conservar.



Aspéto atual da quadra de Tennis, após as remodelações por que passou

«C A O C J A Z Z»

Leonardo

Com o apóio do Departamento Social do nosso Centro, organiza-se, entre os colegas, um conjunto musical. E' essa uma iniciativa de grande importância, pois que não só congregará aqueles que gostam e praticam a música, como também um "jazz" formado e ensaiado poderá tornar-se útil ao Centro, tocando e animando todas as suas festas sociais, recreativas e esportivas.

Por várias véses, já houve, aqui na Faculdade, conjuntos orquestrais e chorinhos, no tempo em que contavam com a orientação do Murilo, Vavá, Orlando Campos, etc. Nas caravanas que então se faziam, sempre se apresentava a parte musical e artística.

Agora, com um sadio entusiasmo e com boa-vontade, não será tão difficil formar um "jazz". Seria preciso que se reunissem todos aqueles que tocam algum instrumento e os que sabem cantar, e tivessem firme o propósito de ir avante, vencendo as primeiras dificuldades que naturalmente aparecem.

E' só se apresentar um conjunto promissor, que o Centro emprestará o auxilio que fôr necessário; aliás, já foi adquirida uma bateria e, assim, pouco e pouco, serão satisfeitas as cousas precisas.

Burza, Carlos Sacramento, José C. Figueiredo, Oscar Barlach, Ibraim Mathas, Hilton Tavares, Gelson Arantes, Rocha Lima e outros são os que se interessaram nesse sentido.

Tivemos já oportunidade de presenciar uma reunião artistica, desses elementos que se estão reunindo, e damos com prazer a noticia de que assistimos a um conjunto musical que possui todas as possibilidades de êxito. Se assim continuar, breve teremos o "CAOC" JAZZ", que, nas horas de descanso, muito irá concorrer para animar e alegrar o nosso meio.

E' voz corrente que da Vinci foi o mais completo espirito do seu tempo. No cenário de todas as artes e ciências, o seu nome fulge com brilho máximo. Aliás, seus trabalhos artisticos devem sua perfeição aos vastos conhecimentos que o grande mestre possuía de todas as ciências naturais.

Existem, porém, certos estudos de Leonardo que são desconhecidos da maioria, mesmo dos bacharéis e doutores. E' o caso, por exemplo, do problema da voz. Poucos são os que sabem ter sido o grande florentino o primeiro que conheceu de modo científico a Fonética e todos os problemas da mecânica respiratória.

Para gáudio nosso, o número de Maio último das "Publicações Médicas" encerra precioso artigo de autoria do dr. Silvio Marone, onde se encontram explicitamente todos os dados relativos ao problema da voz, conforme os expôs da Vinci.

Silvio Marone, cuja sábia orientação na Liga de Combate à Sífilis lhe deu grande projeção, ilustra-se sob novo aspéto.

O A. com segurança extraordinária, mercê de seus profundos conhecimentos, e com clareza absoluta, sem a rudeza e aridez comuns das exposições científicas, focaliza os traços característicos de Leonardo: com seu espirito de profundo observador conseguiu chegar a conclusões seguras, que hoje só estão mudadas na terminologia; todos os assuntos para os quais dirigia a sua atenção ficavam com pouco por acrescentar.

A flagrante lacuna desse interessante artigo recaí sobre os editores: a ortografia "mixta" não se coaduna com as perfeitas construções e o brilhante estilo.

Rejubila-se, portanto, a nossa Faculdade porque pode contar, mesmo entre seus recém-formados, homens que sabem defender seu nome dentro e fóra, em qualquer terreno.

G. P.



Aspéto da piscina, vendo-se ao lado os serviços para levantamento das arquibancadas

TROVAS

De manhã na Patológica,
Ha sempre galos cantando.
Pra que será tanto galo?
Estão as galinhas sobrando?

G. B.

Rapsodias

(ao Burza)

Aldeia, que deixei, em busca de uma vida nova, de que já estou desiludido, espera por mim, tal como eras...

Candida, na tua ilusão de dias sempre belos, de noites sempre estreladas, de capoeiras verdes, do rio preguiçoso, onde os passaros se miravam a voarem das ramadas baixas das arvores...

Guarda para mim, aldeia querida, cidadezinha morna do interior, teu carinho, tua calma, teu sono bemfazejo, em cujo selo mora a paz e o socego d'alma!

Não deixes que reflrem as pedras de tuas pedreiras, para asfaltar teus caminhos... nem a areia, para cimentar tuas casinhas ingenuas...

Dorme, aldeia, teu sono pacífico, que acalentou meus dias de moleque, e que deixou em meus olhos, um gosto de saudade...

Saudade do teu céu, do teu rio, e dos teus matos...

Saudade daquelas tardes que vivi só, com o céu, só, com o rio, só, com a terra...

Só, com aquelas nuvens esfiapadas, lembrando exqu岸tas encostas e escarpas brancas...

Saudade... daquele dia, em que te olhei com toda minha alma, dia da minha fuga para o desconhecido...

Como te queria levar comigo, aldeia-sinha...

Passou tempo... Mas ainda penso em ti, quando posso... e acho que, um dia, talvez, eu me liberte dessa angustia e possa voltar para ti...

Oh! por favor, não mudes nada, minha cidadezinha do interior, com singular sómente (um vigário, uma igreja, um rio, uma farmacia, um armazem, um medico, e uma só... menina bonita)...

Não mudes, para que eu voltando, inda me possa rever nos teus olhos, e nos teus braços acalentadores e sonolentos...

MIKE

Cara Amiguinha

Li tua carta. Gostei imenso. Talvez tenhas razão em considerar-me romantico e pouco afeito á realidade da vida. Mas, deves compreender que, ao escrever-te, eu estava no interior. Absorvendo o effluvio mágico que se evola dessas cidadezinhas simples, onde o céu é sempre azul o ar sempre puro, talvez eu sonhasse. Sonhasse que o Amor, a Virtude e a Felicidade ainda existiam na terra; que a sangrenta carnificina européa fosse apenas um pesadelo; que a perda de milhares de vidas humanas fosse mentira. Porém foi tudo uma ilusão. O revestimento exterior de camaradagem sã, de desprendimento nobre, que eu adquirira no interior, fundiu-se, como se derretem as últimas neves do inverno aos primeiros raios do sol da primavera, diante á realidade brutal da vida na cidade. A cidade é uma ilusão. Procuramos nela fonte de nossa riqueza e encontramos apenas o manancial de todas as misérias. Entre o ruído trepidante das fábricas, o atroz barulhento das máquinas, vozerio confuso dos que labutam para a manutenção, o Homem sucumbe. Torna-se um escravo do horário do solário. Perde liberdade moral. Degrada-se fisicamente. Seus nervos ficam trêmulos como barbatanes esticados ao vento. As afflições, as injustiças, as grandezas misérias humanas, que caleidoscopicamente perpassam diante de seus olhos espantados, tornam-no descrente do Amor sincero, da Amizade honesta, da Felicidade perfeita. E procura então um lenitivo para abrandar a grande dor que o oxacerba. Alguns buscam-no no jogo, outros procuram-no nas tabernas ou na satisfação de instintos bestiais. Eu devaneio. Penso que em todos os corações mora a bondade, e que a honestidade norteia todos os atos. Penso que a Humanidade inteira é boa. Daí, parecer romantico e sonhador, nesta época em que os interesses e a ambição guiam todos os atos.

Gostei muito de tua carta. Ela reflete a sensatez e o juizo de quem a escreveu. Ela revela que em ti, a graça está aliada á virtude, a beleza anda a par com o brilho de uma intelligencia rara, a bondade unida ao senso prático da vida. Concorde contigo. Seremos amigos. Caminharemos unidos por uma amizade sincera, franca, leal, até que um dia, o regente misterioso da grande tragico-comedia, que se desenrola no teatro da vida, nos torne mais íntimos ou nos separe eternamente.

OTTORB

Nunca mais, talvez...

Bem sei que nunca mais, talvez, eu possa vê-la...
Nem nunca mais eu tenha outra noticia dela...

Quando eu a vi sumir na curva do caminho,
Longe do meu amôr, longe do meu carinho,
Senti bem que morrerá, com essa despedida,
Toda a razão de ser da minha pobre vida...

Que importa a luz do sol, o brilho do luar,
Se já não tenho mais a luz do seu olhar?
Que baillem pelos ares músicas divinas,
— Ecos de serenata, ao som de cavatinas, —
Pois se a alma tenho imersa em funda anestesia,
Como escutar sequer a mais doce harmonia?...

Esquecê-la, — me dizem, — e, de alma comovida,
A página virar do romance da vida...

Como seria o céu, se um dia Deus tirasse
As estrelas do espaço e a lua não brilhasse?...

Bem sei que nunca mais, talvez, eu possa vê-la,
Nem nunca mais eu tenha outra noticia dela...
Deixae-me recordar, dos dias já vividos,
Os restos que inda sobram desses sonhos idos...

Se um dia ela voltar, p'ra estrada percorrida,
Aqueles olhos claros, — luz da minha vida —
Verá que eu não parei, que vou sempre seguindo
Essa sombra fugaz do meu amor infindo.
E ao longe há de enxergar, na poeira do caminho,
A figura de um velho, que lá vai sozinho,
A veste esfarrapada, os pobres pés descalços,
Beijando, pela estrada, o sinal dos seus passos!..

JULIUS HYPOGLÖSSUS

Oração da Hora Presente

João Belline Burza

"O' Deus!

Dai-me os olhos cegos.

Meus olhos vêm á terra. — As paisagens estão cobertas de maldade, os rebanhos dispersos, a relva pisada, as rosas arrebatadas aos galhos. São cativos os passaros que cantavam, opacos os águas das cascatas e riachos. O infinito ficou cinzento como a fumaça, as estrélas e o luar ficaram atraz das distancias. Não vejo um olhar de felicidade, um sorriso de amor, uma palavra boa. O crepúsculo e a aurora rubros, os lábios tintos e as faces coradas parecem sangrando de medo ou de ira.

Dai-me os ouvidos surdos.

Meus ouvidos escutam a terra. — Ha um segredo indefinido difuso no ar, um cantico de revolta espalhado nos mares, um sentido de crime escondido no ambiente, assim rasgado por ferro riscado de fogo. Envolve-me, apenas, rumor de vózes bárbaras, de gemidos abatidos, de gargalhadas maniacas, de passos brutos sôb sôis candentes. Não ouço tranquilidade nos lares, nem as preces á graça dos santos milagrosos.

Ninguém mais acredita nas lendas artisticas e sagradas. Ninguém mais faz conta da inocência das adolescentes. Debalde, beleza pode ser plantada; pouca gente colhe, dela, as emoções.

Dai-me todos os sentidos mortos.

Para eu não sentir o feitiço dos propósitos subconcientes, de atrair, também, romanticismo, ás charnecas empodrecidas. Sinão me contaminarei, ainda, nessa apoteóse de tragédia.

Os pés pisando as pedras bruscas, as mãos tateando á sombra da estrada, não encontro atalho e estou ferido, ó Deus! cravado o meu espirito pelos espinhos modernos.

Dai-me insensibilidade!

Porque eu sei sentir o contágio de tudo o que é triste; soffro por todos os alheios, e passivo assisto, sem aplaudir sem censurar, ao espetáculo de idéias de atos, da hora presente. Descuidadas as criaturas, de certo elas não percebem que maltratam pátria universal.

Bem vêdes:

Os corações estão enxutos as almas vasias, das virtudes tão simples como a vida. Reduzi, pois, nos humanos, a poeira ou cinzas — entendimento, semente da insatisfação: o desejo, esperança e o tempo, outras fontes onde se bebem a posse, a incerteza, a saudade.

Por que não volteis, generosamente, todas as cousas, mas tudo — a natureza e o homem, a terra e céu, as espumas e as návens, o deserto e a civilização, a seiva e sangue — ao primitivo caos?"

São Paulo, junho de 1940.

Sortilegio

de Gilliat

O silencio dominava a cidade adormecida.

A copa do arvoredo balouçava, tescendo, nas ruas desertas, arabescos caprichosos, a bailarem ao capricho da brisa...

A lua, lá de cima, espiava, indifferente, seguindo o seu destino...

Abstraido, preso ao meu passado, seguia sem rumo, pelas vielas e ruas...

... A praça, a Igreja, jardim...
Se esse jardim contasse!...

Um velho piano, quebrando o silencio dessa noite iluminada, declamava, ao longe, velhos temas...

Essa musica, tão antiga e tão presente, quantas historias poderia contar!...

Pensei que o tempo sepultava historias que os corações escrevem no passado...

Entretanto, sortilegio dessa musica escreveu, nas sombras, o seu nome...

... E senti saudade...
* * *

Tudo passou...

Mas, dentro de mim, desse coração cigano, resta ainda, gravado indelevel, nome das mulheres que eu amei...

O silencio dominava a cidade adormecida...

Sinto uma vontade louca de amar...

Era por uma dessas tardes cheias de poesia em que o sol, beijando a terra com um osculo de luz, mergulhava nas bandas do ocidente, por entre misticas nuvens de beleza incomparavel.

Vou caminhando, sem rumo, passando em revista, com olhos de "touriste", as cousas e os fatos da vida.

Bem perto de mim um automovel corta asfalto em louca velocidade, assustando um transeunte distraido. Sorrio, instintivamente, ao ver a ginastica do "homem" e a expressão de terror estampada em sua fisionomia.

Entro num jardim e, como num extase, contemplo embevecido aquele recanto do céu engastado na terra. Quanta vida! Quantas arvores — frondosas e belas! Quantas flôres! Quantos passarinhos zigue-zagueando no espaço, em chilreios divinos!... Respiro, com prazer, o perfume delicioso das alamedas floridas em que as flôres, sob leve viração, balouçando uma ás outras, parecem dizer meigas palavras de amor...

Do banco do jardim, onde estou, eu vejo agora, desfilar, um após outro, muitos casais de namorados, muito juntinhos, segredando palavras incompreensíveis, de amor, que só os corações sabem dizer... Vivem felizes, no mundo dos sonhos, indifferentes tudo em derredor.

Ao vê-los, não sei porque... eu sinto uma vontade louca de amar...

Escurece, rapidamente. Aos poucos, todos se retiram, cessando, por encanto, a magia daquele lindo quadro da natureza. Mas eu fico ainda, sentado ali, cabisbaixo, pensando num amor que ainda não veio...

Já é noite. No céu fulgura esplendidamente a lua cheia. Proximo á rainha da noite eu distingo, no meu sonho ardente, uma extraordinaria estrela: a da Felicidade, que nunca nos vem consolar nas horas amargas da nossa vida!

ANTONIO MARCONDES DE CAMARGO

SONHO DE ESTUDANTE

A' Thais

Você é a mulher de meus sonhos,
E' anjo de um crente,
A vida de um moribundo,
O sonho de um poeta
A musa de um cantor;
O desejo ambicionado de um estudante;
A aurora de uma vida, intimamente nôva, desfazendo seus rancores.
O sonho azul de uma tarde de verão, na qual as nuvens se dissipam e o sol morre com lentidão.

O desejo sublime de quem adora,
A personificação da deusa inspiradora.
Quanta bondade beleza!...
Quizera cantá-la em notas melodiosas, ao som de um violino cigano... ou descrever-la com pena genial de um poeta.

Mas... creia-me você é concretização de um sonho de criança.

LUIZ BELLINO

Aos colegas

Fomos tomaçõs na nossa humildade, ao ser nosso nome indicado para substituir Orlando Campos, no cargo de Diretor do "BISTURI".

É uma questão de princípio fazermos tudo, simples e sinceramente. Por isso, o nosso único desejo será merecer a honrosa missão que nos confiaram. A maior bõa-vontade e trabalho desinteressado, aliás, já os havíamos dado ao "BISTURI", do primeiro instante de nossa entrada no seu quadro de redatores.

Seguindo as diretrizes dos nossos ilustres antecessores, é nosso dever orientar o nosso jornal sempre para melhor. O que nos anima é a confiança de contarmos com a colaboração direta dos prezados colegas, como também de se recompensarem os nossos esforços pela compreensão e apõio reverente que cada um nos emprestará.

Cada colega tem de considerar-se um justo colaborador do "BISTURI". Dependendo, pois, menos de nós próprios, faremos o que estiver ao nosso alcance, afim de que seja normal a sua publicação e o seu feitio, útil e agradável.

Com esse auxílio simples e sincero, apenas, de todos os amigos — este será o nosso verdadeiro jornal, cuja tradição ninguém mais tira. Só assim pensamos poder o "BISTURI", além de satisfazer os múltiplos critérios, representar a palavra unida e maior, fraterna e tranqüila, de todos nós, da Faculdade de Medicina.

São Paulo, Setembro de 1940.

JOÃO BELLINE BURZA

Prof. Locchi

No dia 13 de agosto — aniversário de sua primeira aula na Faculdade — e por isso data tão significativa para o Departamento de Anatomia, realizou-se uma cerimônia singela e solene, logo após a aula teórica do 1.º ano médico, em homenagem ao Prof. Renato Locchi.

Chamado a falar em nome dos colegas, o acadêmico Burza, num surpreendente improvisado, saudou o eminente Mestre.

Após as palmas calorosas que ecoaram pelo anfiteatro, o Prof. Locchi agradeceu, muito comovido, pois era a primeira vez que recebia esses efusivos cumprimentos, na passagem dessa data, achando feliz a lembrança do orador em evocar a memória do Prof. Bovero, lembrando ainda que o Prof. Bovero permanece em todos os espíritos, Patrono querido de todas as comemorações relativas à cadeira de Anatomia.

E foi com grande alegria e com os maiores aplausos, que os alunos coroaram o útil e generoso discurso do respeitado Catedrático.

Assim terminou a espontânea homenagem ao Prof. Renato Locchi, com essa manifestação calorosa de simpatia, própria da mocidade, que reconhece e que procura retribuir entusiasmo e sincera gratidão a quem sabiamente lhe proporciona bens.

Roberto Miranda Leite

Sempre que desaparece um colega de entre nós, o nosso ambiente se totaliza num profundo sentimento de má-gua.

Mais um golpe do fatalismo colheu uma vida nova, quando os seus pri-

meiros anseios se revelavam em promessas e esperanças para o porvir. Roberto Miranda Leite foi o filho amantíssimo e o amigo dedicado, cujo coração refletia carinho e bondade em derredor de todos os que o cercavam. Por isso, a notícia de sua morte, nos dias em que as aulas se reiniciavam, caiu como uma pedra sobre o nosso espírito, esmagando os nossos soluços na garganta e as nossas lágrimas nos olhos. Pareceu, então, que nos faltava um pedaço daquela alegria natural e transbordante, do convívio grato de Roberto Miranda Leite.



meios anseios se revelavam em promessas e esperanças para o porvir. Roberto Miranda Leite foi o filho amantíssimo e o amigo dedicado, cujo coração refletia carinho e bondade em derredor de todos os que o cercavam. Por isso, a notícia de sua morte, nos dias em que as aulas se reiniciavam, caiu como uma pedra sobre o nosso espírito, esmagando os nossos soluços na garganta e as nossas lágrimas nos olhos. Pareceu, então, que nos faltava um pedaço daquela alegria natural e transbordante, do convívio grato de Roberto Miranda Leite.

Sentimos nunca mais sair da nossa Escola, a sua saudade infinda. Em cada companheiro, deixou ele uma graça de afeição e simpatia; e em cada entusiasmo ou em cada aflição que nos vem, neste nosso trabalho, sempre surge a lembrança querida do colega que tão logo partiu.

Dotado de um caráter ímpoluto, de

nós amamos e choramos o Roberto!

Sua vida foi talhada muito cedo ainda, quando todos os sonhos e todas as idéias culminavam em seu cérebro, encorajando-o e impulsionando-o rumo às vitórias que se abriam frente aos seus braços, num anunciar de longas e belas primaveras.

Deus, entanto, Deus que é justo e compreendedor da razão suprema das cousas e dos momentos eternos, sabe por que Roberto foi chamado ainda inoço, cheio ainda de ideal. De sua falta, de tudo isso, fica o conforto de lembrar o seu coração, seguir o seu exemplo, recordar as suas palavras e os seus gestos.

Aquêle que foi bom, aquêle que foi digno do amor e da amizade, do amor maior que a própria vida, da amizade mais forte dentre os sentimentos, não podia nos pertencer. Roberto Miranda Leite tinha de ir para o reino, onde se nivelam os simples e sagrados.

Orlando Campos

Mais do que sentimos, com a saída particular de Orlando Campos, não chegaríamos a sentir. Ficamos confortados, entanto, diante da certeza de que nunca a força de sua figura impar deixará de animar e iluminar as lêtras do "BISTURI". Orlando Campos e o nosso jornal acham-se ligados, de modo imperecível. O "BISTURI", um instante, não pôde permanecer sem um reflexo, ao menos, do trabalho fecundo e útil que Orlando Campos já lhe emprestou. Por isso é que não pouparemos esforços de imitar, até o possível, das palavras e dos atos de Orlando Campos, que sempre é, antes de tudo, o nosso prezado colega e o nosso prezado amigo.

Tinhamos agora de, sinceramente, dizer a quanta falta nos fará a ausência de Orlando Campos. E, nesta hora de sua despedida do cargo de Diretor do "BISTURI", queremos testemunhar-lhe o sentimento de respeito e admiração: com que seu nome ficou marcado nos espíritos daqueles que conviveram consigo e dos que, também, souberam saborear o fruto escrito de sua inteligência e cultura, de sua sensibilidade, de sua própria personalidade em suma.

Aproveitando do mérito, da confiança e da capacidade de trabalho, foi nomeado pelo nosso Diretor, para o cargo de Secretário do "BISTURI", o nosso colega Mermame Adura.

Foi designado para agenciar a parte comercial do "BISTURI" (Secção de anúncios), o nosso colega Renato Brown de Souza Pereira, e só a ele, portanto, assiste esse direito.

Prof. Samuel Pessoa

Os doutorandos de 1940 elegeram, para Parainfo da turma, o Prof. Samuel Barnsley Pessoa, Catedrático de Parasitologia.

Quando lhe foi dada a notícia, em saudação proferida pelo Ddo. Abduha-der Adura, o Prof. Pessoa recebeu-a, cheio de comção.

Com esa homenagem sincera ao Prof. Samuel Pessoa, os doutorandos de 1940 quizeram, apenas, render o seu preito de respeito e admiração ao grande cientista e ao emérito professor.

Associando-se à justíssima escõlha dos doutorandos, o "BISTURI" prevaleceu-se da oportunidade para apresentar a figura do Dd. Parainfo da turma de 1940, também a sua homenagem singela.

Renato Aloe

Por um sentimento de justiça, queremos apresentar ao prezado colega e amigo, Ddo. Renato Aloe, os nossos agradecimentos — prova de lembrança constante pelo quanto fez e trabalhou para o "BISTURI".

Espírito fino e caricaturista invulgar, nunca salu um número de nosso jornal sem a sua colaboração brilhante e valiosa. Nome que não constou do cabeçário do "BISTURI" foi porém Renato Aloe, um colega que sempre se interessou, utilmente, pelo nosso trabalho.

Por isso é que fizemos questão de declarar em público, o nosso reconhecimento ao prezado colega e amigo, Ddo. Renato Aloe, antes que ele se despeça de nossa Escola.

A sabedoria do silêncio

João Belline Burza

O' tu, Vida! que sempre corres, naturalmente, por aí fóra...
Pelas ruas, noutras casas, diante de minha porta,
A mais pobre, obscura humilde...
Por que não me dás as singelas paisagens aos olhos?
Por que não me dás as singelas palavras aos lábios?
Pousa, um pouco, a tua mão sobre meu corpo quente
E o meu espírito voará como o vento e rugirá como o mar,
Num dia silencioso...
E eu sentirei o éco de meu ser
Espalhar-se por toda parte em todas as cousas,
Do infinito do céu á entranha da terra,
Até os corações das gentes...

O' tu, Vida, que não respondes ao meu grito!
Por que me deixas ao meio da estrada, fatigado...
Quando o chão está cheio de poeira dos abismos,
Quando alto está vazio das estrêlas insondáveis? *

O' Morte! vós que sempre correis, naturalmente, por aí fóra...
Feias ruas, noutras casas, diante de minha porta,
A mais pobre, obscura humilde...
Por que não me dais a singela sombra aos olhos?
Por que não me dais a singela rigidez aos lábios?
Fousai, um pouco, a vossa mão sobre meu corpo frio
E o meu espírito voará como o vento e rugirá como o mar,
Numa noite silenciosa...
E eu não sentirei éco de meu ser
Espalhar-se por toda parte em todas as cousas,
Do infinito do céu á entranha da terra,
Até os corações das gentes...

Vós, ó Morte, nem vós me ouvis!
Não me deixeis, sem fim, na estrada solitária...
Quando eu morto, meu mundo morto,
Quando tudo estiver em silêncio, absoluto eterno, horrível,
Dentro de mim!